

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**VINICIUS MARTINS DALBELO**

**Ronald Reagan e a Guerra Fria: política externa reaganista e  
impactos simbólicos sobre o cinema de Hollywood**

São Paulo  
2020

**VINICIUS MARTINS DALBELO**

**Ronald Reagan e a Guerra Fria: política externa reaganista e  
impactos simbólicos sobre o cinema de Hollywood**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Felipe Pereira Loureiro

**Versão corrigida**

A versão original se encontra disponível na Biblioteca do Instituto de Relações Internacionais

São Paulo  
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Seção Técnica de Biblioteca  
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Dalbelo, Vinicius Martins

Ronald Reagan e a Guerra Fria: política externa reaganista e impactos simbólicos sobre o cinema de Hollywood / Vinicius Martins Dalbelo ; orientador: Felipe Pereira Loureiro. -- São Paulo, 2021.

165 p.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

1. Ronald Reagan 2. Política externa 3. Guerra Fria 4. Estados Unidos  
5. Hollywood I. Loureiro, Felipe Pereira, orient. II. Título.

CDD – 327.73

## AGRADECIMENTOS

À minha família, que me incentivou a buscar meus sonhos, batalhar para alcançar as minhas conquistas e sempre esteve presente nas minhas vitórias.

A todos os meus amigos, que são fonte de inspiração e apoio, sempre dispostos a me escutar, tranquilizar e animar nos momentos de dúvidas e incertezas.

Agradecimento especial à Fernanda Conforto de Oliveira, primeira pessoa que leu meu projeto de mestrado, forneceu as primeiras opiniões e realizou as primeiras correções. Sua ajuda e incentivo foram fundamentais.

Agradecimento especial ao Michel Gomes da Rocha, meu colega de orientação e que me introduziu em literaturas necessárias.

Agradecimento especial aos meus amigos Matheus e Arthur, que entenderam meu sonho e me encorajaram quando minhas certezas vacilaram.

A todos os meus colegas de entrada 2018, com os quais compartilho minhas dúvidas, ansiedades e projetos.

Agradecimento imenso ao meu orientador, Prof. Felipe Pereira Loureiro, meu referencial em excelência na pesquisa acadêmica, e minha inspiração em didática e sala de aula.

Aos professores e funcionários do Instituto de Relações Internacionais, pela ajuda, cuidado e zelo com que conduzem suas atividades e tratam os alunos.

À CAPES pelo financiamento da pesquisa.

A todos que contribuíram para que essa dissertação se concretizasse.

Muito obrigado!

## SIGLAS

ABM - Anti-ballistic Missiles  
CEO - Chief Executive Officer  
CIA - Central Intelligence Agency  
CIP - Comitê de Informações Públicas  
CNN - Cable News Network  
CP - Código de Produção  
CPAC - Conservative Political Action Conference  
CP - Código de Produção  
CPD - Committee on the Present Danger  
CSCE - Conference on Security and Cooperation in Europe  
DEFCON - Defense Readness Condition  
EUA - Estados Unidos da América  
FICM - Festival Internacional de Cinema de Moscou  
HUAC - House Un-American Activities Committee  
ICBM - Interncontinental Ballistic Missiles  
IIPA - Aliança Internacional de Propriedade Intelectual  
IMG - Informational Media Guaranty  
IMDb - Internet Movie Database  
MAD - Mutual Assured Destruction  
MPAA - Motion Pictures Association of America  
MPA/MPAPAI - Motion Pictures Alliance for the Preservation of American Ideals  
MTV - Music Television  
NAFTA - North Atlantic Free Trade Agreement  
NMF - Nação Mais Favorecida  
NSC - National Security Council  
OMC - Organização Mundial do Comércio  
OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo  
OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte  
P.O.W. - Prisoner of War  
SAG - Screen Actors Guild  
SALT - Strategic Arms Limitation Talks  
SDI - Strategic Defense Initiative  
SLBM - Submarine-launched ballistic missiles  
START - Strategic Arms Reduction Treaty  
UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization  
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  
USIA - United States Information Agency  
USTR - United States Trade Representative  
WASP - White Anglo-Saxan Protestant

## RESUMO

Em 1980, Ronald Reagan foi eleito presidente dos EUA, iniciando uma década de reestruturação econômica, investimentos militares, conservadorismo e confrontação ativa com a URSS e movimentos comunistas pelo mundo. Embora já se tenha passado 30 anos do final de sua presidência, a administração Reagan mantém-se como uma das mais importantes da história recente dos EUA, sendo frequentemente invocada por personalidades políticas. Isto ocorre em razão do grande simbolismo da figura de Reagan, identificado como “apóstolo do neoconservadorismo” e vencedor da Guerra Fria. Esta pesquisa busca compreender as relações entre o pensamento reaganista sobre a Guerra Fria entre 1981 e 1984, utilizando do método histórico e empregando uma grande diversidade de fontes primárias, entre as quais documentos norte-americanos recém liberados para o público. Para além da política externa, todavia, também se busca compreender seus impactos simbólicos sobre a produção cultural da época, tendo o cinema hollywoodiano como objeto de análise. Uma filmografia de oito produções da época foi selecionada e analisada, usando métodos de análise de narrativa e análise de conteúdo, ambos emprestados da disciplina de estudos midiáticos. Concluiu-se que duas ideias fundamentais assentaram o reaganismo no período: o anticomunismo e a nocividade da política de détente. Ambas impactaram a produção cultural, servindo como inspiração, contexto ou realismo cinematográfico para os filmes analisados.

Palavras chaves: Ronald Reagan; Política Externa; Guerra Fria; EUA; URSS; Hollywood.

## ABSTRACT

In 1980, Ronald Reagan was elected president of the United States, initiating a decade of economic restructuring, military build-up, conservatism and active confrontation with the USSR and communist movements around the world. Although 30 years have passed since his presidency end, Reagan remains one of the most critical character in recent US history and is often invoked by political figures. His continuous importance is explained by the great symbolism gathered upon his legacy, being identified as “apostle of neoconservatism” and winner of the Cold War. This research aims to understand the relation between the Cold War Reaganist thinking between 1981 and 1984, using the historical method and a great diversity of primary sources, among them, recently declassified documents released to the public. In addition to foreign policy, it also seeks to understand its symbolic impacts on the cultural output of the time, with Hollywood cinema as the object of analysis. A filmography of eight productions was selected and analyzed, using the methods of narrative analysis and content analysis, both borrowed from the discipline of media studies. It was concluded that two fundamental ideas based Reaganism in the period: anti-communism and the harmfulness of the policy of detente. Both impacted cultural production, serving as inspiration, context or cinematic realism for the films analyzed.

Key words: Ronald Reagan; Foreign Policy; Cold War; USA; USSR; Hollywood.

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1: Gastos Militares Norte-Americanos entre 1960-1990 em Bilhões de USD e em % de PIB (valores nominais) .....	55
Gráfico 2: Comparação entre as variáveis polviews (visão política) e partyid (filiação partidária) nos EUA .....	122
Gráfico 3: Análise temporal da variável “russia” .....	125
Tabela 1: Receitas em Hollywood durante os anos 1980 .....	115
Tabela 2: Relação entre produção fílmica e agentes públicos na filmografia selecionada .....	143
Tabela 3: Relação entre Hollywood e entidades públicas na filmografia selecionada .....	145



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
A POLÍTICA EXTERNA DE RONALD REAGAN: ANTICOMUNISMO E O FIM DA DÉTENTE 1981-1984.....	22
Introdução.....	22
1.1. Paradigmas Interpretativos da Política Externa Reaganista .....	24
1.2. O Anticomunismo.....	31
1.2.1. O Anticomunismo de Reagan: Origens, Influências e Significados .....	31
1.2.2. Anticomunismo e suas Implicações na Relação Bilateral 1981-1982.....	40
1.3. A Détente e sua Nocividade ao Poder Norte-Americano .....	44
1.3.1. O que foi a Détente? .....	44
1.3.2. Reagan versus a Détente.....	52
Conclusões do Capítulo .....	61
NARRATIVAS REAGANISTAS EM HOLLYWOOD NA 2ª GUERRA FRIA.....	64
Introdução.....	64
2.1. O Anticomunismo em Red Dawn (1984) e White Nights (1985).....	67
2.1.1. Red Dawn (1984): Reaganismo, Liberdade e a Terceira Guerra Mundial.....	69
2.1.2. White Nights (1985): Arte, Liberdade e Totalitarismo .....	74
2.2. Paz pela Força em Rambo II (1985) e Rocky IV (1985).....	78
2.2.1. Rambo First Blood II (1985): O herói guerrilheiro dos EUA .....	79
2.2.2. Rocky IV (1985): Vencendo a Guerra Fria pelo esporte.....	85
2.3. A Nocividade da Política de Détente em Firefox (1982) e na Franquia James Bond (1981, 1983, 1985).....	92
2.3.1. Firefox (1982): Tecnologias fantásticas e a reconquista dos céus.....	93
2.3.2. A Franquia 007: Détente, Guerra Fria e as ambiguidades do nosso espião favorito.....	99
Conclusões do capítulo.....	106
PERSPECTIVAS SOBRE A INCORPORAÇÃO DO REAGANISMO EM HOLLYWOOD .	108
Introdução.....	108
3.1. Um Zeitgeist Reaganista.....	110
3.1.1. Reaganomics e a New New Hollywood dos anos 1980 .....	111
3.1.2. Reagan e Conservadorismo na sociedade norte-americana nos anos 1980.....	120
3.2. Hollywood e Diplomacia Cultural.....	126

3.2.1. O Longo Casamento entre Washington e Hollywood.....	128
3.2.2. Hollywood e sua diplomacia cultural privada nos anos 1980 .....	136
Conclusões do capítulo.....	146
CONCLUSÃO .....	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157
FILMOGRAFIA SELECIONADA.....	165

## INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais (RI), enquanto área científica independente, completou 100 anos em 2019, levando em consideração a criação da primeira cátedra da área, na Universidade de Gales em Aberystwyth. Embora tenha havido avanços epistemológicos e metodológicos importantes, ainda hoje a disciplina apresenta dificuldade inerente em lidar com o chamado campo cultural. Em 2019, na revista norte-americana *Foreign Policy*, Christian Reus-Smit argumentou que, apesar de desenvolvimentos constantes desde os anos 1990, internacionalistas ainda não teriam conseguido incorporar organicamente os estudos culturais a suas agendas de pesquisa.<sup>1</sup> Por outro lado, o autor explicita um aspecto fundamental: a cultura perpassa o campo de RI, servindo como premissa, princípio ou argumento para diversos paradigmas.

O próprio termo cultura, ou cultural, é complexo e multifacetado. A gênese do termo em seus aspectos semântico e intelectual remonta à França do século XVIII, quando a palavra apareceu pela primeira vez em 1718 no Dicionário da Academia Francesa. Somente em 1798, porém, o conceito adquiriu contornos próximos ao que conhecemos atualmente. Conforme Cuhe (2002), o conceito de cultura como uma área que se situa fora do mundo natural, construída pelos saberes e ações humanas, teve grande impacto no pensamento iluminista e, conseqüentemente, na formação política do Ocidente. De acordo com Reeves (2004), o século XX testemunhou a disputa entre dois conceitos de cultura – o humanista e o antropológico. O primeiro, ainda com forte influência iluminista europeia, identifica cultura como uma totalidade, como algo único “a ser alcançado”, enquanto o segundo, por sua vez, atribui complexidade e particularidade à ideia de cultura, na medida em que grupos sociais diferentes podem e terão aspectos culturais divergentes, inclusive, evidentemente, no caso de nações. Reeves (2004) argumenta que o conceito antropológico de cultura tornou-se gradualmente dominante nas ciências sociais, sendo atualmente o conceito dominante na área de Relações Internacionais (REEVES, 2004).

As teorizações em RI no início do século não ocorreram no vácuo, estando em diálogo intelectual com outras áreas, entre as quais a antropologia. Embora os paradigmas do “liberalismo clássico” e “realismo clássico” tenham tangenciado atributos culturais, é inegável que autores clássicos atribuíram papel inferior à cultura em suas reflexões sobre as Relações

---

<sup>1</sup> Smit-Reus, Christian. International Relations Theory Doesn't Understand Culture. 21.03.2019. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2019/03/21/international-relations-theory-doesnt-understand-culture/> (último acesso em 23.09.2020).

Internacionais. Por décadas, categorizou-se cultura como “baixa política”, em contraponto à chamada “alta política” (relações diplomáticas, militares), divisão impulsionada pelo foco no Estado como agente primário das RI. Estudos culturais praticamente desapareceram da área a partir dos anos 1960 e 1970, quando se iniciaram respectivamente os ditos “Segundo” e “Terceiro Debates”. Considera-se que o Segundo Debate teve como foco a “cientificidade” da disciplina de RI, em resposta a um movimento geral que influenciou todas as áreas das ciências sócias, buscando mimetizar o cientificismo das ciências naturais. O Terceiro Debate, por sua vez, relacionou-se a uma disputa reemergente entre as tradições vistas como “clássicas”, mas agora em suas versões atualizadas (neorrealismo e neoliberalismo). Novamente, pesquisas sobre cultura continuaram tendo menor relevância, apesar do paradigma neoliberal propiciar interessantes frentes de pesquisa. O neoliberalismo avançou em temas como instituições, interdependência, regimes, integração regional, o papel da democracia para a paz, entre outros. Neles é possível identificar traços culturais, mas não como objeto central da análise. O neorrealismo, por sua vez, trouxe mudanças importantes em relação à sua versão clássica, distanciando-o ainda mais de estudos culturais. Considerando as características do sistema internacional durante a Guerra Fria, o foco continuou sendo em questões de segurança, mas a partir de perspectivas sistêmicas, e não somente das unidades estatais. O paradigma neorrealista também trouxe contribuições importantes para a área de RI, subdividindo-se em categorias alternativas de acordo com diferentes premissas, como realismo ofensivo (John Mearsheimer) e realismo defensivo (Robert Jervis e Charles Glaser), e aprofundando conceitos como dilema de segurança, equilíbrio de ameaças e estabilidade hegemônica. Entre as principais críticas, todavia, estão sua incapacidade de analisar questões não-sistêmicas, inclusive aspectos culturais.

Com o fim da Guerra Fria no início dos anos 1990, a disciplina de Relações Internacionais encontrou-se em um contexto provocador. Os principais paradigmas teóricos não foram capazes de prever o fim pacífico da URSS, evento histórico inusitado quando visto sob o ponto de vista de relações entre grandes potências. Porém, esse “vazio teórico” abriu oportunidades para novas investigações. A mais importante, sem dúvida, foi a obra de Alexander Wendt “Social Theory of International Politics”, publicada em 1999, que inseriu o construtivismo como um dos paradigmas dominantes na disciplina. Diferente de suas versões anteriores, os construtivistas não viam as RI como marcadas por fatos e processos objetivos concretos, mas por fatos e processos construídos socialmente. Em síntese, construtivistas compreendem ideias como sendo mais importantes do que a própria realidade material, dando grande enfoque a interpretações, construções identitárias e também a aspectos culturais em

sentido amplo. Embora esse novo paradigma tenha propiciado grande abertura para estudos culturais nas RI, investigações construtivistas focadas em cultura ainda são diminutas. Reus-Smit (2019) argumenta que, entre todos os paradigmas da área, o construtivismo é o que melhor adota a ideia de cultura antropológica; porém, suas principais agendas de pesquisa - normas internacionais e sistema internacional - continuaram a analisar cultura como um componente agregado, sem aprofundamento. Apesar destas limitações, há relativo consenso de que a área de RI passou efetivamente por uma “virada cultural” a partir dos anos 1990, isto é, por um aumento na quantidade e qualidade dos trabalhos sobre cultura voltados para temas típicos da área (VERWEIJ, 1995).

Desde então, a cultura assentou-se na disciplina de Relações Internacionais em dois aspectos diferentes e complementares. Em primeiro, Samuel Huntington defendeu sua tese de “choque de civilizações”, em resposta à outra tese altamente contestada – a ideia de “fim da história” de Francis Fukuyama. Em seu livro “The End of History and the Last Man” de 1992, Fukuyama afirmou que a democracia liberal havia vencido a disputa de paradigmas de modernização e se tornaria paradigma único para a humanidade. Huntington, por sua vez, argumentou que o mundo pós-Guerra Fria seria constituído por crescentes disputas baseadas em aspectos culturais, chegando a dividir o sistema internacional em sub-blocos culturais. Para ele, conflitos provavelmente ocorreriam a partir do choque de fronteiras culturais. Tais discussões trouxeram à tona e criaram interesse por estudos culturais na área. Em segundo, e influenciado pelo caso anterior, surgiu uma grande diversidade de trabalhos com enfoque cultural em RI, sob os mais diferentes formatos e objetivos. Por exemplo, em 1999 foi publicada a importante obra de Jutta Weldes, “Going Cultural: Star Trek, State Action, and Popular Culture”, considerada uma das primeiras a realizar análise sistemática de política externa norte-americana a partir da cultura popular. A autora foi capaz de identificar narrativas similares entre política externa e o famoso programa Star Trek (filmes e série de TV), entre as quais as noções de atuação militar, missão civilizatória e engajamento internacional pós-Guerra Fria. Em 2004, Cynthia Weber analisou as principais teorias da área sob o ponto de vista das narrativas que elas empregam, e realizou uma crítica cultural da produção intelectual em RI. Na mesma direção, há o trabalho vanguardista de Richard Ned Lebow, “A Cultural Theory of International Relations” (2008), no qual o autor buscou não apenas contestar os paradigmas predominantes, como também fornecer uma alternativa a esses paradigmas, ou o que ele chama de teoria cultural. Lebow caracteriza uma suposta característica fundamental, o “espírito”, como motivador de ações humanas, que tem como base aspectos culturais. Em 2015, Daniel Drezner lançou seu “Theories of

International Politics and Zombies”, que se tornou um dos livros mais recomendados (e inusitados) em cursos universitários da área. Drezner notou, com muita perspicácia, a grande presença de mortos-vivos em programas culturais, questionando-se “como teorias de relações internacionais explicariam um apocalipse de mortos vivos?”. Dessa forma, analisou a produção cultural sobre o tema sob a ótica do realismo, liberalismo, construtivismo, gênero, neoconservadorismo, entre outras perspectivas. No Brasil, temos situação similar. Apesar de estudos culturais nas RI ainda serem raros, é possível ver uma evolução constante na área. Um exemplo nesse sentido é contribuição dada por Cristine Zanella e Edson Júnior em seus dois volumes de “As Relações Internacionais e o Cinema” (2015, 2016 respectivamente).

Em que pese todas as contribuições anteriores, a produção intelectual mais influente da área de RI no campo cultural foi oferecida por Joseph Nye, notadamente por meio de seu conceito de *soft power* (“poder brando”). O autor, um dos membros fundadores do institucionalismo liberal nas RI, passou a usar essa ideia de poder brando no final dos anos 1980, mas somente com seu livro “Soft Power: The Means to Succeed in World Politics” de 2004, efetivamente apresentou o conceito de forma estruturada. Desde então, os trabalhos acadêmicos em RI que buscam analisar cultura acabam passando de alguma forma por este conceito, em busca de legitimidade e/ou referencial teórico numa perspectiva que ainda carece de ambos quando se trata de estudos culturais. Entretanto, o conceito de soft power é considerado de difícil mensuração e, por isso, fornece pouca instrumentalização metodológica para este tipo de pesquisa. Comumente, as pesquisas na área que trabalham com a noção de poder brando tendem a se agrupar em duas grandes correntes. Em primeiro, há os trabalhos sobre diplomacia cultural, que visam compreender políticas públicas específicas realizadas pelos órgãos diplomáticos de um país. No que se refere aos estudos sobre EUA, por exemplo, há importantes obras que buscaram entender a presença da CIA, da USIA e do Departamento de Estado na produção cultural dos EUA, como Arndt (2016), Saunders (2008) e Cull (2008). Outro grupo de trabalhos, diferentemente, foca em políticas públicas que auxiliam indústrias culturais nacionais, seja por meio de incentivos fiscais, seja via subsídios, entre outros.

O final da Guerra Fria não impactou apenas a disciplina de RI; estudos históricos que tinham o conflito bipolar como objeto também passaram por mudanças importantes. Conforme Hopkins (2007), as abordagens e explicações históricas foram se alterando com o passar do conflito devido à disponibilização de novas fontes e à própria evolução dos acontecimentos contemporâneos. Já na década de 1980, a historiografia havia passado por abordagens ortodoxas, revisionistas e pós-revisionistas, focadas no início do conflito, buscando “atribuição de culpa”. À

época, viu-se o conhecido apelo do historiador Donald Cameron Watt, que se preocupava com a limitação imposta pelo foco em EUA e URSS. Seu apelo pedia que historiadores e cientistas sociais buscassem compreender o papel de outros países no conflito. Sua convocação foi bem-sucedida: nos anos 1980, trabalhos sobre o Reino Unido e França foram feitos, bem como o aumento de trabalhos com viés econômico. Todavia, novamente a cultura e seus aspectos foram deixados de lado. Em verdade, é inegável que o conflito bipolar apresentou um forte caráter ideológico, porém tal aspecto foi deixado às margens na pesquisa acadêmica, somente retornando com maior força nos anos 1990. Hopkins (2007) atribui duas razões para este retorno. Em primeiro, documentos soviéticos da época indicaram aos estudiosos o papel da ideologia para a tomada de decisão do país, fomentando nova preocupação com o papel das ideias. Em segundo, a década de 1980 observou retorno do papel das ideias no conflito, pois os EUA sob a presidência de Ronald Reagan colocou a disputa ideológica no centro de sua retórica e tomada de decisão (HOPKINS, 2007).

É nesse contexto que reemergiram as pesquisas sobre a chamada Guerra Fria Cultural. Odd Westad (2001) argumenta que a historiografia pós-1991 teria se engajado num campo de “conceitualismo”, no qual “cada grupo envolvido no conflito detinha conceitos ou ideias que os definiam e constituíam” (WESTAD, 2001, p. 6). Desde então, importantes obras foram produzidas, como Kellner (1991, 2001), Richmond (2003), Cull (2008), Shaw (2007), e Shaw e Youngblood (2014). De forma geral, os autores buscaram compreender como aspectos culturais definiram o conflito, influenciaram os processos de tomada de decisão, legitimaram e deram sentido às disputas materiais, e mantiveram as principais sociedades envolvidas na Guerra Fria (norte-americana e soviética) engajadas.

Esta dissertação situa-se na intersecção entre a “virada cultural” das RI e os estudos históricos da Guerra Fria Cultural. O final do conflito bipolar em 1991 engendrou disputas acirradas sobre o papel dos agentes políticos envolvidos. Conforme Hopkins (2007) sugere, similarmente ao que ocorreu nos debates acerca do início do conflito, os intelectuais se dividiram entre a importância relativa dos EUA e da URSS sobre o fim da Guerra Fria. De um lado, triunfalistas advogam o papel fundamental de Ronald Reagan, explicitando que a política externa do presidente norte-americano pressionou o sistema soviético ao ponto do colapso. Entre seus principais defensores, há Schweizer (2003), Wilentz (2008) e Pfiffner (2013). Por outro lado, há defensores do papel de Mikhail Gorbachev e de suas políticas domésticas (*perestroika* e *glasnost*), que teriam levado à implosão do sistema. Em paralelo, notou-se que Reagan se mantém como uma das mais importantes figuras simbólicas na história recente dos EUA. Por

exemplo, o jornal *The Atlantic* o classificou como o quarto melhor presidente do século XX no aspecto “política externa”, e personalidades políticas continuam invocando-o com frequência sob os mais variados aspectos e razões.<sup>2</sup> Para surpresa de alguns, mesmo importantes figuras do Partido Democrata reconhecem sua relevância, como na fala do ex-presidente Barack Obama, quando afirmou “que Ronald Reagan mudou a trajetória dos EUA numa maneira que nem Richard Nixon e nem Bill Clinton fizeram”.<sup>3</sup> Todavia, Reagan não apenas se mantém importante nos debates políticos, como também culturais. Segundo Troy (2005), historiadores e cientistas sociais, no geral, tenderam a subestimar o impacto cultural de figuras políticas, especialmente presidentes. Contudo, como discutiremos ao longo desta dissertação, Reagan transcendeu o simples cotidiano político e redefiniu a cultura nacional norte-americana em sentidos fundamentais (TROY, 2005, p. 2-11).

Tendo em vista a importância de Ronald Reagan para a história recente dos EUA, o contínuo debate acerca do final da Guerra Fria, e a busca por expandir estudos culturais na área de RI, esta pesquisa tem como problema fundamental entender a forma pela qual a política externa de Reagan impactou simbolicamente a produção cultural do país no campo cinematográfico na primeira metade dos anos 1980, especialmente em produções de filmes que trataram daquilo que denominaremos aqui de “temática de Guerra Fria”. A determinação desta temática, por si só, impõe desafios, pois a relevância do conflito bipolar é tamanha que influenciou os mais diversos aspectos da realidade. Assim, por “temática de Guerra Fria” compreendemos os filmes que apresentam a rivalidade americano-soviética de forma explícita, seja militar ou em outro âmbito (cultural, esportivo, etc). Para explorar esse problema, esta dissertação está dividida em três partes, focados em aspectos diferentes e complementares. Discorreremos sucintamente sobre cada parte a seguir.

O primeiro capítulo foca na política externa reaganista entre 1981 e 1984. De forma geral, pressupõe-se que Reagan foi o mais importante representante do movimento neoconservador nos EUA. De fato, especialmente no tocante à política externa, Reagan apresenta uma clara aproximação com ideias neoconservadoras; pesquisas recentes demonstram, porém, que a partir do segundo mandato houve distanciamento entre o presidente e os intelectuais do movimento neoconservador, bem como uma “alteração de rumo”, pois o presidente se engajaria em

---

<sup>2</sup> Cohen, Michael. The Best and the Worst Foreign Policy Presidents of the Past Century. 30.07.2011. Disponível em <https://www.theatlantic.com/international/archive/2011/07/the-best-and-worst-foreign-policy-presidents-of-the-past-century/242781/> (último acesso 02.01.2020).

<sup>3</sup> Duffy, M. & Scherer, M. The Role Model: What Obama Sees in Reagan. Time Magazine. 27.01.2011. Disponível em <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,2044712-1,00.html> (último acesso: 23.09.2019).  
Beinart, P. Think Again: Ronald Reagan. Foreign Policy. 07.06.2010. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2010/06/07/think-again-ronald-reagan/> (último acesso 02.01.2020).



negociações bem-sucedidas de controle de armas e, para alguns, até mesmo adotaria postura amigável frente ao novo líder soviético (DORRIEN, 2004; FISCHER, 2010; HALPER, 2004). Com a liberalização de fontes sigilosas nesta década, novos trabalhos têm emergido e contestado esta visão dominante, como Nau (2013, 2018), que defende a singularidade de Reagan, que representaria um modelo específico de política externa. Embora haja divergências teóricas e disputas sobre nomenclaturas, concluímos que há mais similaridades do que diferenças nas principais investigações sobre as chamadas ideias reaganistas em política externa, e duas cruciais percepções se destacam nesse sentido: o anticomunismo e a perversidade da política de *détente* para o poder norte-americano. Com o intuito de fornecer novas informações para o debate, o primeiro capítulo utiliza-se de metodologia histórica, lançando mão de inúmeras fontes primárias. Analisamos 160 discursos presidenciais obtidos aleatoriamente entre 1981 e 1988, empregando como parâmetro de seleção o termo “soviet”; sete discursos considerados por seu principal redator, Tony Dolan, como os mais representativos da política externa de Reagan; os diários presidenciais, escritos ao longo dos dois mandatos de Reagan e editado por Douglas Brinkley em livro em 2009; 43 *National Security Decision Directives*; a autobiografia oficial relançada em 2011, e os documentos disponíveis no *Foreign Relation of the United States* (FRUS).<sup>4</sup> Buscamos demonstrar que ambas as ideias (anticomunismo e nocividade da política de *détente*) tiveram efeitos concretos sobre as relações bilaterais EUA-URSS, seja em termos de retórica, investimentos militares, auto percepções ou trato diplomático.

O segundo capítulo tem como objetivo realizar a ligação entre o político e o simbólico, ou seja, entre as ideias de política externa e suas representações em narrativas cinematográficas. Para tal, utilizamos a produção cinematográfica hollywoodiana de Guerra Fria como objeto de análise, pois o cinema tem representando uma fonte muito profícua, por três razões principais. Em primeiro, sua existência longa como mídia de massa tem permitido compreender diferentes momentos sociais, políticos e econômicos ao longo dos séculos XX e XXI não apenas nos EUA, mas em outras partes do mundo. Em segundo, o cinema manteve um caráter transnacional superior a outros meios de comunicação, como a TV (embora hoje já exista mudanças significativa nesse sentido). Hollywood é identificada, portanto, como importante objeto de análise, pois sua existência é concentrada (a quantidade de grandes estúdios varia entre

---

<sup>4</sup> National Security Directives são diretrizes presidenciais altamente sigilosas que tratam de política externa e doméstica e segurança interna e internacional. São elaboradas pelo Conselho de Segurança Nacional como guias políticos para os altos escalões do governo. As 43 selecionadas para essa pesquisa se referem a documentos referentes às relações bilaterais entre EUA e URSS. Com relação ao FRUS, o Departamento de Estado produz volumes com documentos sigilosos selecionados para o consumo de pesquisadores e, em 2016, o *Foreign Relations of the United States, 1981–1988, Volume III, Soviet Union, January 1981–January 1983* foi lançado com 260 documentos sigilosos tratando das relações bilaterais.

cinco e oito ao longo do tempo), tem produção relativamente estável (entre 300-500 por ano) e, apresenta domínio claro dos mercados internacionais. Por fim, entre os objetos culturais, o estudo do cinema apresenta metodologias mais consolidadas, não somente em sua própria área (estudos midiáticos), como também na História, que o incorporou como fonte importante desde os anos 1970 (SANTIAGO JUNIOR, 2012).

O uso do cinema como fonte histórica demanda extremo cuidado metodológico, pois produtos culturais, pela sua própria natureza, apresentam um universo analítico em si mesmo. Uma produção cinematográfica pode ser interpretada sob diversos aspectos e inclui uma grande diversidade de elementos. Há filmes historicamente associados ao seu diretor, a sua personagem principal, ao seu momento histórico, ao estúdio distribuidor, dentre muitas outras. Numa investigação científica, tal riqueza impõe benefícios, mas também desvantagens. Por exemplo, estudos culturais encontram grandes inconvenientes para determinar elos causais e, mesmo quando determinados, podem se mostrar pouco relevantes, pois cada filme é recebido de uma maneira particular pela multidão de espectadores que o assiste. Apesar disso, independente das dificuldades intelectuais existentes, como consumidores de tais produtos, temos a capacidade ímpar de entender que somos influenciados por narrativas filmicas. Por esta razão, nesta dissertação, aceita-se a premissa de que existe uma relação dialética entre o cinema e a política. Conforme Bandera (2013) argumenta, existe uma “magia cinematográfica” construída por elementos técnicos, mas também por fatores inerentemente humanos, como a razão, a memória e a imaginação. A relação é dialética, pois o cinema nos apresenta elementos visíveis (tese) e invisíveis (antítese), levando à criação de uma nova compreensão altamente individualizada (síntese). O autor vai além ao argumentar que tal construção dialética é mais efetiva quando existe afinidade “de gosto, ideológica e/ou estética” entre espectador e obra (BANDERA, 2013). Tal ideia é crucial, pois conforme discutiremos ao longo desta dissertação, ideias inerentemente políticas existem em ambos os componentes (visíveis e invisíveis) e, conseqüentemente, novas ideias políticas são produzidas, promovidas e integradas.

Alguns trabalhos de relevo foram realizados sob ótica similar a esta pesquisa, como Rossi (2007), Prince (2007), Silveira e Alves (2018), e Silva (2011). Consideramos que estes trabalhos avançaram em pontos fundamentais - como na relação entre retórica política e narrativas culturais, produção cinematográfica como elemento de convencimento de ideias políticas, dentre outras - mas nossa contribuição se dá em dois aspectos. Em primeiro, as análises em questão adotam a dicotomia análise narrativa *versus* análise geral, isto é, quanto maior o número de filmes selecionados, menos profunda é a análise da narrativa. Em segundo, e mais relevante, é o

fato de esses trabalhos não terem feito uma distinção sistemática entre o aspecto doméstico e internacional do reaganismo em suas análises. Conforme discutiremos no segundo capítulo desta dissertação, existem diferenças entre as ideias do presidente para a atuação internacional dos EUA que são dissimilares às suas ideias sobre política doméstica, o que altera a compreensão de certas personagens e enredos. Assim, contamos com duas metodologias emprestadas da área de estudos culturais – a análise de narrativa e análise de contexto (AUMONT; MARIE, 2014). Para alcançar representatividade, a seleção da filmografia foi realizada de forma cuidadosa. Uma base de 160 filmes foi construída a partir dos dados de bilheteria e sinopse provenientes do IMDb, subsidiária da Amazon e maior fonte de informações filmicas do mundo. Chegou-se ao número de 21 produções de sucesso referentes à Guerra Fria na década. O segundo filtro aplicado relacionou-se à presença ou não de personagens soviéticas relevantes na trama, supondo-se que tal presença é fundamental para compreender a retratação dos soviéticos e da Guerra Fria nos filmes, chegando-se, dos 21 filmes de sucesso sobre Guerra Fria, a uma base de 11 produções até 1985. Por fim, tendo em mente o caráter subjetivo inerente à escolha e análise de filmes, passamos a seleção por um terceiro filtro: a identificação destes filmes pela literatura especializada e pela sua identificação como filmes com temática de Guerra Fria. Ao final do processo, chegou-se a uma amostra que totaliza oito produções, a saber: *For Your Eyes Only* (1981), *Firefox* (1982), *Octopussy* (1983), *Red Dawn* (1984), *Rambo: First Blood II* (1985), *Rocky IV* (1985), *White Nights* (1985) e *A View to a Kill* (1985).<sup>5</sup>

No segundo capítulo, a discussão da filmografia selecionada se centrou em três conceitos fundamentais que associam o pensamento reaganista à produção cultural. Em primeiro, a ideia do anticomunismo perpassa todas as narrativas, mas o enfoque foi dado na premissa de que a liberdade é frágil e precisa ser defendida frente ao inimigo comunista e que este valor é inerentemente superior, sendo sempre a escolha dos indivíduos, quando lhes é dada a oportunidade. Em segundo, discorreu-se sobre a ideia da força no pensamento reaganista e como se associa ao conceito de “*hard body*” (“corpo forte”) de Susan Jeffords (1993), ideia influente em estudos culturais sobre a temática. Por fim, analisou-se traços da política da *détente*, mais especificamente as críticas reaganistas e como foram incorporadas à ficção.

No terceiro capítulo, por fim, buscamos analisar os motivos que levaram Hollywood a incorporar as ideias reaganistas em sua produção cultural. Sem o objetivo de chegar a causalidades inequívocas, analisamos a produção filmica a partir de duas vertentes teóricas

---

<sup>5</sup> Títulos em português no Brasil respectivamente: 007 Somente Para Seus Olhos; Raposa de Fogo; 007 Contra Octopussy; Amanhecer Violento; Rambo II: A Missão; Rocky IV; O Sol da Meia Noite, e 007 - Na Mira dos Assassinos.

opostas sobre a temática. Em primeiro, discutimos o conceito de *zeitgeist*, isto é, o termo alemão para “espírito do tempo”, e sua aplicação e relação com o reaganismo nos anos 1980. Normalmente, membros da indústria hollywoodiana alegam que a produção trata de temas políticos, mas não com o objetivo explícito de servir a determinados interesses, e, portanto, a incorporação de determinadas temáticas ocorreria de forma orgânica, seguindo interesses das audiências. Em segundo, analisamos a ideia de diplomacia cultural, isto é, a noção de que Hollywood teria se comportado, com frequência, como um agente privado de diplomacia cultural dos EUA, embora não seja efetivamente subordinado ao governo. Para investigar possíveis parcerias ou influência de Washington sobre Hollywood na época, a visita a arquivos cinematográficos e governamentais seria vital, porém não foi possível por limitações financeiras e pela própria natureza temporal mais restrita de um mestrado. Embora seja uma fragilidade, buscou-se compensá-la pela aquisição do *IMDb Pro*, o serviço pago da Amazon para acesso a informações mais precisas e vastas sobre filmes. Além das fontes citadas previamente, este capítulo contou copiosamente com dados de opinião pública compilados pelo Gallup Poll nos anos 1980.

Por fim, a título de conclusão, consideramos que esta dissertação traz contribuições importantes para a pesquisa em RI e sobre a compreensão da Guerra Fria Cultural dos anos 1980. No que toca à disciplina, a falta de projetos com foco em temáticas culturais gera um desincentivo para futuros pesquisadores, que se veem compelidos a adotar abordagens tradicionais ou a buscar campos alternativos de conhecimento. Nesse sentido, o gradativo aumento de pesquisas na área que tem cultura como objeto tem o potencial de incentivar novas abordagens e construções paradigmáticas que, ao final, fazem a disciplina avançar como um todo. Em segundo, cabe traçar um paralelo com a disciplina de História, pois nela a incorporação do cinema como fonte também enfrentou obstáculos conceituais nos anos 1970, quando ocorreu a abertura temático-metodológica da chamada Escola dos Annales. À época (e ainda hoje), historiadores discutiam se o seu papel seria o de realizar uma “história do cinema”, ou uma “história a partir do cinema”; se deveriam incorporar a semiologia ou não; entre outras questões.<sup>6</sup> Somente na década de 1990 o Brasil veria os primeiros trabalhos em história e cinema, como as contribuições de Eduardo Morettin (1994), Cláudio Aguiar Almeida (1993) e Alcides Freire Ramos (1996) (SANTIAGO JUNIOR, 2012, p. 152-159). Assim, podemos observar que a incorporação de novas fontes e métodos tende a enfrentar obstáculos, dispendendo-se certo tempo em debates intelectuais sobre sua pertinência e possibilidades

---

<sup>6</sup> Semiologia é o estudo dos aspectos estéticos da produção cultural. No caso do filme, envolve questões como cenário, vestuário, posição e enquadramento de câmeras, etc.

analíticas; contudo, após a incorporação, a área tende a observar um avanço em suas produções acadêmicas. Nesse sentido, as RI podem estar experienciando trajetória similar.

Ademais, esta pesquisa também traz contribuições à área de História Cultural da Guerra Fria, que vem se desenvolvendo desde os anos 1990. Embora o reaganismo já tenha sido abundantemente explorado, há claros e presentes debates e lacunas a serem preenchidas. Por exemplo, é comum que presidentes republicanos nos EUA invoquem com frequência a imagem de Reagan e se intitulem continuadores de sua política externa. Caso bastante recente e de certa forma cômico ocorreu em julho de 2019 quando o atual presidente Donald Trump postou em seu Twitter uma foto com o ex-presidente Reagan e uma falsa citação, na qual Reagan supostamente teria se mostrado impressionado e expressado “quando eu conheci esse jovem, senti como se estivesse apertando as mãos com o presidente”.<sup>7</sup> Desta forma, é fundamental que as pesquisas continuem focando em reconstituir esta personagem tão significativa da história recente dos EUA, pois somente assim é possível compreender a realidade de forma mais próxima à verdade.

---

<sup>7</sup> Dale, Daniel. Fact check: Trump promotes fake Ronald Reagan quote about him. CNN Politics. Disponível em <https://edition.cnn.com/2019/07/08/politics/trump-fake-reagan-quote-fact-check/index.html> (último acesso em 07.09.2020).

# CAPÍTULO 1

## A POLÍTICA EXTERNA DE RONALD REAGAN: ANTICOMUNISMO E O FIM DA DÉTENTE 1981-1984

### Introdução

Ronald Reagan é um fenômeno na história recente dos EUA. Em “*The Best and Worst Foreign Policy Presidents of the Past Century*”, o jornal *The Atlantic* o classificou como 4º melhor presidente no aspecto “política externa”, atrás de George H. W. Bush (1989-1993), Dwight Eisenhower (1953-1961) e Franklin Roosevelt (1933-1945).<sup>8</sup> Frequentemente invocado por figuras políticas, Inboden (2017) expõe a necessidade de um Republicano identificar-se favoravelmente à Reagan, como na fala do ex-vice-presidente, Dick Cheney, “*Somos todos Reaganistas agora*” (INBODEN, 2017, p. 43-44).<sup>9</sup> Nas eleições presidenciais de 2012, John McCain defendeu uma política externa “(re)intepretada da Doutrina Reagan para o século XXI”, e mesmo Barack Obama opinou “acredito que Ronald Reagan mudou a trajetória dos EUA numa maneira que nem Richard Nixon e nem Bill Clinton fizeram”.<sup>10</sup>

Após 30 anos do final de sua presidência, a política externa de Reagan mantém-se nos holofotes midiáticos, políticos e intelectuais, especialmente por três razões. Em primeiro, persiste o debate acerca do fim da Guerra Fria e da preponderância relativa de Reagan e Mikhail Gorbachev. De um lado, triunfalistas advogam o papel derradeiro de Reagan ao pressionar a URSS econômica e militarmente e, assim, levar ao fim o bloco soviético. Por outro lado, grande parte defende a importância de Gorbachev no processo, julgando suas reformas internas como fundamentais para o fim do conflito bipolar.<sup>11</sup> Em segundo, a gradativa liberação de fontes documentais sigilosas vem ocorrendo, fornecendo novas fontes de análise para historiadores e cientistas sociais. Em terceiro, há um aspecto eminentemente político-publicitário, com

---

<sup>8</sup> Cohen, Michael. *The Best and the Worst Foreign Policy Presidents of the Past Century*. 30.07.2011. Disponível em <https://www.theatlantic.com/international/archive/2011/07/the-best-and-worst-foreign-policy-presidents-of-the-past-century/242781/> (último acesso 02.01.2020).

<sup>9</sup> Todas as traduções do inglês foram feitas de forma livre e em casos em que o termo pode gerar ambiguidade, foi colocado entre parênteses dentro da própria citação. Quando o termo for técnico ou similar, se manteve em inglês.

<sup>10</sup> Duffy, M. & Scherer, M. *The Role Model: What Obama Sees in Reagan*. *Time Magazine*. 27.01.2011. Disponível em <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,2044712-1,00.html> (último acesso: 23.09.2019). Beinart, P. *Think Again: Ronald Reagan. Foreign Policy*. 07.06.2010. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2010/06/07/think-again-ronald-reagan/> (ultimo acesso 02.01.2020).

<sup>11</sup> É possível identificar esse debate em trabalhos como Hopkins (2007), Petersen (2004), Howell (2008) e Dorrien (2004).

personalidades atuais retomando aspectos da Era Reagan com o objetivo de aproveitar-se do imenso potencial simbólico do ex-presidente. Assim, aderentes de determinados pensamentos em política externa alegam ser continuadores do reaganismo, tais como os neoconservadores (promoção da democracia), internacionalistas tradicionalistas (livre comércio), nacionalistas linha-dura (confrontação assertiva) e até mesmo neoisolacionistas (INBODEN, 2017, p. 43-44). Assim, a política externa reaganista é invocada para análise, contextualização e reinterpretação de fenômenos recentes nos Estados Unidos.

Reagan foi envolvido numa poderosa narrativa mítica. Troy (2005) sugere que enquanto uns o associam ao “renascimento da América”, a derrota da URSS e ao fim do comunismo; para outros, o reaganismo foi uma “miopia nacional, imoral e perigosa” (TROY, 2005, p. 2-11). Na literatura, é comum deparar-se com posicionamentos ideológicos e argumentações inflamadas. Por exemplo, Dixon (1985) afirma que “os EUA sob Reagan se tornaram tão politicamente desacreditados e tão moralmente falidos que se retiraram da companhia de Estados legítimos”, enquanto Petersen (2004) celebra que “Reagan foi extraordinário” (DIXON, 1985, p. 3; PETERSEN, 2004, p. 137). Beinart, por sua vez, delimita os elementos principais dessa mítica que envolve Reagan. Entre esses elementos, destacam-se a ideia de que 1) Reagan foi o maior dos linha-dura; 2) eliminou a Síndrome do Vietnã; 3) levou a URSS à submissão; 4) era amado pelos conservadores, e 5) foi duro contra o terrorismo. Apesar de simplificado, consideramos que Beinart foi preciso em sua análise, sendo possível identificar essas referências míticas a Reagan com relativa frequência na literatura.<sup>12</sup>

Tendo em vista a contínua importância do reaganismo na política externa dos EUA e a manutenção de tais míticas associadas à Reagan, este capítulo possui dois objetivos. Em primeiro, debateremos as divergências teóricas sobre a política externa reaganista, tendo como base a literatura especializada. Demonstraremos que, apesar de discrepâncias ocasionais, há mais consonância entre as posições de estudiosos no tema, sendo que todos os paradigmas apontam o papel das ideias, opiniões e percepções de Reagan na elaboração e condução da política externa norte-americana durante o seu governo.<sup>13</sup> Em segundo, defenderemos que duas visões essenciais prevaleceram no período: o anticomunismo e a nocividade da política de détente – ambos

---

<sup>12</sup> Beinart, P. Think Again: Ronald Reagan. Foreign Policy. 07.06.2010. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2010/06/07/think-again-ronald-reagan/> (último acesso 02.01.2020).

<sup>13</sup> Assumimos aproximação significativa entre o pensamento de Reagan e de seus subordinados diretos tendo em vista o trabalho de Pfiffner (2013), no qual se evidencia o processo de transição presidencial. Segundo o autor, Reagan teria sido o primeiro presidente a utilizar-se efetivamente da *Presidential Transition Act* de 1963, mantendo as indicações na Casa Branca, sob a responsabilidade de Ed Meese e o head Hunter Pendleton James. Além disso, os membros mais próximos ao presidente receberam poder de veto, para “assegurar a pureza ideológica dos escolhidos” (PFIFFNER, 2013, p. 83).

centrais durante o primeiro mandato de Reagan na presidência. Ambas ideias minaram as relações americano-soviéticas, culminando no perigoso ano de 1983, quando ocorreu grande fragilização das relações bilaterais e o ápice da chamada Segunda Guerra Fria.<sup>14</sup>

O capítulo tem três seções. Na primeira seção, revisaremos a literatura que teoriza a política externa de Reagan com o intuito de categorizá-la, e demonstraremos que, apesar de diferenças, as ideias ocupam função destacada em todos os paradigmas. Na segunda seção, discutiremos a ideia do anticomunismo para Reagan, em especial a imoralidade e ilegitimidade do comunismo enquanto ideologia e forma de organização social. Na terceira seção, por fim, discutiremos a ideia da nocividade da política de détente, que, segundo Reagan, teria fragilizado os EUA e permitido o fortalecimento e expansão soviéticos pelo mundo.

## **1.1. Paradigmas Interpretativos da Política Externa Reaganista**

A vitória de Reagan em 1980 é lembrada como um “triumfo conservador”, pois o candidato foi reconhecido como o “apóstolo do neoconservadorismo” (TROY, 2005, p. 27, 37-40). Em consonância, há diferentes termos e conceitos que podem, em maior ou menor grau, se referir à sua figura. Por exemplo, Teixeira (2007) discute as similaridades entre “conservadores internacionalistas”, “neoimperialistas”, “novos wilsonianos”, “idealistas democráticos”, “imperialistas democráticos”, entre outros, e argumenta que “de modo geral, referem-se ao mesmo conjunto de ideias” (TEIXEIRA, 2007, p. 13). Sinteticamente, a literatura pode ser dividida em três categorias. Em primeiro, associa-se Reaganismo a neoconservadorismo, seja como sinônimo, evolução ou particularidade. Sem dúvida, é a linha interpretativa preeminente e, ao mesmo tempo, a mais criticada. Em segundo, a política externa reaganista agregaria traços diversos provenientes de tradições teóricas diferentes e, neste ínterim, Reagan seria apenas exemplar de uma política externa norte-americana de longa duração, mas com características especiais de sua personalidade e momento histórico. Em terceiro, advoga-se, em oposição, a singularidade do presidente e a necessidade de marcos interpretativos particulares.

A relação entre Reagan e o neoconservadorismo é profusamente afirmada. O rótulo neoconservador foi criado em 1973 por Michael Harrington para nomear personalidades política

---

<sup>14</sup> O termo 2ª Guerra Fria será frequentemente utilizado nesta dissertação, mas merece atenção especial. Não existe consenso na literatura de que houve uma 2ª Guerra Fria, sendo um termo usado por alguns para identificar o período de 1979-1985, em que houve um reaquecimento do conflito bipolar. O termo se mostra ainda mais complexo nos dias atuais, pois argumenta-se que a rivalidade sino-americana também poderia ser denominada de 2ª Guerra Fria. Desta forma, avisamos ao leitor que utilizaremos o termo representando o período do primeiro mandato de Reagan, mas de forma parcimoniosa.



e intelectuais que, até então, se posicionavam como socialistas ou liberais, mas que discordavam do liberalismo norte-americano após os anos 1960.<sup>15</sup> Segundo Dorrien (2004), o termo significava que “os antigos social-democratas não eram a ala direita da esquerda, mas sim a ala esquerda da direita” (DORRIEN, 2004, p. 7-8). Inexiste consenso sobre as origens do movimento, mas autores costumam apontar seu início nos anos 1950 com a revista *National Review* e seus principais associados (William Buckley Jr. e Frank Meyer) (NETO, 2010, p. 65-66). Outros salientam esta revista, bem como outras mídias da chamada “direita norte-americana” (*American Right*), como *Human Events* e *The Freeman* (GOTTFRIED, 2007, p. 9-12). Outra explicação ocorre na ascensão da Nova Esquerda e dos movimentos sociais dos anos 1960 e a resposta conservadora a estes (NISBET, 2017, p. 108-109). E há ainda os que associam o movimento a personagens específicas, como Irving Kristol, Norman Podhoretz, Michael Novak, entre outros (DORRIEN, 2004, p. 9; ROCHA, 2015, p. 126).<sup>16</sup> Apesar das divergências, é consenso de que a política externa é elemento definidor do movimento, especialmente no tocante à posição dos Estados Unidos na Guerra Fria, pois seus principais expoentes viam com grande alarme um aparente declínio do poder norte-americano na segunda metade do século XX.

Na política externa, reaganismo e neoconservadorismo se alinham copiosamente, mas não de forma plena. Historiadores e cientistas sociais identificam o *Committee on the Present Danger* (CPD) - uma organização intelectual de direita e com forte viés *hawkish* (linha-dura), cuja criação (12 de dezembro de 1950) remete ao início da Guerra Fria e teve um forte ressurgimento nos anos 1970 - como evidência fundamental.<sup>17</sup> Em 1976, Gerald Ford (1974-1977) criou um grupo secreto na *Central Intelligence Agency* (CIA), o chamado Grupo B, com o objetivo de elaborar interpretações alternativas sobre os perigos impostos pela URSS.<sup>18</sup> Os neoconservadores foram hábeis em controlar o grupo, que acabou liderado pelo professor de Harvard, Richard

---

<sup>15</sup> O termo foi primeiramente apresentado no artigo “*The Welfare State and Its Neoconservative Critics*”, de Michael Harrington.

<sup>16</sup> Kristol é considerado o primeiro intelectual a aceitar o rótulo de neoconservador e defendia que o Estado não poderia manter-se neutro sobre diferentes concepções morais. Podhoretz foi editor da revista *Commentary* entre 1960 e 1995 e em 1980 lançou seu livro “*Present Danger*”, no qual afirmava que os EUA estariam perdendo a Guerra Fria. Novak foi diplomata de carreira com grande produção intelectual. Membro do Partido Democrata, foi líder na *Coalition for a Democratic Majority*, facção conservadora e anticomunista dentro do partido.

<sup>17</sup> Nos EUA, os termos *hawkish* (gavião em sentido literal, ou linha-dura em aproximação ao conceito em português) e *dove* (pombo no sentido literal, ou diplomático em tradução aproximada) são frequentes na literatura de política externa e políticos norte-americanos costumam ser classificados de acordo com estes dois conceitos dependendo de suas opiniões sobre assuntos de política externa no país.

<sup>18</sup> A CIA Vinha sendo hostilizada por intelectuais conservadores, que acreditavam que seus *National Intelligence Estimates* (NIE) sistematicamente subestimavam as capacidades e intenções soviéticas. Em 26 de maio de 1976, o então diretor da CIA, George W. Bush, recebeu autorização da Casa Branca para a instalação do grupo, que contava com 16 “*outside experts*”. Dentre eles, havia importantes membros do CPD, como Richard Pipes, Paul Wolfowitz e Paul Nitze e todos receberiam posteriormente cargos na administração Reagan. A principal contribuição do grupo seria o conceito de “*janela de vulnerabilidade*”, conceito aceito por Reagan posteriormente.

Pipes.<sup>19</sup> Sob sua liderança, concluíram “uma imagem muito mais sombria acerca da superioridade da União Soviética sobre os EUA”. O Time B foi desfeito em 1977, por Jimmy Carter (1977-1981), contudo seus diagnósticos e prognósticos se mantiveram predominantes e influenciariam Reagan, que se tornou membro da diretoria executiva em 1979. Em sua vitória, mais de 50 integrantes do grupo receberam cargos na administração (WILENTZ, 2009, p. 153).

Entre os neoconservadores (e seus simpatizantes) na administração, diversos receberam cargos relevantes na condução da política externa de Reagan, como Elliot Abrams (Secretário de Estado Adjunto 1981-1989), Jeane Kirkpatrick (Embaixadora dos EUA para a ONU 1981-1985), Richard Perle (Secretário de Defesa Adjunto 1981-1987), Richard Pipes (Conselho de Segurança Nacional 1981-1982), William Casey (Diretor da CIA 1981-1987) e Richard Allen (Conselho de Segurança Nacional 1981-1982) (DORRIEN, 2004, p. 9-10). Dentre eles, Casey, Allen, Kirkpatrick, Lehman e Perle também foram membros fundadores do CPD.

Ademais, Reagan manteve contato com neoconservadores por meio de instituições e contatos pessoais. Importante exemplo se deu na *Conservative Political Action Conference* (CPAC), organizada anualmente pela *American Conservative Union* (ACU), e importantes publicações neoconservadoras (*National Review* e *Human Events*).<sup>20</sup> Reagan foi o principal orador nesta conferência ao longo de sua presidência e em 1981, por exemplo, cunhou frase amplamente citada na literatura, “nossa vitória não foi apenas uma vitória política, mas de ideias, não apenas uma vitória de um único homem ou partido, mas de um conjunto de princípios”. Tal ideia de vitória compartilhada é defendida por autores que veem Reagan como representante da coalizão (neo)conservadora e pode ser encontrada em vários autores, como Troy (2005) e Collins (2007). Além disso, nestes encontros Reagan fazia homenagens a intelectuais neoconservadores, como Frank Meyer e Russel Kirk.<sup>2122</sup>

---

<sup>19</sup> Posteriormente: Staff do Conselho de Segurança Nacional como director para assuntos da Europa Oriental e União Soviética entre janeiro de 1981 e dezembro de 1982.

<sup>20</sup> A CPAC foi fundada em 1974 pela American Conservative Union e a Young Americans for Freedom, com o objetivo de reunir ativistas e intelectuais conservadores dos EUA. Reagan realizou o discurso inicial da conferência e posteriormente se tornou orador principal ao longo de toda sua presidência. A Conferência existe até hoje e em 2020 contou com a presença de Donald Trump.

<sup>21</sup> “Remarks at the Conservative Political Action Conference Dinner no Grand Ballroom at the Mayflower Hotel 20 de março de 1981”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/32081b> (último acesso 03/11/2019). “Remarks at the Conservative Political Action Conference Dinner no Grand Ballroom at the Mayflower Hotel 26 de fevereiro de 1982”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/22682b> (último acesso 03/11/2019).

<sup>22</sup> Frank Meyer foi intelectual conservador norte-americano e importante figura no conservadorismo norte-americano. Em seus dois principais livros, *In Defense of Freedom* (1962) e *The Conservative Mainstream* (1969), definiria o conceito de “fusionism”, termo que combina elementos do libertarianismo e tradicionalismo. Russel Kirk foi um intelectual conservador norte-americano e considerado figura fundamental no movimento conservador na

Apesar do movimento neoconservador representar influência importante, Stefan Halper afirma categoricamente que “neoconservadorismo não é reaganismo” (HALPER, 2004). A partir de 1985, teria ocorrido um rompimento, ou no mínimo afastamento, entre Reagan e os intelectuais do movimento, fato desconsiderado na maior parte da literatura. Por exemplo, Norman Podhoretz passou a criticar o presidente, via revista *Commentary*, em artigos como “*How Reagan Succeeds as a Carter Clone*” e “*What If Reagan Were President?*”. Em seguida, outros seguiram seu exemplo, como Charles Krauthammer e Frank Gaffney. A razão da mudança teria se dado pela aproximação pessoal entre Reagan e Gorbachev e as cúpulas de negociações sobre controle e redução de armas nucleares no segundo mandato (DORRIEN, 2004, p. 11-12).<sup>23</sup>

Neste aspecto, Samuel (2012) realizou importante contribuição. De acordo com o autor, neoconservadores julgavam Gorbachev como “mais perigoso do que um líder soviético típico”, pois teria comprometimento e carisma para avançar interesses soviéticos. O rompimento entre Reagan e os intelectuais do movimento poderia ser traçado a partir das cúpulas americano-soviéticas dos anos 1980, i.e., Genebra (1985), Reykjavik (1986), Washington (1987) e Moscou (1988). Os neoconservadores preocupavam-se com a manutenção do fortalecimento militar norte-americano, especialmente a *Strategic Defense Initiative* (SDI) (programa visionado por Reagan que previa criação de um sistema de defesa antinuclear no espaço) e um possível retorno à política de détente. Em Reykjavik, Reagan foi categórico na defesa do SDI, para contentamento dos intelectuais, que inclusive alegaram “Reagan deu ao país um exemplo de liderança [...] demonstrando que um presidente pode ir a uma cúpula e retornar sem nenhum acordo”. Em Washington e Moscou, por outro lado, as negociações avançaram apesar do SDI, e um acordo para remoção de mísseis balísticos intermediários na Europa enfureceu profundamente os neoconservadores. A *National Review* publicou que “uma coisa é certa: para os linha-dura, a era pós-Reagan começou [...] a procura por um sucessor conservador começou de verdade” (SAMUEL, 2012, p. 143-149).

Como se pode ver, embora o neoconservadorismo forneça um paradigma amplamente aceito na interpretação da política externa reaganista, não parece ser o mais adequado a partir de 1985. Duas óticas interpretativas merecem detalhamento, pois apresentam grande potencial analítico. Em primeiro, analisaremos o conceito de tradições de política externa norte-americanas

---

segunda metade do século XX. Seu principal trabalho, *The Conservative Mind*, buscou compreender o desenvolvimento do pensamento conservador em sua tradição anglo-saxã.

<sup>23</sup> Mikhail Gorbachev foi Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética entre 11 de março de 1985 e 24 de agosto de 1991.

compiladas por Walter Mead. Em segundo, veremos a contribuição do intelectual conservador Henry Nau, quem apresentou o argumento mais recente para esse debate.

Mead (2001) argumenta que nas relações internacionais sempre houve dominância da perspectiva realista, mais especificamente daquela originada na Europa continental. Os preceitos realistas de auto interesse e poder seriam influentes nos EUA, porém existiriam três singularidades da experiência nacional que diferenciam e impedem que aqueles que não são norte-americanos “entendam completamente a abordagem norte-americana”: a relevância da economia vis-à-vis a política; a escala global, e a democracia. Entretanto, a Guerra Fria teria marginalizado as tais tradições nacionais de política externa e posto em evidência o realismo, tornando-a a visão dominante no país (MEAD, 2001, p. 34-36, 64-66).

Ainda conforme Mead, a experiência histórica dos EUA teria produzido quatro escolas de pensamento inerentemente norte-americanas: Hamiltoniana, Wilsoniana, Jeffersoniana e Jacksoniana.<sup>24</sup> A Escola Hamiltoniana apresenta conceitos análogos ao realismo, como as ideias de interesse nacional e balanço de poder. Entretanto, mesmo partindo de ideias similares, alcança conclusões distintas: o interesse vital dos EUA é o comércio, e dado que este representa ganhos mútuos, a política externa teria caráter mais otimista do que defensivo. A segunda escola, Wilsoniana, tem como fundamento que democracias produzem um sistema internacional mais pacífico do que monarquias e tiranias. Regimes democráticos agiriam de forma moralmente correta e teriam tendência a alcançar acordos políticos, criando uma sociedade internacional baseada em princípios e normas. Assim, a política externa dos EUA teria como objetivo a promoção deste regime e, conseqüentemente, da paz. Dentre as escolas, apresenta os ideais mais universalizantes, pois defende que a democracia não é particular aos EUA, mas um sistema adequado a qualquer realidade. Neste sentido, seria a principal força ideológica da política externa norte-americana (MEAD, 2001, p. 100-128; 134-170).

Enquanto as escolas Hamiltoniana e Wilsoniana defenderiam engajamento ativo com o mundo, as escolas Jacksoniana e Jeffersoniana acreditam na singularidade e fragilidade do experimento norte-americano e, por isso, favorecem certa alienação e/ou isolamento. Neste sentido, os EUA deveriam ser um exemplo, mais do que um ator engajado. A escola

---

<sup>24</sup> As escolas são assim batizadas em homenagem a figuras marcantes da história nacional: Alexander Hamilton, 1º Secretário de Tesouro; Woodrow Wilson, presidente entre 1913 e 1921; Thomas Jefferson, presidente entre 1801 e 1809, e Andrew Jackson, presidente entre 1829 e 1837. Vale ressaltar, entretanto, que como afirma Mead, tais figuras não representariam modelos perfeitos das tradições, apenas aproximações. Por exemplo, os ideais wilsonianos existiam muito antes de Woodrow Wilson, mas seria sua tentativa de criar a Liga das Nações que o levaria a ser mais reconhecido dentro desta tradição e acabar por nomeá-la.

Jeffersoniana tem como premissa fundamental a ideia da proteção da liberdade individual.<sup>25</sup> A Guerra Fria teria sido “particularmente desastrosa” para esta tradição, pois teria defendido o isolamento frente à ameaça comunista, sendo marginalizada durante a maior parte do século XX.<sup>26</sup> Os jacksonianos representariam o ideal de patriotismo e seriam retratados convincentemente como “*cowboys*”. São firmes defensores de gastos militares e intervenções em regiões consideradas de interesse vital. Embora ridicularizada pelas outras, a escola Jacksoniana é influente entre grande parte do público, especialmente a população que não vive nos grandes centros urbanos e é historicamente associada aos norte-americanos WASP (*White Anglo-Saxon Protestant*). A nação seria uma extensão da família e os EUA devem sempre se manter armados e vigilantes. São os mais próximos ao Realismo, e detém profundo desprezo por instituições e leis internacionais (MEAD, 2001, p. 174-212, 221-261).

As ideias compiladas pelo autor dialogam correntemente com trabalhos diversos. Por exemplo, McCrisken (2013), em seu trabalho sobre o excepcionalismo norte-americano aplicado à política externa, identifica duas correntes: a nação exemplar e a nação missionária. A primeira está associada a termos como “*isolationism*”, “*Fortress America*” e “*nonentangling alliances*” e a segunda à “*manifest destiny*”, “*internationalism*” e “*leader of the free world*” (MCCRISKEN, 2003, p. 2). Neste sentido, nos parece que os conceitos apresentados por Mead configuram desdobramentos destas duas grandes tendências da política externa norte-americana: isolacionismo e engajamento. Todavia, o uso das lentes do autor permite análise mais específicas de certas características da política externa de Reagan, como por exemplo sua posição nas negociações comerciais do NAFTA e OMC e mesmo a criação do *National Endowment for Democracy*, organização com o objetivo de promover a democracia pelo mundo.<sup>27</sup> Contudo, a escola Jacksoniana fornece os principais inputs teóricos na compreensão do reaganismo e o próprio Mead expressa que “Ronald Reagan deveu grande parte de sua popularidade e sucesso pela sua habilidade de se conectar com valores jacksonianos” (MEAD, 2001, p. 231). Valores jacksonianos representam valores largamente associados à Reagan, como otimismo, patriotismo e conservadorismo.

---

<sup>25</sup> Normalmente, reconhece-se um jeffersoniano como um libertário e sua influência no pensamento neoconservador é bastante significativa. Gottfried (2007) explica que no início da construção da American Right, seus principais intelectuais eram anti-New Dealers, como Albert Jay Nock, Garet Garret, John T. Flynn, Isabel Paterson, H. L. Mencken e Henry Hazlitt. Taxados de conservadores, preferiam ser reconhecidos como libertários ou jeffersonianos (GOTTFRIED, 2007, p. 2-8).

<sup>26</sup> Por outro lado, mantém-se como pensamento influente na sociedade americana e interpretações atuais a designam como predominante no pensamento de Donald Trump.

<sup>27</sup> Para maiores informações sobre a instituição, visitar <https://www.ned.org/>

Enquanto Mead posiciona Reagan num contínuo da política externa norte-americana, Nau (2013) advoga interpretação oposta. Conforme o país adentrava o sistema internacional, três tradições foram constituídas: nacionalismo/isolacionismo, realismo, e internacionalismo liberal. Durante os séculos XVIII e XIX, teria havido predominância da tendência isolacionista; já no século XX, a tendências realista e internacionalista liberal ganharam maior relevância. Com relação à Guerra Fria, o autor defende que as tendências se revezaram no poder (NAU, 2013, p. 27-28).

Os realistas defendem o engajamento norte-americano para a manutenção do equilíbrio de poder, i.e., uma política externa ativa e contundente. Entre os principais exemplos, Nau cita que os presidentes Eisenhower, Richard Nixon (1969-1974) e Ford representaram a versão defensiva do realismo.<sup>28</sup> Os internacionalistas liberais, por sua vez, acreditam na superação da anarquia por meio da democracia e instituições multilaterais. O uso da força deve ser limitado e a diplomacia é o instrumento de política externa por excelência. Em certo sentido, tenta-se “domesticar as relações internacionais” e fomentar um sistema baseado em normas e princípios comuns, gerenciado por um conjunto de instituições e organismos multilaterais. O autor acredita que os presidentes democratas teriam sido representantes desta tradição, como Harry Truman (1945-1953), John F. Kennedy (1961-1963), Lyndon Johnson (1963-1969) e Carter (NAU, 2013, p. 24-27).

Todavia, Reagan teria sido singular e suas “prescrições chocaram todos os estrategistas de política externa - realistas, internacionalistas liberais e neoconservadores”. O novo presidente se opôs veementemente à política de contenção e de détente, ambas realistas, mas adotou a estratégia de fortalecimento militar e a ameaça do uso da força, preceitos típicos do realismo ofensivo.<sup>29</sup> Em paralelo, considerou incongruente o apelo por direitos humanos de Carter, mas assumiu o manto ideológico anticomunista e pela promoção da democracia, típicos do internacionalismo liberal (NAU, 2013, p. 27-28). Assim, Nau propõe a existência de uma tradição negligenciada na história dos EUA, tendo em Reagan seu modelo teórico: o Internacionalismo Conservador. Três características se conjugam nesta tradição e todas seriam traços de Reagan. Em primeiro, negou categoricamente a equivalência entre os países em termos

---

<sup>28</sup> O Realismo Defensivo é uma corrente interpretativa derivada do Neorealismo de Kenneth Waltz. Argumenta que num sistema internacional anárquico, a capacidade de retaliação seria fator inibidor de um ataque. Neste sentido, a corrida armamentista e o equilíbrio de poder entre EUA e URSS representariam este conceito. Para maiores informações, ver *The Oxford Handbook of International Relations*, Cp. 3.

<sup>29</sup> O realismo ofensivo também deriva do Neorealismo, mas parte do pressuposto de que a busca contínua de um Estado por segurança pode levá-lo a criar arma mais efetiva e, portanto, a segurança só poderia existir com a manutenção de uma corrida armamentista. Para maiores informações, ver *The Oxford Handbook of International Relations*, Cp. 3.

puramente materiais, pois ideias e princípios seriam mais importantes nas relações internacionais. Em segundo, buscou ativamente o fortalecimento econômico e militar como bases para uma posição diplomática superior. Por fim, desdenhou o papel de instituições internacionais e do multilateralismo, preservando a soberania e a capacidade dos EUA de agir de forma unilateral (NAU, 2013, p. 171-172).

Embora diferentes, estas lentes interpretativas nos parecem pouco divergentes em aspectos fundamentais. A principal convergência, todavia, se dá no papel das ideias e ideologia, pois contrariamente ao realismo, a equidade ideológica em razão de um equilíbrio de poder é essencialmente imoral. Os neoconservadores continuamente avisavam dos perigos enfrentados pelos EUA e acreditavam que “os EUA estavam se rendendo desnecessariamente ao inimigo soviético em nome do realismo e da paz”. Criticavam a prioridade dada à geopolítica, aos interesses materiais e à segurança mútua sobre a guerra ideológica (DORRIEN, 2004, p. 10). Similarmente, Nau afirma que “Reagan via o mundo em termos de disputa moral, que não substituía o progresso material e institucional, mas dava sentido a eles” (NAU, 2013, p. 173).

Neste sentido, advogamos que duas ideias são fundamentais para a compreensão da política externa reaganista. Em primeiro, concordamos com a literatura sobre a questão do anticomunismo em Reagan e na próxima seção discutiremos seu significado, bem como possíveis impactos nas relações bilaterais dos Estados Unidos. Em segundo, identificamos que o profundo desprezo de Reagan pela política de détente permite compreender grandes características de sua política externa, como militarismo, estilo de negociação diplomático e atuação internacional.

## **1.2. O Anticomunismo**

### **1.2.1. O Anticomunismo de Reagan: Origens, Influências e Significados**

O anticomunismo de Reagan é um nítido consenso. Embora frequentemente citado, investigações específicas sobre a temática tendem a se subdividir em dois conjuntos. Em primeiro, há trabalhos que buscam compreender as razões do anticomunismo e, para tanto, traçam suas origens. Três momentos são frequentemente evidenciados: infância, carreira em

Hollywood e o carreira política nos anos 1960. Em segundo, há investigações que buscam compreender seus impactos na formulação de política externa.<sup>30</sup>

Inicialmente, é crucial compreender que o anticomunismo tem sido elemento constante e fundamental do etos político norte-americano desde o século XX. Durante a primeira metade do século, o país vivenciou três “*red scares*” ou ameaças vermelhas, períodos nos quais parte substancial da sociedade, suas instituições governamentais e não governamentais se perceberam ameaçadas por comunistas e pelo comunismo, amplamente entendido.<sup>31</sup> Todavia, este antagonismo se desenvolveu de forma heterogênea e complexa, perpassando instituições, indivíduos e o Estado de forma multifacetada e, qualquer discussão demanda, ao menos, levar em consideração a existência de tal diversidade intrínseca. Neste aspecto, Ceplair (2011) fornece interessante contribuição ao propor uma tipologia que permite entrever nomenclaturas frequentemente vistas na literatura. Por exemplo, duas tipificações gerais amplamente citadas são o anticomunismo liberal e o conservador, embora o autor prefira classificar em anticomunismo oficial (Estado e seus agentes) e não-oficial (institucional, individual, entre outros) (CEPLAIR, 2011).

Para o propósito desta pesquisa, o anticomunismo conservador ocupa posição central. Tal correlação ganhou enorme tração a partir dos anos 1950, e certas personalidade são comumente resgatadas. Entre elas, nenhuma se mostra mais marcante do que Barry Goldwater, ex-senador republicano pelo estado do Arizona e candidato presidencial nas eleições de 1964. Reconhecido como o “Sr. Conservador”, Taylor (2016) argumenta que sua figura foi fundamental em estabelecer um conservadorismo *anti-establishment*, isto é, um conservadorismo não puramente tradicionalista, mas sim revisionista do status quo liberal fortemente enraizado nos EUA à época (TAYLOR, 2016). Contemporâneos, Goldwater e Reagan vivenciaram os períodos de ameaças vermelhas, bem como foram diretamente impactados por eles. Ambos passaram a acreditar que os políticos liberais, associados ao Partido Democrata e também a ala moderado do Republicano, subestimaram os perigos subversivos dos comunistas domésticos e do consequente perigo imposto pela URSS. Embora seja considerado figura central no movimento conservador, o anticomunismo de Goldwater se assemelha aos intelectuais neoconservadores e, ao nosso ver, é um precursor e sustentáculo deste pensamento. O anticomunismo neoconservador, mimetizado

---

<sup>30</sup> Normalmente, os trabalhos tendem a apresentar ambas, divididos em seções ou capítulos diferentes.

<sup>31</sup> Os períodos considerados pelos historiadores como “*red scares*” nos EUA são: 1º) Logo após o término da 1ª Guerra Mundial, com a fundação do Partido Comunista dos EUA em 1919; 2º) Entre 1939-1941, quando da assinatura do Pacto Germano-Soviético de Não Agressão, assinador por Adolf Hitler e Josef Stalin; 3º) Entre 1945-1957, período que engloba o desenvolvimento do conflito bipolar e engloba eventos como a Guerra da Coreia, o desenvolvimento de armas nucleares pelos soviéticos, a expansão soviética sobre a Europa Oriental e o Macartismo nos EUA.



por Reagan alguns anos depois, pregava o papel crucial da ideologia, da confrontação assertiva, da supremacia da geopolítica sobre interesses materiais. As diferenças entre os conservadores tradicionais e neocons vêm sendo profundamente discutidas por décadas, mas vale ressaltar um aspecto: a atuação internacional dos EUA. Os primeiros tendem a adotar posições isolacionistas, acreditando que os EUA deveriam se fortalecer apenas para sua própria proteção. Tal perspectiva está em sintonia com o profundo anti-estatismo típico desta ideologia. Os neoconservadores, por outro lado, também defendiam postura anti-estatista, mas apenas no que relacionava à política doméstica. Para política internacional, advogavam um Estado fortalecido para defender e projetar interesses, instituições e ideias norte-americanas.<sup>32</sup>

Tendo em vista esta explanação geral, esta seção busca demonstrar que o anticomunismo de Reagan se assemelha profusamente ao ideário neoconservador, enquanto ao mesmo tempo se sustenta em traços próprios das experiências, formação cognitiva e visões de mundo do presidente. Evidenciaremos que o anticomunismo reaganista se assenta em dois aspectos fundamentais: a religião e o princípio de liberdade.

A relação entre religião e Guerra Fria não é particular a Reagan. Wallace (2013) demonstra que desde o início “estratégias buscaram moldar a narrativa da Guerra Fria como um disputa moral de bem versus mal, liberdade versus escravidão, democracias tementes a Deus versus comunismo despótico e ateu” (WALLACE, 2013, p. 163, 177).<sup>33</sup> Steding (2014) e Collins (2007) demonstram que a religiosidade de Reagan se origina na infância, mais especificamente a partir de sua relação com a mãe, Nelle Reagan, quem Collins afirma ser “o tipo de pessoa frequentemente descrito como santa” e professar marcadamente sua religião, sendo membro da *Christian Church* (ou *Disciples of Christ*). Steding afirma que a religião se tornou parte fundamental da cognição de Reagan, i.e., sua forma de ver, interpretar e lidar com o mundo seria profundamente ancorada em preceitos religiosos (COLLINS, 2007, p. 30; STEDING, 2014, p. 95). A figura divina se revelou frequente em sua retórica e argumento elementar para a imoralidade do sistema comunista. Por exemplo, Reagan maldiz a URSS ao afirmar que “a ideologia deles não tem Deus, não tem a nossa ideia de moralidade num sentido

---

<sup>32</sup> Para efeito comparativo, o que se convencionou chamar de anticomunismo liberal também promovia a ideia do internacionalismo e da liderança norte-americana frente à URSS. Contudo, previa atuação menos assertiva e menos militarizada, tendo na diplomacia e nas negociações suas principais formas de atuação.

<sup>33</sup> De forma similar à cultura, o papel da religião na Guerra Fria se difundiu a partir dos anos 1990 e ganharam relevância após os atentados de 11/09, dada a necessidade de compreender as relações entre atividades religiosas no passado e no presente. Para maiores informações, ver Wallace (2013).

religioso”.<sup>34</sup> Poucas semanas depois, durante sua primeira fala na CPAC já como presidente dos EUA, Reagan foi além e afirmou que “é por isso que a visão marxista do homem sem Deus eventualmente deve ser vista como uma fé vazia e falsa”.<sup>35</sup>

Conforme Drury (2014) infere, o pensamento reaganista é essencialmente maniqueísta e, neste sentido, “dividia o mundo entre bem e mal” e “deixava pouca margem para interpretação além do antagonismo”. Desta forma, sua estratégia era, consciente ou inconsciente, sempre binária (DRURY, 2014, p. 88-97). Assim, enquanto vituperava a URSS, promovia os EUA como contraponto, evocando a nação norte-americana como uma “terra de Deus”. Reagan frequentemente associava a vontade divina com suas ideias e ações específicas de política externa. Por exemplo, defendendo seu programa de fortalecimento militar, diria “eu acredito que defender os EUA também significa defender o Deus que abençoou esta terra”.<sup>36</sup> Ademais, associava o divino com ideias de grande apelo, como paz, prosperidade e liberdade como em “Nós somos um povo livre e democrático; nós acreditamos em Deus e amamos a paz”.<sup>37</sup> Ainda, Reagan não apenas via os EUA, mas si próprio como agente da vontade divina. Em sua autobiografia conta que após ser baleado e sobreviver, percebeu que “tendo chegado tão perto da morte me fez sentir que eu deveria fazer o que fosse possível nos anos que Deus havia me dado para reduzir a ameaça de guerra nuclear” (REAGAN, 2011, Cp. 44).<sup>38</sup>

Durante o primeiro mandato de Reagan na presidência dos EUA, o caso mais claro de associação entre visão religiosa e as relações americano-soviéticas se deu na crise dos pentecostais. A família Vashchenko, seguidores do pentecostalismo, tentou imigrar para os EUA no início dos anos 1960, mas foi aprisionada pelas autoridades soviéticas. Em 1978, convidados por religiosos norte-americanos a tentarem novamente a imigrar, juntamente com a família Chmykhalov, conseguiram adentrar a embaixada dos Estados Unidos em Moscou. Impedidos de sair, passaram os próximos cinco anos vivendo no porão, fato que tensionou as relações

---

<sup>34</sup> “Excerpts From an Interview With Walter Cronkite of CBS News no Oval Office at the White House 03 de março de 1981”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. (último acesso 03/11/2019).

<sup>35</sup> “Remarks at the Conservative Political Action Conference Dinner no Grand Ballroom at the Mayflower Hotel 20 de março de 1981”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/32081b> (último acesso 03/11/2019).

<sup>36</sup> “Remarks at the Annual Meeting of the United States Chamber of Commerce no Constitution Hall 26 de abril de 1982”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/42682a> (último acesso 03/11/2019).

<sup>37</sup> “Remarks at the Annual Members Banquet of the National Rifle Association in Phoenix no *Phoenix Civic Plaza* 06 de maio de 1983”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/50683c> (último acesso 03/11/2019).

<sup>38</sup> Esta dissertação usou diversos livros em sua versão mobi., no dispositivo Kindle da Amazon. Neste dispositivo, os livros não trazem, necessariamente, sua correspondência de páginas em relação aos livros físicos, pois os mecanismos de busca substituem esta necessidade. Nestes casos, citamos apenas o capítulo ou parte referente do arquivo mobi.

bilaterais. Reagan pessoalmente se correspondeu com Leonid Brezhnev<sup>39</sup> para resolver a situação, pleiteando que “desejo direcionar sua atenção urgentemente para a situação dos sete pentecostais soviéticos”.<sup>40</sup> Os soviéticos foram resolutos em rejeitar os apelos do presidente, considerando uma indevida intromissão em seus assuntos domésticos. É interessante sublinhar que, diferentemente de outros assuntos, a inquietude de Reagan com este tema não era compartilhada por subordinados importantes. Por exemplo, Alexander Haig (Secretário de Estado) expressou sua opinião sobre o caso à Anatoly Dobrynin (Embaixador soviético), admoestando que “observei que este assunto me parecia ser **desnecessariamente irritante** em nossas relações e sugeri que fosse resolvido rapidamente” (grifo nosso).<sup>41</sup> Para Reagan, o caso representou nítido exemplo da perversidade de um sistema sem religião e em suas memórias conta que

Eu lembrei a ele (Dobrynin) que uma família pentecostais vivia há quatro anos no porão de nossa embaixada em Moscou. Se eles tentassem pôr os pés fora do recinto da embaixada, seriam presos. O crime deles: crença em sua religião e crença em Deus” (REAGAN, 2011, Cp. 71).

Steding (2014) sustenta que, de maneira geral, todo presidente norte-americano defende algum aspecto do chamado excepcionalismo e, no caso de Reagan, este aspecto seria “franco e musculoso, confiante e inflexível”. A relação entre homem e o divino se representava no ideal de liberdade, que seria “o presente de Deus para a humanidade” e os EUA seriam o “pastor da liberdade no mundo” (STEDING, 2014, p. 104-108). A percepção do comunismo como adverso à liberdade teria se iniciado durante sua carreira em Hollywood, nos anos 1940, e se consolidado politicamente nos anos 1960. Como presidente da *Screen Actors Guild* (SAG) em 1947-1952 e 1959-1960, Reagan confrontou árduas negociações com trabalhadores do setor, e passou a associar tais movimentos sindicais com a expansão do comunismo, sendo este o período que se convencionou chamar “terceira ameaça vermelha”. Ademais, Hollywood era predominantemente constituída de liberais e progressistas e mesmo alguns socialistas e, por isso, seria rapidamente associada com este expansionismo, visão compartilhada por Reagan. Durante embates com lideranças sindicais, foi ameaçado e aconselhado a manter-se constantemente armado e posteriormente recordou que

---

<sup>39</sup> Secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética entre 14 de outubro de 1964 e 10 novembro de 1982.

<sup>40</sup> Foreign Relations of the United States, 1981-1988, Volume III, Soviet Union, January 1981-January 1983, ed. James Graham Wilson (Washington: Government Printing Office, 2016), Document 129. A partir de agora FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, X.

<sup>41</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 38.

<sup>42</sup> Anatoly Dobrynin foi Embaixador Soviético nos EUA entre 4 de janeiro de 1962 e 10 de maio de 1986 e Alexander Haig Secretário de Estado entre 22 de janeiro de 1981 e 5 de julho de 1982. Ambos são figuras importantes na compreensão do primeiro mandato de Reagan.

“Agora, eu sabia por experiência própria como os comunistas usavam mentiras, fraudes, violência ou qualquer outra tática que lhes convinha. Eu sabia pela (minha) experiência que os Estados Unidos não enfrentavam ameaça mais insidiosa ou maldosa do que a do comunismo” (COLLINS, 2009, p. 33-35).

Em 1962, Reagan alterou oficialmente seu registro para Republicano, apoiou a candidatura presidencial de Barry Goldwater, passou a contribuir ocasionalmente com artigos para a *Human Events* e filiou-se ao *Young Americans for Freedom*. Em 27 de outubro de 1964, Reagan realizou o famoso discurso “*A Time for Choosing*”, no qual apoiou categoricamente a visão conservadora de Goldwater e é considerado um dos mais bem-sucedidos discursos de sua carreira, pois obteve USD 8 milhões em contribuições para a campanha. O “Discurso”, como ficou conhecido, projetou Reagan nacionalmente como importante nova voz conservadora no Partido Republicano e em 1966, com o suporte de forças conservadoras e anticomunistas, se candidatou e venceu o pleito para Governador da Califórnia. A partir de então, o anticomunismo se converteu em sua marca política mais notória (COLLINS, 2009, p. 29-40).

Durante a presidência, o anticomunismo foi marcadamente presente na retórica de Reagan. Durante 1981, apesar de destratos contundentes à URSS, os ataques foram menos frequentes do que em anos posteriores. Duas hipóteses são comumente aventadas na literatura. Em primeiro, Reagan pode ter sido aconselhado pela sua *troika* a adotar postura comedida, pois, apesar da vitória, a ampla maioria do público norte-americano e internacional o identificava como beligerante.<sup>43</sup> Uma segunda hipótese: o presidente estaria focado em seu projeto econômico, conhecido como *Reaganomics*, e a ampla maioria da literatura concorda que a administração focou suas energias na agenda doméstica durante o primeiro ano.<sup>44</sup>

Todavia, a partir de 1982, há uma escalada progressiva de sua agressividade retórica. Por exemplo, num encontro com países caribenhos, Reagan denuncia que “um novo tipo de colonialismo persegue o mundo hoje e ameaça nossa independência. É brutal e totalitário”, indo além:

“Em nenhum lugar durante sua sórdida história, as promessas do comunismo foram resgatadas. Em todos os lugares, explorou e agravou o sofrimento econômico para tomar o poder e depois institucionalizar a privação econômica e suprimir os direitos humanos.

---

<sup>43</sup> Um dos traços particulares da administração Reagan foi a chamada *troika*. Normalmente, o presidente dos EUA seleciona seu *Chief of Staff* para cuidar da burocracia interna da Casa Branca, mas Reagan dividiu esta função entre três. James Baker tornou-se *Chief of Staff* e era considerado um pragmático moderado. Edwin Meese, amigo pessoal de Reagan, recebeu o cargo de “conselheiro político do presidente”, conservador linha-dura e responsável pelo staff de segurança nacional e internacional. Michael Deaver, por fim, era relações públicas da presidência e próximo de Nancy Reagan, o que lhe outorgou a responsabilidade de conectar a Ala Oeste (presidente) com a Ala Leste (primeira-dama) (TROY, 2005, p. 75-78).

<sup>44</sup> A *Reaganomics* representou a política econômica de Reagan, que tinha como premissa o corte de impostos e a aplicação da Teoria *Supply-Side*, desenvolvida por membros da Escola de Chicago nos anos 1970.

Atualmente, 6 milhões de pessoas em todo o mundo são refugiadas dos sistemas comunistas”.<sup>45</sup>

Nestas falas, dois atributos merecem destaque. Em primeiro, existe uma recém-adquirida confiança e determinação do presidente, que passou a ver “resultados” em suas políticas. Um resultado copiosamente comemorado pode ser visto em “a União Soviética, que vinha se expandindo ao longo dos anos em termos territoriais e pessoas sob seu controle, **não se expandiram uma polegada quadrada desde que chegamos aqui**” (grifo nosso).<sup>46</sup> Em segundo, torna-se basilar o conceito de totalitarismo. O termo foi criado nos anos 1920 para descrever estados fascistas, distinguindo-os de ditaduras pelo seu nível de controle e repressão da sociedade. Em 1951, Hanna Arendt lançou sua obra “*The Origins of Totalitarianism*”, vinculando pela primeira vez o regime soviético ao conceito e em 1979, Kirkpatrick publicou o artigo “*Dictatorships and Double Standards*”, defendendo que países comunistas seriam totalitários, enquanto ditaduras de direita seriam “apenas” autoritárias. Sinteticamente, a “Doutrina Kirkpatrick” defendia que regimes autoritários seriam propensos à futura democratização, enquanto regimes comunistas, não; assim, os EUA poderiam e deveriam auxiliar ditaduras contra investidas soviéticas. Sua visão foi plenamente aceita por Reagan que, a partir de então, baseou sua política externa neste conceito, utilizando-o massivamente em seus discursos.

Durante 1983, Reagan alcançou níveis extraordinários de belicosidade. Em fevereiro, no seu tradicional discurso no CPAC, reiterou que “na disputa que está ocorrendo pelo mundo, nós não tivemos medo de caracterizar nossos adversários pelo o que eles são” e “apontamos que regimes totalitários têm uma visão radicalmente diferente de moralidade e dignidade humana”.<sup>47</sup> Poucas semanas depois, realizou seu famosíssimo discurso “Império do Mal” na Conferência Anual da Associação Nacional de Evangélicos, em que realizou dilacerante ataque contra os soviéticos, tendo como fundamento a falta de religião e liberdade no sistema comunista. Em suas palavras:

---

<sup>45</sup> “Remarks to the Permanent Council of the Organization of American States on the Caribbean Basin Initiative no Hall of the Americas at the Organization of American States Building 24 de fevereiro de 1982”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/22482a> (último acesso 03/11/2019).

<sup>46</sup> “The President's News Conference no East Room at the White House 28 de setembro de 1982”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/92882c> (último acesso 03/11/2019).

<sup>47</sup> “Remarks at the Conservative Political Action Conference Dinner no Sheraton Washington Hotel 18 de fevereiro de 1983”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/21883e> (último acesso 03/11/2019).

“Sim, vamos orar pela salvação de todos aqueles que vivem naquela escuridão totalitária - orar para que eles descubram a alegria de conhecer Deus. Mas até que o façam, tenhamos consciência de que, enquanto pregam a supremacia do Estado, declaram sua onipotência sobre o homem individual e predizem sua eventual dominação de todos os povos da Terra, eles são o foco do mal no mundo moderno.”<sup>48</sup>

Em paralelo à escada retórica, eventos geopolíticos acirraram os ânimos. Em setembro de 1983, jatos soviéticos derrubaram o avião civil sul-coreano Kal 007, suspeito de ser tentativa de espionagem. 269 passageiros morreram, sendo 53 norte-americanos, incluindo um congressista, Lawrence McDonald (D-GA). Reagan afirmou que “o massacre da Korean Air Lines nos lembrou que, ao lidar com adversários tão brutais quanto os soviéticos, os Estados Unidos devem permanecer fortes para preservar a paz”.<sup>49</sup> Entretanto, a partir de outubro de 1983, eventos diversos levaram a uma transição vital em Reagan, causando o que Fischer (2010) chamou de “*Reagan Reversal*”. Segundo a autora, uma nítida mudança retórica teria ocorrido meses antes da chegada de Gorbachev ao poder. Conforme as tensões se avolumaram, o ano de 1983 seria considerado o mais perigoso da Guerra Fria depois da Crise do Mísseis cubanos de 1962, e Reagan teria percebido que o nível de desconfiança entre os dois países havia chegado ao ápice, possibilitando mesmo um conflito direto. Neste sentido, a autora sugere que “Reagan piscou primeiro”, aludindo a ideia do jogo de pôquer, o qual o presidente gostava de evocar para comparar-se aos soviéticos (FISCHER, 2010, Conclusão).

Esta mudança fundamental é associada a um discurso específico realizado em 16 de janeiro de 1984, no qual o presidente discutiu as relações americano-soviéticas. Nele, Reagan anunciou que os EUA estavam em sua “posição mais forte em anos para estabelecer uma relação de trabalho construtiva e realista com a União Soviética” e que, por isso, a distensão entre as superpotências poderia ser mais eficaz. Todavia, apesar do mundo estar mais seguro, ainda não estava seguro o suficiente, segundo Reagan. O presidente admitiu que “nossa relação de trabalho com os soviéticos não é o que deveria ser”, havendo grande margem para melhorias. Sustentou que “nós devemos encontrar áreas para nos engajarmos em cooperação construtiva” e “encontrar áreas de interesse mútuo e desenvolver a relação sobre elas”. Interessantemente, Reagan reafirmou sua convicção nos problemas inerentes do sistema comunista, mas alega que isso não seria motivo para não negociar e que “nós negociaremos de boa vontade. Quando a União

---

<sup>48</sup> “Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando no *Citrus Crown Ballroom at the Sheraton Twin Towers Hotel* 8 de março de 1983”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/30883b> (último acesso 03/11/2019).

<sup>49</sup> “Remarks at Convocation Ceremonies at the University of South Carolina in Columbia no *Horseshoe* 20 de setembro de 1983”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/92083c> (último acesso 03/11/2019).

Soviética estiver pronta para fazê-lo, nós os encontraremos na metade do caminho”.<sup>50</sup> Comparativamente, a mudança é substantiva. Em nossa análise discursiva, foi possível evidenciar tal mudança, pois, ao longo de 1984, Reagan adotou retórica amena sobre a URSS, preferindo focar-se no aspecto doméstico. Neste sentido, o presidente defendeu que seu primeiro mandato foi bem-sucedido em recuperar a moral nacional, a economia e o poder militar e, sendo um ano eleitoral, estes assuntos se destacaram.

Apesar de 1984 representar um “recomeço” e presenciar alterações retóricas importantes, é possível identificar desde o início de sua presidência que os ataques ao comunismo foram sempre acompanhados da defesa e promoção da liberdade. Por exemplo, em nossa amostragem de discursos, os termos *freedom* e *liberty* aparecem 292 vezes entre 1981 e 1984, enquanto os termos mais associados à URSS (*violent, aggression, expansion, occupation, intervention, domination*) apareceram um total de 76 vezes no mesmo período. A literatura costuma dar grande enfoque aos discursos mais beligerantes, o que gera percepção superestimada de ataques constantes e violentos à URSS, mas, a nosso ver, com a possível exceção do ano de 1983, a retórica de Reagan foi mais focada na promoção do modelo norte-americano como contraponto.

Tony Dolan, principal redator de discursos de Reagan, afirmou em entrevista em 1998 que não havia estratégia clara de confrontação retórica. Os redatores haviam sido informados sobre as visões do presidente e deveriam sugerir ideias próximas a ele e, entre elas, seu anticomunismo foi apresentado de imediato. Assim, a retórica confrontativa teria sido construída entre 1981 e 1983, a partir de um conjunto de sete discursos considerados os mais representativos da visão de Reagan sobre a URSS e o sistema comunista. Não à toa, estes discursos costumam ser os mais citados na literatura (MEDHURST; DOLAN, 1998, p. 245-252).<sup>51</sup> A partir da análise de fontes documentais do FRUS, é possível evidenciar com clareza os impactos da retórica reaganista nas relações americano-soviéticas. Na próxima seção, demonstraremos como tal retórica foi progressivamente danificando as relações bilaterais, especialmente levando em conta a resposta soviética.

---

<sup>50</sup> “Address to the Nation and Other Countries on United States-Soviet Relations no East Room at the White House 16 de janeiro de 1984”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/11684a> (último acesso 03/11/2019).

<sup>51</sup> *First Press Conference* (29.01.1981), *Remarks to Margaret Thatcher* (26.02.1981), *Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame* (17.05.1981), *Remarks at a Conservative Political Action Conference Dinner* (26.02.1982), *Address to Members of the British Parliament* (08.06.1982), *The “Evil Empire” Address* (08.03.1983) e *Remarks at a Dinner Marking the 10th Anniversary of the Heritage Foundation*.

## 1.2.2. Anticomunismo e suas Implicações na Relação Bilateral 1981-1982

Variados autores explicitam a disputa moral levada à cabo por Reagan contra os soviéticos. Steding (2014) conta que “Reagan acreditava que a ideologia soviética era inerentemente imoral; eles (os soviéticos) não poderiam ser confiáveis; e a maioria dos conflitos no mundo - de um jeito ou de outro - se originava na União Soviética” (STEDING, 2014, p. 113). Nau (2013) sanciona tal ideia e corrobora que “ele (Reagan) defendeu intensamente a expansão da liberdade, não apenas coexistência com a União Soviética, e negou equivalência moral a países comunistas” (NAU, 2013, p. 171). Assim, conforme a seção anterior demonstrou o uso retórico para a afirmação do anticomunismo, esta seção tem como objetivo demonstrar os impactos na relação bilateral. Argumentamos que dois impactos se destacam. Em primeiro, o crescente descontentamento soviético com a nova administração norte-americana, ao ponto de exacerbar figuras envolvidas diretamente no trato diplomático. Em segundo, a deslegitimação da URSS significou a recusa dos EUA num tratamento igualitário, levando os soviéticos a defenderem assertivamente seu status de superpotência.

Embora Reagan fosse reconhecidamente anticomunista, os soviéticos, inicialmente, estavam “tranquilos”. Um memorando no dia 27 de janeiro de 1981 diz que “Moscou está bastante tranquila com a nova administração dos EUA” e se esperava que em seis meses os norte-americanos perceberiam a necessidade de melhorar as relações bilaterais.<sup>52</sup> Dois dias depois, houve a primeira conferência de imprensa de Reagan, inaugurando os assaltos ao regime soviético e, rapidamente, criando desagrado. No início de fevereiro, Dobrynin (Embaixador soviético) queixa-se com Haig (Secretário de Estado) sobre o tom agressivo de Reagan e considera que tais ataques seriam indevidos.<sup>53</sup> Já em março, o mesmo expõe que “algumas lideranças soviéticas estão nervosas e infelizes com a recente retórica norte-americana”.<sup>54</sup> Durante almoço entre o embaixador e o senador Charles Percy (R-IL), ambos expressaram preocupação com os recentes ataques.<sup>55</sup> Percy acusa o jornal oficial soviético (Pravda) de depreciar o presidente norte-americano e, segundo o memorando, “Dobrynin ficou ‘emotivo’ com esta questão” e acusou Reagan de ter iniciado a exprobração, embora tenha afirmado que ambos os lados deveriam minimizar este aspecto.<sup>56</sup>

---

<sup>52</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 6

<sup>53</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 14

<sup>54</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 35

<sup>55</sup> O Senador Charles era Chairman do Comitê de Relações Exteriores do Senado.

<sup>56</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 57



Ao longo do segundo semestre de 1981, os ataques retóricos provocaram grande descontentamento nas lideranças soviéticas e foram continuamente trazidos à tona. Em encontro com Walter Stoessel (Secretário de Estado Adjunto), Dobrynin expressa “grande preocupação com o estado atual das relações” e alega que a política norte-americana parecia “completamente antissoviética”.<sup>57</sup> Na visão do Embaixador, os EUA “pareciam estar numa rota de confrontação” e recrimina principalmente Haig, acusando-o de ser “persistentemente e cada vez mais antissoviético”, apesar de Reagan também ser alvo da mesma crítica.<sup>58</sup> A partir de julho, iniciam-se os preparativos para o primeiro encontro oficial entre Haig e Andrei Gromyko (Ministro de Relações Exteriores da URSS) e Dobrynin afirma que seria o mais importante desde sua chegada à Washington, pois “muitas pessoas em Moscou concluíram que estamos entrando num período de verdadeira hostilidade” e que “o presidente (Reagan) atacou especificamente lideranças soviéticas”.<sup>59</sup> Durante o encontro, em setembro de 1981, Gromyko analisou o estado geral dos ânimos e concluiu que “não facilitava acomodação ou compromisso”; pelo contrário, estava contribuindo para “um abismo muito profundo, não somente em termos políticos, mas também psicológicos”. O Ministro acusou os norte-americanos de focalizar as diferenças e criar situação de separação entre os países, negando as similaridades concretas existentes.<sup>60</sup> Ao final do ano, Brezhnev, em correspondência à Reagan, acusa “oficiais norte-americano, e sim, mesmo você pessoalmente, de estarem difamando nosso sistema social, nossa ordem interna. Nós repudiamos isto em absoluto”.<sup>61</sup>

Conforme citado, durante 1982 houve escalada da agressividade, levando as relações bilaterais a uma baixa histórica. Em janeiro, Gromyko e Haig encontraram-se novamente e o soviético assevera que nos poucos meses desde o último encontro, não houve melhora nas relações, pelo contrário “alguém poderia dizer que elas se tornaram ainda mais difíceis”. E acrescenta “não se passou um único dia em que pronunciamentos feitos em Washington deram pesados golpes nas relações entre EUA e URSS”. O Ministro expõe que diversos níveis da administração estariam engajados nestes contínuos ataques e parecia uma competição para ver quem conseguia falar algo pior. Este cenário estava destruindo o progresso alcançado na década anterior e a indignação soviética é tão acentuada que Gromyko questiona “por que não tentar um

---

<sup>57</sup> Walter J. Stoessel Jr. foi Subsecretário de Estado para Assuntos Políticos entre fevereiro de 1981 e janeiro de 1982; Vice-Secretário de Estado entre fevereiro de 1982 e setembro de 1982.

<sup>58</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 65

<sup>59</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 66

<sup>60</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 88

<sup>61</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 123

experimento? Tentem parar os ataques por pelo menos um mês; assim o Secretário (Haig) poderá ver como a URSS responde”.<sup>62</sup>

Em junho, Reagan realizou famoso discurso para o Parlamento Britânico, no qual investiu energicamente contra a URSS. Entre seus muitos argumentos, alega que “é a União Soviética que corre contra a maré da história, negando a liberdade e a dignidade humana” e conclamou os países europeus a defenderem a liberdade e a democracia, inclusive na Europa Oriental.<sup>63</sup> Conforme mencionado, Dolan indica este discurso como representativo dentro da retórica combativa e, de fato, teve repercussão importante. Em memorando, William Clark (Secretário de Estado Adjunto) conta que “você pode não estar ciente da imensa impressão que seu discurso em Londres causou em Moscou”.<sup>64</sup> Diz que as lideranças soviéticas vinham sendo mal orientadas e acreditavam que Reagan vinha progressivamente relaxando seus ataques e adotando postura pragmática. Assim, “o tom intransigente e filosófico do seu discurso causou um grande choque no Kremlin”. Conta ainda que

Nossa Embaixada de Moscou relata que vários contatos soviéticos levantaram a questão do discurso de Londres. Um correspondente sênior da Izvestiia se referiu às críticas soviéticas apontadas em seu discurso como as mais severas desde a sua posse. Strobe Talbott, correspondente da Time Magazine em Moscou, foi informado por um alto funcionário do Comitê Central que seu discurso em Londres não era "guerra ideológica", mas uma declaração de intenção de "destruir" a URSS.<sup>65</sup>

Embora os ataques retóricos anticomunistas representem importante transtorno nas relações bilaterais, a deslegitimação do sistema soviético e, conseqüentemente, do próprio país e seu papel nas relações internacionais, foi ainda mais fundamental. Conforme McDermott (2002) expressa “Reagan estava convencido de que, por razões morais, nunca poderia ser concedida à União Soviética parceria moralmente igual aos EUA no cenário internacional” (MCDERMOTT, 2002, p. 37). No início de 1981, Pipes (Conselho de Segurança Nacional) afirmou que “as lideranças soviéticas mostraram todos os sinais de exasperação com a atitude casual da administração em relação às negociações bilaterais” e, entre os motivos, a recusa em negociar “esvazia sua (soviética) imagem como superpotência global”.<sup>66</sup> Após primeira correspondência

---

<sup>62</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 137

<sup>63</sup> “Address to Members of the British Parliament no Royal Gallery at the Palace of Westminster 8 de junho de 1982”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/60882a> (ultimo acesso 03/11/2019).

<sup>64</sup> William P. Clark Jr. foi Vice-Secretário de Estado de fevereiro de 1981 até fevereiro de 1982; Assistente presidencial para Assuntos de Segurança Nacional entre janeiro de 1982 e outubro de 1983; Secretário de Interior entre novembro de 1983 e fevereiro de 1985.

<sup>65</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 184

<sup>66</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 24

entre Reagan e Brezhnev, Allen Holmes<sup>67</sup> (Secretário de Estado Adjunto) afirma que “os soviéticos querem dialogar com a sua administração para legitimar o status de superpotência deles”.<sup>68</sup> O maior incomodo soviético ao longo do primeiro ano é a recusa norte-americana de manter negociações de controle de armas, as quais viam como o aspecto mais importante da relação. É interessante notar que os norte-americanos acusavam insistentemente os soviéticos de ideológicos, mas a análise documental nos informa que os soviéticos, de maneira geral, seguiam uma linha realista. Suas ideias predominantes se baseavam em aspectos típicos do que Mead (2001) chama de realismo continental, i.e., o foco no equilíbrio de poder e na segurança internacional entre grandes potências.

Durante o encontro Haig-Gromyko em setembro, o ministro soviético afirma categoricamente que “em nossa visão, nossa relação tem que ser uma relação de superpotências”. Critica as falas de Reagan sobre as relações americano-soviéticas não serem o foco dos EUA e afirma que “é necessário aceitar a situação real e avaliar o status individual de cada país com base na realidade objetiva”. O ministro prossegue expondo que “nós representamos duas potências, as maiores”, então “por que não devemos melhorar nossas relações de maneira mais sólida e realista?”. Agrega que os soviéticos não pedem favores aos EUA, apenas desejam relações realistas, baseadas em “boa vizinhança (good-neighborly), normais, e profissionais (businesslike)” e explica que “o fato de que temos sistemas sociais diferentes é uma realidade objetiva e nada pode ser feito sobre isso”.<sup>69</sup> Durante o segundo encontro, Gromyko manteria sua defesa e segue a lógica anterior, defendendo que as relações bilaterais só poderiam ser aperfeiçoadas compreendendo os interesses legítimos, buscando acomodação e respeito.

Ao nosso ver, a tentativa soviética de ser identificada como similar foi melhor representada na defesa intransigente do seu *Principle of Equality and Equal Security*. Em carta à Reagan em 27 de maio de 1981, Brezhnev apresenta sua visão sobre o princípio e declara que “defendemos a paridade existente na área militar-estratégica, que é a garantia mais importante de paz e estabilidade para todos os povos”.<sup>70</sup> O princípio é profundamente influenciado por aspectos securitários e defende que as forças de ambos os lados deveriam ser analisadas em termos agregados, i.e., não apenas EUA e URSS, mas de todos os membros das respectivas alianças. Entretanto, os norte-americanos não aceitaram as premissas soviéticas. Após o encontro Haig-Gromyko, ambas as delegações se reuniram para escrever a declaração final, e os soviéticos

---

<sup>67</sup> H. Allen Holmes foi Vice Assistente do Secretário de Estado no escritório para assuntos europeus até setembro de 1982.

<sup>68</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 42

<sup>69</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 88

<sup>70</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 59

pressionaram pela inclusão do termo, o que foi rejeitado pela delegação dos EUA. Insatisfeito com a recusa, Gromyko volta a discutir o tema e alega que “o governo dos EUA não ficou impressionado com o *principle of equality and equal security*, um princípio que a União Soviética considera de grande importância”. Haig tenta substituir o princípio por “resultados iguais, eficazes e verificáveis aos níveis mais baixos de forças, com base no princípio da igualdade e da segurança”, tentando conciliar ambos os lados, o que não foi aceito por Gromyko.<sup>71</sup>

A nosso ver, o princípio foi rejeitado por dois motivos principais. Em primeiro, sua aceitação resultaria na premissa de “relações normais entre superpotências”, defendida pelos soviéticos, mas categoricamente rejeitada pelo anticomunismo de Reagan, que não aceitava tal equidade. Conforme demonstrado, a imoralidade do comunismo foi considerada fator mais relevante do que aspectos puramente materiais. Em segundo, o princípio soviético, conforme defendido pelas lideranças soviéticas, havia sido a regra nas relações bilaterais ao longo da última década e, conforme veremos na seção seguinte, Reagan e sua administração rejeitavam categoricamente a política de *détente* e a desconstruíam paulatinamente ao longo do primeiro mandato.

### **1.3. A *Détente* e sua Nocividade ao Poder Norte-Americano**

#### **1.3.1. O que foi a *Détente*?**

“Nosso relacionamento com os soviéticos era baseado na *détente*, uma palavra francesa que os russos haviam interpretado como liberdade para perseguir quaisquer políticas de subversão, agressão e expansionismo que eles desejassem em qualquer lugar do mundo.” (REAGAN, 2011, Cp. 43).

Nixon e Henry Kissinger (Secretário de Estado e Assessor de Segurança Nacional) são as figuras fundamentais na compreensão da *détente*. Apesar de ter participado ativamente na conflagração da rivalidade bipolar, primeiro no Congresso (1947-1952) e depois como Vice-Presidente (1953-1961), Nixon assumiu um foco em “interesses comuns entre rivais da Guerra Fria” e buscou desenvolver uma “estrutura de paz”. Segundo Schulzinger, o presidente teria percebido a perda relativa de poder dos EUA e o ressurgimento da multipolaridade no sistema internacional, adotando modelo de política externa similar ao europeu do século XIX, i.e., para

---

<sup>71</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 89

as relações entre grandes potências.<sup>72</sup> Tal enfoque não seria apenas em conteúdo, mas também em forma, pois em 1969 Kissinger estabeleceu um “*back channel*” com Dobrynin (Embaixador soviético), pelo qual importantes decisões de bastidores foram tomadas (SCHULZINGER, 2012, p. 373, 378).<sup>73</sup>

Em seu livro, “*Diplomacy*”, Kissinger (1995) traça os primórdios da política de *détente* ao final dos anos 1960, na República Federal da Alemanha (RFA). Até 1969, o governo da RFA reconhecia apenas um governo alemão, o residente em Bonn, o que ficou conhecido como Doutrina Hallstein. Porém, quando Willy Brandt foi eleito chanceler, uma nova estratégia foi adotada: a *Ostpolitik* tinha como premissa que uma melhora nas relações com os soviéticos seria fundamental para futura reunificação alemã.<sup>74</sup> Nixon testemunhava tais investidas com receio, pois poucos anos antes, De Gaulle havia retirado a França do comando militar integrado da OTAN, fragilizando a Aliança, e uma possível deserção alemã seria ainda mais grave. Entretanto, a administração Nixon teria concluído que a nova postura era menos crítica do que suas alternativas; além disso, dado que a *Ostpolitik* representava concessões concretas, levou a uma aproximação entre as partes. Em 1971, um acordo garantiu liberdade à Berlim Ocidental, bem como seu acesso, eliminando um dos principais pontos de tensão da Guerra Fria (KISSINGER, 1995, p. 733-736).<sup>75</sup>

Além de Berlim, entre as principais preocupações dos anos 1960 estava a competição americano-soviética pela produção e instalação de mísseis balísticos intercontinentais (ICBMs, na sigla em inglês), e do sistema de defesa contra eles, os mísseis antibalísticos (ABMs, sigla em inglês). As superpotências vinham perscrutando dialogar sobre o tema desde 1967, mas apenas em 1969, por meio do “*back channel*” entre EUA e URSS, conversas se iniciaram efetivamente. Em 1971, as partes em questão acordaram em negociações separadas - uma para os ABMs (defensivo) e outra referente ao *Strategic Arms Limitation Treaty* (SALT) (ofensivo). O SALT I tratou dos ICBM e dos *Submarine-Launched Ballistic Missile* (SLBM), congelando o valor existente dos ICBMs no momento, i.e., 1054 ICBMs para os EUA e 1618 ICBMs para os soviéticos e determinando regras para a produção dos SLBM.<sup>76</sup> O *ABM Treaty* determinou um

---

<sup>72</sup> Em sua avaliação, Japão e Alemanha despontavam como novas forças econômicas, e a República Popular da China (RPC) era potencial rival e candidata à liderança do mundo comunista.

<sup>73</sup> Dentre os traços das relações diplomáticas europeias no século XX, a diplomacia secreta ocupava lugar de destaque e foi retomada durante a administração Nixon.

<sup>74</sup> *Ostpolitik* em português seria algo como política em direção ao Leste.

<sup>75</sup> Para informações mais detalhadas sobre o início da *Détente*, recomendamos o livro “*The Emergence of Détente in Europe – Brandt, Kennedy and the formation of Ostpolitik*”, de Arne Hofmann, especialmente as Partes 1 e 2.

<sup>76</sup> Desde o final dos anos 1960, os EUA haviam estabilizado sua produção de ICBM e mudaram o foco para *Multiple Independently Targetable Reentry Vehicle* (MIRV), um míssil contendo múltiplas ogivas nucleares e de difícil detecção (Schulzinger, 2012, p. 380).

limite de dois locais para a instalação de sistemas defensivos, um próximo à capital nacional e outro à escolha, reduzindo-se a apenas um local em 1974.<sup>77</sup> A premissa era que tais sistemas de defesa levariam as superpotências à nova competição, avultando a potencialidade de um *first-strike* com a intenção de limitar as defesas inimigas. As negociações se prolongaram entre novembro de 1969 e maio de 1972, quando Nixon se reuniu com Brezhnev (Secretário Geral Partido Comunista Soviético) e Gromyko (Ministro de Relações Exteriores da URSS) na Cúpula de Moscou para assinatura do acordo (SCHULZINGER, 2012, p. 379-380).<sup>78</sup>

Apesar da euforia inicial, Nixon passou a sofrer intensas críticas domésticas, pois a diferença entre o número de mísseis em ambos os lados foi vista como uma aceitação da superioridade militar soviética. O Senador Henry Jackson (D-Washington), “o principal linha-dura Democrata” de acordo com Wilentz, acusou o presidente de estabelecer compromissos nacionais de forma unilateral, sem reciprocas soviéticas e propôs uma emenda obrigando o país a buscar igualdade de forças num futuro acordo (KISSINGER, 1995, p. 750-751; SCHULZINGER, 2012, p. 383-384; WILENTZ, 2009, p. 51-52).<sup>79</sup> Em 1972, Jackson e outros 72 senadores aproveitaram o recém adquirido status de nação mais favorecida (NFM em inglês) soviético para demonstrar a insatisfação com a *détente* e precipitaram problemas sobre imigração na agenda bilateral ao proporem emenda conectando o status NMF à URSS à liberdade migratória.<sup>80</sup> Em 1973, o congressista Charles Venik (D-Ohio) introduziu emenda similar no Congresso, originando a emenda Jackson-Venik ao *Trade Reform Act*, sendo aprovada em 1974 e tirando o status comercial soviético e proibindo créditos do *Export-Import Bank* a Moscou. Em represália, a URSS limitou a imigração judaica e cancelou o acordo comercial com os EUA (GADDIS, 2006, p. 182-184; KISSINGER, 1995, p. 753-754; SCHULZINGER, 2012, p. 384).

Com o escândalo de Watergate e a posterior resignação de Nixon, Ford assumiu a presidência prometendo manter a política realista e Kissinger, apesar das críticas crescentes.<sup>81</sup>

---

<sup>77</sup> ICBMs e SLBMs são mísseis que tem acopladas ogivas nucleares e com capacidade de serem enviados a longas distâncias.

<sup>78</sup> Vale ressaltar que as negociações SALT I geraram o Tratado ABM e um *executive agreement*, que necessitava de aprovação do Congresso. O Tratado ABM foi aprovado com relativa facilidade no Senado (88 votos contra 2), mas foi determinado que durante o SALT II não seria feito outro *executive agreement*, mas sim um tratado formal, para que o Congresso pudesse aprová-lo ou não (HASTEDT, 2004, p. 19-20).

<sup>79</sup> Vale comentar que no staff de Jackson constava Richard Perle, importante figura neoconservadora que se tornaria 1st Assistant Secretary of Defense for Global Strategic Affairs entre 1981-1987 na administração Reagan. Isto ajuda a demonstrar a importância do pensamento neoconservador e suas ações contra a *détente*, o que seria continuado em Reagan.

<sup>80</sup> Entre 1968 e 1972, a emigração de judeus soviéticos subiu de 400 para 35 mil por ano, especialmente após o conflito entre Israel, Egito e Síria, no qual os soviéticos mantiveram-se do lado árabe, gerando grande descontentamento da população judia no país.

<sup>81</sup> O Escândalo de Watergate representa um dos maiores escândalos da esfera federal nos EUA. Em 1972, o Comitê Nacional Democrata no Watergate Office Building foi invadido e posteriormente descoberta uma ligação entre os invasores e o comitê de reeleição de Nixon. Conforme as investigações avançaram, o Congresso autorizou

Em 1974, uma renegociação com Brezhnev já estava agendada, com o intuito de debater o SALT. Foi confrontado com a decisão de seguir a linha realista de Kissinger e manter a estrutura do acordo inicial ou seguir o caminho proposto pelo seu Secretário de Defesa, James Schlesinger, e críticos “antirrealistas”, i.e., exigir igualdade por parte dos soviéticos. Wilentz (2009) afirma que Ford teria escolhido a segunda opção, exigindo valores igualitários. De qualquer forma, as negociações do SALT II previram a primeira real redução de armas nucleares, mas diversos fatores intervieram para sua não ratificação durante a administração Carter (WILENTZ, 2009, p. 52-53).

Com o final da Guerra do Vietnã em 1975, a détente se tornou ainda mais intrincada. A administração temia que a retirada norte-americana teria enviado um sinal que o país não tinha mais a capacidade de apoiar aliados contra investidas comunistas, obrigado Ford a adotar retórica mais agressiva contra os soviéticos. Em 1975, Kissinger concordou em usar a CIA para intervir na guerra civil angolana, para enviar um claro sinal de poder dos EUA. Contudo, a interferência se fez conhecida; o Congresso, receoso de outro Vietnã, bloqueou o envolvimento. Agravando a situação, Ford recusou um encontro com o dissidente Aleksandr Solzhenitsyn, famoso crítico do sistema soviético. Aos seus detratores, pareceu que o presidente estaria deixando direitos humanos de lado em razão da manutenção da détente. Durante seu momento nos holofotes, Solzhenitsyn acusou os Acordos de Helsinque como uma traição à Europa Oriental (SCHULZINGER, 2012, p. 389-390).

Juntamente com o Tratado ABM, os Acordos de Helsinque são considerados um dos mais importantes resultados da détente. Representaram os acordos finais da *Conference on Security and Cooperation in Europe*, iniciativa embrionada nos anos 1950 e que ganhou fôlego nos anos 1970 pela insistência de países europeus em melhorar as relações Leste-Oeste no continente. O tratado estabeleceu as fronteiras da Europa Central e Oriental do pós-2ª Guerra e unificou as vozes anti-détente nos EUA, que consideraram o acordo uma “capitulação (*sellout*)”. Jackson diria que os acordos representavam “uma capitulação formal à tirania soviética”; e Reagan, já buscando a nomeação à presidência pelo Partido Republicano em 1976, declarou que “Eu sou contra, e acho que todos os norte-americanos deveriam ser contra” (SCHULZINGER, 2012, p. 390; WILENTZ, 2009, p. 58-59).

Para Kissinger, os soviéticos estariam sempre em busca de legitimação e reafirmação de seu status de superpotência. A liderança soviética esperava que a conferência fomentasse as

---

investigações adicionais e o Senado um comitê de investigação em 1973. Testemunhas afirmaram que Nixon havia aprovado a invasão, com o objetivo de instalar sistema de escuta na sede democrata e, depois, agiu para abafar e impedir as investigações, o que foi comprovado pela liberação de informações da Casa Branca, a partir de decisão da Suprema Corte. Um processo de impeachment foi iniciado e em 9 de agosto de 1974, Nixon resignou.

relações soviético-europeias e, eventualmente, enfraquecesse a OTAN, o que não ocorreu. Em contrapartida, a categoria de direitos humanos deu significativa influência aos EUA sobre a área de influência soviética na Europa Oriental. Gaddis (2006) defende que os resultados foram positivos, pois “Helsinque se tornou, em resumo, uma armadilha moral” para a URSS. Wilentz (2009), por sua vez, expressa que “três décadas depois, os ataques à Helsinque parecem ridículos, até histéricos, dado que os acordos contribuíram para o crescimento da dissidência dentro da URSS e de seus satélites”.<sup>82</sup> Todavia, a assinatura dos acordos foi fundamental no cenário político norte-americano, pois 15 dias após a viagem de Ford, o senador Paul Laxalt (R-Nevada) formou o *Citizens for Reagan*, fomentando a disputa interna para as eleições de 1976 (GADDIS, 2006, p. 187-190; KISSINGER, 1995, p. 758; WILENTZ, 2009, p. 59).

A détente se manteve crucial na campanha presidencial de 1976. Após vitórias de Ford nas primárias de New Hampshire e Flórida, a campanha de Reagan passou a incorporar temáticas de política externa mais marcadamente. Reagan contava com o estrategista ultraconservador Thomas Ellis que, inteligentemente, colocou na pauta a decisão do governo Ford de devolver o Canal do Panamá ao Panamá, iniciada em 1974 por Kissinger.<sup>83</sup> A campanha reaganista passou a acusar Ford de vender-se para os “comunistas russos mestres de escravos”, trazendo-lhe vitórias no Texas, Georgia, Indiana, Nebraska e Califórnia.<sup>84</sup> Apesar disso, Ford venceu as primárias (por uma margem pouco significativa) e, após sua nomeação, enfrentou o “novato” Carter, que manteve a mesma estratégia de ataques à détente. O candidato Democrata criticou Helsinque por autorizar “a dominação russa sobre a Europa Oriental” e acusou pessoalmente Ford por não ter recebido Solzhenitsyn (SCHULZINGER, 2012, p. 391; WILENTZ, 2009, p. 65-70).

Com as pesquisas de opinião desfavoráveis, Ford convidou Carter para três debates entre os presidenciais. No primeiro, focado em política doméstica, Ford performou satisfatoriamente, derrotando Carter, que caiu 8 pontos percentuais nas pesquisas de opinião nacionais. Entretanto, o segundo debate focou na política externa, especialmente a détente. Questionado sobre Helsinque, Ford disse que “não existe uma dominação soviética sobre a Europa Oriental, e nunca haverá sobre uma administração Ford”. Considerada uma impropriedade imensa, foi posteriormente evocada por Carter numa crítica feroz, e Gaddis e

---

<sup>82</sup> A partir dos acordos, foi formado o Moscow Helsinki Group, uma entidade civil com o objetivo de acompanhar direitos humanos no bloco soviético. Eventualmente, outras organizações similares seriam formadas, como por exemplo a famosa Human Rights Watch.

<sup>83</sup> Thomas Ellis era advogado e um dos diretores do Pioneer Fund, que financiava grupos eugenistas para comprovar a superioridade genética de brancos sobre negros (Wilentz, 2009, p. 68).

<sup>84</sup> A política externa foi apenas uma das temáticas relevantes na eleição presidencial de 1976. Para informações mais aprofundadas sobre o processo, ver Neto (2010), Cp. 2.



Wilentz concordam que foi o fator decisivo na derrota do presidente (GADDIS, 2006, p. 189; WILENTZ, 2009, p. 71).

Inicialmente, Carter foi capaz de angariar apoio de ambos os lados do espectro político norte-americano. De um lado, criticou contundentemente o estilo secreto de Nixon-Kissinger, ao qual atribuiu o prolongamento da Guerra do Vietnã e adotou uma política baseada no respeito a direitos humanos, uma versão própria de wilsonianismo ou internacionalismo liberal. Por outro, criticou a amoralidade da *détente*, posição defendida pelos conservadores. De maneira geral, Carter é lembrado por sua tentativa de mudar o foco da política externa dos EUA do conflito Leste-Oeste para as disparidades socioeconômicas Norte-Sul e seu enfoque em direitos humanos. Contudo, conforme explicita Wilentz (2009), “apesar de suas boas intenções, tensões e rivalidades da Guerra Fria prejudicaram suas políticas de direitos humanos” e eventualmente alienaram o suporte de alas liberais e conservadoras. Contudo, isto não significou que sua política externa teria descartado a *détente* e Wilentz, por exemplo, afirma que “especialmente na área de controle de armas, assumiu a continuação da *détente* de forma modificada”. Gaddis (2005) compartilha tal visão e afirma que Carter não teria desenvolvido uma nova estratégia e se baseou nos princípios de Kissinger, contudo buscando construir aprovação doméstica. Embora com resistências domésticas, Carter previu a continuidade da *détente*, mas acoplada a princípios de direitos humanos, que não seriam bem-recebidos pelos soviéticos. Brezhnev, por exemplo, passou a dizer que a política externa de Carter era uma “guerra psicológica (*psychological warfare*)” (GADDIS, 2005, p. 345; LIPPERT, 2008, p. 194; WILENTZ, 2009, p. 99-106).<sup>85</sup>

Wilentz (2009) argumenta que Carter era constrangido a criticar a URSS, dada sua agenda de direitos humanos. O autor cita um memorando de Jody Powell (Secretário de Imprensa 1977-1981) explicando a necessidade de tal crítica para satisfazer elementos conservadores e ganhar “flexibilidade doméstica” para outras agendas. Entretanto, uma semana após sua posse, os EUA criticaram a forma como a URSS intimidava o importante dissidente Andrey Sakharov, o que alienou a opinião de Brezhnev sobre o novo presidente. Para o autor, Carter foi incapaz de transmitir uma mensagem unificada, pois enquanto criticava abertamente a *Realpolitik*, mantinha discurso pro-*détente* e ofertas de negociação do SALT II. As negociações do novo SALT seguiram e importantes concessões foram feitas de ambos os lados; contudo, já em 1977, as relações gradativamente se deterioraram, pois os soviéticos iniciaram a instalação de seus novos mísseis balísticos, o SS-20, capazes de atingir qualquer ponto na Europa Ocidental. Para piorar a situação, os cubanos aumentaram drasticamente sua presença na Angola e na

---

<sup>85</sup> Para uma análise mais completa da relação entre *détente* e direitos humanos durante a administração Carter, recomendamos Vaughan, 2008.

Etiópia. Como resposta, em 1978, Zbigniew Brzezinski (Assessor de Segurança Nacional) visitou a China Comunista, com o intuito de normalizar relações com o país asiático e chamou os agentes soviéticos na África de “saqueadores internacionais”, elevando ainda mais as tensões (WILENTZ, 2009, p. 106-108).

Apesar dessa escalada de tensões, o SALT II foi finalizado e assinado na Cúpula de Viena, em 19 de junho de 1979. O novo acordo foi aprovado por 2/3 do eleitorado, o que gerou louros a Carter. Porém, em dezembro, dois acontecimentos levaram ao colapso das relações americano-soviéticas. Em 12 de dezembro, os países da OTAN concordaram com a estratégia *dual-track*, uma resposta à instalação dos SS-20 soviético com o desenvolvimento de uma versão norte-americana, o *Pershing II*, a ser instalado estrategicamente caso as negociações falhassem. No dia 25 de dezembro, a URSS invadiu o Afeganistão para proteger o governo pró-Moscou do país mulçumano, o que foi interpretado pelos norte-americanos como importante evidência de expansionismo soviético e como decorrência de seu recém-adquirido poder militar vis-à-vis a fraqueza dos EUA (HUGHES, 2009, p. 10-11 WILENTZ, 2009, p. 108-109).

A resposta de Carter foi atipicamente linha-dura: retirou o pedido de ratificação do SALT II do Senado e impôs um embargo de grãos à URSS; apresentou uma “Doutrina Carter”, que consistiu na promessa de proteção norte-americana à região do Golfo Pérsico, e cancelou a participação dos EUA nos Jogos Olímpicos de Moscou de 1980. Contudo, Wilentz defende que tais medidas forma essencialmente simbólicas e não capazes de reverter a opinião geral sobre sua atuação internacional. Os Democratas começavam a se alinhar ao Senador Edward Kennedy, que pretendia buscar a nomeação de seu partido em 1980, e os conservadores e neoconservadores já haviam definido Reagan como seu representante (WILENTZ, 2009, p. 110).

Apesar da disputa com Edward Kennedy nas primárias democratas, Carter obteve a indicação do partido e enfrentou Reagan nas eleições. Novamente, temáticas de política externa e a détente, especialmente, ocuparam espaço de destaque. Evidência dessa importância pode ser identificada no único debate entre os presidenciáveis, ocorrido em 28 de outubro de 1980. Seis temáticas de fundamental importância contemporânea aos EUA de 1980 foram abordadas: forças armadas, economia doméstica, políticas urbanas, terrorismo, negociações para reduções de armas, e energia.<sup>86</sup> As temáticas evidenciam peso igualitário entre o doméstico e o internacional, com a détente ocupando papel central no segundo. Questionado por Marvin Stone (*U.S. News*

---

<sup>86</sup> Em termos de economia, os EUA enfrentaram um processo de estagflação, conceito econômico que combina os efeitos negativos da inflação e desemprego. Para maiores informações, ver Collins (2007) Cp. 3-4. Sobre políticas urbanas, a violência se tornaria aspecto central nas cidades norte-americanas no período, especialmente após a introdução no país do craque, ver Collins (2007) Cp. 5. Por fim, os problemas com energia se deviam à Segunda Crise do Petróleo, iniciada pela Revolução Iraniana em 1979.

*and World Report*) sobre a importância da força, Reagan argumentou que “o fardo de manter a paz recaí sobre nós (os EUA). E para manter esta paz, precisamos de força”. Acusou Carter de ser incapaz de gerenciar as crises e ainda gracejou alegando que “eu não sei quais são as políticas do Sr. Carter”. No tocante ao terrorismo, Barbara Walters (*ABC News*) endereçou questão polêmica à Reagan ao lhe perguntar se os EUA teriam o poder ou o direito de determinar a forma de um governo considerado hostil enquanto aceita comportamentos diferentes para regimes amigáveis. Reagan aproveitou para criticar o enfoque em direitos humanos e trouxe à tona sua diferenciação entre regimes autoritários e totalitários, que basearia sua política externa. Indo além, disse “eu acho que esta é uma espécie de política hipócrita quando, ao mesmo tempo, mantemos uma **détente** com a única nação no mundo onde **não há direitos humanos**” (grifo nosso). Já ao final, Stone sublinha a diferença no formato de relação com os soviéticos defendidos por ambos, especialmente no que toca o controle de armas. Reagan diz que Carter cancelou os principais programas militares do país e que em relação ao SALT II “a União Soviética sentou-se à mesa, sabendo que havíamos avançado com concessões unilaterais, sem qualquer retribuição deles.”. Ainda explica que “apesar de todas as nossas tentativas de limitação de armas, eles avançaram com o maior fortalecimento militar na história da humanidade”.<sup>87</sup>

Como muitas questões associadas à Reagan, seu debate presidencial alcançou números excepcionais. Até 2016, havia sido o mais assistido debate presidencial na história dos EUA - sendo superado recentemente por Clinton/Trump - alcançando 80,6 milhões de telespectadores, 58,9% de todos os domicílios no país.<sup>88</sup> Para autores como Collins (2007) e Wilentz (2008), a performance de Reagan foi fundamental na consolidação dos resultados eleitorais uma semana depois. A vitória de Reagan é lembrada como um “terremoto eleitoral” e um “trunfo conservador”, pois o “apóstolo do neoconservadorismo” recebeu 51% dos votos populares e 489 votos no colégio eleitoral (contra apenas 49 de Carter). Os Democratas perderam o Senado pela

---

<sup>87</sup> “1980 Ronald Reagan/Jimmy Carter Presidential Debate no Cleveland Convention Center Music Hall 28 de outubro de 1980”. *Ronald Reagan's Major Speeches, 1964-89, Pre-Presidential Speeches*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/10-28-80debate> (último acesso 03/02/2020).

<sup>88</sup> “At 84 Million Viewers, Debate Was the Most-Watched Ever”. *The New York Times*. 27.09.2016. <https://www.nytimes.com/2016/09/28/business/media/at-nearly-84-million-viewers-debate-may-be-the-most-watched-ever.html> (Acesso 04.02.2020). “You’ll Never Guess the Most-Watched Presidential Debate in History”. *The Wrap*. 25.09.2016. <https://www.thewrap.com/trump-clinton-presidential-debate-tv-ratings-history/> (último acesso 04.02.2020).

primeira vez desde 1955, além de 33 assentos no Congresso e mais de 200 lugares nas legislaturas estaduais (NISBET, 2017, p. 110-111; TROY, 2005, p. 27, 37-40).

Ademais, o debate é representativo por também explicitar de forma clara as ideias de Reagan sobre o papel danoso da détente para o país. Em primeiro, na visão de Reagan as negociações e o acordos realizados durante os anos 1970 foram essencialmente negativos para os EUA, pois acabaram levando o país a um enfraquecimento militar relativo. Em segundo, para ele o país adotou uma política de apaziguamento e concessões aos soviéticos em nome da paz e da normalização das relações. Em terceiro, Reagan entendia que a fragilização dos EUA teria permitido aos soviéticos expandirem seu império, ameaçando os interesses vitais do país pelo mundo. Assim, Reagan e sua nova administração investiriam frontalmente contra a détente e seus resultados, levando ao seu declínio entre 1981 e 1983.

### 1.3.2. Reagan versus a Détente

Inexiste nítido consenso literário sobre o final da détente. Dujardin (2008) reitera que em março de 1976, Ford anunciou a substituição da détente por uma “Paz através da Força (*Peace Through Strength*)” , p. 73). Entretanto, Gala (2008) garante que os europeus se manteriam firmes apoiadores da política, mesmo após a instalação de novos armamentos soviéticos no final da década de 1970, e manteriam suas relações embasadas nela (GALA, 2008, p. 115). Paralelamente, Opris (2008) assegura que os soviéticos percebiam a détente como fundamental e não estavam prontos para abandoná-la (OPRIS, 2008, p. 207). Bange (2008), citando comentários de figuras da época, testemunha que o início da administração Reagan como uma “era pós-détente”, ideia compartilhada por Njostald (2012) e Matlock Jr. (2008) (BANGE, 2008, p. 235; MATLOCK JR., 2008; NJOLSTAD, 2012). Gaddis (2006) também posiciona Reagan na centralidade do debate, mas defende, por outro lado, que teria sido um “grande estrategista” por justamente haver entendido que a détente perpetuava a Guerra Fria e, por isso, ter agido para sua superação (GADDIS, 2006, p. 217).

Embora distintas, notam-se entre os entendimentos um processo de transição entre a détente dos anos 1970 e uma “Nova Guerra Fria” ou “Segunda Guerra Fria” (DUJARDIN, 2008, p. 83; FASANARO, 2008, p. 248).<sup>89</sup> Nesta seção, evidenciaremos a persistência da détente na política externa norte-americana entre 1981 e 1982 e argumentamos que duas decorrências

---

<sup>89</sup> De forma geral, se identifica a chegada ao poder de Mikhail Gorbatchov em 11 de março de 1985 como momento de mudança nas relações americano-soviéticas.

fundamentais se desenvolveram: em primeiro, o conhecido fortalecimento militar ou *military build-up* dos EUA; em segundo, um conceito relativamente menos citado na literatura, o princípio de ligação ou *linkage* no trato diplomático.

Froman (1991) argumenta que a détente teria sido um “elemento marginal” da política externa reaganista, tendo as ideias de contenção e *roll-back* como mais preeminentes.<sup>90</sup> Por outro lado, o autor sugere o renascimento da détente a partir de 1985, tendo Reagan como figura central, para consternação de sua base conservadora (FROMAN, 1991, p. 96). Embora concordemos com a segunda hipótese, fontes documentais demonstram a persistência e importância da ideia de détente nas relações bilaterais. Por exemplo, logo em sua primeira conferência de imprensa, Reagan foi questionado por Sam Donaldson (*ABC News*) sobre a continuidade da política, replicando que “até agora, a détente tem sido uma via de mão única em que os soviéticos aproveitaram para perseguir seus próprios interesses” (Reagan, 29 de janeiro de 1981).<sup>91</sup>

A ideia da détente como política lesiva aos EUA se perpetuou pela nova administração. Filiados ao CPD e agora membros da administração identificavam a paridade de forças e a reciprocidade como fundamentais para uma “distensão real”. Neste sentido, os soviéticos teriam visto a oportunidade de alcançar uma suposta superioridade estratégica e, por isso, as negociações para controle de armas, SALT I e II, foram condenadas (FROMAN, 1991, p. 101-102). A nova hostilidade é acentuada: o staff do *National Security Council* (NSC) explicitou que “Brezhnev quer uma reunião para ressuscitar a détente e **desacelerar o fortalecimento militar dos EUA e da OTAN**” (grifo nosso). Afirmam, além, que a insistência soviética por uma cúpula faria parte de “campanha pela détente”, estratégia arquitetada, entre outros motivos, para desencorajar o fortalecimento militar dos EUA e seus aliados. Os norte-americanos detectavam fortes indícios de que os soviéticos “querem muito ressuscitar a détente”, pois Brezhnev a teria defendido discursivamente.<sup>92</sup> Corroborando as ideias norte-americanas, a primeira correspondência de Brezhnev para Reagan explicita crescente preocupação soviética com uma nova corrida armamentista e afirma que “a União Soviética apresentou novas e grandes

---

<sup>90</sup> A política de contenção ou *containment* foi desenvolvida pelo diplomata norte-americano George F. Kennan e aplicada pela administração de Harry Truman em diante. Fundamenta-se na ideia de conter a expansão soviética e de sua ideologia pelo mundo. A ideia de *roll back* ou reversão, por outro lado, está largamente associada à Reagan e prescreveria a reversão do império soviético pelo mundo, e não apenas sua contenção. Entretanto, a ideia de reversão é comumente associada ao conceito de Doutrina Reagan, temática que não será largamente debatida nesta dissertação. Para maiores informações, sugerimos Pach, 2006.

<sup>91</sup> “The President’s News Conference no Old Executive Office Building 29 de janeiro de 1981”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/12981b> (último acesso 03/11/2019).

<sup>92</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 24

iniciativas permeadas de profunda preocupação para conter a corrida armamentista, **aprofundar a détente**” (grifo nosso).<sup>93</sup>

A preocupação de Brezhnev com uma nova corrida armamentista se originou da contundente promessa de Reagan de reconstruir o poderio bélico norte-americano. A percepção reaganista de enfraquecimento relativo dos EUA vis-à-vis a URSS em razão da détente é central na literatura, e também em fontes documentais.<sup>94</sup> Lawrence Eagleburger<sup>95</sup> (Secretário de Estado Assistente), por exemplo, acusou os soviéticos de “(eles) ainda esperam trazer uma **détente unilateral e atrapalhar nosso programa de defesa**” (grifo nosso), visão que foi compartilhada por Haig (Secretário de Estado).<sup>96</sup> Embora o primeiro ano tenha sido focado na agenda econômica doméstica, a suposta fraqueza norte-americana era tópico frequente do presidente. Numa fala ao *National Press Club*, Reagan afirmou que

“Na última década, os Estados Unidos reduziram o tamanho de suas forças armadas e diminuíram seus gastos militares. Os soviéticos aumentaram constantemente o número de militares. Agora, eles somam mais que o dobro dos Estados Unidos. No mesmo período, os soviéticos expandiram seus gastos militares reais em cerca de um terço. A União Soviética aumentou seu estoque de tanques para cerca de 50.000, em comparação aos nossos 11.000. Historicamente, uma potência terrestre, eles transformaram sua marinha de uma força de defesa costeira em uma frota oceânica, enquanto os Estados Unidos, uma potência marítima com alianças transoceânicas, cortaram sua frota pela metade”.<sup>97</sup>

O entendimento desta fraqueza produziu como resposta a política militarista *military build-up* ou de fortalecimento militar (tradução aproximada). Reconhece-se Reagan pelo maior investimento bélico em tempos de paz nos EUA. Como Flamm (2009) explica, durante os anos 1980 o país passou por uma “grande expansão do arsenal convencional e completa modernização do arsenal nuclear” (EHRMAN; FLAMM, 2009, p. 109). Em outubro a administração aprovou o NSDD-12, que estipulou as diretrizes do fortalecimento. Em seu preâmbulo, o NSDD-12 explicita:

“O programa de modernização delineado por esta diretiva orientará o desenvolvimento a longo prazo de nossas forças estratégicas. **Ajudará a corrigir o deteriorado equilíbrio estratégico com a União Soviética.** O resultado será um impedimento muito mais seguro e estável do que nossas atuais forças nucleares. O programa também nos dará uma força mais resistente às tentativas soviéticas de negar nosso progresso. Por sua

<sup>93</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 26

<sup>94</sup> Ver Walsh (2007), Cp. 2.

<sup>95</sup> Secretário de Estado Assistente designado para Assuntos Europeus até maio de 1981; Secretário de Estado Assistente para Assuntos Europeus até janeiro de 1982; Subsecretário de Estado para Assuntos Políticos.

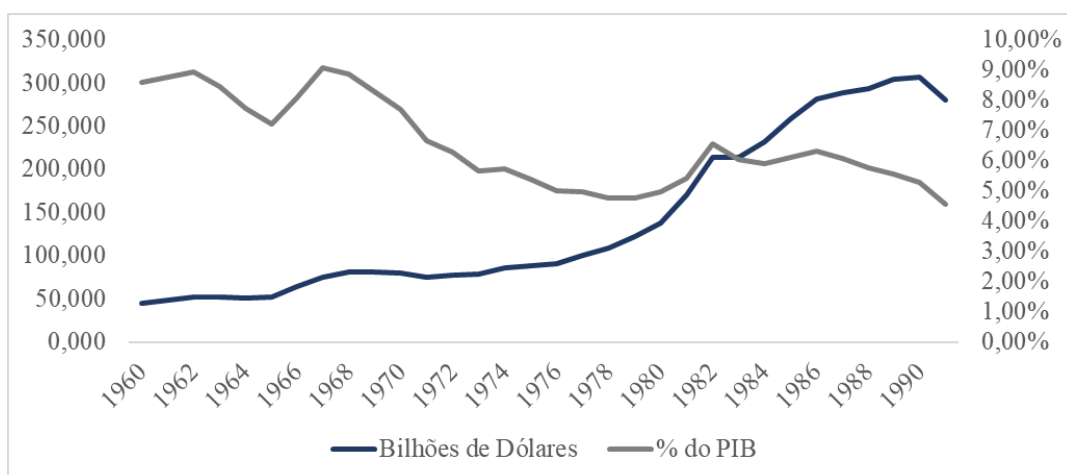
<sup>96</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 55

<sup>97</sup> “Remarks to Members of the National Press Club on Arms Reduction and Nuclear Weapons no National Press Club Building 18 de novembro de 1981”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/111881a> (último acesso 03/11/2019).

vez, isso deve criar melhores incentivos para os soviéticos negociarem uma redução genuína de armas” (grifo nosso).<sup>98</sup>

Entre os principais programas bélicos, incluem-se o desenvolvimento dos bombardeiros B-1, os mísseis de cruzeiro B-52, os submarinos Trident e seus respectivos mísseis D-5 e os mísseis balísticos MX. Conforme ilustrado por uma variedade de pesquisas, os gastos militares dos anos 1980 representam os maiores numa longa série temporal. Durante a década, foram gastos aproximadamente USD 2,2 trilhões, apesar de este montante representar um percentual do PIB inferior aos anos 1960. O Gráfico 1 abaixo mostra o comportamento temporal dos gastos:

Gráfico 1: Gastos Militares Norte-Americanos entre 1960-1990 em Bilhões de USD e em % de PIB (valores nominais).



Fonte: U.S. Military Spending/Defense Budget 1960-2020. Macrotrends.<sup>99</sup>

Embora uma política pragmática, as ideias alicerçam sua elaboração, defesa e implementação. Reagan e seus subordinados defenderiam veementemente o equilíbrio de forças entre as duas superpotências, que, conforme eles, tinha sido dissolvido pelas iniciativas soviéticas durante a détente. Reagan acusa Brezhnev de “o incessante e abrangente fortalecimento militar da URSS nos últimos 15 anos, um fortalecimento que, em nossa opinião, excede em muito os requisitos puramente defensivos e traz implicações perturbadoras de uma

<sup>98</sup> “NSDD 12 Strategic Forces Modernization Program”. *National Security Decisions Directives*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/digital-library/nsdds> (último acesso: 10.05.2019).

<sup>99</sup> “U.S. Military Spending/Defense Budget 1960-2020”. Macrotrends. <https://www.macrotrends.net/countries/USA/united-states/military-spending-defense-budget> (último acesso 10.02.2020)

busca pela superioridade militar”.<sup>100</sup> Em junho de 1981, Haig (Secretário de Estado) clarifica a posição com

“a União Soviética tem uma vantagem de 2 pra 1 em divisões implantadas, uma vantagem de 3 pra 1 em tanques, uma vantagem de 4 pra 1 em artilharia e uma vantagem de 2 pra 1 em aeronaves. [...] Como nossos especialistas indicaram em Genebra, por qualquer cálculo razoável, o lado soviético tem uma vantagem de 3-1 a 6-1, e a disparidade está sendo agravada [...] Portanto, atualmente é um desequilíbrio muito grande, tanto em relação às armas convencionais quanto às armas nucleares”.<sup>101</sup>

Para os estudiosos do reaganismo, a questão bélica é, sem dúvida, de vital importância. Dixon (1985), por exemplo, afirma que Reagan nunca teve uma verdadeira política externa, mas somente uma versão militarista (DIXON, 1985). Petersen (2004), por outro lado, argumenta que a política externa reaganista foi bem planejada, tendo o militarismo apenas como etapa inicial. Ainda hoje, é possível identificar polêmicas na historiografia. Walsh (2007) afirma, por exemplo, que gastos militares seriam pouco significativos, dada a difícil medição e comparação do rublo frente ao dólar e do poder de compra de cada moeda (WALSH, 2007). Além disso, dados disponíveis permitem verificar que os investimentos bélicos vinham aumentando desde 1976, comprovando, por exemplo, a alegação de Ford de que ele havia recomeçado a reconstrução militar norte-americana e mesmo as afirmações de Carter de que sua administração não havia reduzido gastos militares. Garthoff (2004) conta ainda que a CIA teria identificado em 1983 erros nas análises e vinha superestimando o poderio bélico soviético desde 1976; neste sentido, os EUA vinham baseando suas premissas em dados equivocados (GARTHOFF, 2004, p. 150-151).

Em paralelo ao fortalecimento militar, um novo princípio de relação bilateral tomaria lugar: o *linkage*. Froman (1991) o entende como “*Linkage* sugeria que, ao ameaçar reter os frutos da cooperação, os EUA poderiam impedir os soviéticos de se envolverem em condutas à qual os EUA se opunham” (FROMAN, 1991, p. 3). Simplificadamente, os EUA se negariam a negociar se os soviéticos não demonstrassem “um bom comportamento internacional”; na prática, isso significou a supremacia de aspectos geopolíticos sobre o controle de armas, uma inversão da *détente* dos anos 1970.

Desde os anos 1970, neocons criticavam a *détente* por subordinar questões geopolíticas a interesses estratégicos. De fato, pode-se argumentar que com a invasão do Afeganistão, Carter retornou este princípio à política externa norte-americana, mas durante a administração Reagan,

---

<sup>100</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 47

<sup>101</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 186



a ideia se torna conceituada e institucionalizada. Num memorando do NSC, explica-se que Haig avisou à Dobrynin sobre o linkage entre controle de armas e o “comportamento internacional soviético”.<sup>102</sup> Eagleburge (Secretário de Estado Assistente) afirma, por exemplo, que “*linkage* é um fato da vida e deve ser usado como importante ferramenta de política”.<sup>103</sup> A partir de março de 1981, é formado o Comitê de Coordenação Interagência para Assuntos EUA-URSS. Em sua primeira minuta, o Comitê afirma: “nossas relações serão conduzidas com base no linkage. Garantiremos que os soviéticos entendem que nenhum aspecto de nossa relação será realizado no vácuo.”<sup>104</sup>

O princípio de linkage é fundamental para a compreensão dos aspectos geopolíticos na nova administração. De forma geral, a literatura tende a lidar com estes tópicos sob o ponto de vista da Doutrina Reagan. O termo foi cunhado pelo jornalista Charles Krauthammer em 1985, após uma série de discursos de Reagan defendendo a atuação dos EUA na Nicarágua e supõe o *rollback* do império soviético por meio da atuação norte-americana, mesmo em regiões “congeladas” do conflito, como a Europa Oriental (PACH, 2006, p. 75-79). Apesar do conceito ser um dos mais importantes na compreensão do reaganismo, está muito associado às operações secretas desenvolvidas pela CIA ao longo da década. Por meio da análise dos documentos do FRUS, por outro lado, é possível perceber a instrumentalização diplomática destas regiões copiosamente ao longo dos primeiros anos.

O novo princípio gerou consternação nos soviéticos. Após conversa com Dobrynin, Haig descreve o desejo soviético de negociar “Cuba, África, Afeganistão, controle de armas e comércio quando os EUA quiserem”; contudo “Moscou não poderia aceitar o conceito de *linkage*”.<sup>105</sup> Durante os meses seguintes, os soviéticos rejeitariam contundentemente o princípio, argumentando que os norte-americanos estariam “criando desculpas” para evitar engajar-se em negociações reais. Durante as conversas em Nova Iorque em setembro, o princípio foi evocado por Haig para explicar que o conceito seria fundamental, pois era a forma dos EUA “desafiar as ações ilegais dos soviéticos” pelo mundo.<sup>106</sup>

Inesperadamente, Pipes (Staff Conselho de Segurança nacional) se coloca como principal voz contrária ao princípio. Num memorando de abril de 1982, diz que a existência de uma ligação entre as ações soviéticas pelo mundo e controle de armas seria “basicamente imperfeito”. Argumenta que a competição nuclear é *sui generis* devido ao emocionalismo envolvido, algo que

---

<sup>102</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 19

<sup>103</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 28

<sup>104</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 29

<sup>105</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 58

<sup>106</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 90

nenhuma situação geopolítica detém e, por isso, “as pessoas no mundo livre têm tanto medo da corrida armamentista e do risco de guerra nuclear que não estão preparadas para enfrentar os russos em qualquer questão regional”.<sup>107</sup> Sua opinião parece ter surtido efeito, pois em maio Reagan escreve à Brezhnev “certos eventos internacionais, como as invasões da Tchecoslováquia e do Afeganistão, minaram as perspectivas de redução de armas nucleares”, mas “agora estamos preparados para avançar” e sugere o início das negociações do *Strategic Arms Reduction Treaty* (START).<sup>108</sup> A mudança de postura foi bem recebida pelos aliados europeus e a opinião pública geral, que pressionavam a administração neste sentido. Todavia, hoje é possível comprovar que a iniciativa teve motivos menos nobres: dada a saúde fragilizada de Brezhnev, a administração o pressionou por um início rápido das negociações, sabendo que, na afirmativa, se confirmaria sua debilidade como liderança e na negativa, uma má propaganda frente à opinião pública.<sup>109</sup>

Em julho de 1982, Reagan finalmente aceitou o pedido de resignação de Haig, que vinha enfrentando dificuldades na administração e o substituiu por George Schultz. Wilentz (2008) afirma que o perfil diplomático de Schultz foi fundamental nos rumos da relação bilateral e já em seu primeiro encontro com Gromyko em outubro, é notável o perfil menos conflitivo. Sob sua liderança, o *linkage* passa a ser cada vez mais questionado. Em setembro, Eagleburger (Secretário de Estado Assistente) declara “negociações nucleares com os soviéticos voltarão ao centro do palco nos próximos meses”, argumentando que o novo vigor da administração e o comprometimento com o fortalecimento militar finalmente havia levado os soviéticos a aceitarem premissas norte-americanas. Porém, ressalta que “um esforço dos EUA para obter progresso no START levaria os soviéticos a concluírem que toda a conversa sobre *linkage* era somente isso: uma conversa”.<sup>110</sup>

Embora com preocupações, a administração vai gradativamente deixando de lado o princípio. Em dezembro, Pipes produz o memorando “*Engaging the Soviets in a Serious Effort to Make Progress—Is Now the Time?*”. Nele, argumenta que seria o momento de “mover-se da confrontação para negociações sérias com o objetivo de encontrar soluções para as maiores áreas de desacordo”, pois após dois anos, o declínio militar norte-americano havia sido revertido e o país se encontrava novamente capaz de defender seus interesses pelo mundo. Alega que “pela primeira vez numa década”, a *détente* havia sido redirecionada para conter o expansionismo soviético. Questiona retoricamente qual área a política externa norte-americana deveria dar

---

<sup>107</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 155

<sup>108</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 166

<sup>109</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 162

<sup>110</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 211

atenção “questões regionais, controle de armas ou direitos humanos” e conclui que as negociações de controle de armas representavam a melhor oportunidade.<sup>111</sup>

Com a morte de Brezhnev e a chegada ao poder de Iuri Andropov, a nomeação de Schultz, os efeitos do fortalecimento militar e o declínio do linkage, o final de ano de 1982 pareceu demonstrar grandes possibilidades para as relações americano-soviéticas. Contudo, conforme visto na seção 2.2, também se observou o aumento progressivo da retórica agressiva do presidente, que vinha sendo importante empecilho na melhora das relações. Entretanto, em janeiro de 1983, após dois anos de estudo e preparo, o NSDD 75 ficou pronto e tratava das relações americano-soviéticas. Embora não fosse público à época, a diretiva determinou que a estratégia norte-americana consistiria em três elementos: resistência externa ao imperialismo soviético; pressões internas na URSS, e negociações para eliminar desacordos marcantes, com base na estrita reciprocidade. Em vários sentidos, a diretiva manteve a postura combativa até então demonstrada e estipula como um dos objetivos prioritários

“Construir e sustentar uma grande ofensiva ideológica e política que, juntamente com outros esforços. (Esta ofensiva) Será projetada para trazer mudanças evolutivas do sistema soviético. Este deve ser um programa sofisticado e de longo prazo, dada a natureza do sistema soviético”.<sup>112</sup>

Durante o ano de 1983, uma série de eventos e crises levariam ao fim efetivo da détente. Em março, poucas semanas após o discurso “Império do Mal”, Reagan propôs sua Iniciativa Estratégica de Defesa ou SDI (sigla em inglês), popularmente conhecido como “Star Wars”. A ideia previa o desenvolvimento de longo-prazo de um sistema de defesa nuclear estacionado no espaço, que teria quatro estratos defensivos baseados nas fases de trajetória dos mísseis ICBM. A proposta de Reagan foi vista com jocosidade e irritação por membros do partido Democrata e mesmo do Republicano, pois a maior parte da comunidade científica nos EUA e URSS não acreditava na viabilidade da proposta. Apesar disso, o programa se tornou ponto fundamental nas relações bilaterais, pois desestabilizou a longa estratégia de distensão baseada no conceito estratégico de *Mutual Assured Destruction* (MAD). De acordo com o MAD, os arsenais nucleares tornavam as populações de cada lado “reféns”, pois um ataque seria seguido de retaliação e destruição imensas.<sup>113</sup> Além disso, o projeto se encontrava num ténue limiar jurídico,

---

<sup>111</sup> FRUS 1981-1989, v. III, URSS, Jan/1981-Jan/1983, 211

<sup>112</sup> “NSDD 75 US Relations with USSR”. *National Security Decisions Directives*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/digital-library/nsdds> (último acesso: 10.05.2019).

<sup>113</sup> O SDI é copiosamente investigado na literatura, mas seu principal destaque ocorre a partir de 1985, com a chegada de Gorbachev ao poder e as cúpulas das negociações START. Para maiores informações, sugerimos Hastedt, p. 460-461.

devido ao Tratado ABM, e os soviéticos argumentariam que se tratava de um desrespeito claro ao referido acordo (HASTEDT, 2004, p. 460-461; HEUSER, 2008, p. 139).

No mesmo período, norte-americanos e seus aliados realizaram um exercício naval no Pacífico, chamado *FleetEx83*, que consistia em três porta aviões e outros navios menores. É considerado o maior exercício naval realizado na região desde a 2ª Guerra, contando com mais de 23 mil membros. Conforme narra Heuser (2008), o objetivo do exercício era “explorar as vulnerabilidades das instalações militares soviéticas na península de Kamchatka”. Para tanto, aviões norte-americanos intencionalmente contornaram a vigilância e adentraram no espaço aéreo soviético na Ilhas Kuriles, obrigando soviéticos a manterem seus próprios aviões preparados e gerando uma crise diplomática (HEUSER, 2008, p. 138-139).

Em 1 de setembro de 1983, os soviéticos derrubaram o avião civil sul-coreano Kal 007. Na região próxima, o avião norte-americano RC 135 se comunicava com um satélite e recentemente havia sido instalado um lançador de componentes espaciais, levando os soviéticos a acreditarem que alguma operação estaria sendo realizada. O avião foi monitorado por duas horas, mas acabou sobrevoando área de testes de mísseis, e havia um teste agendado para aquela noite e, por isso, o General Anatoly Kornukov mandou derruba-lo (HEUSER, 2008, p. 139).

Em 25 de outubro, os EUA invadem o país-ilha caribenho Granada. O país representou a única real intervenção militar dos EUA durante Reagan e, por isso, é visto normalmente como exemplo fundamental da aplicação da Doutrina Reagan. O pequeno país era comandado pelo pró-cubano Maurice Bishop, mas um golpe de Estado levou ao seu assassinato e substituição por elementos radicais marxistas. Na ilha havia a *St. George's University Medical School*, frequentada por mais de 800 universitários norte-americanos e tal situação foi rapidamente associada ao caso dos reféns no Irã. Segundo o NSDD 110 "o golpe e a subsequente desordem em Granada criou uma situação que poderia seriamente colocar em risco a vida de cidadãos norte-americanos" e “o aparente colapso do controle criou uma situação que pode levar a maior radicalização na sociedade de Granada e aumentar as atividades e presença de Cuba e da URSS”.<sup>114</sup> A ação de Reagan foi decisiva: envio de 7600 tropas e a derrota das forças locais em apenas quatro dias. A atuação foi veementemente criticada pelos soviéticos. Segundo Heuser (2008), “um orador disse a uma multidão de 400.000 em uma manifestação em Leningrado que a situação internacional era agora mais perigosa do que em qualquer outro momento desde a Segunda Guerra Mundial” (HEUSER, 2008, p. 139).

---

<sup>114</sup> “NSDD 110 Grenada: Contingency Planning”. *National Security Decisions Directives*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/digital-library/nsdds> (último acesso: 10.05.2019).

Todavia, o caso mais grave aconteceu no início de novembro. Entre 7 e 11 de novembro, EUA e OTAN realizaram o exercício *Able Archer 83*, simulando uma situação de DEFCON 1 e um ataque nuclear coordenado. O exercício inseriu novos instrumentos organizacionais e tecnológicos, lhe dando um nível de realidade sem precedentes e, adicionando os eventos recentes, uma série de interpretações equivocadas tomariam lugar. Inicialmente, os soviéticos captaram troca intensa entre EUA e Reino Unido, mas que em realidade tratavam-se sobre a situação em Granada. Além disso, as novidades tecnológicas foram interpretadas de acordo com as recentes falas de Reagan que vinha defendendo o novo poder norte-americano e, assim, consideradas um presságio de um ataque iminente. Os soviéticos, em resposta, colocaram os países bálticos, a Tchecoslováquia, a Polônia e a Alemanha Oriental em alerta máximo e em preparo para uma resposta nuclear. A tensão diminuiu apenas com o fim do exercício e, por meio do espião britânico na KGB, Oleg Gordievsky, o ocidente tomaria conhecimento do quão perto a guerra nuclear havia chegado. Fischer (2010) considera este o evento mais significativo em sua teoria de “*Reagan Reversal*” e, de fato, o evento parece ter causado grande impacto em Reagan (FISCHER, 2010, Cp. 5; HEUSER, 2008, p. 139-140). Em suas memórias, Reagan escreveu

Muitas pessoas no topo da hierarquia soviética estavam realmente com medo da América e dos americanos. Talvez isso não devesse me surpreender, mas foi o que aconteceu. De fato, tive dificuldade em aceitar minha própria conclusão a princípio. Eu sempre senti que, por nossas ações, deveria ficar claro para qualquer pessoa que os americanos são um povo moral que, a partir do nascimento de nossa nação, sempre usou nosso poder apenas como uma força do bem no mundo. (REAGAN, 2011, Cp. 74).

O *Able Archer* foi evento fundamental e é frequentemente evocado como estudo de caso para demonstrar o quão perigoso foi o ano de 1983. Após o exercício, as relações bilaterais não somente alcançaram sua baixa histórica, como também um altíssimo nível de hostilidade. No dia 22 de novembro de 1983, o Parlamento da Alemanha Ocidental aprovou oficialmente a instalação de mísseis norte-americanos *Pershing II* em seu território, consequência da estratégia *Dual Track* da OTAN. Em represália, os soviéticos formalmente encerraram diálogos em Genebra no dia 23, colocando fim, pela primeira vez em décadas, às negociações americano-soviéticas e à política de *détente*.

## **Conclusões do Capítulo**

A relevância de Ronald Reagan na história recente dos EUA é inegável. Sua agenda conservadora afetou irremediavelmente políticas domésticas e internacionais, mudanças que se

mantêm centrais em personalidades políticas contemporâneas e no Partido Republicano, de forma geral. Seu receituário para lidar com a rivalidade política com a URSS, isto é, uma combinação de força militar, retórica agressiva e ideologia continuam presentes, e tem sido cada vez mais observadas na última década, conforme os EUA enfrentam desafios novos em sua posição internacional, seja pela emergência da China ou pela reemergência da Rússia. Todavia, passados 30 anos do final de sua presidência, ainda persistem debates teóricos sobre sua figura, sejam tentativas de categorizar sua política externa, seja pela contínua disputa historiográfica sobre o final da Guerra Fria e a preponderância relativa dos agentes políticos envolvidos.

Há um conjunto extenso de termos que se aplicam, com maior ou menor precisão, ao reaganismo. Neste capítulo discutimos as interpretações fornecidas pelos conceitos de jacksonianismo, internacionalismo conservador e neoconservadorismo, sendo este último o mais usual e disseminado, apesar de investigações recentes demonstrarem suas limitações. Todavia, concluímos que tendem a apresentar maiores consonâncias do que divergências. A principal similaridade, todavia, se dá no papel das ideias e da ideologia de Reagan na formulação de política externa. Duas fundamentais percepções do presidente sobre as relações internacionais, o papel dos EUA e o conflito bipolar surgem: o anticomunismo e a nocividade da política de détente.

O anticomunismo é característica central do reaganismo e não existem disputas sobre esse consenso. Em verdade, tornou-se marca política de Reagan desde os anos 1960, quando se filiou ao Partido Republicano e passou a ganhar destaque no partido. Seu anticomunismo representou importante fonte cognitiva para sua tomada de decisão, e rastreia-se suas origens a sua educação com uma mãe extremamente religiosa e seus anos em Hollywood. Dessa forma, buscamos demonstrar que o comunismo como um sistema social que nega a existência do divino e a liberdade humana é visto como essencialmente imoral, traiçoeiro, e fadado a derrota e ao desaparecimento. Ademais, foi possível observar que o anticomunismo não somente se apresentou em sua retórica, como também causou intenso desconforto no trato diplomático, com importantes figuras soviéticas criticando o comportamento e manifestando profunda inquietação. Entre os impactos reais, pôde-se observar trocas constantes de acusação em cúpulas, troca de cartas e encontros oficiais. Ademais, o anticomunismo reaganista implica a deslegitimação do sistema soviético, o que foi extremamente mal recebido pelas lideranças.

A contrariedade de Reagan em relação à política de détente também é amplamente identificado, mas ainda existem debates historiográficos. Para alguns, a détente já não mais existia quando Reagan assumiu, mas para outros, sua administração seria responsável pelo seu

fim. Nossa análise indica que a segunda opção parece mais correta. Ao longo dos primeiros anos, a *détente* se manteve importante e frequente, sendo citada diversas vezes e usada como base para a política de fortalecimento militar e para o retorno do princípio de ligação no trato diplomático. Em paralelo, eventos geopolíticos e disputas crescentes levaram à rivalidade americano-soviética a um nível alarmante em 1983, causando um rompimento parcial de relações. Somente a partir de 1984, as relações voltariam a se estabilizar e com a chegada de Mikhail Gorbachev em 1985, um novo capítulo começaria a ser escrito.

## CAPÍTULO 2

### NARRATIVAS REAGANISTAS EM HOLLYWOOD NA 2ª GUERRA FRIA

#### Introdução

O caráter político do cinema hollywoodiano vem sendo investigado por décadas e diversos paradigmas foram alcançados. Entre eles, a incorporação de elementos das relações internacionais, geopolítica e política externa receberam importantes contribuições. Dentre os mais famosos conceitos no campo de Relações Internacionais, encontramos o conceito de *soft power*, desenvolvido por Joseph Nye. Segundo o autor:

[...] a cultura popular norte-americana tem um alcance global independentemente do que fazemos. Não há como escapar da influência de **Hollywood**, CNN e Internet. Os **filmes** norte-americanos e a televisão expressam **liberdade, individualismo e mudança (bem como sexo e violência)**. Geralmente, o alcance global da cultura norte-americana **ajuda a melhorar** nosso (norte-americano) *soft power* - nosso apelo cultural e ideológico (NYE, 2010, Cp. 3) (grifos nossos).

Complementarmente, Kellner (2001) alega que a cultura norte-americana apresenta alto potencial de promoção do país, especialmente seus ativos midiáticos de massa como o cinema, pois “fornecem imagens, sons, espetáculos que estão intrincados na vida cotidiana, dominam o tempo de lazer, moldam opiniões e comportamentos, e fornecem o material com o qual as pessoas forjam sua identidade” (KELLNER, 2001, p. 9). Tais percepções parecem ser comprovadas no trabalho sobre Hollywood e política externa de Totman e Scudder (2009). Os autores expressam que a indústria cinematográfica norte-americana age numa via dupla: por um lado, ressalta e fomenta o antiamericanismo, pois sublinha excessivamente aspectos de “violência, famílias disfuncionais e promiscuidade”; por outro, seus estudos teriam comprovado que a audiência internacional se fixaria no “triunfo de valores norte-americanos” e nos seus grandes ícones, como “Brad Pitt e Mickey Mouse” (TOTMAN; SCUDDER, 2009, p. 1-7).

A Hollywood dos anos 1980 se insere no contexto de promoção de valores norte-americanos, mas apresenta particularidades excepcionais que o sociólogo Robert Sklar (2012) denominou de “Era Reagan do Cinema”, ou “Era de Hollywood para Washington” (SKLAR, 2012, Cp. 20). Conforme visto no capítulo 1, o reaganismo se tornou uma força modeladora na



sociedade norte-americana, representando um viés conservador, no qual a política externa e a posição dos EUA no sistema internacional foram profundamente influenciadas. Na indústria fílmica, a ideologia conservadora reaganista teve impacto relevante. Kellner (1991) argumenta que Hollywood está intimamente conectada às lutas sociais contemporâneas à produção dos filmes, com grupos disputando domínio sobre representações culturais. Durante os anos 1960, os filmes transcodificaram narrativas antiguerra e de movimentos estudantis, sexuais, feministas e raciais, produzindo uma indústria mais socialmente crítica, conhecida como New Hollywood. A partir dos anos 1970, é possível ver intensa disputa entre narrativas liberais versus conservadoras, com estas ganhando relevo e tornando-se predominantes (KELLNER, 1991, p. 9-24). Com a ascensão de Reagan, as novas narrativas se adaptaram às tendências populares conservadoras. O cinismo do anti-herói dos anos 1970 foi substituído por tons nacionalistas e jingoístas, e o novo herói restaurou a ultra-masculinidade branca. O aspecto físico (corpo musculoso) e mental (tendência à violência) serão as duas características fundamentais dos filmes hollywoodianos desse período. Deve-se ressaltar, no entanto, que a violência é empregada em prol de um “ideal nobre”: pelo país, seus valores e seus conterrâneos (ROSSI, 2007, p. 20-23). Kellner denomina tal fenômeno de “Síndrome Rocky-Rambo”, aludindo às personagens mais famosas interpretadas por Sylvester Stallone no período. O ideal masculino reaganista pressuporia, assim, sucesso e reconhecimento por meio da força e da agressividade (KELLNER, 1991, p. 11).

Entre as grandes influências do reaganismo, as produções cinematográficas de Guerra Fria ganham relevo. Shaw e Youngblood (2014) assinalam que “enquanto a Guerra Fria teria surgido de maneira confusa e dispersa, seu renascimento em 1981 deu-se de forma repentina e transparente” (SHAW; YOUNGBLOOD, 2014, Cp. 7). Prince (2007) identificou na década de 1980 a produção de “*New Cold War Productions*” (Novas Produções de Guerra Fria), nas quais o teor beligerante e anticomunista do novo presidente encontrou representação cinematográfica. Em seu estudo comparativo, Rossi (2007) concluiu que houve clara relação entre retórica política reaganista e representações de Guerra Fria no cinema da época. Analisando discursos presidenciais e filmes hollywoodianos, o autor mostrou que entre as administrações de Jimmy Carter (1977-1981) e Reagan (1981-1989) houve um aumento de 40% na frequência da retórica antissoviética e anticomunista em discursos presidenciais. No mesmo período, a representação de vilões soviéticos em filmes cresceu 62,5% (ROSSI, 2007, p. 45). Similarmente, Silveira e Alves (2018) identificaram aspectos similares, notando que ao menos 12 produções de sucesso do

período lidam diretamente com a temática de Guerra Fria e incorporaram elementos reaganistas em sua narrativa (SILVEIRA; ALVES, 2018, p. 65-70).

Tendo em vista a importância fundamental do reaganismo no cinema hollywoodiano, este capítulo se dispõe a compreender como elementos ideológicos de política externa atrelados ao presidente foram incorporados nas narrativas ficcionais da indústria. Porém, tal objetivo se diferencia de trabalhos prévios, entre aqueles mencionados anteriormente. Em primeiro, o foco analítico se dará no âmbito da política externa, apenas incorporando características de política doméstica quando necessário para fins de comparação. Veremos que o uso do reaganismo como lente interpretativa sem a devida separação das visões domésticas e internacionais do presidente levou a algumas análises superficiais e equivocadas. Em segundo, este trabalho se coloca no limiar multidisciplinar das áreas de Relações Internacionais, Ciência Política, História e Estudos Culturais e, por este motivo, se utiliza de literatura, epistemologia e metodologias emprestadas de todas essas áreas. Em terceiro, vale ressaltar que este capítulo se diferencia de trabalhos anteriores no tocante ao uso, em grande escala, de fontes históricas recentemente disponibilizadas, conforme discutido ao longo do capítulo 1. Por fim, vale destacar que o período histórico analisado se restringe ao que se convencionou chamar de 2ª Guerra Fria (1979-1985), que, não por coincidência, representa o mesmo período identificado por Shaw e Youngblood em seu trabalho seminal, o qual denominaram “Propaganda da Nova Direita”.<sup>115</sup> A razão para esta escolha se deu a partir da interpretação de que Reagan passaria pelo que Beth Fischer (2010) chamou de “*Reagan Reversal*”, ou seja, uma alteração substantiva em seu trato com os soviéticos a partir de 1984, movimento este que se propagou pelo segundo mandato e, conseqüentemente, afetou a produção cinematográfica na segunda metade da década.

Para alcançar representatividade, a seleção da filmografia foi realizada de forma cuidadosa. Uma base de 160 filmes foi construída a partir dos dados de bilheteria e sinopse provenientes do IMDb, subsidiária da Amazon e maior fonte de informações fílmicas do mundo. Chegou-se ao número de 21 produções de sucesso referentes à Guerra Fria na década. O segundo filtro aplicado relacionou-se à presença ou não de personagens soviéticas relevantes na trama, supondo-se que tal presença é fundamental para compreender a retratação dos soviéticos e da Guerra Fria nos filmes, chegando-se, dos 21 filmes de sucesso sobre Guerra Fria, a uma base de 11 produções até 1985. Por fim, tendo em mente o caráter subjetivo inerente à escolha e análise de filmes, passamos a seleção por um terceiro filtro: a identificação destes filmes pela literatura especializada e pela sua identificação como filmes referentes à Guerra Fria. Ao final do

---

<sup>115</sup> Em seu livro, os autores chamaram o período de 1980-1986 de “*New Right Propaganda*” (SHAW; YOUNGBLOOD, 2014, Cp. 1).

processo, chegou-se a uma amostra que totaliza oito produções: *For Your Eyes Only* (1981), *Firefox* (1982), *Octopussy* (1983), *Red Dawn* (1984), *Rambo: First Blood II* (1985), *Rocky IV* (1985), *White Nights* (1985) e *A View to a Kill* (1985).

Neste capítulo, as duas metodologias fundamentais são emprestadas da área de cinema e estudos culturais, retirados do trabalho seminal de Aumont e Marie (2014). Em primeiro, análises de contexto abundam no capítulo, i.e., análises que buscam identificar o contexto de produção, elementos políticos e econômicos específicos do momento, ditames do estúdio, produtora e diretores, análises da crítica especializada à época, entre outros. Ademais, análises estruturais da narrativa foram feitas, com o objetivo de apresentar as narrativas fílmicas e suas relações com as ideias de política externa de Reagan (AUMONT; MARIE, 2014, p. 46, 94). Assim, os filmes se tornam as fontes primárias fundamentais neste capítulo, mas outras também foram largamente utilizadas. Em primeiro, o uso de três grandes bases de dados sobre cinema: *The Numbers*, *Mojo Box Office* e *IMDb*. Para a realização desta pesquisa, foi adquirido o IMDb PRO, um serviço pago oferecido pela Amazon onde é possível encontrar informações mais acuradas e extensas sobre obras cinematográficas. Grande parte das informações foram obtidas neste serviço. Por fim, ao longo do capítulo invocamos as fontes históricas usadas ao longo do capítulo 1, apesar de usá-las menos exaustivamente.

O capítulo está dividido em três seções. Na primeira, discutiremos o aspecto mais comumente identificado, o anticomunismo reaganista e sua representação nos filmes *Red Dawn* (1984) e *White Nights* (1985). Na segunda seção, trabalharemos com os conceitos de Síndrome Rocky-Rambo e “hard body” para compreender os aspectos da força e belicosidade no pensamento reaganista. Por fim, a seção três elabora análises específicas sobre a representação da déttente no cinema hollywoodiano, demonstrando aspectos favoráveis, mas também contrários ao imaginário reaganista.

## **2.1. O Anticomunismo em *Red Dawn* (1984) e *White Nights* (1985)**

Entre 1981 e 1984, nossa amostragem discursiva contabilizou os termos *freedom e liberty* 292 vezes, montante superior aos termos frequentemente associados à URSS, como *violent, aggression, expansion, occupation, intervention e domination* (76 vezes). É consenso que Reagan defendia vivamente a liberdade, identificada como contraponto ao totalitarismo soviético. Nau (2013) comenta “ele (Reagan) defendeu intensamente a expansão da liberdade, não apenas coexistência com a União Soviética” (NAU, 2013, p. 171). Para Reagan, a liberdade

exprimiam o mais fundamental atributo humano, pois somente o homem livre poderia alcançar seu pleno potencial. A falta de liberdade em regimes comunistas seria uma perversão, conforme expressou para a imprensa em 1981:

“Penso que é impossível - e a história demonstra - qualquer forma de governo negar completamente a liberdade e se manter para sempre. Eventualmente acaba. E o que temos visto, não somente na Polônia, mas na própria Rússia, é a geração mais jovem resistindo aos controles governamentais, o que indica o quanto o comunismo é uma aberração. Não é uma forma normal de vida para seres humanos”.<sup>116</sup>

Argumentamos que a visão reaganista sobre a liberdade e o comunismo se desdobra em dois aspectos. Em primeiro, a liberdade precisa ser defendida, pois pode ser destruída pela força de regimes e grupos totalitários. Neste sentido, quando Reagan se dispõe a reforçar o poder militar dos EUA, ele tem na proteção da liberdade seu fundamento central, como expresso quando diz que “a força de nossas defesas nacionais deve ser recuperada para que busquemos prosperidade em paz e liberdade”.<sup>117</sup> Em segundo lugar, a liberdade como valor detém superioridade inerente e, por isso, quando contraposta às aspirações igualitárias do comunismo, sempre deveria ser o valor a ser escolhido. Com convicção, Reagan acreditava na vitória final dos EUA, pois na batalha de ideias, seu país representaria o valor superior. Em verdade, tais ideias são reaganistas, mas não originárias do reaganismo, sendo disseminadas em círculos distintos nos EUA e também subsídio fundamental do pensamento liberal norte-americano. Todavia, a vigorosa defesa de Reagan da liberdade como contraponto ao totalitarismo comunista direciona interpretações filmica sobre determinados enredos e narrativas. Discutiremos nesta seção as representações audiovisuais da liberdade reaganista em duas produções. Em primeiro, o filme *Red Dawn* de 1984, do diretor John Milius, explicita, com bastante clareza, a perda da liberdade e conseqüente luta para recuperá-la. Em segundo, o filme *White Nights* de 1985, do diretor Taylor Hackford, demonstra o ideal de liberdade em competição com outras aspirações e sua vitória final.

---

<sup>116</sup> “The President's News Conference no Old Executive Office Building em 16 de junho de 1981”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/61681b> (último acesso 03/11/2019).

<sup>117</sup> “Message to the Congress Transmitting the Fiscal Year 1984 Budget no Executive Office of the President em 31 de janeiro de 1983”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/13183a> (último acesso 03/11/2019).

### 2.1.1. Red Dawn (1984): Reaganismo, Liberdade e a Terceira Guerra Mundial<sup>118</sup>

Red Dawn, ou Amanhecer Violento (em seu título no Brasil), foi lançado em 1984, tendo sido coproduzido pela *United Artists* e pela *Valkyrie Films*, e distribuído pela MGM. O filme estreou futuras superestrelas de Hollywood, como Patrick Swayze e Charlie Sheen e realizou um lançamento saturado, sendo exibido em 1.822 salas de cinema.<sup>119</sup> Contudo, o filme não se sustentou pelo “marketing boca a boca”, expressão referente à difusão do filme e consequente aumento de público nas semanas posteriores à estreia.<sup>120</sup> Red Dawn decresceu em número de salas em todas as semanas seguintes, mas, ainda assim, faturou aproximadamente USD40 milhões (USD100 milhões em 2020), alcançando o 20º lugar nas bilheteiras naquele ano.<sup>121</sup>

Red Dawn conta a estória de Jed (Patrick Swayze), seu irmão Matt (Charlie Sheen) e seus amigos adolescentes no início da então Terceira Guerra Mundial. Num mundo conturbado, os EUA se encontram isolados após o desmembramento da OTAN. Forças invasoras comunistas chegam à cidade de Calumet e a tomam de assalto, obrigando os jovens a fugirem para as montanhas. Após um período de isolamento, visitam a cidade conquistada e descobrem a existência de “centros de reeducação”, onde propagandas comunistas são apresentadas incessantemente aos moradores. Lá, os protagonistas descobrem que sua mãe havia morrido, enquanto seu pai, um prisioneiro, implora aos dois que o vinguem. Dias depois, durante uma fuga, matam acidentalmente soldados invasores e, como represália, observam civis sendo executados. Tomados pela raiva e tristeza, assumem o manto de “Wolverines”, usando táticas de guerrilha contra as forças de ocupação comunistas.<sup>122</sup> A atuação é sempre violenta e letal, mas retratada de forma heroica, pois o grupo age para libertar civis prisioneiros. Por meses, os jovens agem contra às forças invasoras, perdendo seus membros um a um, e a exaustão física e mental se abate sobre eles. Num ato desesperado, Jed e Matt decidem sacrificar-se num ataque final, para permitir que os últimos dois sobreviventes, Erica (Lea Thompson) e Danny (Brad Savage),

---

<sup>118</sup> RED DAWN. Direção de John Millius. EUA: United Artists e Valkyrie Films, 1984. (114 min).

<sup>119</sup> Todas as informações aqui presentes sobre exibição se referem aos EUA. Excetuam-se somente os casos em que for explicitamente referida outra localidade.

<sup>120</sup> Entre 1984 e 1986, foi exibido em outros 20 países e regiões, sendo o Brasil o terceiro mercado a recebê-lo, em 27 de agosto de 1984. Países em ordem de exibição: EUA, Canadá, Brasil, França, Reino Unido, Suécia, Itália, Noruega, Irlanda, Austrália, Japão, Colômbia, Hong Kong, Holanda, Dinamarca, Espanha, Alemanha Ocidental, Portugal, Argentina, México e Turquia. Só foi oficialmente exibido na Rússia em 2010. Interessantemente, o filme foi proibido na Finlândia por ser excessivamente violento, antissoviético, e por ferir os princípios da política externa do país. Quando não referenciadas a partir deste ponto, as informações de filmes usadas neste capítulo – inclusive à desta nota de rodapé – foram extraídas do IMDb PRO.

<sup>121</sup> Todas as conversões monetárias para o ano de 2020 foram feitas pelo CPI Inflation Calculator em <https://www.in2013dollars.com/>.

<sup>122</sup> A palavra wolverine se refere ao animal glutão, um mamífero de tamanho pequeno, mas considerado agressivo. O glutão era a mascote da antiga escola dos jovens e por isto o escolheram.

possam finalmente fugir e alcançar a liberdade na “América Livre”, a parte dos EUA não conquistada pelos comunistas. Ao final do filme, anos após o período do enredo, descobrimos que os EUA haviam vencido a guerra e um monumento foi construído para homenagear os jovens guerreiros que lutaram pela liberdade de seu país.

Red Dawn tem sido objeto de análise da relação entre reaganismo e Hollywood, dado que seu viés conservador é acentuado e apresenta diversos traços que o tornam um interessante produto audiovisual para análise filmico-política. Apesar de criticado, especialmente por mídias, entidades e indivíduos liberais e progressistas, o filme é um sucesso da cultura popular.<sup>123</sup> Seu alcance supera os anos 1980, pois foi amplamente referenciado em mídias famosas, como o desenho Os Simpsons (Temporada 1, Ep. 7), o filme Um Dia de Fúria (Joel Schumacher, 1993) e o sucesso recente da Netflix, *Stranger Things* (Temporada 3, Eps. 5 e 7).<sup>124</sup> Recentemente, o filme até mesmo serviu para nomear conversas por e-mail entre especialistas em saúde e médicos ligados ao Governo Federal sobre a pandemia de coronavírus, como foi trazido à tona pelo jornal *The New York Times*.<sup>125</sup> Em 2009, a publicação conservadora *National Review* o elencou como o 15º melhor filme de cunho conservador produzido por Hollywood.<sup>126</sup> Em 2012, o filme passou por um remake, estreando o ator Chris Hemsworth, famoso pela personagem Thor no Universo Marvel.<sup>127</sup>

Juntamente com Rambo: First Blood II (1985), Red Dawn é posicionado entre os filmes reaganistas dos anos 1980, e fatores diversos o conectam ao ex-presidente. Em primeiro, este filme contou com a assessoria técnica de Alexander Haig, ex-Secretário de Estado de Reagan (1981-1982) e, conforme expressa Grow (2008), em alguns aspectos, o ex-Secretário era ainda mais reaganista do que o próprio Reagan (GROW, 2008, p. 117-125). Ademais, Bart (2009) menciona que Haig se utilizaria de suas conexões pessoais com o *think thank* neoconservador *Hudson Institute*, fornecendo ao diretor John Milius cenários de conflito plausíveis para a construção do enredo.<sup>128</sup> Em segundo, o diretor Milius é reconhecidamente conservador e reaganista. Em entrevistas do período, comentou que “sabia que Hollywood iria me condenar. Eu

---

<sup>123</sup> Como exemplo, em uma cena o *Soviet-American Friendship Center* é explodido, o que levou o verdadeiro *National Council of American-Soviet Friendship* (NCASF) a protestar contra o filme.

<sup>124</sup> Além de sua presença na cultura popular, o filme batizou a operação que capturou Saddam Hussein em 13 de dezembro de 2003.

<sup>125</sup> Lipton, E. The ‘Red Dawn’ Emails: 8 Key Exchanges on the Faltering Response to the Coronavirus. *The New York Times*. 11.04.2020. Acesso em <https://www.nytimes.com/2020/04/11/us/politics/coronavirus-red-dawn-emails-trump.html> (último acesso em 25.06.2020).

<sup>126</sup> Para ver a lista, visitar <https://www.nationalreview.com/magazine/2009/02/23/best-conservative-movies/> (último acesso: 14.07.2019).

<sup>127</sup> O remake de Red Dawn de 2012 gerou tanta controvérsia quanto seu original. Numa disputa com autoridades chinesas, a MGM optou por reformular digitalmente os rostos dos invasores, dessa vez chineses, por norte-coreanos.

<sup>128</sup> Além de Haig e do Hudson Institute, os roteiristas se utilizaram de documentos da CIA e da War College na elaboração do enredo.

seria reconhecido como um belicista de extrema direita daqui por diante” e que “era a única pessoa em Hollywood disposta a fazer este filme. Hollywood estava cheia de esquerdistas... Sou um militarista e extremamente patriótico e acredito em todas estas bobagens de individualismo”.<sup>129</sup>

Red Dawn é marcado por eventos geopolíticos de seu tempo, distorcidos por uma visão ideologicamente conservadora e beligerante. Na cena inicial é contado que a colheita na URSS havia sido um desastre, criando multidões de famintos e uma rebelião na Polônia; Cuba e Nicarágua fortaleceram seus exércitos até alcançarem, conjuntamente, 500 mil soldados; invadiram e conquistaram El Salvador e Honduras e asseguraram uma revolução comunista no México; o “Partido dos Verdes” se elegeu na Alemanha Ocidental e pressionou pelo banimento unilateral de armas nucleares naquele continente; fragilizada, a OTAN se desfez. É a partir desse contexto, portanto, que os EUA se viram solitários e cercados por seus inimigos. Historicamente, estes relatos lidam com fatos, mas os alteram sob um viés reaganista. A URSS comprava grãos no mercado internacional, especialmente dos EUA, e Reagan se aprazia em afirmar que o país comunista não conseguia alimentar seu próprio povo, uma evidência de que a economia planificada não seria funcional.<sup>130</sup> Ademais, as relações polonesa-soviéticas estavam tensionadas desde 1981, quando o sindicato Solidariedade foi colocado na clandestinidade e seu líder, Lech Walesa, preso. Nos primeiros anos da administração, a Polônia foi um dos principais objetos de disputa geopolítica, central dentro do conceito de *linkage* diplomático, visto no capítulo 1.<sup>131</sup>

Contudo, o papel da América Central tem um claro valor publicitário e está intimamente relacionado à assessoria de Haig. O ex-Secretário responsabilizava os cubanos pelos levantes marxistas na região e solicitou reiteradamente à Reagan ações militares diretas contra Havana. Ambos compartilhavam a opinião de que a América Central seria o alvo de um plano de dominação comunista. Reagan escreveu em seu diário em 16 de outubro de 1981, quando da aprovação de uma escalada militar norte-americana em El Salvador e Nicarágua:

“Uma reunião do Conselho de Segurança me deixou com a mais importante decisão que já precisei tomar. América Central é realmente o próximo hotspot. Nicarágua é um campo

---

<sup>129</sup> Pirnia, G. 12 Surprising Facts About Red Dawn. Mentalfloss, 2018. <http://mentalfloss.com/article/554107/facts-about-red-dawn> (acesso: 14/07/2019).

<sup>130</sup> Vale ressaltar que a URSS era um importante mercado para o setor agrícola norte-americano e Reagan derrubou as sanções impostas por Carter ao país após a invasão ao Afeganistão em 1979.

<sup>131</sup> O *linkage* pressupunha que os EUA não teriam relações diplomáticas compartimentalizadas com a URSS, como vinha sendo feito dentro da política de détente. Os norte-americanos passaram a exigir a inserção de tópicos da geopolítica para que outros tipos de negociação acontecessem, como controle de armas nucleares, por exemplo. Este conceito tensionaria as relações ao até 1983, pois os soviéticos o consideravam inaceitável no trato entre grandes potências.

armado pelos cubanos e ameaça dominar toda a América Central.” (REAGAN, 2009, p. 44)

Grow (2008) argumenta que a administração se servia de “imagens apocalípticas” para conjecturar intervenções comunistas na região. Viam a situação em termos de “efeito dominó” e Reagan inclusive expressava que “Nós (os EUA) somos o último dominó”. Haig afirmava que haveria um plano de dominação soviético de quatro fases, começando com a Nicarágua, passando por El Salvador, Honduras e Guatemala (GROW, 2008, p. 126). *Red Dawn* incorpora profusamente estas ideias em sua narrativa ficcional. Em primeiro, há relação simbiótica entre cubanos e nicaraguenses, não havendo distinções entre seus respectivos exércitos. No filme, os soldados latinos utilizam o mesmo uniforme, criando um agrupamento indistinto. Em segundo, apesar da conjugação, as forças são comandadas por Bella, um general cubano, ressaltando o papel de Cuba na liderança dos comunistas latino-americanos. Em terceiro, há um comandante nicaraguense, interpretado por Judd Omen, mas a personagem não recebeu um nome, sendo creditada apenas como “o capitão nicaraguense”, reforçando a menor importância geopolítica daquele país. Por fim, vale sublinhar que Milius não via a necessidade de colocar nicaraguenses na força de invasão, mas Haig pessoalmente demandou a inclusão.

Eventualmente, ao espectador são relatados os acontecimentos iniciais da guerra por meio do piloto norte-americano Andy Tanner (Power Boothe), incorporado aos Wolverines ao longo do filme.<sup>132</sup> O piloto conta que a Europa havia se rendido imediatamente, pois teria “aprendido depois de duas guerras”. A rendição europeia se coloca dentro dum conceito recorrente na Guerra Fria, e em grande evidência nos anos 1980: “Melhor Vermelho do que Morto”. Conforme explica McGeehan (1982), “melhor vermelho do que morto” era tipicamente associado à Europa Ocidental e retratava o receio europeu em ser palco num conflito direto entre as superpotências. O conceito estava em alta nos anos 1980 em razão do próprio Reagan, que fazia frequentes alusões a uma “guerra limitada na Europa” ou “guerra vencível”, alarmando profundamente seus aliados europeus (MCGEEHAN, 1982, p. 150).<sup>133</sup> No filme, o Reino Unido se manteria aliado aos EUA, juntamente com a China comunista. Embora interessante, não é inesperado, pois falasse frequentemente numa “relação especial” britânico-americana; já EUA e China haviam retomado relações diplomáticas em 1979 e o país asiático era visto como fundamental para a estratégia de contenção soviética.

---

<sup>132</sup> Inicialmente, a personagem de Power Boothe deveria representar um militar antiguerra, e teria um papel mais complexo ao descrever os males da guerra. O ator teria ficado profundamente aborrecido quando seu personagem se tornou um combatente convencional.

<sup>133</sup> Para maiores informações sobre o assunto, ver Joffe (1987).



O uso excessivo de referências históricas e geopolíticas é elemento crucial no chamado realismo cinematográfico, especialmente a tradição de narrativa clássica hollywoodiana. Conforme explicam Corrigan e White (2012), os elementos narrativos fundamentais para criação de realismo cinematográfico são “precisão física, cultural, histórica e geográfica” e, frequentemente, os veremos nos filmes analisados nesta dissertação (CORRIGAN; WHITE, 2012, Cp. 6). Porém, vale contrapor que realismo não é necessariamente realidade, e *Red Dawn* o comprova, tendo claro caráter publicitário. O filme se assemelha ao que Shaw e Youngblood (2014) chamam de “período dominado por propaganda negativa linha dura” (comuns entre 1947 e 1953 nos Estados Unidos), porém os filmes reaganistas dos anos 1980 detêm um caráter maniqueísta e, por isso, também apresentam “propaganda positiva” em prol de Washington (SHAW; YOUNGBLOOD, 2014, Introdução).

Em termos de propaganda positiva, o filme promove um forte apelo à liberdade reaganista. Numa brevíssima sinopse, se poderia argumentar que *Red Dawn* retrata a perda da liberdade, a luta pela liberdade e a reconquista da liberdade. Inicialmente, Calumet é invadida por numerosas forças, que a subjagam e lhe furtam a liberdade. Enquanto os jovens fogem, a população civil oferece, aparentemente, pouca resistência. Quando retornam, encontram uma cidade controlada, cartazes de propaganda comunista, e uma forte militarização. A perda da liberdade é melhor representada pelos campos de reeducação, para onde são enviados adversários do novo regime, especialmente proprietários de armas de fogo. Há uma crítica contundente ao próprio governo norte-americano, pois os invasores foram capazes de encontrar todos os cidadãos armados e potencialmente perigosos, subtraindo os registros públicos de posse de armas. Esta narrativa critica a necessidade de se registrar a posse de arma no país e, por esse motivo, o diretor John Milius recebeu uma condecoração honrosa da *Gun Owners of America*.<sup>134</sup>

A luta pela liberdade é intimamente relacionada à violência em *Red Dawn*. O filme foi classificado pelo *Guinness Book of Records* como o mais violento já feito até então, com uma cena de violência a cada 2 minutos e 23 segundos, em média. Embora os Wolverines sejam truculentos e chacinem seus inimigos, são popularizados como “combatentes da liberdade”.<sup>135</sup> O termo é uma referência explícita ao ex-presidente, que denominava “combatentes da liberdade” os grupos, normalmente guerrilheiros, que atuavam contra forças comunistas, o que viria a ser

---

<sup>134</sup> Durante as gravações, John Milius ficou conhecido por carregar uma arma carregada consigo o tempo todo.

<sup>135</sup> O filme contou com a assessoria técnica do Capitão Dayle Dye. Os atores receberam treinamento especial por oito semanas por um grupo de soldados “boinas verdes” em táticas militares, bem como técnicas de guerrilhas usadas pelos índios Apaches. Todas as armas usadas no treinamento eram reais. Após o fim do treinamento, Milius colocou os atores em um exercício oficial da Guarda Nacional, para testar seus novos conhecimentos de táticas de guerrilha.

denominado como Doutrina Reagan. A Doutrina institucionalizou a visão do ex-presidente de que a URSS era o centro de comando de todo e qualquer regime de esquerda no mundo e, neste sentido, seria dever dos EUA apoiar todo e qualquer movimento contrário a esses regimes de esquerda. A partir da Doutrina, compreende-se o apoio norte-americano aos Mujahideen no Afeganistão e os Contra na Nicarágua, por exemplo, grupos vistos como “combatentes da liberdade” contra a “tirania do comunismo”.

Por fim, o filme retrata a reconquista da liberdade a partir do auto sacrifício heroico. O herói guerrilheiro Jed e seu irmão Matt decidem sacrificar-se para permitir que os dois últimos sobreviventes, Erica e Danny, escapem para a América Livre. O confronto final se dá entre os irmãos e o Major soviético Strelnikov. O soviético enfrenta Jed, após ter alvejado Matt. Em todos os momentos, como bem explica Rossi (2007), os jovens simbolizam os EUA, retratando-os como parte mais fraca (ROSSI, 2007, p. 50). Esta cena evidencia este simbolismo, pois embora mais experiente, possuindo melhor armamento e soldados a sua disposição, Strelnikov é derrotado pela força de vontade, heroísmo e auto sacrifício de Jed. Ao final, os irmãos morrem juntos, em um parque de sua infância. O filme termina com Erica e Dany reconquistando sua liberdade na América Livre. Em seguida, Erica narra uma pós-estória, explicando que “como toda guerra, aquela também terminou”. Uma bandeira dos EUA tremula, indicando que o país saiu vitorioso. Um memorial foi erguido no local onde os Wolverines honravam seus guerreiros caídos, marcando seus nomes em pedra.

Red Dawn traz a ideia de liberdade como preciosa, porém frágil. Os Wolverines são uma representação interessante dos EUA, e como Rossi (2007) explica, são apresentados como “*underdogs*”, o que não apresenta uma correlação real com os EUA e seu papel no sistema internacional. Embora o filme retrate o aspecto beligerante da liberdade reaganista, veremos na próxima subseção um aspecto mais ideacional da liberdade: sua superioridade inerente a outras opções e sistemas sociais.

### **2.1.2. White Nights (1985): Arte, Liberdade e Totalitarismo<sup>136</sup>**

Enquanto Red Dawn tem sido interpretado como um filme reaganista, White Nights recebeu muito menos atenção dos estudiosos. Segundo Prince (2007), White Nights se enquadraria no grupo “novas produções de Guerra Fria”, mas menos beligerante e, portanto, um exemplo do caráter ideologicamente diverso de Hollywood (PRINCE, 2007, p. 12-13). Embora

---

<sup>136</sup> WHIT NIGHTS. Direção de Taylor Hackford. EUA: Columbia Pictures, New Visions e Delphi IV Productions, 1985. (136 min)

concordemos com a ideia de uma narrativa menos combativa e belicista, discordamos de que representaria uma visão menos alinhada ao reaganismo. Os analistas fílmicos tendem a sobrevalorizar o anticomunismo belicoso de Reagan e subestimar a oposição maniqueísta de seu pensamento: o comunismo é ruim porque não tem liberdade. *White Nights* apresenta o segundo aspecto do pensamento reaganista sobre a liberdade: é um valor superior e sempre seria escolhida quando rivalizada com outros princípios morais.

*White Nights*, ou *O Sol da Meia Noite* em seu título no Brasil, foi lançado em 1985, sendo uma coprodução da *Columbia Pictures*, *New Visions* e *Delphi IV Productions*, e distribuído pela *Columbia Pictures*. Foi lançado inicialmente em salas restritas (apenas 21), mas chegou a alcançar 1.064 salas em sua sétima semana de exibição, alcançando uma bilheteria total de \$42 milhões (aproximadamente \$101 milhões em 2020), se configurando como o 17º filme mais visto em seu ano.<sup>137</sup> O filme divide opiniões no que toca ao seu valor artístico: ganhou um Oscar de melhor música original, além de um *Golden Globe* e um *BMI Film & TV Awards*.<sup>138</sup> O filme estrelou o famoso bailarino Mikhail Baryshnikov e o dançarino norte-americano Gregory Hines, produzindo cenas musicais de alto nível técnico. Todavia, o mais famoso crítico de cinema dos anos 1980, Roger Ebert, afirmou que “*White Nights* narra uma estória tortuosa que só pode ser explicada de um jeito: o roteiro foi feito para acomodar dois dançarinos, com nada mais em comum”. Segundo o crítico, o filme provavelmente foi escrito com foco nos dançarinos e o enredo de Guerra Fria foi “acoplado” apenas para satisfazer um público mais amplo.<sup>139</sup>

*White Nights* narra a estória de Nikolai ‘Kolya’ Rodchenko (Mikhail Baryshnikov), um bailarino soviético desertor, que se vê novamente na União Soviética após um acidente de avião. Julgado e condenado pela sua deserção, Kolya teme por sua vida, mas um líder da KGB, coronel Chaiko, deseja convencê-lo a retornar e dançar no famoso Teatro Kirova, em Leningrado (atualmente São Petersburgo). Chaiko o vê como um instrumento na guerra cultural, pois almejava publicizar o retorno daquele famoso dançarino após sua “desilusão” com o mundo ocidental. Kolya é colocado sob intensa vigilância da KGB e é acompanhado por Raymond (Gregory Hines), um dançarino negro norte-americano que havia desertado para a URSS durante a Guerra do Vietnã. As duas personagens se hostilizam constantemente acerca de suas visões

---

<sup>137</sup> *O Sol da Meia Noite* estreou no Brasil em 17 de janeiro de 1986. Países e regiões em ordem de lançamento: EUA, Alemanha Ocidental, Holanda, Brasil, França, Espanha, Suécia, Itália, Finlândia, Portugal, Argentina, Hong Kong, Austrália, Dinamarca, Taiwan, Reino Unido, Japão, Coreia do Sul, Peru.

<sup>138</sup> Oscar 1986 de melhor música original por “Say you, say me”, de Lionel Richie. Golden Globe de melhor música original por “Say you, say me”, de Lionel Richie. BMI Film & TV Awards de melhor música performada em filme por “Separate lives” de Stephen Bishop.

<sup>139</sup> Ebert, Roger. Review *White Nights*. Roger Ebert, 1985. Disponível em <https://www.rogerebert.com/reviews/white-nights-1985> (último acesso 05.05.2020).

personais sobre os EUA, pois Kolya não compreende a deserção de Raymond, que teria abdicado de sua liberdade. Num discurso emocionalmente carregado, Raymond relata sua vida como negro nos EUA, sendo visto como um cidadão de menor valor e como a Guerra do Vietnã havia sido catastrófica para ele e seus iguais, pois ao serem convocados para proteger o país, se tornaram simples ladrões e assassinos. Entretanto, ao longo do filme, Raymond gradativamente muda de opinião, percebendo o quanto sentia falta da liberdade e de seu país. Chaiko pressiona e ameaça ambos os artistas, fomentando uma aliança entre eles. Com apoio de sua antiga amante, Galina Ivanova (Helen Mirren), Kolya recebe ajuda da Embaixada norte-americana e foge com a mulher de Raymond, a soviética Darya (Isabella Rossellini). Raymond não é capaz de acompanhá-los, pois agentes da KGB aparecem e ele precisa despistá-los para que os outros fugissem em segurança. Ao final, o governo norte-americano organiza um troca de reféns para resgatar Raymond, oferecendo aos soviéticos um prisioneiro revolucionário latino-americano em troca. Embora um desertor, os EUA o salvaram e ele poderia finalmente voltar para casa, agora livre.

Enquanto *Red Dawn* é um típico filme de ação e guerra, com violência explícita, grandes conflitos armados e ações marcadas de vilania e heroísmo, *White Nights* apresenta as fórmulas do melodrama, que segundo Corrigan e White (2012) representa a junção da “intensidade da música interagindo com os conflitos humanos”. O filme apresenta as três grandes características deste gênero, pois: i) as personagens são definidas pela situação em que estão; ii) a narrativa leva a um clímax emocional, e iii) há ênfase nas emoções e nas lutas internas. Raymond passa a vivenciar uma “luta interna” e o clímax é alcançado com sua mudança de opinião. Não é possível traçar um paralelo entre Jed (o líder Wolverine de *Red Dawn*) e Raymond, pois o herói guerrilheiro nunca duvidou de sua luta ou de seu país e não apresenta conflitos internos. Pela própria diferença de gênero fílmico, *Red Dawn* apresenta maiores absolutismo morais, uma clara luta entre bem e mal e, não à toa, tem associação mais clara ao reaganismo.

*White Nights*, por outro lado, traz como contexto prévio a problemática questão racial nos EUA e a Guerra do Vietnã, o evento de maior cisão social naquele país no século XX. Raymond perde a fé e o amor por seu país, vendo-o sob um prisma negativo e, neste momento, busca a grande alternativa: a Rússia comunista, onde esperava recomeçar a vida. Lá, encontraria o amor de uma mulher e a aceitação do público, porém isso ocorre em troca de sua liberdade individual, o que lhe satisfaz apenas por um tempo. Entretanto, o encontro com Kolya lhe traz à tona antigos sentimentos e seu desejo por liberdade aflora. O próprio Kolya já havia passado por este mesmo conflito, que o levou a fugir da União Soviética, deixando tudo e todos para trás.

Ambas as personagens são representações fidedignas do conceito de liberdade reaganista, pois encontram na liberdade o valor primordial de sua existência.

Enquanto *Red Dawn* busca seu realismo cinematográfico no uso de fatos de aparência realista do sistema internacional e sua suposta precisão histórica, *White Nights* se utiliza da precisão física e cultural. O filme convincentemente “se passa” na URSS (Sibéria e Leningrado). Contudo, pelo seu teor, não recebeu permissão para ser gravado no país e, por isso, filmagens foram realizadas em locais similares. Por exemplo, para captar o “sol da meia noite”, o fenômeno natural observado no Ártico e que nomeia o filme, foi escolhida a pequena ilha finlandesa de Reposaari.<sup>140</sup> Helsinque foi escolhida por familiaridades arquitetônicas com a Rússia e o famoso teatro Kirov foi “substituído” pelo Teatro São Carlos de Lisboa, Portugal. Além disso, algumas tomadas se utilizaram de imagens reais da URSS e somente anos depois, Hackford revelou que havia utilizado imagens feitas por terceiros para criar maior realismo.

O segundo e mais importante aspecto do realismo se dá em sua precisão cultural. A presença de Baryshnikov como ator principal torna este filme uma hibridação entre ficção e documentário, pois o dançarino russo havia desertado para o Canadá em 1974, enquanto performava com o Bolshoi em Toronto. Convidado a retratar sua deserção em Hollywood, rejeitou diversas propostas, até aceitar seu papel em *White Nights*. Baryshnikov, por exemplo, exigiu que o russo falado no filme fosse real e corretamente pronunciado. Figuras caras ao dançarino foram invocadas, como o cantor Vladimir Vysotsky, famoso na URSS, embora não aceito pelos órgãos oficiais e George Balanchine, considerado o melhor bailarino russo do século XX, que havia desertado da URSS em 1924 sendo, por isso, ilegal no país. O próprio Baryshnikov admirava o trabalho transgressor de Balanchine e seria seu pupilo por muitos anos em Nova Iorque.

O aspecto cultural perpassa a narrativa, pois a liberdade artística metaforiza a liberdade num senso mais amplo. Numa cena, Kolya visita Galina, que escuta Vysotsky, e ele graceja que ela não deveria estar escutando aquilo, pois é “ilegal, por não ser oficial”. Galina responde que o progresso vinha acontecendo e que “o Ministério da Cultura lhe havia garantido que analisaria seu pedido para performarem Balanchine”. Kolya se exalta, pois não crê em tal mudança e lhe replica que “enquanto ela esperava, fora dali ele havia realizado o sonho de ambos ao dançar Balanchine”. Embora sentisse falta de seu lar, “havia sido livre pelos últimos 8 anos” e questiona “sabe o que significa ser livre? Sabe o que é ser verdadeiramente livre?”. Comovida, Galina se sujeita a ajudá-lo a recuperar sua liberdade, mesmo se colocando em grande risco para tal.

---

<sup>140</sup> Interessantemente, o coprodutor, William Gilmore, precisou negociar e oferecer diversos benefícios aos locais, pois os cidadãos eram inclinados ao seu vizinho soviético e temiam uma mensagem anticomunista no filme.

O realismo físico e cultural de *White Nights*, especialmente a presença de Baryshnikov e a mudança de opinião de Raymond, reforçam o apelo da propaganda positiva. Todavia, o filme também apresenta elementos de propaganda negativa, embora menos explícitos e violentos que *Red Dawn*. A liberdade dos protagonistas é encarcerada e controlada pelo Coronel Chaiko, um típico vilão que neste contexto tipifica o totalitarismo soviético. Bratchenko e Strelnikov são militares engajados numa situação de guerra e, portanto, se poderia esperar que apresentassem o arquétipo de vilão mais maligno, porém Chaiko é apresentado como ainda mais vilanesco. O membro da KGB ameaça constantemente Raymond, sugerindo sua escravização em campos de trabalho forçado e que perpetraria atos de maldade contra sua mulher. Além disso, é retratado como sexista, comportando-se indevidamente com Galina, ao usar sua posição para inferiorizá-la e tirar proveito dela. Porém, sua personalidade sociopata se solidifica quando demonstra seu profundo racismo, insinuando que a esposa de Raymond o havia escolhido apenas por curiosidade, pois sua raça era conhecida “por certos atributos” e o chama de “*nigger*”, um termo altamente ofensivo para afro-americanos nos EUA.

*Red Dawn* e *White Nights* são importantes exemplos da produção cinematográfica na primeira metade dos anos 1980. Embora diferentes em diversos aspectos, ambos os filmes representam valores reaganistas fundamentais, tendo a liberdade como um elemento definidor de ambas as narrativas ficcionais. Neste sentido, seu papel como promotor de ideias é claro, tanto no aspecto positivo (propaganda positiva) quanto negativo (propaganda negativa). Todavia, a liberdade não é o único valor reaganista nos filmes de Hollywood. Como veremos na próxima seção, a luta contra o Império do Mal se dava em diversas frentes e em diversos formatos, mas apenas os homens fortes poderiam se opor a um mal tão grande.

## **2.2. Paz pela Força em *Rambo II* (1985) e *Rocky IV* (1985)**

Durante sua presidência, Reagan reciclou conceito correntemente utilizado na história política dos EUA, o “*Peace through Strength*”, ou “Paz pela Força” – também podendo ser entendido como uma “Paz Armada”. Segundo o historiador Mark Rozell, George Washington (1789-1797) foi o primeiro presidente norte-americano a invocar o conceito, durante seu Terceiro Pronunciamento Anual em 1791 (PEDERSON; ROZELL; WILLIAMS, 2000, p. 24). A expressão passou a ser associada ao Partido Republicano a partir dos anos 1960, quando a

campanha de Berry Goldwater incorporou o conceito extensivamente.<sup>141</sup> Desde então, candidatos e presidentes republicanos o utilizaram em suas plataformas de política externa, como George W. Bush e, mais recentemente, Donald Trump.

Embora tangente ao partido, Reagan se tornou o mais conhecido fomentador da ideia. Em 1981, Reagan afirmou que “o nosso maior objetivo é a paz, e também acredito que isso só acontecerá se mantivermos força suficiente para manter a paz”.<sup>142</sup> O princípio norteou sua política de reconstrução militar, discutida ao longo do capítulo 1, mas também influenciou a cultura popular, particularmente o que Kellner (1991) denominou de Síndrome Rocky-Rambo. A “masculinidade reaganista” nos filmes pressupõe a força, a agressividade, o uso da violência por motivos nobres, e a busca pela vitória total, em sintonia com a visão do presidente sobre a atuação dos EUA frente à URSS e ao comunismo. Tendo em vista os conceitos de Paz Armada e Síndrome do Rocky-Rambo, esta seção analisará a força como elemento fundamental na política externa e na cultura popular norte-americana nos anos 1980. Em primeiro, veremos o herói jingoísta Rambo no filme *Rambo: First Blood II*, de 1985, dirigido por George Cosmatos. Em sequência, analisaremos um tipo alternativo de uso da força na narrativa de *Rocky IV*, também de 1985, e dirigido pelo próprio Sylvester Stallone.

### 2.2.1. *Rambo First Blood II (1985): O herói guerrilheiro dos EUA*<sup>143</sup>

*Rambo: First Blood II*, ou *Rambo: A Missão* (em seu título no Brasil), foi lançado em 22 de maio de 1985, sendo uma coprodução de *Churubusco Azteca S.A.* (mexicano) e o *Anabasis N.V.*, e distribuído nos EUA pela *TriStar* e mundialmente pela *Carolco Pictures*. Seu lançamento saturado foi um recorde até então, sendo exibido em 2.074 salas de cinema, mantendo-se estável por seis semanas consecutivas e somente perdendo fôlego a partir da oitava semana (queda de 17,5% no número de salas). Ainda assim, alcançou sua vigésima semana exibido em 820 salas, um verdadeiro sucesso comercial. O filme contou com orçamento relativamente elevado para sua época, de USD44 milhões (USD109 milhões em 2020), mas arrecadou na bilheteria norte-americana USD150 milhões (USD357 milhões em 2020) e, diferentemente de *Red Dawn* e

---

<sup>141</sup> Text of Goldwater's Speech Formally Opening Presidential Campaign. *The New York Time*. Online Archive. Disponível em <https://www.nytimes.com/1964/09/04/archives/text-of-goldwaters-speech-formally-opening-presidential-campaign.html> (último acesso em 15.05.2020).

<sup>142</sup> “The President's News Conference no Old Executive Office Building em 16 de junho de 1981”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/61681b> (último acesso 03/11/2019).

<sup>143</sup> *RAMBO: FIRST BLOOD II*. Direção de George P. Cosmatos. EUA: Estúdio Churubusco Azteca S.A., Anabasis N.V., 1985. (96 min).

White Nights, também foi um enorme sucesso internacional, o que lhe permitiu alcançar uma receita total de USD300 milhões (USD714 milhões em 2020).<sup>144</sup> Não à toa, Rambo II foi a terceira maior bilheteria de seu ano, perdendo apenas para *Back to the Future* e *Rocky IV*.

O filme narra a estória de John Rambo (Sylvester Stallone), um ex-combatente da Guerra do Vietnã que, ao regressar aos EUA, entra em conflito com autoridades locais e acaba enviado para uma prisão (em *Rambo: First Blood I* de 1982). Na prisão, recebe uma oferta de perdão presidencial caso aceitasse uma nova missão de reconhecimento no Vietnã, na qual deveria averiguar a existência de prisioneiros de guerra (*Prisoners of War*, ou P.O.W. em inglês) numa aldeia escondida na selva. A missão é liderada pelo burocrata Marshal Murdock (Charles Napier), representando os interesses de Washington D.C. Rambo conta com o apoio de Co-Bao (Julia Nickson), uma informante vietnamita que sonha migrar para os EUA. Juntos, adentram a vila e descobrem os prisioneiros em péssimas condições. Rambo resgata um dos prisioneiros e todos fogem, sendo perseguidos pelos soldados vietnamitas. Entretanto, quando Marshal descobre a existência do prisioneiro, suspende a missão de resgate e os abandona à mercê dos inimigos, pois na realidade, não esperava que houvesse prisioneiros e a missão era apenas uma distração para a opinião pública nos EUA. Forças soviéticas chegam ao local e tomam o controle. O Coronel Podovsky (Steven Berkoff) e seu sargento Yushin (Vojislav Govedarica) torturam Rambo, a fim de obrigá-lo a render-se e enviar uma mensagem aos norte-americanos. Com ajuda de Co-Bao, Rambo escapa, mas são novamente perseguidos e após um breve momento romântico, Co é morta. Utilizando-se de técnicas de guerrilha, Rambo luta contra seus perseguidores, matando dezenas de soldados. Eventualmente, combate seu torturador, Yushin, a quem consegue vencer, apesar das chances desfavoráveis. Com um helicóptero roubado, retorna ao acampamento e salva todos os prisioneiros, mas se vê atacado por Podovsky, num helicóptero maior e mais potente. Com astúcia, Rambo elimina seu inimigo final e retorna ao centro de controle norte-americano. Tomado pela fúria, ataca Murdock, mas decide não mata-lo, apesar da traição. Porém, promete que se o burocrata não buscasse resgatar outros P.O.W., voltaria para terminar o que começou.

Entre filmes associados à Guerra Fria, Rambo II ocupa lugar aclamado. Shaw e Youngblood (2014) relatam que, na Guerra Fria cinematográfica, Rambo II alcançou um sucesso superior às suas duas contrapartes soviéticas conjuntamente, os filmes *Incident at Map Grid 36-80* (Mikhail Tumanishvili, 1982) e *Solo Voyage* (Mikhail Tumanishvili, 1986), versões jingoístas

---

<sup>144</sup> O filme estreou no Brasil em 16 de agosto de 1985, apenas um mês depois dos EUA. Países e regiões em ordem de estreia: EUA, Argentina, Filipinas, Taiwan, Austrália, Holanda, Coreia do Sul, Brasil, Japão, Tailândia, México, Colômbia, Finlândia, Suécia, Reino Unido, Irlanda, Índia, Grécia, Espanha, Noruega, Alemanha Ocidental, Uruguai, França, Portugal, Dinamarca, Turquia, Itália.



de Guerra Fria do cinema soviético.<sup>145</sup> Ainda relatam que foi profusamente criticado na URSS, considerado russófóbico, e o próprio jornal oficial, o *Izvestia*, o consideraria pior do que as produções anticomunistas da época do Macartismo.<sup>146</sup> Apesar do antiamericanismo e do antirreaganismo do período, especialmente na Europa, o filme bateu recordes de exibição, e logrou mesmo adentrar a Cortina de Ferro via contrabando. Interessantemente, uma das grandes críticas artísticas ao filme, sua simplicidade excessiva, o teria ajudado: o excesso das cenas de ação e os escassos diálogos reduziram as barreiras linguísticas e o tornaram facilmente consumível pela audiência internacional.

*Red Dawn* e *Rambo II* são claras “novas produções de Guerra Fria” e se assemelham em sentidos diversos. Em primeiro e mais superficialmente, na tipificação do gênero cinematográfico, sendo ambos filmes de ação. De acordo com Neale (2004), o binômio ação-aventura foi uma tendência da indústria nos anos 1980, sendo uma “hibridação genérica”, pois diversos filmes seriam categorizados neste gênero. O autor explica que, em linhas gerais, os filmes detinham “propensão à ação física, narrativa estruturada em cenas de combate, perseguições e explosões, efeitos especiais e foco em performances atléticas e acrobáticas”, um resumo bastante apurado de ambos os filmes (NEALE, 2004, p. 71). Em segundo, e mais relevante, sua associação histórica ao reaganismo. Tal relação se construiu na associação livre feita pelo público e crítica especializada, mas não somente. Frequentemente cita-se na literatura que, ao ser entrevistado por jornalista sobre a liberação de norte-americanos sequestrados em Beirute, no Líbano, Reagan declarou que “depois de ver *Rambo* ontem à noite, já sei o que fazer na próxima vez”.<sup>147</sup> Ademais, Matviko (2005) relata que Reagan havia sido um “sonho” para os cartunistas da época e foi inspiração para diversos trabalhos, desde “cowboys e chegando até o espaço sideral” e dentre os mais famosos, ficou o “*Ronbo*”, uma mistura de Reagan e *Rambo*, desenhado por Alfred Gescheidt. Nesta famosa imagem de 1985, o rosto de Reagan foi colocado

---

<sup>145</sup> De acordo com os autores, representam produções soviéticas nacionalistas e patriotas e que também retomaram a visão conflitiva da Guerra Fria e, portanto, seriam mais uma evidência da conversão das duas indústrias em sua disputa cultural. Para maiores informações, ver Shaw e Youngblood, Capítulo 7. O Macartismo se refere ao período da Segunda Ameaça Vermelha ou *Red Scare* e foi nomeado em razão de Joseph McCarthy, um senador conservador por Wisconsin que se aproveitou politicamente do momento para promover práticas de acusação e perseguição de supostos infiltrados comunistas no país.

<sup>146</sup> Para maiores informações sobre as disputas entre EUA e Europa Ocidental em meados dos anos 1980, sugerimos Joffe (1987) e Entman e Rojecki (1993).

<sup>147</sup> Leite, Edmundo. *Rambo II: violento e polêmico retrato da Era Reagan*. O Estado de São Paulo. Acervo digital. Disponível em <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,rambo-ii-violento-e-polemico-retrato-da-era-reagan,11329,0.htm> (último acesso 07.05.2020).

no corpo de Rambo, e rapidamente se tornou um produto vendido em diversos itens, solidificando a relação entre ambos (MATVIKO, 2005).<sup>148</sup>

A literatura tem demonstrado diversas facetas com as quais este tipo de filme se associa ao Reaganismo, mas a de maior apelo continua sendo o conceito de “*hard body*”, de Susan Jeffords. Jeffords (1993) expressa que o cinema dos anos 1980 reinventou o conceito de “*hard body*” masculino, que numa tradução livre significaria “corpo forte”. Seu argumento é que a Era Reagan teria oferecido uma imagem de corpo forte em contraposição ao corpo fraco (*soft body*), associado aos anos Carter (1977-1981). Esta visão estava profundamente vinculada ao teor militarista da política externa de Reagan e, portanto, vinculada à “paz armada” do presidente (JEFFORDS, 1993). Tal ideia é compartilhada por Shaw e Youngblood (2014), que expressam que Reagan foi “o presidente macho por excelência” e Kellner (1991), que explicita a “masculinização bruta (de Reagan) seria a essência da ideologia e socialização conservadoras” (KELLNER, 1991, p. 11; SHAW; YOUNGBLOOD, 2014, Cp. 7). Neste sentido, Sylvester Stallone foi o maior representante do conceito. O ator estava no auge de seu condicionamento físico, treinando por 4h diariamente, além de realizar cursos de combate, arquearia e sobrevivência.

Em Rambo II, a força se mostrará em dois tipos de comparação: contra o corpo fraco, identificado por Jeffords (1993), mas também contra outros corpos fortes. No primeiro caso, a análise da personagem Murdock é essencial. Inicialmente, o burocrata é apresentado como um possível reaganista, tendo em sua mesa uma foto de Reagan. A partir desta personagem, Shaw e Youngblood (2014) argumentam que Rambo II promove dois movimentos políticos: o anticomunismo dos anos 1950 e o ante estatismo da Nova Direita dos anos 1980. Evidenciam tal ideia ao expressarem que Murdock agia como um “liberal de Washington”, e mesmo suas ordens para Rambo (“não se engajar contra os inimigos e apenas tirar fotos”), se baseavam nas restrições de Robert McNamara (Secretário de Defesa, 1961-1968) durante a Guerra do Vietnã. Tal opinião é generalizada e em sua dissertação sobre temática similar, Silva (2011) alcançou conclusões correlatas sobre a mesma personagem (SILVA, 2011, Cp. 3).

Porém, defendemos uma análise mais multifacetada, entendendo as diferenças entre política doméstica e internacional. Na plataforma reaganista, o antiestatismo se referia ao papel do Governo Federal sobre a vida dos cidadãos e as limitações impostas aos estados. Para Reagan, durante a chamada política da Grande Sociedade de Lyndon Johnson (1963-1969), teria havido

---

<sup>148</sup> Ronbo, 1985 by Alfred Geschedit. Disponível em <https://curiator.com/art/alfred-gescheidt/ronbo> (último acesso 11.05.2020). Em 2010, um poster do artista foi incluído numa exibição da Biblioteca do Congresso dos EUA chamada “*Hope for America: Performers, Politics and Pop Culture, as an example of politics and camp*”.

um crescimento inaceitável do Estado enquanto instituição e enquanto interventor em diversas esferas da sociedade; nesse sentido, esse Estado agigantado precisava ser combatido e desfeito. Contudo, o antiestatismo não englobava a atuação internacional dos EUA; logo, o fortalecimento militar e das agências de segurança, bem como seu uso, publicitário ou real, não deveria ser limitado. Ademais, os estudos sobre Doutrina Reagan demonstram que ações secretas e espionagem tinham predileção e foram mais frequentes do que ações militares diretas, sendo Afeganistão e Nicarágua os exemplos mais significativos.<sup>149</sup> Assim, levando em consideração as diferenças entre o doméstico e o internacional, a análise da personagem ganha contornos diferentes. Murdock, um agente da CIA com predileção por missões sigilosas, resguardando-se de conflitos diplomáticos e de opinião pública, se coloca num limiar interessante: representa o burocrata liberal que comprova o antiestatismo de Reagan, mas atua de forma bastante reaganista no tocante à missão, optando por ações secretas e não engajamento explícito. Tal análise demonstra a subjetividade inerente do cinema como fonte histórica, pois embora represente dois aspectos conflitivos, a primeira interpretação se tornou mais comum, ao nosso ver, em virtude da excelente atuação de Charles Napier, que retratou um adversário repulsivo, suscitando uma aversão arquetípica contra burocratas. O próprio ator relata que um amigo íntimo lhe teria dito que o havia “odiado em Rambo II”.

Todavia, Rambo não somente retrata o confronto forte versus fraco, como também se coloca contra inimigos tão fortes quanto ele. Esta confrontação é apresentada de duas formas narrativas diferentes. Em primeiro, há a disputa entre o individual versus o coletivo. Assim como Red Dawn faz com os latino-americanos, Rambo II homogeneiza as figurantes vietnamitas ao ponto de um racismo implícito, negando-lhes profundidade e complexidade. A única exceção acontece com Bao-Co, o par romântico que deseja imigrar para os EUA e, portanto, apresenta uma personalidade a ser desenvolvida. Porém, tal possibilidade não se concretiza, pois como bem afirma Kellner (2001), a personagem precisa morrer para que o herói se mantenha focado, enraivecido, mas principalmente solitário em sua missão (KELLNER, 1991, p. 12). Os soldados vietnamitas somente impõem desafio à Rambo com sua superioridade numérica, ficando claro na emocionante cena do abandono de Rambo por Murdock e sua posterior rendição por dezenas de soldados.

A segunda forma ocorre nos conflitos com os antagonistas reais, os dois oficiais soviéticos. Yushin representa o mesmo design corporal de Rambo, sendo assim seu adversário em termos físicos. Durante o enfrentamento, o torturador soviético é capaz de dominar Rambo,

---

<sup>149</sup> Para maiores informações, sugerimos Pach, 2006.

se mostrando tão ou mais forte. A cena alcança seu clímax quando Yushin parece subjugar Rambo, que apela para a astúcia, usando sua força estrategicamente para atirar Yushin para fora do helicóptero. Podovsky, por outro lado, não representa um contraponto físico, mas tecnológico. O combate final não envolve nenhum tipo de combate corpo a corpo, e sim cenas de perseguição em helicópteros – uma reinterpretação tecnológica do gênero de faroeste, como bem relaciona Silva (2011, p. 113). O filme coloca o soviético numa posição superior, tendo um helicóptero maior, mais rápido e mais bem equipado. Novamente, Rambo parece a ponto de ser derrotado, quando seu helicóptero é abatido, obrigado a pousar e Podovsky o encontra desacordado. Porém, tudo não passou de um novo estratagema, e num movimento veloz, Rambo “desperta” e explode o inimigo com um lança granadas. Assim, os oponentes soviéticos se colocam como outros corpos fortes, sublinhando a ideia de que a URSS era um rival poderoso, mas vencível.

Rambo e Jed são guerreiros em situação desfavorável, mas que logram superar as adversidades por meio da força, violência e astúcia. Todavia, um elemento fundamental os diferencia: Rambo é solitário, enquanto Jed é líder de um grupo. Tal divergência ocorre devido aos principais elementos reaganistas incorporados à narrativa. Em *Red Dawn*, o foco é nos perigos da fragilidade militar e a consequente guerra; o grupo é colocado em destaque, pois a força para manter a paz emana do coletivo nacional. Em *Rambo*, por outro lado, a narrativa foca no que se convencionou chamar de “Retorno ao Vietnã” ou “Síndrome do Vietnã”. Kellner (1991) relata que, em 1983, o filme *Uncommon Value* (Ted Kotcheff, 1983) iniciou tais narrativas, nas quais um grupo de veteranos ou um “super” veterano retorna ao país asiático com o objetivo de resgatar prisioneiros norte-americanos. Prince (2007) explica que não existiria clareza moral nas narrativas sobre a Guerra do Vietnã, que geralmente seriam retratadas de forma negativa. Contudo, as personagens, especialmente militares, são postas sob um viés positivo, servindo como “uma reabilitação dos soldados norte-americanos, que até então haviam permanecido relativamente estigmatizados na cultura popular”. Kellner defende que estes filmes indicariam a incapacidade dos EUA de lidar com a derrota, obtendo uma “compensação simbólica” por meio de sua cultura popular (KELLNER, 1991, p. 10-11; PRINCE, 2007, p. 15). Esta mesma incapacidade pode ser identificada em Reagan, que é reconhecido por divulgar o termo “Síndrome do Vietnã”. Em 1980, Reagan afirmou:

“Por muito tempo, nós temos vivido com a Síndrome do Vietnã. [...]. Repetidas vezes, eles (norte-vietnamitas) nos disseram que eramos os agressores e conquistadores imperialistas. [...]. É tempo de reconhecermos que tínhamos uma causa nobre. [...]. Nós desonramos a memória de 50.000 jovens norte-americanos que morreram nessa causa quando damos lugar a sentimentos de culpa, como se estivéssemos fazendo algo vergonhoso, e tratamos mal aqueles que voltaram. Eles lutaram tão bem e tão

bravamente como qualquer norte-americano já lutou em qualquer guerra. Eles merecem nossa gratidão, nosso respeito e nossa preocupação contínua”.<sup>150</sup>

A Síndrome do Vietnã é temática complexa e amplamente analisada. Contudo, ela se enquadra no conceito de “Paz Armada”, objetivo desta discussão, pois Reagan receberia a fama de ter eliminado tal síndrome, especialmente em razão do fortalecimento militar.<sup>151</sup> De acordo com esta interpretação, a nova força nacional permitiu a recuperação da moral e da resolução norte-americanas para agir internacionalmente e a invasão de Granada em 1983 consolidou e publicizou a readquirida determinação do país. Neste sentido, filmes como *Rambo II*, mas também a trilogia *Missing in Action* (Joseph Zito, 1984; Lance Hool, 1985; Aaron Norris, 1988), estreando outro famoso “*hard body*” dos anos 1980, Chuck Norris, serviram como promotor da ideia, levando ao público a percepção de que homens fortes e, conseqüentemente um país forte, poderiam alcançar façanhas impressionantes e mesmo mudar a História.

Todavia, não seriam somente soldados em guerras que representariam a nova resolução nacional em combater o comunismo. A representação do homem forte e seu papel da Paz Armada encontraria numa outra produção cinematográfica um apelo ainda maior, conforme veremos em *Rocky IV*; aqui, o esporte se tornou arena do conflito reemergente dos anos 1980.

### **2.2.2. Rocky IV (1985): Vencendo a Guerra Fria pelo esporte<sup>152</sup>**

*Rocky IV* foi lançado em 27 de novembro de 1985, sendo uma coprodução da *United Artists* e *Chartoff-Winkler Productions* e distribuído pela MGM/UA. O filme é considerado um imenso sucesso comercial, sendo a continuação de uma franquia famosa e estreando um dos mais famosos atores da década, além de ter realizado um lançamento saturado, estreando em 1.325 salas de cinema. Seu sucesso no marketing boca a boca fez com que alcançasse 2.254 salas em sua sexta semana, quando começou gradativamente a decrescer até alcançar 783 salas na décima-primeira semana. Assim, seu lançamento foi ainda mais bem sucedido do que *Rambo II* e com um orçamento menor, USD 30 milhões (USD71,5 milhões em 2020). Seu faturamento na América do Norte alcançou USD128 milhões (USD305 milhões em 2020), e outros USD177 milhões no restante do mundo (USD422 milhões em 2020), alcançando um total de

---

<sup>150</sup> “Peace: Restoring the Margin of Safety no Veterans of Foreign Wars Convention, Illinois, em 1 de Agosto de 1980”. *Pre-Presidential Speeches*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/8-18-80> (último acesso 18/05/2020).

<sup>151</sup> Beinart, P. Think Again: Ronald Reagan. Foreign Policy. 07.06.2010. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2010/06/07/think-again-ronald-reagan/> (último acesso 02.01.2020).

<sup>152</sup> ROCKY IV. Direção de Sylvester Stallone. EUA: United Artists e Chartoff-Winkler Productions, 1985. (91 min).

aproximadamente USD300 milhões (USD715 milhões em 2020).<sup>153</sup> Foi a segunda maior bilheteria de seu ano e a 16ª durante toda a década.<sup>154</sup>

Rocky IV narra a estória de Rocky Balboa (Sylvester Stallone), um lutador de boxe profissional e atual campeão internacional. O filme inicia retratando a relação entre o atual campeão e seu arquirrival transformado em melhor amigo, Apollo Creed. O enredo principal se inicia na apresentação de Ivan Drago, um soviético aspirante ao título de campeão mundial. O filme explicita que a URSS nunca teve papel relevante neste esporte especificamente, mas que buscava inserir-se nele por meio de seu lutador. A comitiva soviética chega aos EUA e apresenta Drago como invencível, um milagre da ciência e da tecnologia soviéticas, que permitiram a um homem comum superar os limites naturais. Apollo, distanciado das manchetes e desejoso dos holofotes, decide desafiar o soviético para uma luta amigável. A luta ocorre no *MGM Grand Hotel* em Las Vegas, e um verdadeiro espetáculo patriótico é montado. A luta é brutal e Drago se comporta como uma máquina, não sentindo dores ou expressando emoções. Apollo insiste que deve lutar até o final e acaba sendo morto. Entristecido, sentindo-se responsável e encolerizado, Rocky abre mão de seu título mundial para desafiar o soviético, numa luta organizada na própria URSS e em frente aos membros do Politburo, onde estaria presente até mesmo Mikhail Gorbachev (David Lloyd Austin). Ambos treinam intensamente, Drago nos tecnológicos ginásios da URSS e Rocky na natureza gelada e rigorosa da Sibéria. A luta final, similar a anterior, acontece em meio a um intenso patriotismo, mas desta vez soviético. Contudo, diferentemente de Apollo, Rocky é capaz de ferir Drago, o que lhe dá ânimo, enquanto surpreende o adversário, até então, ileso e invicto. Finalmente, Rocky nocauteia Drago, vencendo a luta e sendo aplaudido mesmo pela multidão soviética, que gradativamente tomou seu partido conforme ele demonstrava resiliência e força contra aquele inimigo formidável.

Embora Rambo esteja entre os trabalhos mais lembrados de Stallone, Rocky foi sua porta de entrada para o estrelato. Stallone começou a buscar sucesso nas grandes telas nos anos 1960, mas somente o alcançou em 1976, com o lançamento de Rocky (1976, John Avildsen), que se tornou uma das maiores franquias do período, tendo continuações em Rocky II (1979, Sylvester Stallone), Rocky III (1982, Sylvester Stallone), Rocky IV (1985, Sylvester Stallone), Rocky V (1990, John Avildsen) e Rocky Balboa (2006, Sylvester Stallone). O ator havia expressado seu desejo de terminar a saga numa trilogia, mas com o grande apelo do público, o

---

<sup>153</sup> Rocky IV estreou no Brasil em 17 de janeiro de 1986. Países e regiões em ordem de estreia: EUA, México, Austrália, Brasil, França, Reino Unido, Irlanda, Portugal, Suécia, Taiwan, Noruega, Alemanha Ocidental, Finlândia, Dinamarca, Itália, Uruguai, Espanha, Colômbia, Holanda, Turquia, Grécia, Hong Kong, Japão, Coreia do Sul.

<sup>154</sup> Top 30 Highest Grossing Movies of the 80s (Worldwide). IMDb. Disponível em <https://www.imdb.com/list/ls026063974/> (último acesso em 18.05.2020)

sucesso comercial e o retorno do conflito bipolar às telas do cinema, uma continuação foi projetada. Em termos comerciais, sua decisão foi acertada, pois Rocky IV representou o maior retorno financeiro, porém foi criticado pela sua quebra de narrativa e incorporação de clichês reaganistas.<sup>155</sup> Roger Ebert critica, por exemplo, que enquanto Apollo Creed foi construído com complexidade para se tornar um rival interessante, Drago era apenas um inimigo “máquina” a ser vencido. Não haveria nenhuma profundidade na personagem soviética, a ponto de ele mal falar, o que era feito predominantemente por sua esposa, Ludmilla (Brigitte Nielsen).<sup>156</sup>

Embora similares, as duas personagens são diferentes em aspectos importantes. A tipologia cinematográfica de Rocky é drama e esporte, o que pressupõe “fórmulas, repetições e rituais” específicos e dois traços se destacam: a existência de um núcleo de suporte emocional, e a existência de sentimentos de angústia e incerteza (CORRIGAN; WHITE, 2012, Cp. 9). O lutador apresenta maior complexidade emocional, como é imediatamente apresentado em sua relação íntima com Apollo Creed, seu filho Rocky Jr. (Rocky Krakoff), sua esposa Adrian (Talia Shire) e seu cunhado, o “tio” Paulie (Burt Young). A existência de um núcleo familiar diferencia Rocky e Rambo, pois enquanto o segundo é apenas um soldado, o primeiro também é amante, pai e amigo. Em *Red Dawn* e *Rambo II*, os protagonistas desenvolvem interesses românticos rapidamente desconstruídos por meio da morte, o que fomenta a solidão e raiva dos heróis, mas em Rocky IV, Adrian representa um importante suporte emocional ao herói, tendo um papel fundamental em seu desenvolvimento. Ademais, Rocky demonstra angústias e incertezas pessoais inexistentes em Rambo e Jed, mas também vistas em Raymond, o que demonstra traços de similaridades entre gêneros cinematográficos, apesar de narrarem histórias muito diferentes. Tanto Rocky e Raymond são levados a um clímax emocional pelas circunstâncias, e as emoções e lutas internas são sublinhadas.

O ideal da masculinidade reaganista dos anos 1980 pressuporia uma ausência do fator emocional, considerada feminina. Assim, é possível questionar se a maior complexidade emocional do protagonista contradiria o conceito de Síndrome Rocky-Rambo ou até mesmo o desqualificaria como um “*hard body*” e, conseqüentemente, distanciando-o do Reaganismo. Argumentaremos que não para ambas as hipóteses. Em primeiro, buscaremos demonstrar que neste filme a complexidade emocional está subordinada à força, sendo-lhe necessária. Em

---

<sup>155</sup> Rocky (1976) obteve USD225 milhões (aproximadamente USD1 bilhão em 2020), Rocky II (1979) obteve USD200 milhões (USD706 milhões/2020), Rocky III (1982) obteve USD125 milhões (USD332 milhões/2020), Rocky V (1990) obteve USD120 milhões (USD235 milhões/2020) e Rocky Balboa (2006) obteve USD156 milhões (USD198 milhões/2020).

<sup>156</sup> Ebert, Roger. Review Rocky IV. Disponível em <https://www.rogerebert.com/reviews/rocky-iv-1985> (Acesso 05.05.2020).

segundo, mostraremos que a narrativa vai além deste conceito específico e incorpora outros elementos de Guerra Fria para construir seu realismo cinematográfico.

Rocky IV demonstra as limitações de uma análise fílmica unicamente baseada no gênero cinematográfico primário. Embora as emoções sejam melhor retratadas, nesta narrativa exercem um papel de estímulo ao uso da força e à violência. Há dois momentos marcantes que evidenciam tal interpretação. Em primeiro, quando Apollo pede o apoio de Rocky, esta questiona “você não acha que está lutando contra si mesmo?” e vai além “nós estamos mudando, nos tornando pessoas comuns”. Apollo lhe responde

“talvez você pense que está mudando, mas não pode mudar o que realmente é. [...]. Nós nascemos com um instinto nato para matar, que não se pode ligar ou desligar. Nós temos que ter ação, porque somos guerreiros. Sem desafios, ou uma luta ou uma guerra, seria melhor o guerreiro estar morto”

Não fica claro se Rocky aceita tais ideias, mas concorda em treinar seu amigo para a luta, que o levaria à morte. Em sequência, após desafiar Drago, Rocky tem uma discussão com sua esposa. Adrian lhe diz que deveria esperar, não se precipitar, pois Drago é muito forte e Rocky não poderia vencer. Rocky lhe responde:

“Eu sou um lutador. É assim que fui feito e é com isso que se casou. Não podemos mudar o que somos. Você não pode mudar tudo. Só podemos continuar sendo o que somos. [...] Talvez eu não possa vencer. Talvez a única coisa que possa fazer é levar todos os socos na cara. Mas para ele me vencer, ele vai precisar me matar. E para fazer isso, ele vai precisar aceitar lutar comigo e aceitar que ele pode morrer também”.

A comparação entre as duas cenas demonstra um gradativo convencimento do protagonista da necessidade de lutar. Conforme sua convicção se assenta, Rocky realiza os mesmos auto sacrifícios vistos em Rambo e Jed. Por exemplo, Rocky desiste de seu título mundial para poder lutar contra o soviético e vingar seu amigo; coloca seu casamento em jogo; e, acima de tudo, coloca a própria vida em risco. A partir deste momento, a força, especialmente o “corpo forte”, assume o controle da narrativa, pois as cenas seguintes se intercalam entre os treinamentos dos rivais. Enquanto Drago se utiliza de ginásios equipados com alta tecnologia e diversos cientistas para ajudá-lo, Rocky treina na natureza, fortalecendo seu corpo “de forma natural”.

Embora Rambo tenha sido visto como o “*hard body*” por excelência, a representação deste conceito em Rocky alcança níveis desmedidos, beirando ao irracional. Em nome do realismo cinematográfico, o filme insere informações para orientar a audiência. É explicado que



um boxeador médio pode alcançar uma força aproximada de 300 libras por polegada quadrada (psi em inglês), porém Drago alcançava impressionantes 1850 psi. Para efeitos comparativos, um corpo humano médio pode aguentar de 50 a 400 psi, o que significa dizer que o soco do soviético era aproximadamente cinco vezes superior ao que o corpo humano pode suportar e, não à toa, Apollo Creed é morto durante a luta. Embora o filme explicita o uso de anabolizantes pelo soviético, demonstrando que, em verdade, ele não seria o produto de uma ciência e tecnologia superior, o fato narrativo é que ele é imensamente forte. Porém, ao longo da luta contra Rocky, ele é ferido, para sua imensa surpresa. Existe uma inversão de papéis: no momento em que Drago sangra, Rocky se dá conta de sua humanidade e, portanto, falibilidade. Ao mesmo tempo, o treinador de Drago lhe questiona “como pode estar apanhando? Ele é um ninguém, um fraco!” ao que o boxeador responde “Ele não é humano. Parece feito de ferro”. Assim, Rocky não apenas suporta tamanha força, como é capaz de vencer ao final, o que seria impossível em qualquer condição não ficcional. Neste sentido, apesar do drama e das emoções, o corpo forte de Rocky é ainda “mais forte” do que o próprio Rambo, demonstrando que a personagem merece seu lugar na Síndrome Rocky-Rambo.

Além da presença marcante da força e do *hard body*, o filme incorpora elementos narrativos diversos para criar seu realismo cinematográfico, muitos deles diretamente ligados à Guerra Fria. Inicialmente, a retratação cinematográfica de uma competição esportiva entre EUA e URSS pode ser rastreada às disputas geopolíticas que envolveram as Olimpíadas de 1980 e 1984. Em 1980, o governo Carter decidiu boicotar os Jogos Olímpicos de Moscou em razão da invasão soviética ao Afeganistão, ocorrida em 25 de dezembro de 1979. Por pressão norte-americana, outros 68 países impuseram restrições totais ou parciais aos seus atletas, levando a um esvaziamento dos jogos. Em represália, a URSS e países sob sua influência boicotaram os Jogos Olímpicos de 1984, realizados na cidade de Los Angeles. Assim como os Jogos Olímpicos foram politizados na rivalidade bipolar, em Rocky IV, o esporte é tratado politicamente. A personagem de Ludmilla é importante neste aspecto, pois é retratada como ganhadora de duas medalhas de ouro nas Olimpíadas, e vai aos EUA acompanhar seu marido, mas também promover um diálogo cooperativo por meio do esporte. Porém, a inautenticidade da personagem é demonstrada em alguns momentos, especialmente por meio de elementos técnicos de cinematografia. Por exemplo, antes da luta com Apollo, Ludmilla aproxima-se da esposa do lutador e lhe diz “espero que possamos ser amigas depois da luta; afinal, eles são esportistas e

não soldados”. Contudo, quando Apollo cai morto, um *close-up* é feito no rosto da personagem, demonstrando sua euforia com a morte do boxeador norte-americano.<sup>157</sup>

A Guerra Fria também é fundamental na narrativa que leva ao convencimento de Rocky. Momentos antes da luta entre Drago e Apollo, Rocky ainda está profundamente incerto e busca convencer seu amigo a postergar o evento, afirmando que é apenas uma luta e não representaria nada além disso. Enfurecido, Apollo lhe responde “do que você está falando? Essa luta é sobre Nós contra Eles”, e finaliza: “Você pode ainda não saber do que estou falando, mas até o final, irá entender”. Quando Apollo morre e jornalistas questionam Drago, o soviético apenas responde “se ele morrer, ele morreu”, não demonstrando nenhum remorso. É possível notar que Rocky não apresentava, inicialmente, qualquer tipo de aversão intrínseca àquele rival soviético. Contudo, conforme Apollo “previu”, ao final da luta, o protagonista entenderia que, de fato, havia um “nós contra eles”, e que agora seria sua responsabilidade continuar esta luta.

Todavia, é no final do filme que abundam elementos propagandísticos de Guerra Fria. O primeiro se dá com relação à multidão soviética, majoritariamente formada por militares. No início, quando Rocky adentra o recinto, é recebido com profunda animosidade, diferentemente de Drago, que é recepcionado como um herói nacional. Em verdade, o filme aprofunda a percepção de uma luta entre “Davi e Golias”, o mito cristão frequentemente invocado para retratar a ideia de uma luta do forte contra o fraco. Contudo, ao longo da luta, a multidão simplesmente troca de lado, passando a torcer para o norte-americano. Dá-se a entender que a resiliência e a força de vontade de Rocky foram capazes de conquistar “os corações e as mentes” daquelas pessoas, e como coloca comicamente Roger Ebert: “Com certeza. Sim, isso aconteceria mesmo. Pode apostar!”.<sup>158</sup> Quando o norte-americano vence, é embalado numa bandeira dos EUA e aclamado por todos, para horror e consternação dos membros do Politburo, que assistiam à disputa. Em seu discurso final, altamente politizado, diz:

“Eu cheguei aqui esta noite sem saber o que iria acontecer. Eu vi muita gente me odiando e não sabia o que sentir sobre isso, então acabei odiando vocês de volta. Durante a luta, eu percebi muitas mudanças. O que vocês achavam de mim e o que eu achava de vocês. Aqui, haviam dois caras se matando, mas isso é melhor do que 20 milhões. O que estou tentando dizer é: se eu posso mudar e vocês podem mudar, todo mundo pode mudar”.

---

<sup>157</sup> Close-up é um dos tipos de posicionamento da câmera quando feita a gravação. Neste tipo, uma parte do corpo é isolada e focada. Para maiores informações, sugerimos Villarejo, 2007, Cp. 2.

<sup>158</sup> Ebert, Roger. Review Rocky IV. Disponível em <https://www.rogerebert.com/reviews/rocky-iv-1985> (Acesso 05.05.2020).

Para aumentar o efeito dramático, a cena intercala diversos *close-ups* nos rostos dos soviéticos “profundamente emocionados” com aquele discurso, que aplaudem vigorosamente o herói norte-americano. Se não fosse pouco, Gorbachev (David Lloyd Austin) se junta à multidão, obrigando todos os membros do Politburo a fazerem o mesmo.

Enquanto Rambo e Red Dawn exacerbam o aspecto negativo da URSS, com um enfoque em propaganda negativa, Rocky nos apresenta algo inusitado: o herói não apenas vence o vilão, como também vence a ideologia por trás dele. A narrativa se baseia na fórmula comum de “Nós contra Eles”, que é explicitamente indicada na fala de Apollo. Entretanto, promove-se uma ideia final de que “nós” e “eles” poderiam mudar, eliminando as rivalidades; ou, ao menos, colocá-la num contexto menos letal. Porém, quem efetivamente muda são “eles”, baseando-se na ideia tipicamente Reaganista de que, na competição de ideias, o modelo norte-americano de liberdade venceria ao final. Além disso, há dois aspectos importantes que demonstram a percepção apurada de Hollywood sobre os acontecimentos políticos da época. Em primeiro, as relações americano-soviéticas haviam alcançado uma baixa história em 1983, e conforme visto ao longo do capítulo 1, Reagan buscou uma reaproximação e moderou profundamente sua retórica agressiva a partir de janeiro de 1984, momento em que o filme estava sendo produzido. Em segundo, a chegada de Gorbachev ao poder foi interpretada como positiva, pois o novo líder, mais jovem do que seus antecessores, era visto como mais aberto à mudança. Assim, Rocky IV incorpora elementos da rivalidade reemergente da 2ª Guerra Fria e, ao mesmo tempo, elementos que levariam ao seu fim, como a representação de um Gorbachev cooperativo e a ideia de que os soviéticos poderiam mudar pacificamente.

O anticomunismo e a força são importantes aspectos da Era Reagan do Cinema. De forma geral, são traços mais comumente identificados na literatura e usados amplamente como lente interpretativa para as produções hollywoodianas da década. Todavia, outros traços do pensamento reaganista também são frequentes, mas pouco explorados, especialmente porque sugerem interpretações mais específicas e compreensão pormenorizada do pensamento político de Reagan para assuntos peculiares das relações internacionais do período. Na próxima seção, discutiremos a representação da política de détente, demonstrando o caráter reaganista e antirreaganista em importantes produções da década de 1980.

### **2.3. A Nocividade da Política de Détente em Firefox (1982) e na Franquia James Bond (1981, 1983, 1985)**

Conforme discutido ao longo do capítulo 1, o primeiro mandato de Reagan foi dominado por um pensamento anti-détente. A détente foi uma política de aproximação e cooperação entre as superpotências, remontando ao final dos anos 1960. O ex-presidente Richard Nixon (1969-1974) e Henry Kissinger (Secretário de Estado, 1973-1977, e Conselheiro de Segurança Nacional, 1969-1975) são entendidos como seus principais elaboradores, executores e defensores. Tal política, interpretadas pelas teorias de Relações Internacionais como Realista, fomentou uma distensão ou relaxamento ao desviar o foco da disputa ideológica para interesses materiais. Para seus críticos, teria representado uma resignação ao expansionismo soviético e a legitimação indevida do modelo sociopolítico comunista, e, por isso, Reagan e os intelectuais neoconservadores abominavam a détente. Defendiam que a política havia sido nada menos do que uma estratégia soviética para enfraquecer os EUA, vis-à-vis seu próprio fortalecimento militar e geopolítico. Como evidência, identificavam os gastos militares soviéticos em expansão, a criação e instalação de novos armamentos e de uma marinha com alcance global e os diversos movimentos socialistas apoiados pelos soviéticos, como Nicarágua, Iêmen, Angola, Etiópia e Afeganistão.

Nas duas seções prévia, discutimos os aspectos cinematográficos do anticomunismo e da paz armada, frequentemente associados ao reaganismo por diferentes literaturas (história, relações internacionais, ciência política e estudos culturais). Nesta seção, pretende-se discutir as representações da détente sob a ótica do reaganismo, pois, embora a política de détente seja conhecida, ela apresenta complexidades maiores do que as previamente discutidas. Distingue-se regularmente na literatura fílmica análises que identificaram aspectos anticomunistas reaganistas nas produções da época, mas que não foram capazes (ou que não pretendiam) circunstanciar aspectos referentes a uma política específica, no caso a détente. Neste sentido, pretendemos contribuir com esta literatura fornecendo uma análise singularizada, demonstrando como filmes incorporaram aspectos da détente, reaganistas ou não. Para este fim, utilizaremos o filme *Firefox* de 1982, dirigido e estrelado por Clinton Eastwood, e três filmes da franquia James Bond, *For Your Eyes Only* (1981), *Octopussy* (1983) e *A View to a Kill* (1985), todos dirigidos por John Glen e estrelados por Roger Moore.

### 2.3.1. Firefox (1982): Tecnologias fantásticas e a reconquista dos céus<sup>159</sup>

Firefox, ou Raposa de Fogo em seu título brasileiro, estreou em 18 de junho de 1982 nos EUA, tendo sido financiado pela *Major Studios Partner*, produzido pela *The Malpaso Company* e distribuído pela Warner Bros. O filme contou com um lançamento em 881 salas de cinema e chegou a alcançar 1.304 em sua quarta semana de exibição. Comercialmente, não pode ser comparado com as grandes franquias Rocky e Rambo, aproximando-se de Red Dawn e White Nights, alcançado um retorno financeiro de USD47 milhões (USD125 milhões em 2020), e se posicionando como 15º maior sucesso de bilheteria em 1982.<sup>160</sup>

Firefox narra a estória do Major norte-americano Mitchell Gant (Clint Eastwood), um ex-piloto tomado prisioneiro durante a Guerra do Vietnã e que, passada a guerra, havia encontrado tranquilidade em uma propriedade longínqua no Alasca oferecida pelo governo norte-americano. Gant é rastreado pelo Capitão Buckholz (David Hauffman), que lhe convoca para uma importante missão em território soviético.<sup>161</sup> Em outro lugar, uma reunião do alto comando da OTAN é conduzida por Kenneth Aubrey (Freddie Jones), onde se discute um novo avião de caça soviético, o modelo MiG-31, batizado de Firefox. Aubrey previne sobre a grande capacidade tecnológica da aeronave, o produto final da busca soviética por supremacia e a consequente desestabilização do equilíbrio militar entre Leste e Oeste. Em sua missão, Gant deverá infiltrar-se na base militar soviética onde se encontra o novo projétil, roubá-lo e levá-lo aos EUA, mas caso não seja possível, inviabilizar seu uso pelos soviéticos, ainda que seja necessário atirar-se no oceano. Após semanas de treinamento, Gant chega à Moscou se passando por um empresário previamente identificado pela KGB como traficante internacional de drogas, pois o plano de infiltração dependia de o norte-americano ser inicialmente seguido. Na cidade, ele se encontra com contatos soviéticos trabalhando para a CIA, que o ajudam. Sob a tutela de Pavel Upensky (Warren Clarke), Gant logra sair de Moscou e se encontrar com os cientistas Semelovsky (Ronald Lacey) e Baranovich (Nigel Hawthorne), judeus-soviéticos forçados a trabalhar na produção de armas, mas que secretamente são agentes duplos. Os cientistas iniciam um tumulto, mas são identificados e sumariamente executados pelos soldados. Todavia, Gant se apodera de um modelo Firefox e foge. Neste exato momento, o Secretário-Geral soviético (naquele ano

---

<sup>159</sup> FIREFOX. Direção de Clint Eastwood. EUA: Major Studio Partners e The Malpaso Company, 1982. (136 min).

<sup>160</sup> Firefox estreou no Brasil em 16 de dezembro de 1982. Países e regiões por ordem de estreia: EUA, Reino Unido, Irlanda, Japão, Austrália, Suécia, Noruega, Finlândia, Alemanha Ocidental, Itália, Dinamarca, Portugal, França, Espanha, Brasil, Argentina, Colômbia, Filipinas, Peru, México, Holanda, Uruguai, Coreia do Sul.

<sup>161</sup> Em verdade, Gant não tem escolha, pois Buckholz lhe informa que caso negue a missão, sua propriedade seria devolvida ao governo dos EUA. De forma geral, os filmes dos anos 1980 incorporam o profundo antestatismo que se desenvolveu no pensamento conservador a partir dos anos 1970.

Leonid Brezhnev, interpretado por Stefan Schnabel), chega à base para uma visita e, tomando ciência do ocorrido, assume a operação para recuperar o avião. Após uma sequência de desacertos, o comando soviético envia o piloto Coronel Voskov no segundo Firefox para caçar Gant. Os pilotos se enfrentam, empregando todas as potencialidades tecnológicas do avião. Contudo, Gant é mais habilidoso e consegue destruir o segundo Firefox e matar Voskov, voltando para os EUA com o avião roubado.

Conforme temos observado, elementos reais da Guerra Fria foram reiteradamente incorporados a filmes hollywoodianos, como inspiração narrativa, para criar realismo cinematográfico, ou ambos. Neste ínterim, Firefox representa importante amostra, pois o filme foi baseado no romance de mesmo nome de 1977 do escritor Craig Thomas, quem adaptou a famosa deserção do piloto soviético Viktor Belenko para a ficção. Pilotando um modelo soviético MiG-25, Belenko aproveitou-se de um voo de rotina para desertar, aterrissando na ilha de Hokkaido, no Japão, em 6 de setembro de 1976. Lá, o piloto não somente entregou às forças armadas norte-americanas o avião, como delatou o projeto soviético de desenvolvimento de uma versão melhorada, o MiG-31 (não à toa, assunto de ambas as narrativas ficcionais). À época, o MiG-25 era parte fundamental da estratégia de vigilância soviética, sendo seu único modelo capaz de interceptar o principal avião de reconhecimento estratégico dos EUA, o Lockheed SR-71.<sup>162</sup> A URSS pressionou pela devolução do avião, que foi entregue desmantelado, para evitar que os soviéticos notassem as análises técnicas realizadas. Apesar disso, os soviéticos identificaram interferências e acredita-se que isso acelerou a substituição pelo novo modelo. Em 1981, o MiG-31 foi oficialmente incorporado à Força Aérea soviética.

Assim, quando Firefox estreou, capitalizou e atraiu um público familiarizado com o tema de seu enredo. Para além disso, todavia, Clint Eastwood foi fator crucial no sucesso do filme. Assim como Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger representaram os principais atores masculinos nos anos 1980, Eastwood foi o modelo da masculinidade dos anos 1960 e 1970.<sup>163</sup> Porém, Morrison (2010) argumenta que o ator não teria sido capaz de adaptar-se ao novo modelo de masculinidade emergente, o “*hard body*”, e, por essa razão, foi gradativamente substituído. O autor alega que os anos 1980 representaram um intenso declínio na carreira de Eastwood, mas não o fim de seu estrelato, enquanto, ao mesmo tempo, sua imagem como um *auteur* se

---

<sup>162</sup> Leone, D. “How the Crazy Defection of Soviet Pilot Viktor Belenko Inspired Clint Eastwood’s Blockbuster Movie Firefox”. The National Interest, 2019. Disponível em <https://nationalinterest.org/blog/buzz/how-crazy-defection-soviet-pilot-viktor-belenko-inspired-clint-eastwood%E2%80%99s-blockbuster> (último acesso: 21.05.2020)

<sup>163</sup> Atuava em Hollywood desde 1955 e ficaria reconhecido por seus papéis em filmes de ação e faroeste. Para se ter noção do estrelado de Eastwood, ressalta-se que em sua trajetória na indústria, como ator, diretor e produtos de filmes, foi responsável por gerar somente nos EUA uma bilheteria de quase USD2 bilhões.

solidificou. De acordo com os manuais de Teoria do Cinema, o “auteur” representa um movimento iniciado por críticos filmicos franceses que buscavam determinar os traços artísticos inerentes a um determinado diretor. Durante os anos 1980 a famosa revista especializada francesa, *Cahiers du Cinéma*, elevaria Eastwood a este patamar (MORRISON, 2010, p. 224-229). Neste sentido, duas conclusões prévias se erguem. Em primeiro, as produções estreladas por Eastwood não costumam ser identificadas sob o ponto de vista da força e da masculinidade reaganista, como as obras de Rambo e Rocky, lhe afastando do conceito de “*hard body*”, e também da Síndrome Rocky-Rambo. Em segundo, sua “*autership*” (autoria em português aproximado) o distancia das produções blockbusters e o aproxima de produções como *White Nights*, pois ambos apresentariam traços artísticos destacados. Apesar disso, evidenciaremos que seu filme apresenta qualidades reaganistas, mas que dependem de um conhecimento mais aprofundado sobre o pensamento e as preocupações pessoais do ex-presidente para serem trazidos à luz.

O primeiro traço reaganista na narrativa ligado diretamente à política de détente se dá na representação ficcional de judeus-soviéticos. Semelovsky, Pyotr e Natalia Baranovich são brilhantes judeus-soviéticos, bem como agentes duplos que desejam impedir o fortalecimento militar de seu próprio país. Conforme visto no capítulo 1, a preocupação norte-americana com judeus e outras minorias religiosas na URSS se colocou como importante entrave no avanço da política de détente a partir de 1972.<sup>164</sup> O assunto se manteve em pauta, mas durante a administração Reagan alcançou novos contornos. O presidente se mostrava profundamente interessado no tema, que lhe chamava atenção frequentemente. Em seu diário, por exemplo, contou a história da Sra. Scharansky, uma judia-soviética que havia completado seu processo para emigrar para Israel juntamente com seu marido, que iria posteriormente. Contudo, seu marido havia sido preso e acusado de espionagem a favor dos norte-americanos. Reagan se mostra ultrajado, relatando que o homem nunca havia sido um espião e estava preso a mais de 10 anos devido a uma mentira soviética. Em outro relato, comenta “queria dizer ao Pravda que, 40 anos após o Holocausto, os soviéticos são os únicos oficialmente praticando antissemitismo”. Sua visão sobre os judeus-soviéticos não se modificaria com o tempo, como pode ser visto neste trecho de seu diário de 1987: “uma reunião com líderes judeus e 3 refuseniks que nós conseguimos tirar da URSS. Eu falei para eles que nossa intenção era libertar ainda mais judeus

---

<sup>164</sup> Em 1972, o Senador Henry Jackson (D-Washington) e outros 72 senadores inseriram questões de imigração judaica na agenda bilateral soviético-americana, com o intuito de fragilizar a détente. Para maiores informações, ver a seção 1.3.1 desta dissertação.

soviéticos e dar-lhes melhores condições de vida e liberdade” (REAGAN, 2009, p. 21, 315, 549).<sup>165</sup>

Em Firefox, a narrativa sobre as personagens judeus-soviéticas assemelha-se substancialmente ao pensamento reaganista. Numa conversa entre Gant e Upenskoy, este clama: “eu devo morrer se necessário, para você cumprir a missão”, ao que Gant questiona porque os judeus gostavam tanto de desafiar as autoridades. Upenskoy lhe conta que os os cientistas Semelovsky e Baranovich estavam entre os mais inteligentes do país; eram verdadeiros russos, mas seriam eventualmente enviados “para algum lugar” somente por sua herança religiosa. Sobre si mesmo, Upenskoy conta que não é judeu, mas sua esposa sim, que havia sido aprisionada por manifestar-se contra a invasão da Tchecoslováquia e nunca foi solta e, por isso, ele havia “tomado a luta dela para ele”. Para enganar os agentes da KGB em postos ao longo da estrada, Gant se passa por Boris Glazunov, um judeu que trabalha para Upenskoy. O verdadeiro Glazunov não está envolvido nos acontecimentos e não tem nenhum conhecimento, mas ainda assim é aprisionado no meio da noite, torturado e morto. Semelovsky, Pyotr e Natalia Baranovich são os brilhantes cientistas responsáveis pelo desenvolvimento do Firefox, mas são tratados como prisioneiros, seguidos e vigiados. Recebem Gant com gentileza e hospitalidade, explicam o plano para o roubo e clarificam que provavelmente seriam necessários seus sacrifícios para que aquela arma fosse tirada do poder dos soviéticos, o que de fato ocorre.

Nota-se que os judeus-soviéticos performam de uma forma importante e complexa. Temos a ativista aprisionada, similar à história do “marido da Sra. Scharansky”; Upenskoy, que não é judeu, mas assume a luta para si; Glazunov, um indivíduo comum que acaba torturado e morto, significando a brutalidade com que este povo estava sendo submetido dentro da URSS; e, por fim, os cientistas geniais, gentis e corajosos, dispostos a trair seu país para que a URSS não obtenha uma arma ainda mais mortal. Tal complexidade em personagens coadjuvantes difere das narrativas analisadas até aqui. Em Red Dawn, os jovens representam uma coletividade e são importantes para as ações dos Wolverines. Entretanto, a maioria deles não recebe nada mais do que nome; não havendo aprofundamento em suas personalidades, emoções e motivações. Quando morrem, não geram um significativo impacto, como por exemplo na morte de Jed e Matt, os coprotagonistas. Em Rocky IV, existem importantes personagens coadjuvantes que suprem o herói com o suporte emocional necessário. Porém, a nenhuma delas é exigido um sacrifício fundamental para a vitória final do lutador. A nosso ver, em Firefox os judeus-soviéticos superam a tipificação filmica comum de coadjuvantes e se elevam ao patamar de

---

<sup>165</sup> Refusiniks é o termo em inglês para judeus-soviéticos a quem foi negado vistos para emigrar para Israel ou outros países.



coprotagonistas: a existência de cada um deles é essencial para o herói cumprir seu papel. Neste sentido, eles próprios simbolizam elementos tipicamente associados ao herói: coragem, determinação, resiliência e auto sacrifício.

Enquanto a apresentação de heróis coprotagonistas judeus-soviéticos está em profunda sintonia com o reaganismo, a narrativa central refere-se a um elemento ainda mais fundamental do pensamento reaganista anti-détente: o fortalecimento soviético vis-à-vis o enfraquecimento norte-americano. Durante sua administração, Reagan executou uma real guerra tecnológica contra os soviéticos, objetivando impedir que obtivessem qualquer tipo de tecnologia ocidental para usos militares. Em novembro de 1982, o NSDD-66 determinou os parâmetros sobre as relações econômicas e se determinou uma limitação substantiva da transferência de tecnologias.<sup>166</sup> Nos EUA, o Grupo Interagência sobre Transferência de Tecnologias Estratégicas, dirigido pelo Departamento de Estado, ficou responsável pelas análises do tipo. Poucos meses depois, o novo parâmetro da relação se solidificou com a publicação do NSDD-75, onde se expressa:

“assegurar que as relações econômicas Leste-Oeste não facilitem o fortalecimento militar soviético. Para isso é necessário prevenir a transferência de tecnologia e equipamentos que poderiam dar contribuição substancial, direta ou indiretamente, ao poder soviético”.<sup>167</sup>

Em sua narrativa, Firefox se coloca no meio da guerra tecnológica perpetrada por Reagan, pois o avião simboliza nada menos do que o fortalecimento soviético enquanto os EUA se enfraqueciam. É importante termos em mente que o desenvolvimento de tamanha tecnologia demanda um longo período de pesquisa e desenvolvimento, o que leva o espectador a pressupor que o Firefox vinha sendo desenvolvido enquanto os dois países experimentavam sua distensão. Logo, o filme promove a ideia de Reagan de que a détente foi apenas um estratagema soviético para desviar as atenções dos norte-americanos, e que os soviéticos nunca a respeitaram de verdade. Para além disso, também a partir da détente, o filme realiza uma crítica contundente contra os EUA. Numa cena pós-roubo, Brezhnev (Stefan Schnabel) é questionado por um oficial se aquela ação seria apenas um blefe norte-americano, ao que o líder responde desdenhosamente: “Eles (os norte-americanos) estão simplesmente pagando o preço por muitos anos de fraqueza.

---

<sup>166</sup> Nos primeiros anos da administração Reagan, ocorreu a crise do *Siberian Pipeline* ou Gasoduto siberiano. A URSS fornecia a maior parte da energia para a Europa Ocidental e previa a construção de um extenso gasoduto levando seu gás para o continente. Contudo, Reagan e sua administração objetariam o projeto, alegando que feria princípios de sua segurança nacional e aprovaria uma ordem para impedir que empresas norte-americanas e suas subsidiárias europeias se envolvessem, levando a uma crise entre os Aliados.

<sup>167</sup> “NSDD 66 East-West Economic Relations and Poland-Related Sanctions” e “NSDD 75 U.S. Relations with the USSR”. *National Security Decisions Directives*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/digital-library/nsdds> (último acesso: 10.05.2019).

Estão pagando com este ato de desespero”. Porém, em sequência, a ação norte-americana de roubar tecnologia é minimizada quando o líder afirma que “eles (os norte-americanos) conhecem o poder desta nave. Se a situação fosse contrária, nós provavelmente faríamos o mesmo”. Assim, o filme explicita que a ação norte-americana, aparentemente condenável, em verdade, seria uma resposta legítima e necessária dado o contexto de Guerra Fria entre as superpotências.

A motivação que leva ao roubo se origina do grande poder militar do avião. O MiG-31 ou Firefox é descrito como tendo “furtividade total, teto de combate de mais de 1.000 pés (mais de 30km), velocidade superior a March 5 ou até mesmo 6, e um sistema de armas ativado por pensamento, o que daria vantagem no tempo de reação de 3 a 5 segundos sobre qualquer oponente”. Neste sentido, o filme hibrida os gêneros de ação e ficção científica, criando uma arma futurista e potencialmente invencível. O potencial do Firefox é demonstrado quando Gant foge e se depara com diversos empecilhos colocados pelos soviéticos. Primeiramente, o norte-americano consegue despistar todos os sistemas de radar soviéticos, demonstrando a grande capacidade furtiva e levando o centro de comando a acionar defesas nos locais errados. Eventualmente, o piloto se depara com um navio cruzador, ordenado a interceptá-lo, e dois helicópteros levantam voos para persegui-lo. Gant destrói com extrema facilidade o primeiro helicóptero com o sistema de armas do Firefox e, em seguida, apenas com a velocidade, explode o segundo helicóptero.<sup>168</sup> Ao final do filme, a grande batalha se dá contra o piloto Coronel Voskov. Assim como em *Red Dawn*, *Rambo* e *Rocky*, o soviético é apresentado numa posição de vantagem. Seu Firefox era um segundo protótipo melhorado, e o poderoso sistema de furtividade permite que ele se aproxime de Gant sem ser captado. Os dois pilotos se enfrentam, com o soviético mantendo a vantagem por todo o tempo e, assim como em *Rocky IV*, este filme apresenta informações que tornam a luta e vitória final bastante irreais. As armas dos aviões são ativadas por pensamento, mas somente se o pensamento for em russo. Para completar, Gant é apresentado como tendo transtorno de estresse pós-traumático após a Guerra do Vietnã e, durante a luta, acaba experimentando uma crise. Apesar de todas essas desvantagens, Gant é capaz de explodir o segundo Firefox, matar Volkov e continuar seu retorno para casa.

Firefox se coloca como um interessante exemplo para compreender aspectos implícitos ou mais complexos do pensamento reaganista nos anos 1980. Não à toa, menos análises filmica foram direcionadas a esta produção e, mesmo Prince (2008), não o cataloga entre seus exemplos de “novas produções de Guerra Fria”, diferentemente de Silveira e Alves (2018), que o acrescentam em sua amostra analítica, mas não realizaram análises filmicas de narrativa

---

<sup>168</sup> Comenta-se que Firefox retirou inspirações do recém bem-sucedido *Star Wars IV e V*, lançados respectivamente em 1977 e 1980.

(PRINCE, 2007, p. 15-17). Na próxima seção, veremos os desdobramentos do reaganismo sobre a mais famosa franquia de filmes de Guerra Fria de todos os tempos: a do espião James Bond.

### 2.3.2. A Franquia 007: Détente, Guerra Fria e as ambiguidades do nosso espião favorito<sup>169</sup>

Entre as grandes produções originárias na Guerra Fria e que detêm clara ligação com o conflito bipolar, se sobressai a franquia James Bond, ou 007, como é mais comumente conhecida no Brasil. Em 1953, o ex-membro da inteligência naval britânica convertido em romancista, Ian Fleming, criou o mais famoso espião da cultura popular, James Bond, um membro do serviço secreto britânico MI6, conhecido como agente 007. O primeiro filme da franquia foi lançado em 1962 com o título *Dr. No*, ou O Satânico Dr. No em seu título brasileiro, e aproximadamente 50 anos depois, a saga se mantém popular, com o lançamento previsto de *No Time to Die* (Sem Tempo para Morrer no Brasil) para 2020. Ao longo de sua extensa existência, a franquia produziu 25 filmes e gerou receita total de USD14 bilhões (valores correntes), colocando-o como a quarta mais rentável franquia na história do cinema.<sup>170</sup>

Antes de avançar, desponta o questionamento: por que analisar a franquia do espião britânico numa pesquisa sobre cinema hollywoodiano? É possível tirar conclusões sobre a produção cultural dos EUA a partir de um filme britânico? Argumentamos que sim, por três razões. Em primeiro, a franquia James Bond é propriedade da *Eon Productions*, um estúdio localizado em Londres, levando, a princípio, que todas suas produções sejam catalogadas como britânicas. Entretanto, a *Eon Productions* foi criada pelo famoso produtor de filmes norte-americano Albert Broccoli, que teve carreira prévia em Hollywood, e Harry Saltzman, um canadense e produtor artístico que também se assentaria em Hollywood por um período de sua carreira, antes de finalmente mudar-se para Londres. Em segundo, persiste uma relação simbiótica entre as duas indústrias. A partir dos anos 1930 em diante, os grandes estúdios abriram filiais no Reino Unido, como a Warner Bros., a MGM-British e a Disney.<sup>171</sup> Tal relação se solidificou com o tempo e atualmente é normal que filmes creditados como norte-americanos tenham sido majoritariamente gravados na Inglaterra.<sup>172</sup> Além disso, diversas estrelas de

---

<sup>169</sup> FOR YOUR EYES ONLY. Direção de John Glen. Reino Unido: EON Productions, 1981. (127 min). OCTOPUSSY. Direção de John Glen. Reino Unido: EON Productions, 1983. (131 min). A VIEW TO A KILL. Direção de John Glen. Reino Unido: EON Productions, 1985. (131 min).

<sup>170</sup> As três primeiras posições são ocupadas pelo Universo Cinematográfico Marvel, Star Wars e Wizarding World.

<sup>171</sup> Por exemplo, duas das maiores animações da Disney na época, *Treasure Island* (1950) e *The Story of Robin Hood and His Merry Men* (1952) foram produzidas na Inglaterra, apesar do público não tomar ciência.

<sup>172</sup> Por exemplo, o sucesso da Marvel *Guardiões da Galáxia* foi filmado totalmente na Inglaterra, mas é creditado como um filme norte-americano.

Hollywood são, em verdade, britânicas, como Julie Andrews, Christian Bale, Charles Chaplin, Audrey Hepburn, Anthony Hopkins, Elizabeth Taylor, Kate Winslet, entre outras. Por fim, vale ressaltar o aspecto financeiro. Apesar de a franquia 007 vir sendo produzida no Reino Unido, seu financiamento é majoritariamente proveniente da empresa distribuidora, no caso a norte-americana *United Artists*, que foi vendida para a também norte-americana MGM em 1986. Assim, atualmente, a MGM detém os direitos de venda e exibição de toda a franquia. Ademais, vale ressaltar que o mercado norte-americano representa o mais amplo e importante mercado para a franquia. Para os três filmes analisados nesta seção, 27% de todas as receitas foram obtidas apenas nos EUA. Assim, embora a franquia James Bond tenha sido criada por um britânico, ela foi produzida, financiada e consumida seguindo os ditames de Hollywood.

Ao longo dos anos 1980, cinco filmes da franquia foram lançados, mas apenas três foram escolhidos para o propósito desta investigação. *A View to a Kill*, ou Somente para seus Olhos no Brasil, foi lançado em 1981, arrecadando um total de USD55 milhões nos EUA (USD155 milhões em 2020), e outros USD141 milhões nas bilheteiras mundiais (USD398 M em 2020), tornando o 8º filme de maior sucesso em seu ano. *Octopussy*, ou 007 Contra Octopussy (Brasil), foi lançado dois anos depois, em 1983. Este filme performou melhor nos EUA, arrecadando USD68 M (USD175 M 2020) e outros USD120 M no mundo (USD309 M 2020), o que o colocou como o 6º maior sucesso do ano. Por fim, *A View to a Kill*, ou Na Mira dos Assassinos (Brasil), saiu em 1985. O filme teve um desempenho pior do que seus antecessores, alcançando USD50 M nos EUA (USD119 M 2020) e outros USD102 M no mundo (USD243 M 2020), sendo o 13º maior sucesso de seu ano.

O estudo da franquia é considerado crucial dentro da Guerra Fria Cultural, a ponto de seus estudiosos serem comumente chamados de “bondologistas”. O primeiro aspecto fundamental se dá no verdadeiro caráter transnacional de sua narrativa, produção e distribuição. Segundo Dodds (2005), aproximadamente  $\frac{1}{4}$  da população mundial já teria assistido ao menos um filme da franquia, desde o momento da sua criação. Este caráter transnacional está também em sua produção, o que o autor denomina ser uma linha tênue entre espionagem internacional e turismo internacional, dado o comprovado caráter comercial e publicitário da franquia (DODDS, 2005). Por exemplo, nos três filmes analisados, Bond se locomove entre Reino Unido, Grécia, Itália, Bahamas, Índia, EUA, Alemanha, França, Islândia e Suíça, dando-lhe um aspecto bastante internacional.

Embora a franquia seja uma produção de Guerra Fria, o consenso mais amplamente compartilhado é o da ambiguidade inerente em James Bond. Segundo Brown (2019), o James

Bond da Guerra Fria representaria uma “geopolítica da ambiguidade”, ideia compartilhada por Upton (2014), para quem os filmes se usariam massivamente de elementos da Guerra Fria, mas evitando determinar vilões explícitos da URSS (UPTON, 2014, Cp. 3).<sup>173</sup> Justamente por sua longevidade, a análise dos antagonistas permite análises profícuas sobre os elementos de Guerra Fria incorporados ou não nas narrativas ao longo de todo o conflito. Inicialmente, o rival de Bond (e por simbolismo do Ocidente) era a organização criminosa transnacional SPECTRE (*Special Executive for Counterintelligence, Terrorism, Revenge, and Extortion*). Durante sua primeira década, Bond enfrentou os diversos líderes dessa rede criminosa, normalmente “cientistas loucos” ou “homens maquiavélicos” que pretendiam dominar o mundo. Todavia, vale ressaltar que a estratégia predileta dos vilões era criar animosidades entre as superpotências, com o objetivo de alcançar seus objetivos malignos. Durante a década de 1970, o grande vilão seria oficialmente derrotado e novos vilões singulares surgiriam, sendo grande parte deles terroristas e traficantes, não à toa grandes temáticas geopolíticas emergentes naquele período. Interessantemente, a franquia adotaria a *détente* explicitamente em sua narrativa. No filme de 1977, *The Spy Who Loved Me* (Lewis Gilbert, 1977), outro “cientista louco” tentaria exacerbar a rivalidade nuclear, roubando mísseis dos EUA, URSS e Reino Unido e esperando que os blocos iniciassem um conflito. Porém, conforme conta Upton (2014), os países, em *détente*, enviariam conjuntamente seus melhores espões para lidar com o inimigo, inaugurando uma nova era de cooperação (UPTON, 2014, Cp. 3).

Durante os anos 1980, a ambiguidade identificada pelos estudiosos se manteria, mas adaptada aos novos contextos geopolíticos. Os filmes não apresentam um claro anticomunismo, havendo personagens soviéticas apresentadas sob um claro viés negativo, porém de maneira pouco frequente. Por outro lado, também há personagens cômicas e cooperativas, evitando o absolutismo moral de, por exemplo, *Rambo II* e *Red Dawn*. Tal ambiguidade inerente à franquia se dá, também, numa possível análise de elementos reaganistas, o que evidenciaremos a partir de dois aspectos. Em primeiro, demonstraremos que, durante os anos 1980, James Bond foi o “herói da *détente*”. Para o Reaganismo, a política de *détente* foi prejudicial, constituindo uma estratégia soviética de enganação e manipulação. Entretanto, esta visão não era compartilhada pelos seus aliados europeus e os filmes da franquia dos anos 1980 tomariam este posicionamento antirreaganista.<sup>174</sup> Por outro lado, uma importante visão do reaganismo está presente: a URSS é o

---

<sup>173</sup> Brown, M. D. James Bond’s Cold War: The geopolitics of ambiguity”. Royal Holloway University, Geopolitics and Security, 2019. Disponível em <https://rhulgeopolitics.wordpress.com/2019/01/11/james-bonds-cold-war-the-geopolitics-of-ambiguity/> (último acesso em 05.06.2020)

<sup>174</sup> Para maiores informações sobre a desconstrução da *détente* durante o primeiro mandato de Reagan, ver seção 1.3.2 desta dissertação.

centro de comando de todo o mal do mundo.<sup>175</sup> Como veremos, nenhum dos principais antagonistas é soviético, seguindo a longa tradição da franquia em evitar a vilanização excessiva da URSS. Entretanto, em todas as narrativas, os soviéticos são os instigadores, financiadores e principais beneficiados das atividades criminosas.

Em *For Your Eyes Only* (1981), a narrativa se inicia com o afundamento de um barco espião britânico no mar Adriático. Nele se encontrava o poderoso sistema ATAC (Comunicador Automático de Segmentação de Ataque, em inglês), um sistema britânico-americano capaz de controlar mísseis balísticos nucleares de ambos os países. Os soviéticos são imediatamente avisados do afundamento e veem uma oportunidade de roubar o sistema. Para tanto, acionam um de seus contatos na Grécia, o traficante internacional de heroína, Kristatos (John Glover), um ex-combatente grego que lutou contra os nazistas, mas se entregou a uma vida de crime sob a proteção dos soviéticos. Inicialmente, Bond não sabe que Kristatos é o verdadeiro vilão e acaba enganado, o que permite ao criminoso roubar o dispositivo. Durante o confronto final, o líder da KGB, General Gogol (Walter Gotell), se dirige até o local do encontro, mas depara-se com Bond, que havia neutralizado os inimigos e recuperado o dispositivo. O final é surpreendente: Bond joga o ATAC montanha abaixo para destruí-lo e comenta “Isto é a détente, camarada! Vocês não têm e nós não temos!”, levando o soviético às gargalhadas. A cena é essencialmente antirreaganista, pois, com o intuito de manter a relação de cooperação, o herói sacrifica aquilo que garantia a superioridade de seu país sobre o rival, algo inédito nos filmes desta investigação.

Em *Octopussy* (1983), a narrativa segue a tradicional linha de roubo de armas nucleares, frequentemente usada na franquia. Novamente temos a presença de criminosos internacionais, Octopussy (Maud Adams), criadora de uma rede criminosa formada apenas por mulheres, e Kamal Khan (Louis Jourdan), um nobre afegão dedicado ao tráfico de relíquias. Ambos os criminosos estão envolvidos no plano do General Orlov (Steven Berkoff), um soviético linha-dura e anti-détente. Durante uma reunião da alta cúpula soviética, vemos Gogol (o mesmo do filme anterior) defendendo as negociações entre URSS e OTAN, argumentando que não levariam a um enfraquecimento das defesas nacionais. Orlov, por sua vez, representa o belicista jingoísta (no extremo, se diria uma versão reaganista soviética). Diz aos outros generais que eles

---

<sup>175</sup> Esta ideia ficou famosa no discurso “Império do Mal”, quando Reagan expressa “Sim, vamos orar pela salvação de todos aqueles que vivem naquela escuridão totalitária - orar para que eles descubram a alegria de conhecer Deus. Mas até que o façam, tenhamos consciência de que, enquanto pregam a supremacia do Estado, declaram sua onipotência sobre o homem individual e predizem sua eventual dominação de todos os povos da Terra, eles são o foco do mal no mundo moderno”. Fonte: “Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando no *Citrus Crown Ballroom at the Sheraton Twin Towers Hotel* 8 de março de 1983”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/30883b> (último acesso 03/11/2019).

parecem esquecer a “superioridade esmagadora” das forças soviéticas em relação à OTAN. Demonstra que as forças sob seu comando apresentam uma proporção de dez para um contra as forças ocidentais na Europa e, segundo o simulador de um novo computador soviético, um ataque levaria à vitória total em apenas cinco dias. Por fim, ainda diz que Ocidente não retaliaria com armas nucleares, pois era “decadente e dividido”. Orlov é rechaçado por todos, mas, convencido de sua posição, planeja o roubo de um míssil nuclear soviético, transportado pelos criminosos até o setor norte-americano de Berlim Ocidental. Lá, o míssil se passaria como norte-americano e, após explodir e matar milhões, a Europa Ocidental se veria pressionada a retirar todos os armamentos norte-americanos de seu território. Porém, Bond descobre o plano e consegue desativar a bomba segundos antes da explosão, salvando a todos.

Este filme apresenta elementos ainda mais ambíguos do que o anterior. Em primeiro, os argumentos expressos por Orlov são essencialmente reaganistas. Por exemplo, Reagan acreditava que havia uma excepcional superioridade militar soviética e frequentemente citava a proporção seis para um.<sup>176</sup> No filme, esses valores são ainda maiores, criando a sensação de uma superioridade soviética avassaladora. Por outro lado, os outros líderes soviéticos não estão minimamente interessados em conflito. Gogol diz que seria fundamental o país manter as negociações nucleares para manter seu foco nos problemas domésticos. Assim, os soviéticos são representados como defensores da política de détente, buscando manter cooperação e evitar conflitos, ideias negadas por Reagan. Novamente, Bond torna-se o herói que elimina o perigo, salvando as vidas de milhões, mas também salvando as relações ocidentais e a própria détente. Ademais, ao final do filme, o serviço secreto britânico retorna aos soviéticos as relíquias históricas roubadas por Orlov, “no interesse das boas relações britânico-soviéticas”.

Já em *A View to a Kill* (1985), o foco se dá na importância crescente do setor de informática no mundo e, conseqüentemente, na rivalidade bipolar. Bond descobre na Sibéria um microprocessador idêntico ao que o MI6 vinha tentando produzir com o objetivo de resistir ao impulso eletromagnético de uma arma nuclear.<sup>177</sup> O espião é enviado para averiguar o industrialista responsável pela produção dos processadores, Max Zorin (Christopher Walken). Zorin é um desertor da Alemanha Oriental naturalizado francês e que havia feito fortuna, tornando-se um dos maiores industrialistas europeus e um anticomunista ferrenho. Contudo, descobre-se que Zorin é um experimento de um cientista nazista, tendo nascido com inteligência superior, mas tornando-se um sociopata e incorporado à KGB como espião. Todavia, Zorin

---

<sup>176</sup> Para maiores informações, ver Seção 1.3.2.

<sup>177</sup> Conforme os sistemas de defesa se informatizaram a partir dos anos 1970, surgiu a preocupação com sua falibilidade durante um conflito. Numa explosão nuclear, uma onda eletromagnética é produzida, com o potencial de danificar todos os equipamentos informatizados.

abandona a KGB e decide ir contra seus desejos. Ao invés de roubar tecnologias para a URSS, o sociopata decide causar um grande terremoto na costa oeste dos EUA, com o objetivo de destruir o Vale do Silício e se tornar o único detentor da tecnologia. Então, a KGB envia um de seus agentes para impedi-lo, Mas Zorin o assassina cruelmente. Bond é capaz de impedir a detonação que levaria ao terremoto, salvando o Vale do Silício. Ao final, o líder do MI6, M (Robert Brown) questiona Gogol porque tentaram impedir Zorin, pois parecia interessante aos soviéticos a destruição da indústria tecnológica norte-americana, mas o soviético apenas responde: “pelo contrário, o que aconteceria com as pesquisas soviéticas sem o Vale do Silício?”, para divertimento de todos os presentes, pois sugeria que o local era importante alvo da espionagem soviética. O mais importante, entretanto, é que Gogol premia Bond com a “Ordem de Lenin”, a maior condecoração civil na URSS. O espião britânico torna-se, assim, o único não soviético a receber a honraria, fomentando a percepção de que James Bond era um herói para o Leste e Oeste.

Embora exista uma clara competição entre os blocos nos filmes da franquia, e eventualmente conflitos menores surjam, é possível notar que Bond protege a cooperação e a coexistência pacífica entre Leste e Oeste, o que o torna antirreaganista. Todavia, isso não significa que os soviéticos sejam bons e respeitáveis. Em verdade, personagens soviéticas são as responsáveis pelos desdobramentos na narrativa em todas as três produções, apresentando uma posição defendida pelo presidente norte-americano: a URSS é o centro irradiador de todo o mal no mundo. A ideia reaganista de que os soviéticos eram responsáveis primários pelos “problemas do mundo” se faz especialmente presente na literatura acerca de Doutrina Reagan, pois o argumento fundamental das ações secretas era o de que grupos revolucionários de esquerda em todo e qualquer país recebiam algum apoio, direto ou indireto, da URSS. Entretanto, à época tal visão já se mostrava penosa a portas fechadas. Durante o primeiro encontro formal Americano-Soviético em setembro de 1981, o Ministro de Relações Exteriores soviético, Andrei Gromyko, acusou:

“nos EUA tudo parece programado com antecedência para achar a mão de Moscou como conspirador, incitador, ou pelo menos, instigador em tudo que não agradava aos EUA. A URSS não pode ser responsabilizada por tudo que desagrada os norte-americanos”.<sup>178</sup>

---

<sup>178</sup> Foreign Relations of the United States, 1981-1988, Volume III, Soviet Union, January 1981-January 1983, ed. James Graham Wilson (Washington: Government Printing Office, 2016), Document 88



A percepção reaganista de uma URSS como centro do mal é vista em *Red Dawn* e *Rambo*, mas de maneira específica. Nestes filmes, os soviéticos são os reais comandantes de forças militares de outros países, como Cuba, Nicarágua e Vietnã. Nesse sentido, quando os norte-americanos enfrentam adversários destas nações, estão apenas enfrentando *proxies* soviéticas. Entretanto, na franquia 007 esta ideia se apresenta de forma mais profunda e complexa. Em *For Your Eyes Only* (1981), o verdadeiro vilão é um traficante de heroína grego financiado pelos soviéticos. Porém, juntamente com ele, existem outros antagonistas, como o assassino cubano Hector Gonzales (Stephan Kalipha), o contrabandista belga Locque (Michale Gothard) e o agente da KGB Erich Kriegler (John Wyman). Kriegler é interessante, pois exemplifica um padrão de representação cinematográfica de antagonistas soviéticos: são desumanos, robóticos e existem para servir ao partido comunista soviético, traços também encontrados em Drago de *Rocky IV*. O agente é colocado para proteger Kristatos, mas, acima de tudo, para vigiá-lo – o característico fator ambíguo da franquia, na qual o vilão é associado à URSS, mas ao mesmo tempo não faz parte dela.

Em *Octopussy*, temos situação similar. Embora o plano seja orquestrado por Orlov, o beligerante oficial soviético, sua execução fica sob responsabilidade do afegão Khamal Khan e de Octopussy, que são contrabandistas internacionais. Ambos são movidos primordialmente por interesses econômicos, mas ao final da narrativa descobrimos que Octopussy não era parte do plano para detonar o míssil, tendo sido enganada. A líder do culto feminino se torna aliada e amante de Bond, ajudando-o a salvar a todos. Orlov é morto ao tentar adentrar a zona norte-americana de Berlim Ocidental, mas Khan enfrenta Bond num épico conflito final, definindo-o como o antagonista principal. Por fim, *A View to a Kill* apresenta caso diferente, mas já utilizado previamente pela franquia segundo Doods (2005): vilões soviéticos desgarrados, trabalhando contra os interesses da URSS. Esta foi uma fórmula encontrada pela franquia para utilizar-se de vilões soviéticos, bastante em voga no período, mas evitando conexões diretas com a própria URSS. Zorin é um importante exemplo desta fórmula, pois embora seja o claro antagonista, sua filiação com a KGB é rompida quando assassina um espião soviético. Nesta narrativa, entretanto, existe uma associação ainda mais perniciosa contra os soviéticos: sua conexão com cientistas nazistas. Zorin é apresentado como sendo o produto de experimentos científicos realizados pelo Dr. Carl Mortner, cientista nazista que realizou brutais experimentos em mulheres grávidas. O filme explicita que Mortner apenas não foi julgado pelos seus crimes, pois “os soviéticos chegaram a ele primeiro, deram-lhe um laboratório, onde passou anos ajudando produzindo esteroides para os atletas russos”.

Embora estejamos chamando Bond de “herói da détente”, também fica clara a promoção de certos ideais reaganistas nos filmes da franquia nos anos 1980. Em primeiro lugar, a URSS é retratada como financiadora e protetora de redes criminosas transnacionais, que pagam por sua proteção ajudando-lhe numa diversidade de atuações e crimes por todo o globo. Em sentido simbólico, tais narrativas representam o alcance do “império soviético”, algo que só foi possível pela permissividade norte-americana, fruto da política de détente. Ademais, também é possível ver identificações típicas do Guerra Fria cinematográficas dos anos 1950, na qual Shaw e Youngblood (2014) relatam a transformação do vilão nazista em vilão comunista (SHAW; YOUNGBLOOD, 2014, Cp. 1). Os soviéticos não apenas aceitaram um cientista nazista que havia cometido terríveis crimes de guerra, como financiaram e expandiram seu trabalho para proveito próprio. Por fim, é nítido que o James Bond dos anos 1980 foi influenciado pela reemergência do conflito bipolar, adotando novas óticas de seu tempo histórico, mas mantendo sua inerente ambiguidade.

### **Conclusões do capítulo**

A importância de temáticas de cunho político em filmes é amplamente catalogada pelas literaturas especializadas e, para além delas, é um relativo senso comum, pois, de uma forma ou de outra, é possível perceber tal relação quando vemos filmes, uma série de TV ou um programa qualquer. Em verdade, a cultura popular, por definição, se baseia em tendências que públicos específicos consideram importantes, interessantes ou relevantes e, neste íterim, temáticas associadas às relações internacionais encontram grande repercussão. Por exemplo, há uma infinidade de filmes sobre as Guerras Mundiais, e outros continuam sendo feitos, ainda hoje. Não à toa, a Guerra Fria tornou-se um dos temas fundamentais no cinema hollywoodiano ao longo do conflito, e atualmente a indústria norte-americana continua lançando produções com esta temática.

Neste sentido, é lógica a constatação de que atributos da política externa de Reagan seriam incorporados ao cinema hollywoodiano dos anos 1980. Em verdade, trabalhos diversos têm analisado a relação, especialmente nas áreas de estudos culturais, história e cinema, e conclusões importantes foram feitas. Esta dissertação, por sua vez, teve dois objetivos específicos na análise fílmica. Em primeiro, utilizou-se a política externa como lente de análise, pois, de forma geral, as investigações não realizam separação entre diferentes aspectos. Por exemplo, a área de estudos culturais foi durante muito tempo dominada por paradigmas

interpretativos marxistas, que tinham como objetivo definir elementos de ideologia e ideias das classes dominantes nas produções culturais. Atualmente, a área de expandiu para incorporar análises raciais e de gêneros, e não somente aspectos do materialismo histórico. Todavia, para esta era do conhecimento, uma boa análise seria aquela que incorpora uma análise completa, de todos os fatores. Em segundo, este capítulo teve como objetivo romper a dicotomia interdisciplinar com relação ao uso de fontes. É possível observar com bastante clareza uma distinção entre áreas de conhecimento, em que parte se utiliza de número limitado de filmes para realizar análises profundas, enquanto a outra busca analisar grande volume de filmografia para determinar relações gerais. Dessa forma, trabalhamos com filmografia intermediária, buscando alcançar profundidade analítica e possíveis generalizações substantivas sobre a produção do período.

Foi impossível compreender importantes facetas do simbolismo reaganista na produção hollywoodiana. O anticomunismo, marca central de Reagan, é bastante claro em certas produções, como *Red Dawn* e *Rambo*, porém, grande parte da literatura desconsidera o maniqueísmo do presidente. O anticomunismo é ruim, pois nega liberdade e o divino. Assim, filmes como *White Nights* demonstram aspectos diferentes, mas ainda reaganistas. A ideia de força foi central da política externa, e os EUA tiveram grandes investimentos militares na década. Tradicionalmente, associa-se a política de “Paz Armada” a filmes com teor bélico, mas pudemos ver, por exemplo, que *Rocky IV*, um filme sobre competição esportiva, emprega a mesma ideia, ainda mais intensamente. Com relação à política de détente, elementos diversos são incorporados, como a suposta fraqueza norte-americana vis-à-vis a URSS, agendas de imigração (especialmente de cunho religioso), disputas tecnológicas e a ideia geral de cooperação. Interessantemente, pudemos observar que James Bond, o mais famoso espião da cultura popular, apresenta posição bastante alinhada com a détente: rivalidade com cooperação. Ao mesmo tempo, seus filmes fomentam a ideia reaganista de que a URSS era o “centro de todo o mal do mundo”.

## CAPÍTULO 3

### PERSPECTIVAS SOBRE A INCORPORAÇÃO DO REAGANISMO EM HOLLYWOOD

#### Introdução

Em 7 de janeiro de 1986, um repórter questionou Ronald Reagan:

“Em termos de atmosfera entre os EUA e a URSS, esses dias oficiais soviéticos estavam reclamando sobre os filmes Rambo e Rocky, que apresentavam o país negativamente. Você acha apropriado que filmes façam isso? Você tem conversado com seus amigos em Hollywood sobre os tipos de filmes que têm sido produzidos?”

Em resposta, Reagan diria que não; que, em realidade, costumava criticar Hollywood quando achava que eles estavam produzindo filmes pró-comunistas.<sup>179</sup> O incômodo de oficiais soviéticos e a resposta de Reagan demonstram que, ao longo dos anos 1980, o cinema hollywoodiano exerceu um papel nas relações bilaterais. De fato, durante o primeiro mandato de Reagan houve escalada de narrativas sobre Guerra Fria nos EUA e, conseqüentemente, no mundo. Entre 1984 e 1985, diversos filmes retratando a Guerra Fria foram lançados; a maior parte retomando aspectos de rivalidade e do conflito em seus enredos, algo que havia diminuído consideravelmente na segunda metade da década de 1970.

Conforme discutido no capítulo 2, importantes filmes comerciais do período dialogaram com preceitos específicos do pensamento de política externa de Reagan. Filmes como *Red Dawn* (1984) revelam o anticomunismo reaganista numa épica narrativa sobre uma ficcional Terceira Guerra Mundial, retratando os soviéticos como invasores totalitários e latino-americanas (Cuba e Nicarágua), como suas marionetes. Em *White Nights* (1985), o anticomunismo é apresentado pelo contraponto do ideal de liberdade norte-americano versus o totalitarismo dos regimes comunistas, que é essencialmente falho e imoral. Em *Rambo II* (1985) e *Rocky IV* (1985), observa-se o papel da força, tão em voga na política externa reaganista. A reconstrução militar e a recuperação da resolução norte-americana são normalmente identificadas como êxitos do reaganismo e encontraram sua representação cinematográfica em filmes de “corpos fortes”,

---

<sup>179</sup>“The President’s News Conference, no East Room at the White House 7 de janeiro de 1986”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/10786e> > (último acesso 03/11/2019).

conceito cunhado por Susan Jeffords nos anos 1990. *Firefox* (1982) é uma crítica contundente à política de détente, em linha com a opinião de Reagan de que a política teria sido apenas um subterfúgio soviético para enfraquecer os EUA enquanto expandia globalmente seu império. A franquia James Bond, por sua vez, apresenta um contraponto, expondo o agente como um “herói da détente”, pois embora enfrentasse os soviéticos, buscava sempre manter um nível de cooperação com eles. Apesar disso, a franquia também segue outra ideia tipicamente reaganista sobre a URSS: os soviéticos são responsáveis pelos problemas do sistema internacional, sendo seus iniciadores, instigadores ou principais beneficiados.

Assim, é possível concluir que filmes incorporaram ideias de política externa do reaganismo ao longo da primeira metade da década. Cabe questionarmos, então, os motivos para tal. Neste capítulo, discutiremos duas óticas explicativas frequentemente evocadas. Na primeira, analisaremos o conceito de *zeitgeist*, um termo alemão que representa a ideia de “espírito do tempo”. Segundo este conceito, cada período apresentaria epifenômenos ideológicos, isto é, traços culturais específicos que o distinguem, influenciando indivíduos, governos, produção cultural, etc. Este conceito é frequente e taxativamente usado por membros de Hollywood, que alegam que a produção fílmica norte-americana, embora apresente questões políticas, não o faz em parceria ou à disposição do governo norte-americano, e sim como resposta aos anseios e desejos de sua audiência. Em segundo, numa visão diametralmente oposta, dialogaremos com a literatura que acredita que Hollywood, embora agindo comercialmente, se adequa e se adapta para satisfazer a determinados preceitos ideológicos provenientes de Washington. Neste sentido, a indústria fílmica teria um papel como agente diplomático privado ou comercial.

Para realizar tal investigação, usamos a filmografia selecionada e investigada no capítulo prévio. Para além deles, utilizamos informações provenientes do IMDbPro, um serviço pago oferecido pela Amazon onde é possível encontrar informações mais acuradas e extensas sobre obras cinematográficas. Quando necessário, há citações das fontes primárias usadas principalmente no capítulo 1. Por fim, fontes alternativas foram usadas para obtenção de dados estatísticos, como a Gallup Poll.

Este capítulo está dividido em três seções. Na primeira seção, discutiremos o conceito de *zeitgeist* e sua relação com o reaganismo. Identificamos que dois aspectos são fundamentais e amplamente referenciados: a política econômica, chamada de Reaganomics, e o recrudescimento do conservadorismo na sociedade norte-americana. Na segunda seção, explicitamos os debates teóricos sobre diplomacia cultural e sua relação com a produção hollywoodiana. Por fim, concluímos o capítulo na seção três.

### 3.1. Um Zeitgeist Reaganista

Zeitgeist é um termo originalmente alemão que delineia um conceito abstrato de “espírito de um tempo”, isto é, o clima intelectual, cultural, político e social de um determinado período e suas representações por meio de comportamentos, vestuários, produções culturais, etc. Foi incorporado à língua inglesa e é definido pelo *Cambridge Dictionary* como “o conjunto geral de ideias, crenças, emoções de um típico ou particular momento da história”.<sup>180</sup> Nesta lógica, autores costumam empregá-lo quando objetivam explicitar qualidades comuns a um período, buscando compreender relações gerais entre cultura e outras áreas, como política, economia, etc. Para os anos 1980, termos como Reaganismo ou Era Reagan, em verdade, elaboram relação entre o conceito de zeitgeist e a figura presidencial, assumindo que o presidente influenciou seu período histórico, não apenas política, como também simbolicamente. Consoante Troy (2005), historiadores e cientistas sociais, de forma geral, subestimariam o impacto cultural de presidentes, mas Reagan representa inequívoca manifestação deste impacto, pois sua figura transcendeu o cotidiano político e redefiniu a cultura nacional (TROY, 2005, p. 2-11).

Embora frequentemente evocado, o termo, por si só, é demasiadamente genérico. Conforme Collins (2011) esclarece, a sociedade norte-americana nos anos 1980 se aproximava de 230 milhões de indivíduos, tendo diferentes grupos etários, sociais, raciais e econômicos. Ainda assim, o autor também pleiteia a existência de traços gerais identificáveis, demonstrando ressalvas, mas não o descarte da utilidade do conceito nas ciências sociais (COLLINS, 2009, p. 147). Nesta seção, objetiva-se entender o que foi um zeitgeist reaganista e como teria influenciado a produção fílmica hollywoodiana. Para tanto, parte-se de dois traços fundamentais do reaganismo, em acordo com a literatura especializada. Em primeiro, o projeto econômico de Reagan, ou Reaganomics, é assinalado como marco de uma “revolução”, que propiciou aos EUA formidável crescimento econômico e mudanças significativas na relação entre indivíduos e riqueza material. Em segundo, a própria eleição teria representado um recrudescimento conservador na sociedade norte-americana e a década observou o avanço de ideias associadas à direita. Veremos como estes dois aspectos gerais podem ter impactado Hollywood.

---

<sup>180</sup> Cambridge Dictionary. Zeitgeis. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/zeitgeist> (último acesso em 24.09.2020).

### 3.1.1. Reaganomics e a New New Hollywood dos anos 1980

Collins (2007) argumenta que “o impacto mais profundo da presidência de Ronald Reagan sobre a política pública se deu no campo da política econômica”. O projeto econômico reaganista, inicialmente chamado *Reaganomics* por seus críticos e depois adotado pela administração, consistiu na superação de políticas keynesianas, largamente associadas aos democratas e ao projeto liberal, em favor da visão econômica *Supply-Side*, ou lado da oferta. Os EUA enfrentaram profunda, complexa e persistente crise econômica ao longo dos anos 1970. O envolvimento na Guerra do Vietnã até 1975 acarretou fortes pressões sobre a balança de pagamentos e uma escalada inflacionária.<sup>181</sup> Em 1973, ocorreu a primeira crise do petróleo, na qual os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) retaliaram o apoio norte-americano à Israel durante a Guerra do Yom Kippur. O preço do barril de petróleo subiu aproximadamente 400% em um ano, acarretando a recessão de 1974-1975 (a pior desde a Grande Depressão) e um desemprego de 9% (o maior desde 1941) e em 1979, após a Revolução Iraniana, a segunda crise do petróleo criou outro forte choque de oferta (COLLINS, 2009, p. 8-10; NETO, 2010, p. 64, 83).<sup>182</sup> O acúmulo de crises internacionais e domésticas produziu na economia nacional efeito inédito até então, a estagflação, que explicita a existência de estagnação econômica e inflação monetária concomitantemente.

Não à toa, Troy (2005) relembra que os EUA do período são reconhecidos por sua “deriva política, fraqueza internacional, agitação moral e desastres econômicos”. Havia crise generalizada de confiança: em 1976, somente 33% confiavam no governo e 15% nas empresas (TROY, 2005, p. 27-28). Neste contexto de crise, o projeto reaganista baseado num modelo alternativo se fortaleceu. O modelo vinha sendo desenvolvido por intelectuais e políticos desde os anos 1960, como Milton Friedman e os congressistas republicanos Jack Kemp e William Roth (COLLINS, 2009, p. 60-62).<sup>183</sup> Simplificadamente, o Lado da Oferta defende que estimular a oferta por meio do aumento da produtividade é a melhor estratégia para acelerar o crescimento econômico. Prognosticavam duas políticas específicas para aumentar a produtividade: o corte massivo de impostos (especialmente dos mais ricos) e a desregulamentação das atividades

---

<sup>181</sup> Para consultar informações específicas, ver <https://tradingeconomics.com/united-states/inflation-cpi>

<sup>182</sup> Choques de oferta representam mudanças drásticas no setor produtivo, e podem ser variados. Por exemplo, o petróleo representava a principal fonte de energia para a economia norte-americana, e o aumento de seu preço, consequentemente elevou o preço da energia, gerando um aumento de custo na produção. Vale ressaltar que os choques não precisam ser, necessariamente, negativos, e a partir da segunda metade da década de 1980, o preço do petróleo caiu substancialmente, gerando um choque positivo.

<sup>183</sup> Atualmente, este modelo é o que conhecemos por neoliberalismo, mas naquele momento ainda não havia recebido esta nomenclatura.

econômicas (principalmente no aspecto federal). O modelo foi incorporado e defendido pelo movimento neoconservador quando Irving Kristol, um de seus fundadores, foi apresentado aos conceitos e passou a usar seu espaço na revista *The Public Interest* para promover a nova doutrina, criando uma fusão entre ideias conservadoras e o modelo econômico. Segundo Collins (2007), a aceitação da doutrina por Reagan teria vindo naturalmente, devido à sua experiência prévia em Hollywood. Quando um jovem ator na Warner Bros., Reagan se encontrava no maior nível de tributação, o que considerava despropositado, pois retirava-lhe o incentivo para trabalhar mais e enriquecer, e, por isso, via o sistema como ineficaz e prejudicial. Segundo o autor, para Reagan “o Lado da Oferta era menos uma doutrina econômica e mais um senso comum”. Já em 1981, Reagan aprovou o *Economic Recovery Tax Act*, reduzindo tributação para indivíduos em 23% e para os mais ricos de 70% para 50%, o que teve impacto direto em indivíduos associados à Hollywood (COLLINS, 2009, p. 65, 69-71).

Em paralelo às políticas, algo mais contundente e pervasivo ocorreu na sociedade norte-americana, também largamente associado ao *Reaganomics*: os anos 1980 são lembrados pelo excesso de materialismo. Em 1987, o diretor progressista Oliver Stone produziu o filme *Wall Street*, considerado pelo público e pela crítica como a grande representação cultural da década. No filme, temos a figura de Gordon Gekko (Michael Douglas), um executivo agressivo e sem escrúpulos de Wall Street, disposto a fazer o que fosse necessário para enriquecer. Numa cena marcante, Gekko diz “o ponto, senhoras e senhores, é que ganância é bom. Ganância é correto. Ganância funciona”.<sup>184</sup> O filme retrata a opinião dos adversários de Reagan, porém os apoiadores do presidente defendem que os anos 1980 representaram uma “Nova Era Dourada”, pois as políticas econômicas teriam permitido que os EUA tivessem 60 meses ininterruptos de crescimento a partir de 1982, acrescentando USD20 trilhões (correntes) à economia nacional e a criação de 17 milhões de postos de trabalho. Tal expansão da riqueza mudou costumes até então vigentes. Pela primeira vez, salários corporativos alcançaram a marca de USD1 milhão, 16 mil novos shoppings foram construídos, em 1984 75% dos norte-americanos confiavam em empresas, e pela primeira vez a revista *Forbes* passaria a reportar não somente os ganhos, como também os gastos dos indivíduos mais ricos do país. De acordo com o jornalista Richard Cohen, o país viu uma “liberação dos ricos” e uma “abdicação de consciência social” (TROY, 2005, p. 207-217).

---

<sup>184</sup> WALL STREET. Direção de Oliver Stone. EUA: Twentieth Century Fox, American Entertainment Partners L.P. e Amercent Films, 1986. (126 min). Como vimos ao longo do Capítulo 2, filmes de Hollywood normalmente buscam inspiração em fatos reais. Em *Wall Street*, o mesmo ocorreu, pois o filme se assemelha ao escândalo de Dennis Levine, um executivo de Wall Street que foi descoberto roubando e vendendo segredos corporativos.



Neste cenário, uma importante narrativa associada ao *Reaganomics* foi a da “Grande Reconciliação”, significando uma harmonia entre os “rebeldes dos anos 1960” com o novo zeitgeist. Se o crescimento econômico da década de 1970 ficou associado à criação dos filmes com som, a década de 1980 é associada à CNN, USA Today e MTV. Também foi o princípio da projeção nacional de grandes CEOs, como Lee Iacocca, Ted Turner e Donald Trump. Estes empresários, levados à fama, projetavam o ideário reaganista de “busca pela riqueza, compulsão pelo consumo”. Se nos anos 1960 pautas sociais se destacaram, dinheiro e enriquecimento se tornaram objetivos primordiais nos anos 1980. Durante todo o século XX foi visto um aumento relativo do consumo, mas “os anos 1980 marcaram um passo gigantesco”, com uma intensificação inédita do materialismo. Foi nesta década que surgiram expressões como “comprador compulsivo”, “nascido pra comprar” e “compre até cair”. O *Consumer Expenditure Survey* demonstrou que o norte-americano médio gastava 6% do seu tempo acordado fazendo compras, especialmente artigos de “economizar tempo” (micro-ondas, lavadoras, etc) e entretenimento (videocassetes, CDs e computadores) (TROY, 2005, p. 116-120).

O crescimento desenfreado do consumo, especialmente de entretenimento, gerou impactos indiscutíveis em Hollywood. Em seu trabalho seminal sobre o cinema hollywoodiano nos anos 1980, Prince (1999) argumenta que, embora o aspecto ideológico do reaganismo tenha sido multifacetado, a dimensão econômica impulsionou alterações substanciais na indústria. Hollywood passou por dificuldades crescentes ao longo dos anos 1970, período em que os retornos financeiros decresceram e os efeitos inflacionários reduziram seus ganhos. Porém, durante toda a década de 1980, retornos provenientes diretamente da exibição tradicional (salas de cinema) tiveram crescimento considerável. Em 1980, Hollywood gerou USD2,8 bilhões somente em vendas de ingresso, alcançando USD4 bilhões em 1984 e USD5 bilhões em 1989 (valores correntes) (PRINCE; MUSSER, 1999, Cp. 2).

O novo patamar de consumo afetou, primeira e fundamentalmente, a exibição de filmes. Salas de cinema individualizadas foram substituídas pelos multicomplexos, isto é, um complexo com diversas salas e, conseqüentemente, exibição de filmes diferentes ao mesmo tempo. Pela primeira vez desde os anos 1940, a quantidade de salas de exibição aumentou, passando de 17.590 em 1980 para 23.132 em 1989, aumento de 32%. Tal crescimento só foi possível pela intensa construção de shoppings, locais favoritos para os multicomplexos. Todavia, a grande alteração nos modelos vigentes de exibição aconteceu em razão de desenvolvimentos tecnológicos, especialmente a criação do videocassete e da TV à cabo. Em 1975, a empresa japonesa Sony lançou sua primeira versão do videocassete, sendo imediatamente processada

pelos grandes estúdios Universal e Disney, que identificaram no novo produto um infringimento de propriedade intelectual. Inicialmente, a justiça norte-americana deu razão à Hollywood, mas o produto vinha se popularizando rapidamente, inclusive sendo utilizado pela própria indústria cinematográfica, e em 1984 a Suprema Corte dos EUA decidiu pela legalidade da nova tecnologia (PRINCE; MUSSER, 1999, Cp. 2).

A forma como a indústria se comportou no caso segue seu padrão histórico, sendo comparável à disseminação da TV nos anos 1950 e mais recentemente ao *streaming*, em meados dos anos 2000. Projetando perda de controle sobre sua produção, Hollywood agiu para bloquear judicialmente o novo dispositivo enquanto, ao mesmo tempo, o incorporou experimentalmente à sua estratégia comercial. Prince (1999) relata que em 1980, Hollywood lançou 477 títulos em videocassete, um assombroso aumento de 854% (PRINCE; MUSSER, 1999, Cp. 2). A indústria incorporou rapidamente a tecnologia em seu portfólio comercial, o que se mostrou o principal trunfo financeiro. Em seu *US Economic Review* de 1998, o *Motion Pictures Association of America* (MPAA) demonstrou que em 1980, apenas 1,9 milhões de residências nos EUA tinham aparelhos de videocassete, mas em 1985 já eram 23,5 milhões e em 1990 65,4 milhões.<sup>185</sup>

Em paralelo ao consumo, outro desenvolvimento jurídico-econômico ganhou imenso destaque. Conforme Collins (2007) explana, a desregulamentação da economia norte-americana vinha ocorrendo desde os anos 1970, mas seriam nos setores bancário e de comunicações que a *Reaganomics* teve maior impacto (COLLINS, 2009, p. 82). A TV à cabo passou a ocupar posição destacada a partir dos anos 1980 e sua influência sobre Hollywood foi relevante. Em 1983, os senadores conservadores Barry Goldwater e Tim Wirth introduziram o projeto de lei *Cable Franchise Policy and Communications Act*, e com apoio da administração Reagan foi aprovado rapidamente (Reagan assinou a lei em outubro de 1984). Conhecido como *Cable Communication Policy Act of 1984*, a lei retirou restrições diversas ao setor, facilitando sua expansão e, conseqüentemente, impactando Hollywood. Em 1982, havia 13,3 milhões de assinantes, mas em 1985 esse montante já alcançava 24,2 milhões, se estabilizando ao longo da década (MPAA, 1998, p. 37). A TV a cabo ofereceu à Hollywood dois novos mecanismos de exibição: em primeiro, os canais de TV emergentes poderiam comprar filmes para exibição aos seus milhões de inscritos; em segundo, se popularizou o *pay-per-view* (pague para ver, em

---

<sup>185</sup> 1998 US Economic Review. Motion Pictures Association of America - MPAA. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewj1suHovfirAhXqGrkGHfXDC-MQFjABegQIBRAB&url=http%3A%2F%2Fmarshallinside.usc.edu%2Fmweinstein%2Fteaching%2Ff552%2F52secure%2Fnotes%2F1998%2520mpaa%2520%2520us%2520econ%2520review.pdf&usg=AOvVaw07uX5LeLRfcoYn0YGXpPeh> (último acesso em 02.09.2020).

tradução aproximada), um modelo em que o espectador pode alugar um filme por um período diretamente em seu canal e pagando diretamente por ele. Na Tabela 1 abaixo, é possível ver a participação de diferentes meios de exibição em Hollywood nos anos 1980:

Tabela 1: Receitas em Hollywood durante os anos 1980.

Receitas em Hollywood durante os anos 1980				
	1980		1990	
	USD milhões	%	USD milhões	%
Ingressos de cinema (doméstico)	1.183	29,6%	2.100	15,9%
Ingressos de cinema (internacional)	911	22,8%	1.200	9,1%
Filmes em Videocassete	280	7,0%	5100	38,6%
TV à Cabo	240	6,0%	1100	8,3%
TV aberta	430	10,8%	100	0,8%
TV estrangeira	100	2,5%	1000	7,6%
Filmes feitos para TV	700	17,5%	2000	15,2%
Syndication*	150	3,8%	600	4,5%
Total	3.994	100,0%	13.200	100,0%

Fonte: Harold Vogel, Entertainment Industry Economics apud Prince e Musser, 1999, p. 92.

Duas conclusões prévias podem ser retiradas da Tabela 1. Em primeiro, houve alteração significativa na participação da venda de ingressos, doméstica e internacionalmente, para Hollywood na década, quando o aluguel e venda de filmes em videocassetes tornou-se predominante. Em segundo, é nítido que as receitas de Hollywood ao longo do período aumentaram substantivamente, saltando de aproximadamente USD4 bilhões para USD13 bilhões, demonstrando que a indústria acompanhou o grande crescimento econômico da década. Porém, cabe questionar: se formas alternativas de exibição ganharam preponderância, qual a significância da bilheteria teatral, a premissa mais usada para seleção, classificação e análise de filmes?

Embora a bilheteria fílmica tenha perdido participação relativa, se manteve como a principal sinalização econômica para a indústria. Conforme demonstra Prince (1999), os maiores sucessos de bilheteria se tornavam, também, os líderes de venda em videocassete e exibição na TV, paga e aberta. O autor exemplifica demonstrando que em 1986, dos dez filmes mais vendidos em videocassete, oito estiveram entre as dez maiores bilheterias de seu ano, com o filme *Top Gun* (1986, Tony Scott) liderando ambos os canais de exibição. Ademais, os contratos de aluguel e venda de filmes para TV também dependiam do sucesso inicial, e quanto melhor o desempenho em bilheteria, maiores eram as taxas cobradas por Hollywood, uma estrutura comercial que se mantém até os dias atuais (PRINCE; MUSSER, 1999, Cp. 2). Assim, é possível

concluir com que as bilheterias se mantêm como importante informação inicial de análise, pois a partir delas se condicionam os outros mercados de exibição.

Além da desregulação do mercado de TV a cabo, outros aspectos regulatórios emergiram na década. Reagan nomeou seu vice-presidente, George Bush, para liderar a Força Tarefa para Alívio Regulatório, além de indicar lideranças com viés antirregulatório para os principais órgãos federais, como o *Council of Economic Advisers*, o *Department of Interior* e a *Environmental Protection Agency* (COLLINS, 2009, p. 71, p. 80-82). O viés pró-liberalização foi decisivo para o fim dos Decretos Paramount, o marco mais significativo na história de Hollywood na primeira metade do século XX. Os decretos representaram decisão da Suprema Corte norte-americana em 1948, na qual se considerou que a verticalização da indústria cinematográfica – isto é, a posse concomitante da produção, distribuição e exibição de filmes – configurava truste, causando distúrbios no mercado e impedindo a livre concorrência. Representaram o fim do que se convencionou chamar de Sistema de Estúdios ou Era de Ouro de Hollywood, quando os oito maiores estúdios controlavam todas as etapas, funcionando como um oligopólio.<sup>186</sup> Reagan defendia extenso projeto de desregulamentação, e utilizou-se de ferramentas diversas para concretizá-lo, desde a remodelação do Departamento de Justiça até a publicação de manuais para guiar a burocracia federal de acordo com a visão geral da administração.<sup>187</sup> Para liderar o setor de antitruste do Departamento de Justiça, Reagan nomeou William Baxter, um dos principais críticos da legislação antitruste do país, compilada na *Sherman Act*. Ambos defendiam o princípio de que integrações horizontais consistiam truste, mas que integrações verticais representavam eficiência empresarial, sendo bem-vindas (FOX, 1992, p. 12-20).

Neste ínterim, Hollywood foi um dos mais bem-sucedidos e interessantes resultados dessas políticas econômicas. Existe um consenso de que a década observou o início de intenso processo de sinergia corporativa. Em Hollywood, sempre houve certo nível de sinergia com outros setores, especialmente publicações, música, rádio e teatro, mas nos anos 1980 mudanças fundamentais ocorreram. No início da década, os grandes estúdios estavam subordinados, muitas vezes, a conglomerados empresariais com portfólios extremamente diversificados. Prince (1999) narra história ilustrativa sobre o tópico. Em 1982, a Coca-Cola Co. decidiu adquirir a Columbia Pictures, argumentando que o mercado de bebidas gaseificadas estava estagnado e que marketing

---

<sup>186</sup> Os grandes estúdios do período eram Fox, MGM, Paramount Pictures, RKO e Warner Bros., Universal Pictures, Columbia Pictures e United Artists, sendo este últimos três considerados “mini majors” (menores e menos importantes do que os majors, os cinco primeiros).

<sup>187</sup> Os mais importantes documentos nesta temática foram *US Department of Justice 1982 Merger Guidelines*, *US Department of Justice 1984 Merger Guidelines* e *US Department of Justice Vertical Restraint Guidelines*.

seria o melhor instrumento para incentivar expansão do consumo, e os filmes hollywoodianos seriam os meios para alcançar este objetivo. Contudo, não havia sinergias reais entre os dois negócios e rapidamente o estúdio passou a drenar as receitas da empresa vindas de seu verdadeiro produto, os refrigerantes. Ainda com a mentalidade dos anos 1970, a Coca buscou ampliar sua participação, adquirindo o estúdio menor *Tri-Star*. Porém, após anos de insucessos de bilheteria e com os novos rumos corporativos nos EUA, a Coca-Cola decidiu por vender sua participação em Hollywood para a japonesa Sony. Diferente da falta de sinergia anterior, a combinação Sony-Columbia/Tri-Star gerou uma forte coesão, com a primeira fornecendo equipamento de entretenimento e a segunda, conteúdos (PRINCE; MUSSER, 1999, Cp. 2).<sup>188</sup>

O processo de sinergia corporativa e o fim dos grandes conglomerados em Hollywood recebeu nomes diferentes pela literatura, tais como “supervia de informação”, “convergência midiática”, “sinergia hardware-software” e “New New Hollywood”.<sup>189</sup> Porém, todos indicam o mesmo: a desregulação, os incentivos fiscais e o crescimento econômico levaram a economia norte-americana a uma revolução, e Hollywood esteve em seu centro (SKLAR, 2012, Cp. 20). Em verdade, durante a década houve crescimento substancial de fusões e aquisições empresariais, com empresas norte-americanas tornando-se parte de enormes corporações (especialmente japonesas, europeias e australianas). Entre 1980 e 1989, foram realizadas 2.031 transações no setor de “mídia e entretenimento” dos EUA, num valor total de USD89,2 bilhões (correntes), representando o terceiro setor mais ativo. Ademais, “mídia e entretenimento”, e mais especialmente Hollywood, foi classificado como o segundo setor mais atrativo para compradores internacionais, tendo sido realizadas 190 transações, num montante de USD17,22 bilhões (valores correntes) (PRINCE; MUSSER, 1999, Cp. 2).

Conforme a economia crescia e mudanças estruturais se davam na exibição, a produção de filmes foi adaptada. Sklar (2012) critica que filmes eram pensados, produzidos e promovidos para ter sucesso comercial imenso e rápido, pois se consideravam bem-sucedidos os filmes que atingissem USD10 milhões no seu primeiro fim de semana de exibição.<sup>190</sup> Com a pressão financeira, as narrativas passaram a convergir em aspectos relevantes, apresentando enredos moralmente simplistas, personagens heroicas, viagens espaciais, excesso de ação, maniqueísmo

---

<sup>188</sup> Vale ressaltar que esta união se mantém até os dias atuais, demonstrando a capacidade deste modelo organizacional.

<sup>189</sup> O termo New New Hollywood se origina da ideia de que os anos 1980 observaram uma revolução na indústria. Porém, entre 1960 e 1970, também se considera que Hollywood passou por uma alteração drástica e os estudiosos chamam esse período de New Hollywood. Dessa forma, o termo vem explicitar que os anos 1980 acrescentaram algo inédito à indústria em relação às suas duas décadas anteriores.

<sup>190</sup> Atualmente, o mesmo modelo se aplica, mas os filmes hollywoodianos costumam ser lançados nas quintas-feiras num lançamento mundial, para iniciar o chamado marketing boca a boca e alcançar bilheterias imensas no primeiro fim de semana.

entre bem e mal, e impressionantes efeitos especiais. Para efeito comparativo, nenhum dos maiores sucessos da década de 1980 foi baseado em livros best-seller, musicais, textos da bíblia cristã, ou contos de fadas – uma ruptura com o que havia até então (SKLAR, 2012, Cp. 20).<sup>191</sup>

A influência deste zeitgeist reaganista na economia é bem documentado, mas Hollywood sempre foi um setor complexo, não sendo diferente ao longo dos anos 1980. Para produzir grandes sucessos de bilheteria, os estúdios passaram a dispender recursos financeiros crescentes, objetivando produzir o grande sucesso do ano. Conforme o processo de sinergia ocorria, custos filmicos sofreram intenso processo inflacionário, mas conforme os gastos em produção aumentavam, maiores se tornavam as chances de sucesso e retorno financeiro. Em 1981, os Top 5 sucessos de bilheteria tiveram um orçamento 65% superior aos cinco subsequentes, e uma receita teatral mundial 173% superior.<sup>192</sup> Em certos anos, situações excepcionais ocorreram. Por exemplo, *Superman II* (Richard Lester, 1980), considerado um dos maiores blockbusters e exemplos de filme comercial de seu tempo, teve um orçamento de mais de USD150 milhões, alcançando uma receita total de USD305 milhões. Porém, *Os Caçadores da Arca Perdida* (Steven Spielberg, 1981) teve o terceiro maior orçamento, de USD51 milhões e arrecadou surpreendentes USD1 bilhão, não à toa, sendo a maior bilheteria de seu ano. Menção honrosa deve ser feita ao filme *Arthur* (Steve Gordon, 1981), uma comédia simplista e pouco celebrada pela crítica especializada, mas que arrecadou nas bilheterias mundiais montante 1.264% superior ao seu orçamento. Em síntese, no começo da década já era possível observar a relação entre alto orçamento de produção com posterior sucesso comercial, mas ainda ocorriam exceções.

Todavia, as exceções se tornaram cada vez menos frequentes com o passar da década. Entre 1981 e 1985, o Top 5 sucessos de bilheteria tiveram um orçamento 35% superior ao cinco subsequentes, mas alcançaram receita 187% superior. Atributo fundamental da indústria passou a ser a relevância de um ou dois títulos por ano que sustentavam os maiores ganhos relativos. No período, o Top 1 representou, em média, 30% da receita das dez produções mais bem-sucedidas, enquanto o Top 3 chegou a 58%. Estes números clarificam consensos importantes na literatura. Em primeiro, é possível notar que Hollywood tornou-se cada vez mais intensiva em capital, com os custos de produção crescendo 13% no período. Porém, no mesmo período, os retornos financeiros aumentaram 36%, explicando porque executivos se aventuravam em projetos de

---

<sup>191</sup> Outra interessante análise feita pelo autor se dá na premiação oficial do Oscar. Até os anos 1970, metade dos filmes ganhadores de “melhor filme” também estavam entre as principais bilheterias, mas em 1980, isso aconteceu apenas uma vez: com o filme *Rain Man* de Barry Levinson, lançado pela United Artists em 1988.

<sup>192</sup> As informações são análises próprias advindas de informações de bilheteria e custos de produção obtidos no IMDb Pro e The Numbers. Todas as análises foram ajustadas para dólares constantes de 2020, para retirar a inflação anual da análise.

custos elevados: esperava-se produzir o grande blockbuster do ano. Em termos puramente comerciais, estavam corretos, pois todos os Top 1 filmes entre 1981 e 1985 são filmes blockbusters. Nestes, o orçamento médio foi de USD55 milhões, mas o retorno médio foi de USD1 bilhão, uma taxa de retorno de 19 vezes. Os números indicam conclusão interessante: embora o sucesso estivesse atrelado aos altos custos de produção, este não é sua causa fundamental e sim o tipo de narrativa produzida, sendo simples, maniqueísta, repletas de cenas de ação e com efeitos especiais (SKLAR, 2012, Cp. 20).

Tendo em vista os aspectos de produção e bilheteria dos principais sucessos da década, podemos alcançar conclusões sobre os sucessos de Guerra Fria do período analisados nesta dissertação. Entre os oito filmes selecionados, o custo médio de produção foi de USD65 milhões, 48% superior aos USD44 milhões do Top 10 do período. Todas as obras selecionadas tiveram um custo de produção superior à média de seus respectivos anos, porém, o retorno financeiro médio foi 23% menor. A franquia James Bond teve importante papel neste aspecto, pois todos os três filmes analisados tiveram custos acima dos USD70 milhões, embora o retorno financeiro nesta franquia fosse praticamente garantido e elevado. Interessantemente, *White Nights* (1985), que ficou na vigésima posição de bilheteria em 1985, representou o terceiro melhor custo-benefício, obtendo receita 181% superior ao seu orçamento. Todavia, os filmes *Rambo II* e *Rocky IV* se distanciam enormemente do restante da amostra. *Rambo* contou com um orçamento elevadíssimo para os padrões da época, de USD105 milhões, 138% acima da média da indústria e, embora menos impressionante, *Rocky IV* também superou a média em 62%.

Os dados permitem que retiremos conclusões importantes sobre filmes de Guerra Fria no período. Em primeiro, é possível evidenciar que os filmes da temática não estão entre os mais bem-sucedidos do período. Sabemos que 1981 e 1985 representou a chamada 2ª Guerra Fria e o reaquecimento do conflito bipolar, o que foi incorporado ao cinema hollywoodiano. Todavia, embora a temática ainda se demonstrasse capaz de atrair público, ela perderia espaço para narrativas alternativas, especialmente comédias, ficção científica e ação. Em segundo, apesar desta perda relativa, Hollywood ainda identificava a Guerra Fria como uma temática comercialmente atrativa e os altos custos de produção, acima da média em todos os anos, demonstram tentativas frequentes de produzir um grande sucesso atrelado à temática. Em terceiro, é possível concluir que este sucesso enfim chegou em 1985, em duas produções distintas, *Rocky IV* e *Rambo II*.

Nesta seção foi possível identificar as mudanças econômicas e tecnológicas pelas quais passou Hollywood ao longo da década, identificando o papel da *Reaganomics* e,

consequentemente, do pensamento Reaganista sobre esta mudança. A diversificação dos canais de exibição, o rápido crescimento econômico e a desregulação da economia levaram a indústria a alterar substancialmente suas formas de produção e as narrativas filmicas, buscando sucesso comercial intenso e rápido. Neste ínterim, a Guerra Fria, embora relativamente menos importante, se manteve dentro da estratégia comercial, e investimentos acima da média foram realizados para produzir grandes sucessos atrelados à temática, o que foi alcançado apenas em 1985. Na seção seguinte, discutiremos o segundo aspecto identificado no zeitgeist reaganista, isto é, o recrudescimento do conservadorismo na sociedade norte-americana e suas relações com a Guerra Fria e Hollywood.

### **3.1.2. Reagan e Conservadorismo na sociedade norte-americana nos anos 1980**

Conforme visto anteriormente, existe nítido consenso da influência do reaganismo sobre os desenvolvimentos econômicos dos anos 1980, abarcando desregulação, mudanças de hábitos, crescimento econômico, ganância, excesso de consumismo e um alto teor de materialismo. Entretanto, no que tange ao aspecto conservador e sua repercussão na sociedade, a literatura não apresenta um ponto de vista unificado. Todavia, trabalhos recentes de historiadores e cientistas sociais tendem a analisar o conservadorismo reaganista sob o ponto de vista epistemológico das “guerras culturais”.

Em 1991, o sociológico James Hunter apresentou o conceito de guerra culturais, que rapidamente se disseminou, tornando-se uma lente interpretativa largamente utilizada para explicar disputas socioculturais nos EUA. Segundo o autor, haveria na sociedade norte-americana evidente clivagem ideológica, que ele denomina ortodoxia versus progressivismo (em inglês, *progressivism*). Para os primeiros, a sociedade deveria ser organizada de acordo com princípios morais centrais, baseados numa figura de autoridade, seja ela religiosa ou fruto da tradição. Para os segundos, a sociedade não deveria ser arquitetada por princípios absolutos, pois os valores morais, as condições materiais e percepções de certo e errado se modificam temporalmente. As guerras culturais ocorreriam em diversos âmbitos, mas os temas mais relevantes nos EUA (no final do século XX) seriam o aborto, a imigração, o multiculturalismo, direitos LGBT, separação entre igrejas e Estado, dentre outros. Hunter (1991) traça a alta polarização na política norte-americana a partir dos anos 1960, comprovadamente um momento de grandes tumultos sociais, e explicita que, no caso norte-americano, a clivagem ideológica se propaga para o sistema bipartidário (HUNTER, 1991). Apesar do termo já existir e ser utilizados



em alguns casos, foi largamente popularizado nos anos 1990 e frequentemente evoca-se a figura de Pat Buchanan para explicar.<sup>193</sup> Buchanan foi um conhecido político conservador norte-americano, tendo servido Richard Nixon, Henry Ford e Reagan como assessor e conselheiro.<sup>194</sup> Nas eleições presidenciais de 1992, desafiou o incumbente, George W. Bush, pela indicação do Partido Republicano e durante a convenção, acusou “é uma guerra cultural, tão crítica para o que seremos como nação como foi a própria Guerra Fria”(COLLINS, 2009, p. 171).

Os estudiosos do reaganismo passaram a olhar para o passado a partir deste conceito. Collins (2007) acredita que o Reaganismo foi momento crucial no desenvolvimento das guerras culturais, mas Troy (2005), por outro lado, defende que Reagan nunca teria assumido posições tão extremas como durante seu período no governo da Califórnia e que a sociedade norte-americana apresentava comportamentos e opiniões paradoxais. Por exemplo, cita que 56% acreditavam que aborto era assassinato e 68% viam como contrário à vontade divina, mas 67% defendiam o direito da mulher de escolher. Para o autor, o individualismo teria superado o moralismo (TROY, 2005, p. 266-267). A própria eleição de Reagan em 1980 demonstra a complexidade da temática. Para seus apoiadores, foi vista como um “terremoto eleitoral” e um “triumfo conservador”, pois recebeu 51% dos votos populares e 489 colégios eleitorais, contra apenas 49 de Carter. Além disso, os Democratas perderam a maioria no Senado pela primeira vez desde 1955, 33 assentos no Congresso e mais de 200 nas legislaturas estaduais. Para alcançar este feito, Reagan recebeu o apoio de 80% dos eleitores republicanos e 24% dos eleitores democratas. Porém, o presidente não obteve apoio substancial entre mulheres e negros, a naquele ano apenas 70% da população estava apta a votar e somente metade desse montante o fez. Para completar, apenas 28% dos eleitores se diziam conservadores, 13% eram “fortemente republicanos” e apenas 10% votaram em Reagan devido à sua visão conservadora como causa primária. Assim, a relação entre a vitória de Reagan e o recrudescimento do conservadorismo na sociedade norte-americana precisa ser melhor explorado (NISBET, 2017, p. 110-111; TROY, 2005, p. 27, 37-40, 48-49).

Pesquisas de opinião pública realizadas pelo Gallup ao longo do período fornecem auxílio importante na compreensão destas visões conflitivas. De acordo com as premissas da guerra cultural, haveria correspondência entre conservadorismo e o Partido Republicano. Contudo, conforme demonstra o Gráfico 1 abaixo, a década de 1980 não parece condizer com a premissa teórica. Ao longo do período, 52%, em média, se identificavam como Democratas,

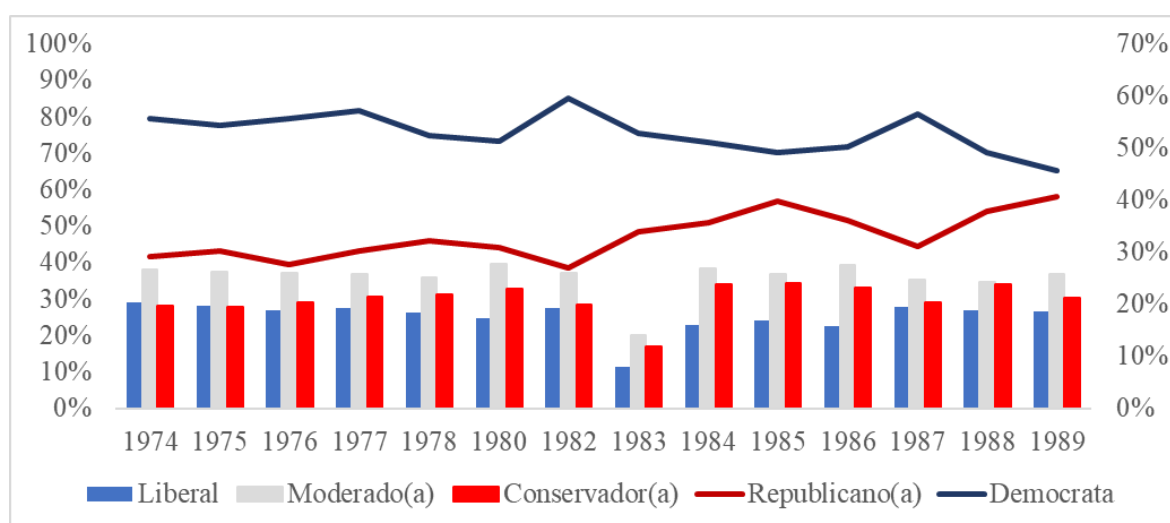
---

<sup>193</sup> O termo guerra cultural se originou do alemão, Kulturkampf. Historicamente, está associado às disputas entre o governo do Reino da Prússia e a Igreja Católica sobre a educação.

<sup>194</sup> Foi Diretor de Comunicação da Casa Branca de Reagan entre 1985 e 1987.

contra apenas 35% Republicanos, mas em paralelo, o número de respondentes se auto afirmando conservadores passou a ser superior em 1976 e se manteve por toda a década de 1980. Ademais, é possível observar no período aumento de republicanos, especialmente entre 1982 e 1985, quando houve crescimento de 48%. Além disso, entre 1974 e 1984, houve aumento de 22% nos que se diziam conservadores. Com estes números em perspectiva, é possível confirmar, com ressalvas, um aumento do conservadorismo da sociedade norte-americana, mas não é possível explicitar se o reaganismo é causa, consequência ou ambos.<sup>195</sup>

Gráfico 2: Comparação entre as variáveis polviews (visão política) e partyid (filiação partidária) nos EUA.



Fonte: GSS Data Explorer <https://gssdataexplorer.norc.org/variables/141/vshow> e <https://gssdataexplorer.norc.org/variables/178/vshow>

Embora não seja possível explicitar com exatidão a relação causal entre a propensão conservadora e o reaganismo, é possível analisá-la sob certos aspectos e compreender seus significados reais na sociedade. Neste sentido, buscaremos exemplificar a partir de duas temáticas em que os conservadores e/ou reaganistas se assemelhavam: a economia e o militarismo. Conforme discutido previamente, o Reaganomics teria representado uma revolução no pensamento e nas ações econômicas no período e alguns de seus aspectos mais fundamentais encontrou profundo respaldo na sociedade. Por exemplo, a desconstrução do projeto de Grande Sociedade de Lyndon Johnson promoveu desinvestimentos massivos em assistência social, diminuindo o Estado de Bem-Estar norte-americano. Apesar de muito criticado, ao longo do primeiro mandato, 31% acreditavam que ainda se gastava muito, contra apenas 16%, que

<sup>195</sup> A Gallup permite 10 alternativas de resposta para o PartyId. Para simplificação, agrupou-se os dados de Muito Democrata, Democrata e Ligeiramente Democrata para “Democrata”, Muito Republicano, Republico e Ligeiramente Republicano para “Republicano”. Durante os anos 1980, os Independentes representaram, em média, 12%. Outros partidos ou não afiliados representaram, em média, 1%.

defendiam um aumento em gastos sociais. A ideia de um Estado ineficiente e a fundamentalidade da livre iniciativa e da iniciativa privada também eram largamente compartilhadas. Em 1984, 82% dos norte-americanos acreditavam que conquistas pessoais dependiam do esforço individual, 54% defendiam que não era papel do Estado incentivar estabilidade no trabalho e nos preços, 70% viam a diferença de classe como responsabilidade única do esforço do indivíduo e 51% acreditava que diferenças sociais eram aceitáveis.<sup>196</sup>

Ademais das similaridades entre o pensamento reaganista e a visão da sociedade norte-americana sobre economia, o aspecto militar se mostrou fundamental. Conforme discutimos no capítulo 1, paradigmas teóricos diferentes identificaram a centralidade da força militar. Mead (2001) identificou que há uma forte tradição jacksoniana nos EUA, na qual sua influência sobre a política externa é a preferência por isolamento e força militar. O autor conclui que Reagan obteve grande parte do seu sucesso por ter se relacionado eficientemente com valores jacksonianos, compartilhados por grande parte da sociedade norte-americana (MEAD, 2001, p. 221-261). Para além dele, todavia, outros teóricos também identificaram a força militar no reaganismo, como o conceito de “Fortaleza Norte-americana” expressa por McCrisken (2003), e Nau (2013), quando expressa que Reagan adotou “política típica do realismo ofensivo”, isto é, fortalecimento militar e ameaça do uso da força (MCCRISKEN, 2003, p. 2; NAU, 2013, p. 27-28). Novamente, tal característica de Reagan encontrou amplos respaldos na sociedade norte-americana. Durante a década de 1970, 29% dos norte-americanos acreditavam que se gastava muito com as forças armadas, mas em 1980, durante as eleições presidenciais e a acusação frequente de Reagan sobre o tema, esses números se alterariam. Naquele ano, 56% acreditavam que se gastava pouco, contra apenas 11%, que acreditavam gastar muito. Reagan conseguiria capitanear a opinião pública a favor do seu fortalecimento militar, mas a partir de 1984, o panorama iria se inverter até o final da década, com o apoio ao fortalecimento militar alcançando sua baixa histórica (média de 7%). Porém, a opinião pública parece ter tido pouca influência neste aspecto, pois em 1983, os gastos alcançariam o maior pico em termos de percentual de PIB e se manteriam crescentes até o final da década.

Ademais dos gastos, outros importantes aspectos militaristas podem ser identificados no reaganismo. Por exemplo, a partir da análise extensiva de discursos públicos, foi possível notar que um dos principais temas trazidos à tona por Reagan seria a qualidade do serviço militar. Em 1983, Reagan contou

---

<sup>196</sup> Dados obtidos do GSS Data Explorer.

“Havia uma séria discussão se o alistamento militar voluntário teria sido um erro e se deveríamos retornar ao obrigatório. Bem, nós não retornamos e atualmente nossos militares alistados voluntariamente estão bem e mais orgulhosos do que nunca. Temos uma lista de espera. Temos uma média de escolaridade e inteligência maior do que nunca tivemos em nossa história. [...] Moral, disciplina e coesão melhoraram dramaticamente. Eu ouvi de generais e de outros indivíduos que novamente era uma honra servir as forças armadas (dos EUA).”<sup>197</sup>

Tal visão não somente foi compartilhada como parece ter influenciado diretamente o público. Em 1982, 51% dos norte-americanos acreditavam que a qualidade do pessoal militar era boa, alcançando 67% em 1984, enquanto os que consideravam ruim caiu proporcionalmente, de 40% para 27%. Também em 1984, 86% dos norte-americanos acreditavam que a experiência militar era positiva para homens e a confiança na instituição se manteve extremamente elevada: 76% em média entre 1980-1984. Não à toa, entre diversos aspectos do que se convencionou associar ao conservadorismo, narrativas militaristas em Hollywood ganharam imenso destaque nos anos 1980. A época viu a produção de grande diversidade de filmes protagonizando militares e, interessantemente, em ambos os lados do espectro político norte-americano. Por exemplo, filmes como *Iron Eagle* (Sidney Furie, 1986), *Firefox* (Clint Eastwood, 1982), *Rambo II* (George Cosmatos, 1985) e *Top Gun* (Tony Scott, 1986) são considerados importantes obras fílmicas que retratam aspectos militaristas reaganistas, como patriotismo, vencer a qualquer custo, defender a nação dos inimigos, etc. Por outro lado, obras como *Platoon* (Oliver Stone, 1986), *Full Metal Jacket* (Stanley Kubrick, 1987), *Casualties of War* (Brian de Palma, 1989), *Born of the Fourth of July* (Oliver Stone, 1989) são identificados como críticas de diretores liberais.<sup>198</sup>

É impossível separar o reaganismo de seu teor militarista. Conforme argumentamos ao longo do capítulo 1, é uma resposta direta à percepção de Reagan sobre a fraqueza dos EUA vis a vis URSS e em razão da política de détente. O programa de fortalecimento militar e a retórica anticomunista tiveram impactos significativos no reaquecimento do conflito bipolar na primeira metade da década, gerando situações que se retroalimentam. Por exemplo, a agressividade de Reagan em relação aos soviéticos impulsionou sentimentos anti-Rússia nos EUA, que por sua vez influenciaram a produção de Hollywood, que fomentou ainda mais este sentimento, que deu

---

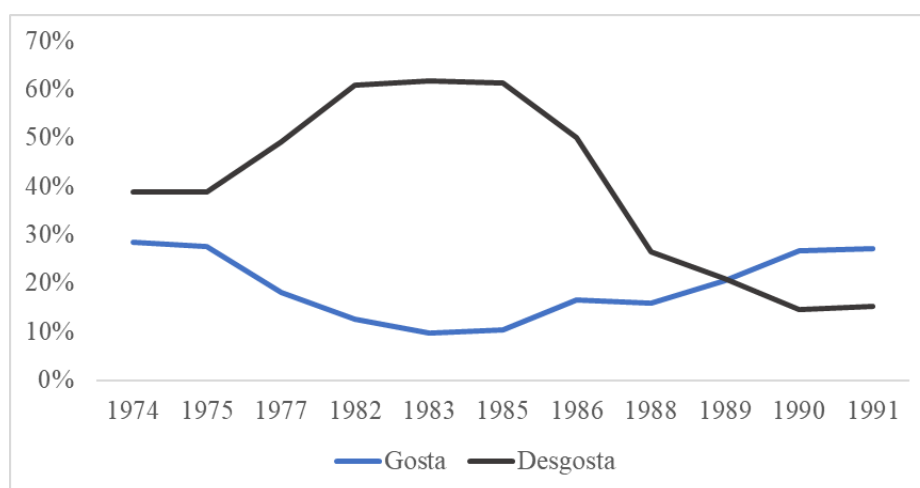
<sup>197</sup> “Remarks at the Republican Women's Leadership Forum in San Diego, California no Mission Bay Room at Bahia Hotel 26 de agosto de 1983”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/82683a> > (último acesso 03/11/2019).

<sup>198</sup> Estes filmes estão entre os mais famosos e mais citados em trabalhos que estudam os aspectos ideológicos de Hollywood. Porém, há outros menos citados que demonstram a grande variedade de produções relacionadas aos aspectos militares, como as comédias *Good Morning Vietnam* (Berry Levinson, 1987) e *Stripes* (Ivan Reitman, 1981) e o drama sobre a questão racial *Glory* (Edward Zwick, 1989).

maior legitimidade à atuação de Reagan. Por exemplo, em 1976 (ainda durante a *détente*), somente 30% dos norte-americanos acreditavam que os EUA se envolveriam numa guerra nos próximos 10 anos, mas em 1983 (ano mais crítico da 2ª Guerra Fria), este número era de 64%. Em 1984, 54% acreditavam que a corrida armamentista iria se acelerar, enquanto 34% estavam “certos de que aconteceria”. Havia preocupação crescente com as investidas soviéticas e cubanas no América Central, especialmente a Nicarágua e, por este motivo, 68% dos norte-americanos em 1984 acreditavam que haveria uma “guerra de guerrilhas”.<sup>199</sup>

O mais importante, entretanto, é a relação entre a visão reaganista e da opinião pública sobre a URSS. Até meados dos anos 1970, houve uma estabilização das opiniões favoráveis e desfavoráveis sobre os soviéticos (28% contra 39%). Entretanto, conforme demonstra o Gráfico 2 abaixo, tal situação se alteraria drasticamente:

Gráfico 3: Análise temporal da variável “russia”.



Fonte: Fonte GSS Data Explorer <https://gssdataexplorer.norc.org/variables/5490/vshow> (último acesso 09.07.2020)

Em 1977, o montante negativo subiu 10 pontos percentuais e na primeira metade dos anos 1980 alcançou média de 61%, enquanto apenas 11% diziam apreciar os soviéticos. Vale ressaltar que existe uma relação direta entre opinião pública e a 2ª Guerra Fria. O ápice do descontentamento público norte-americano se iniciou em 1982, o mesmo ano identificado no capítulo 1 pelo aumento da retórica anticomunista em discursos públicos. Para complementar tal constatação, é possível ver que entre 1985 e 1986 há uma redução de 11 pontos percentuais, e

<sup>199</sup> Dados obtidos do GSS Data Explorer. Fonte: [https://gssdataexplorer.norc.org/variables/vfilter?utf8=%E2%9C%93&user\\_search\\_id=&state\\_id=&search\\_type=&keyword=&doslider=1&ymin=1978&yymax=1985&years=&subjects=&ssearch=&commit=SEARCH&page\\_v=16](https://gssdataexplorer.norc.org/variables/vfilter?utf8=%E2%9C%93&user_search_id=&state_id=&search_type=&keyword=&doslider=1&ymin=1978&yymax=1985&years=&subjects=&ssearch=&commit=SEARCH&page_v=16) (último acesso 06.07.2020).

esta é o período em que Gorbachev chegou ao poder e relações bilaterais passaram por melhora substancial.

Os dados nos ajudam a compreender porque o ano de 1985 observou a maior quantidade de filmes de Guerra Fria no período. Em nossa amostragem, vale lembrar que *Rambo II*, *Rocky IV*, *White Nights* e *A View to a Kill* foram todos lançados nesse ano e conforme notaram Silveira e Alvez (2018), 1985 apresentou o ápice de produções de Guerra Fria tanto no Top 10 quanto no Top 20 bilheteriais teatrais (SILVEIRA; ALVES, 2018, p. 66). Considerando que Rossi (2007) esteja correto, Hollywood incorporaria temáticas sociopolíticas em voga com um atraso temporal e isso é visível neste caso (ROSSI, 2007, p. 7-8). O sentimento antissoviético vinha em ascensão por 10 anos e havia atingido níveis elevados em meados da década. Lembrando que as pressões econômicas levaram Hollywood a buscar grandes sucessos comerciais, é possível inferir que o novo zeitgeist convenceu estúdios a investirem na temática, produzindo narrativas de Guerra Fria anticomunistas e antissoviéticas, conforme discutido ao longo do capítulo 2.

Ao longo destas duas seções, discutiu-se o papel de um zeitgeist reaganista na produção hollywoodiana de Guerra Fria nos anos 1980. Embora o conceito de zeitgeist seja extremamente amplo e de difícil manipulação metodológica, fornece evidências importantes de como determinados fenômenos sociais se relacionam e, neste caso, pôde-se ver o papel das ideias econômicas e conservadoras associadas ao reaganismo, sua relação com a opinião pública norte-americana e possíveis influências nas narrativas fílmicas. Porém, todas as relações identificadas representam epifenômenos ideológicos e culturais, dificilmente sendo possível identificar onde se inicia a relação causa e consequência. Na próxima seção, discutiremos uma relação mais substantiva e de inflamados debates acadêmicos e políticos: Hollywood como um agente de diplomacia pública dos EUA e sua relação com os anos 1980.

### **3.2. Hollywood e Diplomacia Cultural**

A partir dos anos 1990, novas temáticas surgiram ou reemergiram nos estudos de Guerra Fria e, entre eles, a cultura ostenta papel de destaque. O historiador Odd Westad denominou tal processo de conceitualismo, explicando que grupos envolvidos nesta longa disputa “estabeleceram conceitos e ideias que os definiram” (WESTAD, 2001, p. 6). O papel do cinema e de outros produtos culturais se encontrariam dentro deste conceito, mas a partir dele uma nova área, até então pouco explorada, também passou por profundas transformações, a diplomacia pública. A ideia de que governos agem com a intenção de promover determinados aspectos de

sua sociedade não é nova e pode ser identificada ao longo da história. Entretanto, o século XX testemunhou a institucionalização e a conceituação teórica deste tipo de atividade governamental.<sup>200</sup>

Segundo Cull (2008), diplomacia pública pode ser entendida como um agente internacional (geralmente o Estado) conduzindo uma política externa de engajamento com o público de outros agentes internacionais (CULL, 2008, Introdução).<sup>201</sup> Peters (2015) complementa que o objetivo é o convencimento de ideias, que levarão os receptores a desejarem objetivos equivalentes ou conceberem opiniões convergentes com os interesses do emissor; em outras palavras, “ganhar corações e mentes” (PETERS, 2015, p. 16-17). Tendo em vista a definição e os objetivos, é possível compreender a atratividade do conceito para o campo das Relações Internacionais. De forma simplificada, diplomacia pública torna-se um desenvolvimento do conceito de *soft power*, um tipo de poder psicossocial, baseado na premissa de que ativos culturais e institucionais são capazes de gerar respostas favoráveis ao Estado emissor (NYE, 2004, p. 50). Apesar do conceito ser frequentemente evocado, também é bastante criticado pela dificuldade inerente de mensuração e, neste ínterim, a diplomacia pública surge como lente analítica superior, dado que permite análise de políticas estatais específicas sem, necessariamente, averiguar seus impactos sobre audiências.

Entre os maiores estudiosos do tema, Gilboa (2008) cita que a maior parte da produção intelectual sobre a temática se restringiu aos estudos históricos de Guerra Fria. O papel do conflito bipolar é tão relevante que nomeia um dos principais modelos teóricos do campo, o chamado “Básico de Guerra Fria” (GILBOA, 2008, p. 56-59).<sup>202</sup> Porém, a partir do século XXI, o campo passou por avanços significativos, que criaram novas formas de questionar o passado. Considerava-se que a diplomacia tradicional é uma relação explícita entre governos (G2G) e diplomacia pública seria a versão “Governo para Pessoas” (G2P). Porém, especialmente a partir do desenvolvimento da internet, se vê nos tempos atuais uma diplomacia “Pessoas para Pessoas” (P2P), que englobaria indivíduos, ONGs, empresas, e grupos da sociedade civil de um país interagindo com a audiência de outros países e, neste ínterim, Hollywood (SNOW, 2008, p. 6).

---

<sup>200</sup> Uma diversidade de estudos tem demonstrado, por exemplo, o papel dos Estados beligerantes ao longo da Primeira e Segunda Guerra Mundial para promover seus respectivos interesses e visões.

<sup>201</sup> Cull (2008) explicita cinco aspectos da diplomacia pública: i) listening: pesquisas de opinião em outros países; ii) advocacy: criação e disseminação de informações sobre determinados tópicos; iii) diplomacia cultural: uso de ativos culturais para promover algo; iv) intercâmbio: movimentação de pessoas entre países, especialmente estudantes, e v) transmissões internacional: geralmente relacionadas às transmissões de rádio (2008, Introdução).

<sup>202</sup> O modelo explicita os casos em que Estados veem restritas suas opções militares e, por isso, alteram a estratégia para a “dominação” do público rival.

Para os críticos, a ampliação do tema é indevida. Por exemplo, Arndt (2007) explicita que diplomacia pública seria somente realizada por diplomatas, à serviço de governos e com a intenção de promover seu Estado, e qualquer situação que não se enquadre nestes parâmetros seria apenas relações culturais orgânicas (ARNDT, 2007, Introdução). Cull (2008) segue linha similar ao afirmar que se deve distinguir diplomacia pública de relações interculturais. Entretanto, o autor argumenta que a partir do momento em que a relação cultural esteja atrelada ao Estado em algum sentido ou crie situações que envolvam o Estado, tornar-se-ia diplomacia pública. Levando em conta tal “ressalva”, o conceito torna-se extremamente complexo, pois no caso dos EUA e, mais especificamente durante a Guerra Fria, Hollywood tinha evidentes relações com Washington.

Na próxima seção, discutiremos as relações entre Hollywood e a diplomacia pública dos EUA, demonstrando que existiu uma parceria histórica entre Washington e a indústria fílmica, o que torna este país o mais complexo quando analisado sob o ponto de vista de diplomacia pública. Na seção seguinte, demonstraremos como esta relação se deu durante os anos 1980 e suas influências sobre as obras analisadas nesta pesquisa.

### **3.2.1. O Longo Casamento entre Washington e Hollywood**

“Se os EUA abolissem todos os seus serviços diplomáticos e consulares, mantivessem seus navios nos portos e turistas em casa, e se se retirassem do mercado internacional, seus cidadãos, problemas, cidades e regiões, estradas, carros, escritórios e salões continuariam a ser familiares em todos os cantos do mundo. O filme é para os EUA o que a bandeira foi uma vez para os britânicos. Por meio dos filmes, o Tio Sam pode esperar, um dia, e se não parado em tempo, americanizar o mundo inteiro” (SKLAR, 2012, Cp. 13)

Segundo Shaw (2007), existe um consenso de que Washington se aliou à Hollywood durante a 2ª Guerra Mundial em seu esforço de guerra e que tal aliança se manteve durante o início da Guerra Fria. Todavia, Washington teria percebido sua incapacidade de produzir conteúdos próprios, no âmbito da diplomacia pública, enquanto competia com a imensa influência internacional de Hollywood. Assim, teria ocorrido um “acordo tácito” de alinhamento, mas não interferências diretas ao longo do conflito bipolar (SHAW, 2007, Cp. 9). O autor está parcialmente correto, mas investigações recentes demonstram que esta relação histórica é bem mais complexa e contínua do que à primeira vista. Ademais, a relação nem sempre foi positiva, e normalmente é explicitado o grande descontentamento de figuras públicas norte-americanas com a forma como os EUA são retratados por Hollywood. Nesta discussão, Bayles (2014) apresenta



argumentação que nos parece mais persuasiva ao expressar que, independentemente do caráter positivo ou negativo, Hollywood é um ativo da diplomacia cultural norte-americana. Para a autora, “Washington e Hollywood parecem um casal de velhos, que brigam em casa, mas se mostram unidos em público”, sendo que a relação é tão intrínseca que seria inconcebível pensá-la apenas em termos comerciais. A autora traça a relação histórica para evidenciar sua tese e a chama de “Pacto Washington-Hollywood” (BAYLES, 2014, p. 123).

A primeira contribuição de Hollywood à Washington ocorreu durante a 1ª Guerra Mundial. Quando os EUA entraram na guerra em 1917, foi criado o Comitê de Informações Públicas (CIP), chefiado pelo jornalista George Creel. Creel imediatamente convocou Hollywood para o esforço de guerra, tendo em vista dois objetivos: convencer os norte-americanos da malignidade dos alemães, e também da necessidade do engajamento, pois até então a predileção no país era pelo isolacionismo. Neste contexto, famosas obras foram produzidas, como *The Kaiser*, *The Beast of Berlin* (Rupert Julian, 1919). Para além disso, todavia, a Divisão de Filmes Estrangeiros se responsabilizou pelas licenças de exportação. O órgão reprovava todos os filmes de Hollywood que considerava apresentar o país e seus aliados negativamente, e somente os liberava quando os países receptores se comprometiam a não comprar filmes alemães. Para Bayles, Hollywood receberia sua recompensa em 1918, quando o Congresso aprovou o *Webb-Pomerene Export Act Trade*. Embora a cartelização fosse proibida no país, os estúdios receberam autorização e apoio do Estado para fazê-la na conquista de mercados estrangeiros (BAYLES, 2014, p. 124; CULL, 2008, p. 7).<sup>203</sup>

No mundo contemporâneo, o domínio absoluto de Hollywood sobre mercados estrangeiros é dado como fato, mas nem sempre foi deste modo. Sem medo de represálias jurídicas, com as indústrias rivais fragilizadas e com amplo apoio do Estado, Hollywood criou o *Motion Pictures Producers and Distributors Association* (MPPDA) em 1922 e iniciou sua expansão aos mercados europeus. Em paralelo, o final da guerra levou ao desmembramento do CIP, num momento em que públicos internacionais foram largamente expostos às narrativas norte-americanas. Conforme Cull (2008) conclui, o fim do CIP significou perda relativa de Washington em controlar o tipo de mensagem que estava sendo transmitida. De qualquer forma, não havia intenção de criar um aparato de diplomacia pública nacional naquele momento (BAYLES, 2014, p. 124 CULL, 2008, p. 9).<sup>204</sup>

---

<sup>203</sup> Cartel é um acordo entre empresas para fixar preços, cotas de produção, dividir mercados, etc.

<sup>204</sup> Apesar do enfoque desta seção ser na relação Hollywood-Washington, não se deve esquecer o aspecto econômico. Por exemplo, neste mesmo período, os EUA detinham 40% de todos os cinemas do mundo, o que fornecia grande retorno financeiro doméstico para os principais estúdios (Sklar, 2012, Cp. 13).

Há certo consenso de que durante a maior parte das décadas de 1920 e 1930 houve distanciamento entre Washington e Hollywood, excetuando a Divisão de Filmes do Escritório de Comércio Internacional, que foi criada em 1926 e passou a coletar informações de mercados estrangeiros para o MPPDA, produzindo 22 relatórios até 1933 e depois assumindo formato anual (SKLAR, 2012, Cp. 13).<sup>205</sup> Interessantemente, mas não de todo surpreendente, Hollywood somente passou a retratar a emergência do fascismo quando Alemanha e Itália passaram a proibir a importações de filmes norte-americanos. Em 1939, *Confessions of a Nazi Spy* (Anatole Litvak) é considerado o primeiro filme antifascista, sendo seguido pelo clássico *The Great Dictator* (1940), dirigido e estrelado por Charlie Chaplin. Porém, a guerra logo reaproximou o “casal”. Bayles conta que Hollywood passou a lidar com quatro órgãos estatais diferentes: o *Office of War Information*, o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, as Forças Armadas e os serviços de inteligência. A autora traz conclusão fundamental: apesar dos interesses diversos e das tentativas de interferência direta dos órgãos estatais, Hollywood manteve certa independência e logrou produzir obras de propaganda política e entretenimento ao mesmo tempo (BAYLES, 2014, p. 125). Tal ideia é crucial, pois explicita característica essencial da parceria: filmes hollywoodianos continuam tendo enfoque no contentamento da audiência apesar de promoverem ideias variadas, entre elas, políticas.

A vitória na Segunda Guerra Mundial também representou a vitória de Hollywood sobre os concorrentes restantes. O MPPDA tornou-se o *Motion Pictures Association of America* (MPAA), sendo informalmente chamado de “pequeno Departamento de Estado”, pois foi comprovado que teve importante atuação diplomática no pós-guerra. Exemplo interessante se passou no Reino Unido em 1947, quando 80% do mercado de filmes era dominado por Hollywood, representando saídas no valor de USD70 milhões (correntes). Um imposto de importação de 75% foi criado, e o MPAA respondeu com um boicote, obrigando o governo britânico a voltar atrás em sua decisão. Porém, o caso mais representativo foi a França. O país apresentava sérios problemas econômicos e identificou volumosa saída de capital devido à importação de filmes. Para piorar a situação, os filmes hollywoodianos eram entregues no país pela Divisão de Guerra Psicológica do exército norte-americano, o que desagradava ao governo francês. O governo decretou uma cota, mas em 1946 foi assinado o Acordo Blum-Byrnes, aliviando as dívidas francesas e garantindo apoio financeiro ao país pelos EUA. Todavia, entre

---

<sup>205</sup> Os relatórios da Divisão de Filmes dos EUA são considerados uma das primeiras e mais confiáveis fontes sobre o mercado cinematográfico na primeira metade do século XX. Podem ser encontrados fisicamente no National Archives, Record Group 151.12 - MOTION PICTURES (GENERAL). Vale comentar que durante a década de 1920, o Brasil era o terceiro maior mercado internacional de filmes hollywoodianos.

as cláusulas do acordo constava a aceitação das prerrogativas comerciais do MPAA no país e as cotas foram suspensas (BAYLES, 2014, p. 126).

Com o início da Guerra Fria, os EUA apresentaram projetos diversos para expandir sua área de influência e conter o comunismo e Hollywood foi identificado como agente fundamental. Num memorando do Departamento de Estado para o MPAA de 1944, explicita:

“No mundo pós-guerra, o Departamento (de Estado) deseja cooperar completamente com a proteção da indústria filmica norte-americana no exterior. Em retorno, espera que a indústria cooperará completamente com o governo de modo que os filmes distribuídos reflitam o promovam o bom nome e a reputação deste país (EUA) e de suas instituições” (BAYLES, 2014, p. 122)

Entre as principais ações norte-americanas no início do conflito bipolar, se encontra o Plano Marshall ou Programa de Recuperação Europeia. Foi uma iniciativa norte-americana de recuperação da economia europeia, onde aproximadamente USD12 bilhões (correntes) foram transferidos para 14 países. O que pouco se comenta é que entre suas cláusulas estava a eliminação de restrições de importações sobre produtos de Hollywood e outros bens informacionais dos EUA. Cull (2008) traz interessante relato demonstrando que no início dos anos 1950, Dean Acheson (Secretário de Estado 1949-1953) e representantes do Plano se encontravam com Eric Johnson, presidente do MPAA, para discutir a relação com a indústria (CULL, 2008, p. 58). Juntamente com o Plano, o Congresso norte-americano aprovou o *Informational Media Guaranty* (IMG). Na Europa pós-guerra, as dificuldades econômicas levaram países a proibir a conversão de suas moedas para dólar, com o objetivo de impedir saídas massivas de capital. Tal aspecto econômico era profundamente prejudicial a Hollywood, pois impedia que a indústria repatriasse seus ganhos obtidos no mercado europeu. O IMG representou a intervenção direta do Estado na questão: Washington prometeu pagar os estúdios em dólares nos casos em que as moedas não eram conversíveis. Bayles argumenta que este representa importante momento histórico nas relações americano-europeias, pois os europeus se convenceriam de que os EUA praticavam imperialismo cultural (BAYLES, 2014, p. 126-127, 131). Vale ressaltar que a URSS e seus satélites recusaram o auxílio norte-americano e não fizeram parte do programa de recuperação e, neste sentido, estavam, supostamente, livres da influência de Hollywood.

Ao mesmo tempo que Washington se aliou à Hollywood no início da Guerra Fria para enviar uma mensagem pró-americana para o mundo, uma verdadeira batalha interna tomou forma. Em 1947, o Comitê de Atividades Não-Americanas (HUAC em inglês), retornou à Hollywood, dessa vez com a intenção de eliminar a suposta infiltração comunista na indústria

filmica nacional. A HUAC já havia investigado Hollywood previamente, sem ter sido capaz de comprovar infiltrações comunistas (nem nazistas). Contudo, desta vez, o órgão foi auxiliado pela Aliança para Preservação de Ideais Norte-Americanos (MPA em inglês), organização conservadora que se colocou como defensora da indústria contra ideias comunistas. O MPA convenceu membros de Hollywood a deporem contra seus próprios colegas, sendo os mais famosos Louis B. Meyer, Walt Disney e Ronald Reagan (conforme explicado no capítulo 1, este momento é vital na formação do anticomunismo do presidente). Este é o momento que historiadores costumam chamar de *blacklisting* (lista negra em tradução aproximada), quando a indústria foi coagida a distanciar-se de qualquer figura associada ao comunismo. Não à toa, a época viu grande número de filmes propagandísticos, pois além do “acordo tácito” com Washington, Hollywood temia novos ataques e censuras (SKLAR, 2012, Cp. 15).

A investigação da HUAC entre 1947-1951, em verdade, representou o maior receio existencial de Hollywood, a censura. Conforme explica Bayles (2014), em 1915 a Suprema Corte dos EUA decidiu que a indústria não estava protegida pela primeira emenda, i.e., liberdade de expressão.<sup>206</sup> Em 1934, foi reforçado o Código de Produção (CP) pelo MPAA, um código com regras de cunho moral para guiar a produção e uma autoridade foi instituída para avaliar roteiros de filmes, uma autocensura. O código estipulava

“Nenhum filme deve ser produzido se diminuir os padrões morais de quem o assistir. A simpatia da audiência nunca deve ser colocada do lado do crime, da injustiça, do mal e do pecado. Padrões corretos de vida devem ser apresentados, sujeitos somente aos necessários contrastes dramáticos. A lei, natural ou humana, não deve ser ridicularizada e não se deve criar simpatias a favor de sua transgressão”.

O código segue explicitando regras sobre narrativas de crime, sexo, vulgaridade, obscenidade, dança, profanidades, vestimentas e religião. Para o fim desta dissertação, entretanto, o mais interessante é a seção de “sentimentos nacionais”, em que se expressa: i) o uso da bandeira nacional deve ser sempre respeitoso; ii) a história, as instituições, indivíduos de outras nações devem ser representados corretamente. O contraste entre o guia e a realidade traz conclusão importante: o respeito a outras nacionalidades deriva das relações internacionais dos EUA, sendo que aliados mereceriam representações positivas (seguindo o código), mas para inimigos, as regras não precisavam ser respeitadas. Ademais, Cull (2008) explicita a relação próxima de Andrew Smith Jr., diretor do departamento de filmes da Agência de Informações dos EUA (USIA) com o CP. O autor conta que Smith Jr. se encontrava frequentemente com Addison

---

<sup>206</sup> Caso foi decidido em *Mutual Film v. Ohio*, 236 U.S. 230 (1915). Para maiores informações, ver <https://supreme.justia.com/cases/federal/us/236/230/> (último acesso 16.07.2020).

Durland, representante do CP, para “briefings”, nos quais se apresentavam os planos nacionais anuais, com o objetivo de manter a indústria “a par” das vontades e necessidades de Washington (CULL, 2008, p. 110).

Quando a Suprema Corte julgou o sistema de estúdios de Hollywood, conhecido pelos Decretos Paramount de 1948, houve uma mudança significativa nos rumos da indústria, pois abriu margem para a inserção da filmes na primeira emenda. Na decisão de 1948, o juiz William O. Douglas sugeriu que Hollywood deveria receber a mesma proteção da mídia, isto é, filmes deveriam ser identificados dentro da jurisprudência de liberdade de expressão, e não apenas *commodities*. Quatro anos depois, a inclusão finalmente ocorreu por meio de outro caso julgado pela Suprema Corte referente à censura baseada em “sacrilégio”.<sup>207</sup> Pela primeira vez em sua história, Hollywood se viu protegida de interferências governamentais com base em censura, fomentando o distanciamento porvir com Washington. O golpe final à autocensura veio em 1968, quando a MGM lançou o filme *Blow-Up* (Michelangelo Antonioni, 1966), dirigido por um italiano e filmado no Reino Unido; era certo que não seria aceito nos EUA sob o CP. A solução encontrada pela distribuidora MGM foi trazê-lo por uma empresa subsidiária, não pertencente ao MPAA e, conseqüentemente, não atrelada às regras. O filme foi tão bem-sucedido que convenceu a indústria da necessidade de eliminar seu longo código de autocensura e, neste ínterim, um dos principais elementos que mantinha a boa relação entre Washington e Hollywood (BAYLES, 2014, p. 130-132).<sup>208</sup>

A partir da década de 1960, costuma-se caracterizar Hollywood por maior independência e vanguardismo, o que se chama de New Hollywood. Filmes de Guerra Fria se encontram nestes desdobramentos, e como afirma Shaw (2014), diretores passaram a produzir narrativas contestatórias do conflito bipolar, criticando tanto os EUA quanto a URSS (SHAW; YOUNGBLOOD, 2014, Cp. 5). É nesta ocasião em que a relação entre Hollywood e Washington e, conseqüentemente, seu papel como ativo diplomático cultural, ganha contornos diferentes e mais complexos. De fato, a maior parte dos filmes de Guerra Fria dos anos 1960 e 1970 são considerados críticos, estando em sintonia com o período da détente. Conforme a relação entre as superpotências ganhava contornos mais cooperativos e, paralelamente,

---

<sup>207</sup> O caso *Joseph Burstyn, Inc. v. Wilson, Commissioner of Education of New York, et al* consistiu num processo levantado pelo distribuidor após os filmes do diretor italiano Roberto Rossellini serem proibidos na cidade. Em um dos filmes, uma jovem apresenta uma doença mental e acredita ser a reencarnação da Virgem Maria, o que foi considerado sacrilégio pelas autoridades públicas da cidade. Para consultar a decisão, ver <https://law.justia.com/cases/new-york/court-of-appeals/1951/303-n-y-242-0.html> (último acesso 20.07.2020).

<sup>208</sup> O sistema de autocensura do MPAA conhecido como Production Code foi abandonado oficialmente em 1968 e substituído por um sistema de classificação, utilizado até os dias atuais. Por este sistema de classificação, filmes não são proibidos, mas recebem classificações de acordo com o que aparece na narrativa, como violência, nudez, etc.

Hollywood se via distante e isolada de Washington, os diversos agentes envolvidos na produção fílmica sentiram-se confortáveis para exprimir ideias contrastantes às narrativas oficiais. Vale lembrar que na década anterior cineastas como Martin Scorsese, Brian de Palma e Francis Ford Coppola poderiam entrar na lista negra da indústria por apresentarem visões críticas sobre os EUA e a Guerra Fria, mas agora tinham grande liberdade para divergir. Cabe, então, o questionamento: se Hollywood detinha grande liberdade e normalmente produzia filmes críticos à atuação dos EUA, ela teria deixado de ser um agente de diplomacia cultural, conforme vinha sendo ao longo das últimas quatro décadas?

As respostas a esta pergunta são variadas e inexistente consenso. Estudiosos ortodoxos da diplomacia pública diriam que sim: Hollywood apenas faria “relações culturais internacionais orgânicas”. Em nossa visão, todavia, o “casamento” nunca acabou de fato. Aspectos econômicos e políticos continuaram tangentes e casos diversos evidenciam tal afirmação. Por exemplo, em 1969, o Congresso aprovou o *Tax Reform Act*, com amplo apoio da administração Nixon. Nele, foram ofertados incentivos fiscais a indivíduos com determinados níveis de renda, bem como a setores econômicos específicos, Hollywood inclusa. Em 1971, o *Revenue Act* permitiu que 10% dos investimentos produtivos fossem deduzidos dos impostos corporativos sobre Hollywood, até um limite de 50%.<sup>209</sup> A importância destas legislações pode ser comprovada ao se constatar que no final da década de 1960, cinco dos principais estúdios de Hollywood estavam enfrentando perdas financeiras colossais, colocando-os próximo à falência (BAYLES, 2014, p. 152-153).

Ademais de aspectos econômicos, significativos e persistentes, questões políticas se mantiveram presentes, ainda que menos explícitas. Um dos mais importantes exemplos se dá no Acordo Lacy-Zarubin, de 1958.<sup>210</sup> Este acordo, visionado pela presidente Eisenhower (1953-1961), objetivava abrir culturalmente as superpotências rivais para fomentar trocas e aprendizados. Inicialmente previsto para durar dois anos, foi renegociado e assinado ao longo de todo o período da Guerra Fria. A administração Reagan é reconhecida por ter renegociado a última versão, em 1985, antes que o acordo deixasse de existir com o fim da URSS. O Acordo é um exemplo fundamental das relações entre Washington e Hollywood, pois a partir dele foi determinado que os principais agentes norte-americanos nos intercâmbios culturais seriam provenientes da iniciativa privada. Em verdade, Richmond (2003) argumenta que este sempre teria sido o aspecto mais conflitivo do acordo, pois os soviéticos desconfiavam da parceria

---

<sup>209</sup> Para consultar a legislação, ver <https://www.govtrack.us/congress/bills/91/hr13270/text> (último acesso 20.07.2020).

<sup>210</sup> O Acordo recebeu este nome simplificando em razão de seus dois principais negociadores, mas seu título oficial é Agreement Between the United States of America and the Union of Soviet Socialist Republics on Exchanges in the Cultural, Technical, and Educational Fields.

Departamento de Estado-iniciativa privada. Para o autor, a parceria era extremamente proveitosa para o Estado norte-americano, por duas razões. Em primeiro, reduzia substancialmente os custos das transações culturais, pois ou eram diluídos ou ficavam totalmente sob responsabilidade privada. Em segundo, o Departamento de Estado tinha controle sobre o que seria apresentado. Por exemplo, todos os filmes vendidos para a URSS e a Europa Oriental estavam sob a jurisdição deste acordo e eram realizados diretamente pelo MPAA, com supervisão do Departamento de Estado. Em verdade, os filmes de Hollywood passavam por um controle duplo: do governo norte-americano e depois do soviético. Ao final, apenas filmes que eram vistos positivamente sob o ângulo das duas ideologias acabavam chegando ao público soviético (RICHMOND, 2003, p. 17-20).<sup>211</sup>

Além da venda de filmes, outro interessante exemplo emergiu em 1959, com a criação do Festival Internacional de Cinema de Moscou (FICM). O FICM passou a ocorrer bianualmente ao longo de toda a Guerra Fria e os filmes norte-americanos apresentados também se encontravam sob a responsabilidade direta do MPAA em parceria com o Departamento de Estado. Ao longo da Guerra Fria, ocorreram 16 festivais e 17 filmes norte-americanos foram apresentados. A análise do enredo desses filmes fornece pistas interessantes para entender a difícil relação trilateral Departamento de Estado - Hollywood - URSS. É possível notar que filmes retratando a 2ª Guerra Mundial foram constantes, o que pode ser explicado pelo fato de representar momento histórico de alinhamento entre EUA e URSS e, conseqüentemente, o de apresentar ambos os países sob um viés positivo. Como exemplo, os filmes *The Great Escape* (John Sturjes, 1963) narra a fuga de prisioneiros de guerra de campos nazistas. Há filmes sobre personagens históricas norte-americanas (Franklin Roosevelt, no filme *Sunrise at Campobello*, Vicent Donehue, 1960), Guerra do Vietnã (*Gardens of Stone*, Francis Ford Coppola, 1987), questões raciais (*A soldier's story*, Norman Jewison, 1985) e até mesmo do período de *blacklisting* em Hollywood (*Frances*, Graeme Clifford, 1983).<sup>212</sup> Algumas conclusões são possíveis. Em primeiro, nenhum dos filmes representa grandes bilheterias, não sendo, portanto, sucessos comerciais amplamente conhecidos. Em segundo, apesar dos grandes estúdios dominarem a lista, a Warner Bros. representa 30%, sendo o estúdio de Hollywood que, a priori, mais enviou filmes para a URSS. Por fim, vale notar

---

<sup>211</sup> Embora filmes norte-americanos sempre fizessem sucesso nas bilheterias soviéticas, filmes franceses e italianos eram os favoritos. Ver Richmond, Cp. 11.

<sup>212</sup> Para os brasileiros, um interessante exemplo figura na lista: a produção norte-americana baseada na obra de Jorge Amado “Capitães de Areia”, o filme *The Sandpits generals* (Hall Bartlett, 1971).

que as temáticas aceitas representam, superficialmente, aspectos negativos sobre os EUA, mas ainda assim foram considerados adequados pelo Departamento de Estado.<sup>213</sup>

Juntamente com o Departamento de Estado, é possível observar a presença constante da USIA (RICHMOND, 2003, p. 129). Esta percepção é fundamental, pois não somente demonstra a relação Hollywood-Washington, como também coloca a agência governamental de diplomacia pública no centro deste debate. O trabalho seminal de Cull (2008) joga luz sobre essa instituição, até então pouco explorada e pouco conhecida. Trabalhos diversos têm demonstrado, por exemplo, a atuação da USIA em diversas regiões no mundo, entre elas a América Latina e o Brasil.<sup>214</sup> Apesar disso, é possível observar o quão complexa se tornam as análises de Hollywood como ativo diplomático cultural. Evidentemente, diversas produções foram realizadas com subsídios governamentais diretos; outras passaram por análises prévias de agentes públicos; princípios da política externa eram enviados ao CP, conseqüentemente influenciando as narrativas; estúdios foram salvos da falência e outros criados com apoio do Estado; outras produções, sem dinheiro ou interferência estatal, geraram repercussões negativas em audiências internacionais. Considerando a ressalva feita por Cull (2008) e levando em consideração as evidências históricas, é possível afirmar que a produção hollywoodiana apresenta uma versão de diplomacia cultural privada, ou mesmo P2P. Na próxima seção, investigaremos mais profundamente tal afirmativa usando a década de 1980 e os filmes selecionados como estudo de caso.

### **3.2.2. Hollywood e sua diplomacia cultural privada nos anos 1980**

Cull (2008) relata que a administração Reagan se encontrava consternada pelo que via como constantes derrotas na guerra de propaganda contra os soviéticos. Oriundo do setor de entretenimento, Reagan percebia apuradamente o papel das ideias no conflito ideológico, um dos componentes que nutria sua convicção na vitória final do modelo norte-americano sobre o soviético. Por essa razão, formalmente apoiou o revigoramento da diplomacia e comunicação públicas do país, sob responsabilidade da USIA. Para liderá-la, o presidente nomeou um de seus amigos mais íntimos, Charles Wick, alguém que desfrutava de sua absoluta confiança e disposição conservadora. Procedente de família simples, assim como Reagan, Wick obteve

---

<sup>213</sup> Para encontrar as listas de filmes nas edições passadas do FICM, ver <http://moscowfilmfestival.ru/miff41/eng/archives/?year=1959> (último acesso 20.07.2020).

<sup>214</sup> Para ver outros trabalhos sobre o assunto, sugere-se Cohn, 2006, Coleman & Sigelman, 1988, Haeefe, 2001 e Santomauro, 2015.



educação superior que lhe abriu portas no mundo do entretenimento (como músico), mas posteriormente encaminhou-se para o mundo dos negócios, e não da política. Tornou-se um agente, lidando com artistas e empresários em Nova Iorque, Londres e Los Angeles, momento em que construiu sólidos contatos profissionais e pessoais com membros de Hollywood (CULL, 2008, p. 399-401).

A personalidade de Wick e sua amizade próxima com Reagan foram fundamentais na remodelação da USIA e da diplomacia pública norte-americana nos anos 1980. Em primeiro, é notável que Wick usufruiu de formidável “estabilidade”, comparado com outros formuladores de política externa dos EUA. No decorrer da administração, houve dois Secretários de Estado (Alexander Haig e George Schultz), e pasmosos seis Conselheiros de Segurança Nacional (Richard Allen, William P. Clark, Robert McFarlane, John Poindexter, Frank Carlucci e Colin Powell), mas apenas um responsável pela diplomacia pública, Wick. Em segundo, Cull (2008) sustenta que Wick provavelmente foi o diretor da USIA com o maior nível de acesso à formulação de política externa desde a criação da agência. Ambos conservadores pragmáticos, Wick e Schultz desfrutavam de excelente relação de trabalho e, por essa razão, o primeiro tornou-se membro ativo nas reuniões matinais de briefing presidencial, bem como recebeu cinco minutos para apresentar sua própria pauta e informar a Reagan sobre os “ânimos da opinião pública mundial”. Em terceiro, a USIA passou a ser frequentemente convidada para as reuniões do Conselho de Segurança Nacional e, ao longo do primeiro ano de mandato, Reagan teria ponderado seriamente em transformá-la em membro permanente, ideia que não avançou. Por fim, Wick foi excepcionalmente bem-sucedido em revitalizar o orçamento do órgão, e ao final de 1984, a USIA contava com orçamento aproximado de USD660 milhões, 46% superior ao período Carter. Ainda assim, os gastos norte-americanos eram substancialmente inferiores aos soviéticos, que à época investiam USD2,2 bilhões. Porém, diferentemente da URSS, os EUA, e a USIA especificamente, contavam com abundante apoio da iniciativa privada (CULL, 2008, p. 404-406).

Ainda mais do que Reagan, Wick tinha contatos e relações vastas com as organizações conservadoras, *think tanks* e empresas, e se aproveitou delas para reconfigurar a USIA. Apoio fundamental veio de Edwin Feulner, presidente da neoconservadora *Heritage Foundation*, que advogava por uma diplomacia pública ativa e contundente para promover interesses norte-americanos. Juntos, fomentaram a participação da iniciativa privada via comitês dentro do órgão e, conseqüentemente, expandindo a captação de recursos por meio de doações e terceirização. É neste contexto que personalidades conservadoras de Hollywood se engajaram ativamente com a

USIA, como o ator Charlton Heston, um ex-liberal tornado conservador (foi posteriormente presidente da Associação Nacional do Rifle), e Leo Jaffe, ex-presidente do Conselho da Columbia Pictures e agora nomeado presidente do Comitê de Aquisição de Filmes. Cull (2008) constata que durante as administrações Eisenhower e Reagan, a USIA observou sua maior simbiose com interesses privados ao longo de sua história (CULL, 2008, p. 405, 490).

Durante a década de 1980, iniciativas de diplomacia pública “oficiais” (realizadas pelo Estado) se confundiam com ações oriundas da iniciativa privada. O maior exemplo desta simbiose teve Hollywood como parceiro e a Guerra Fria como contexto. Consoante com o capítulo 1, a Polônia tornou-se central na retomada do conceito de ligação diplomática (*linkage* em inglês), componente reinstituído pela administração Reagan em sua política externa e que coadjuvou a desconstrução da política de détente ao longo do primeiro mandato.<sup>215</sup> Em dezembro de 1981, o governo polonês, aliado a Moscou, decretou lei marcial, colocando o sindicato Solidariedade na clandestinidade e seu principal líder, Lech Walesa, na prisão. A resposta de Reagan foi célere e firme: imposição de sanções econômicas e contundentes ataques retóricos. Ademais, uma iniciativa para moldar as opiniões públicas mundiais foi gerida pela USIA. Em 20 de janeiro de 1982, Reagan proclamou um “Dia de Solidariedade à Polônia”, agendando um grande espetáculo para o dia 30 do mesmo mês.<sup>216</sup> O show documentário, nomeado “*Let Poland Be Poland*”, contou com a presença e apoio massivos de Hollywood. Wick convidou Marty Pasetta, o organizador do Oscar, para elaborar o programa e Heston, Glenda Jackson e Max von Sydow (estrelas de Hollywood) para apresentá-lo, além de outros famosos para participações especiais, como Kirk Douglas, Bob Hope, Orson Welles e Henry Fonda. Numa reportagem à época, o *The Washington Post* relatou que

“o escritório de Wick preparou uma lista de nomes da indústria de entretenimento que acreditam ser as pessoas que conseguiriam levar com mais força a mensagem que a administração Reagan quer. O próprio Wick entrou em contato com Sinatra e Bob Hope”.<sup>217</sup>

---

<sup>215</sup> O princípio de ligação (ou *linkage* em inglês) definiu que os EUA não teriam relações normais com os soviéticos baseados apenas em negociações de controle e redução de armas nucleares. Foi definido que as relações americano-soviéticas se dariam de acordo com o contexto geopolítico. Diferentemente do que ocorria na détente, a administração Reagan não aceitava a premissa de “relações normais entre superpotências” e defendia ligar as relações bilaterais ao comportamento internacional soviético. Para maiores informações, ver o Capítulo 1 desta dissertação.

<sup>216</sup> “Proclamation 4891 -- Solidarity Day January 20, 1982 at Office of the Federal Register 20 de janeiro de 1982”. *The Public Papers of President Ronald W. Reagan*. Ronald Reagan Presidential Library. <https://www.reaganlibrary.gov/12082a> (último acesso 03/11/2019).

<sup>217</sup> Kaplan, P. W. ‘Let Poland Be Poland’. *The Washington Post*. 28 de janeiro de 1982. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1982/01/28/let-poland-be-poland/flaaf3c2-6c86-4f50-a14e-702b1a7d7dac/> (último acesso em 27.07.2020).

Segundo Cull (2008), o programa foi efetivo em promover imagens dramáticas e servir à sua função propagandística. Junto com as estrelas, mensagens especiais foram gravadas por Reagan, Margaret Thatcher e Helmut Kohl, e imagens de perseguição, protestos e violência estatal foram exibidos com trilhas sonoras condizentes. Embora tenha sido criticado, especialmente na Europa Ocidental e URSS, o show teve inegável alcance, alcançando público internacional de 184 milhões de pessoas, segundo a própria USIA. Além disso, os soviéticos responderam com sua própria produção, o documentário ‘A Hipocrisia de Washington’, evidenciando o papel da USIA na guerra ideológica (CULL, 2008, p. 410-411).

Embora o caso “*Let Poland Be Poland*” ser representativo, é também pontual, pois programas deste tipo não ocorreram com frequência e não representam o modo mais regular de relação entre Washington e Hollywood. Retornando ao conceito de Bayles (2014) de “Pacto Washington-Hollywood”, a década de 1980 observou novos desdobramentos, que, pela sua natureza, dialogam mais diretamente com estudos peculiares à área de Relações Internacionais. De forma geral, os anos 1990 são lembrados pelo início do processo de globalização e a formação de regimes e organizações internacionais importantes no sistema internacional contemporâneo, como o NAFTA (substituído recentemente pelo Acordo Estados Unidos - México - Canadá) e a OMC, mas é fundamental explicitar que ambos foram embrionados e negociados ao longo dos anos 1980.<sup>218</sup> Durante as negociações que dariam origem à OMC, o comércio de bens culturais se revelou profundamente polarizado, especialmente a produção fílmica e o domínio de Hollywood. Em verdade, as críticas ao “imperialismo cultural” norte-americano vinham de longa data e encontraram respaldo na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), onde um grupo de países demandava uma “nova ordem internacional de comunicação”, na qual interesses culturais nacionais deveriam ser protegidos. A resposta da administração Reagan foi retirar o apoio financeiro norte-americano da organização e acusá-la de promover interesses contrários ao livre comércio. Bayles (2014) aponta a incoerência da posição, pois nos EUA produtos culturais estavam protegidos pela primeira emenda, mas o país se recusava a atribuir este mesmo status às produções culturais de outros países, alegando a primazia do livre comércio. De qualquer forma, a posição da administração Reagan sobre comércio cultural se tornou a base da posição oficial dos EUA até os dias atuais (BAYLES, 2014, p. 133-134).

---

<sup>218</sup> O Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) teve sua origem no Acordo de Liberalização Econômica de 1988, entre EUA e Canadá. A Organização Mundial do Comércio foi instituída em 1994, após a Rodada Uruguai (1986-1993).

O caso mais representativo acerca do pacto e sua relação com comércio cultural se deu nas negociações da Rodada Uruguai. É amplamente evidenciado que a questão dos subsídios agrícolas dividiu as negociações em grupos antagônicos e atrasou o processo, mas pouco conhecido é o fato de que o comércio cultural foi a “última barreira a ser vencida” (LEE, 2008, p. 392). Com as pré-negociações em andamento, o MPAA coordenou, em 1984, a criação da Aliança Internacional de Propriedade Intelectual (IIPA na sigla em inglês), para introduzir os interesses de Hollywood e angariar apoio de setores similares nos EUA. Sell (2002) relata que, em 1985, o órgão oficial de negociação dos EUA, o *United States Trade Representative* (USTR), solicitou formalmente à IIPA que alistasse apoio de suas contrapartes no Reino Unido, Europa Ocidental, Japão e Canadá. O IIPA foi bem-sucedido em pressionar outros países desenvolvidos em elaborar proposta conjunta sobre propriedade intelectual, e quando a Rodada se iniciou oficialmente em 1986 havia relativo acordo. Todavia, para profundo descontentamento do MPAA, países como França e Canadá pressionaram por uma cláusula de “exceção cultural”, alegando que produtos culturais não deveriam ser submetidos às regras comuns de livre comércio, pois eram parte essencial da construção e manutenção de uma identidade nacional. Washington negou-se categoricamente à cláusula, em apoio a sua indústria cultural, aproximando-se do MPAA em níveis vistos somente nas décadas de 1940 e 1950. A atuação diplomática do MPAA foi considerada tão agressiva, que um negociador europeu, Hugo Paeman, criticou publicamente a organização. Ao final, para que a Rodada pudesse ser encerrada, os países em oposição chegaram a um “concordar em desacordar” e comprometeram-se a renegociar o tema na próxima rodada (Doha). Na prática, significou nova vitória de Hollywood, pois sem uma cláusula de exceção cultural, a indústria norte-americana pôde manter o domínio que já detinha (SELL, 2002, p. 91-93).<sup>219</sup> Assim, seja pelo apoio, explícito ou implícito, oferecido por Washington aos interesses econômicos internacionais de Hollywood, ou por parcerias ocasionais entre a indústria e a USIA, o pacto se manteve vivo ao longo da administração Reagan.

Até o momento, discutimos Washington e Hollywood em termos macro, unitários e/ou totalizantes, comprovando a relação indicada por Bayles (2014). Todavia, forma alternativa de compreendê-la é observá-la no nível micro, dos indivíduos e das produções realizadas. Investigações diversas têm sido realizadas neste sentido, variando enormemente nos temas, mas utilizando, de forma geral, as metodologias de análise fílmica ‘análise de narrativas’ e ‘análise de

---

<sup>219</sup> Durante os anos 1990, o MPAA foi obrigado a enviar representantes para diversos países europeus para reconstruir relações, pois as negociações foram extremamente desgastantes e criou grande animosidade contra a organização na Europa (LEE, 2008, p. 393).

contexto' (as mesmas usadas nessa dissertação, ver capítulo 2).<sup>220</sup> Entre os assuntos mais interessantes, a nosso ver, se encontra a relação entre visões de mundo do indivíduo e seus impactos e, neste ínterim, Reagan é um estudo de caso excepcional. O presidente é lembrado por fazer inúmeras ligações entre política e narrativas filmicas, o que seus críticos concluíram ser sua incapacidade de separar a realidade da ficção.<sup>221</sup> Por exemplo, quando Reagan apresentou a Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI em inglês) em 1983, o programa foi renomeado de *Star Wars* por um de seus principais críticos, o senador democrata Ted Kennedy. Inicialmente, Reagan teria desgostado e se irritado profundamente com a associação, pois dois meses antes, havia realizado seu famoso discurso “Império do Mal”, que também foi associado à saga. Porém, no mesmo ano foi lançado o filme *Star Wars: Return of Jedi* (George Lucas, 1983), dando um encerramento à primeira trilogia típico da Hollywood dos anos 1980: o bem triunfando sobre o mal e um final feliz para as personagens. Reagan, então, passou a usar intencionalmente a expressão “a força está conosco” para referir-se ao SDI, em clara alusão a uma das frases mais famosas do filme. Outros casos frequentemente citados são o “*make my day*”, retirada do filme *Sudden Impact* (Clint Eastwood, 1983) e o já mencionado “ontem eu assisti Rambo, da próxima vez sei o que fazer”, sobre a liberação de norte-americanos sequestrados no Líbano (HAMMER; KELLNER, 2007, p. 107).

Acerca desta temática, contribuição recente e fascinante foi dada por Mark Weinberg, escritor de discursos de Reagan durante os dois mandatos e após o final da presidência. Weinberg (2018) relata as “noites de filmes com os Reagan”, narrando sua experiência pessoal e os nexos identificados com os principais assuntos sociais e políticos da época. Fato desconhecido pela maioria, existe nos EUA desde a administração Nixon uma “noite de filme”, na qual o presidente, seus auxiliares e convidados se reúnem para ver filmes. Normalmente, acontecem nos finais de semana, na Casa Branca ou na residência presidencial de Camp David, e Reagan realizou 363 sessões ao longo de seus dois mandatos.<sup>222</sup> O autor cita que, de forma geral, Reagan preferia dois tipos de filmes: aqueles focados em entretenimento simples e direto, e filmes com enredos militares, especialmente quando os norte-americanos venciam os soviéticos. Weinberg

---

<sup>220</sup> Algumas temáticas são: filmes e violência (KENDRICK, 2009), representações de políticos em filmes (COYNE, 2008), representações de cidades (MAGUIRE, 2009), masculinidade e suas representações (COHEN, 2011), filmes e sistema político-partidário (ROSS, 2013), dentro outros.

<sup>221</sup> Reagan foi primeiro candidato à presidência dos EUA vindo do setor de entretenimento. Além disso, quando se candidatou já estava com 68 anos, sendo o candidato mais velho a assumir a presidência na história do país. A partir desses fatos, os democratas, à época, tentaram qualifica-lo como incapaz e suas alusões frequentes a filmes sempre eram usadas como evidência desta suposta fragilidade mental.

<sup>222</sup> Para ver os filmes vistos por Reagan em suas sessões de cinema, consultar <https://www.reaganlibrary.gov/sreference/films-viewed-by-president-and-mrs-reagan> (último acesso: 29.07.2020). Contudo, vale destacar que estes são os filmes vistos nas sessões. Filme que Reagan tenha visto de forma privada não são contabilizados, como por exemplo Rambo II.

narra episódio em que, após ver o filme *WarGames* (John Bradham, 1983) sobre um acidente que inicia uma guerra nuclear, Reagan passaria a semana questionando militares se um acidente poderia realmente acontecer (WEINBERG, 2018, Cp. 7).<sup>223</sup> A temática de guerra nuclear parece exercer grande influência nele, pois no mesmo ano o filme *The Day After* (Nicholas Meyer, 1983), feito para a TV pela ABC, apresentou narrativa similar. Em seu diário, Reagan escreveu:

“De manhã, em Camp David. Assisti ao filme da ABC, que vai estrear em 20 de novembro. O título é “The Day After”. Mostra a cidade de Lawrence, no Kansas, completamente destruída por uma guerra nuclear com a Rússia. É bastante impactante - o custo de USD7 milhões valeu a pena. É bastante efetivo e me deixou bastante deprimido. [...] Minha reação foi que precisamos fazer o que for necessário para ter uma distensão e nunca ver uma guerra nuclear” (REAGAN, 2009, p. 185-186).

A influência de narrativas fílmicas na opinião pessoal de indivíduos é bastante evidenciada, mas sua influência em formulação de política, especialmente política externa, não apresenta consenso. Apesar disso, Fischer (2010) argumenta que estas narrativas fílmicas tiveram grande importância em convencer Reagan dos perigos de sua retórica agressiva, o que ela chamou de “*Reagan Reversal*”, discutido no capítulo 1. Ademais, é interessante ressaltar que todos os filmes selecionados para esta pesquisa, além de grandes sucessos comerciais, foram vistos por Reagan em suas “noites de cinema”, e só podemos supor o tipo de impacto que tiveram sobre o presidente.

Por fim, a análise pormenorizada da produção de filmes específicos demonstra as formas como a relação Washington e Hollywood se mantiveram no nível micro. Partindo da seleção de filmografia nesta dissertação, explorou-se quatro aspectos comuns da relação: i) aportes financeiros diretos via subsídios ou investimentos; ii) assessorias técnicas e/ou especializadas; iii) locação e logística, e iv) empréstimo ou aluguel de equipamentos.<sup>224</sup> Na Tabela 2 abaixo, segue resumo dos resultados:

---

<sup>223</sup> Weinberg participou de um evento na The Dole Institute of Politics, onde discutiu seu livro. Está disponível na página oficial da organização no Youtube, em <https://www.youtube.com/watch?v=KtwvQKderdI> (último acesso 29.07.2020).

<sup>224</sup> Não estamos sugerindo, todavia, que estas sejam as únicas formas de relação. Por exemplo, trabalhos na área de cinematografia e estudos culturais têm predileção pela análise da recepção fílmica, isto é, a compreensão de como as mensagens são recebidas por audiências internacionais e as respostas geradas. Estes trabalhos também se encontram dentro do conceito de diplomacia pública promovido por Cull (2008), mas focando na recepção, ao invés da produção da mensagem.

Tabela 2: Relação entre produção filmica e agentes públicos na filmografia selecionada.

Título	Ano	Presença de agentes ligados ao Estado/governo na produção filmica			
		Aporte financeiro direto (investimento, subsídio, etc)	Assessoria Especializada / Técnica	Locação e Logística	Empréstimo / Aluguel equipamentos
For Your Eyes Only	1981	Não	Não	Sim	Sim
Firefox	1982	Não	Sim	Sim	Não
Octopussy	1983	Não	Não	Sim	Não
Red Dawn	1984	Não	Sim	Não	Não
A View to a Kill	1985	Não	Não	Sim	Sim
White Nights	1985	Não	Não	Sim	Sim
Rambo II	1985	Não	Não	Sim	Não
Rocky IV	1985	Não	Não	Sim	Não

Fonte: Elaboração própria a partir de filmografia selecionada e dados do IMDb Pro.

De imediato, é possível comprovar constatação presente na literatura especializada: não há indícios demonstrando participação financeira direta de agentes públicos na produção de filmes hollywoodianos. Conforme discutido na seção prévia, o aporte econômico direto de Washington foi comum (e substancial) ao longo da Segunda Guerra Mundial e durante o início da Guerra Fria. A aprovação do IMG permitiu que o Washington ressarcisse Hollywood quando ocorria venda de filmes para países com moedas não convertíveis, mas ao longo dos anos 1980, o programa já havia sido desvinculado há anos e a situação econômica europeia se mostrava completamente diferente. Políticas de subsídio a indústrias filmicas de diferentes países existiam ao longo da década, como na França, no Reino Unido e na Índia. Embora Hollywood se aproveitasse de possíveis subsídios governamentais em outros países, nos EUA já havia se consolidado como uma potente receptora de investimentos privados e, neste ínterim, não havia motivos econômicos e políticos para Washington realizar aportes financeiros.

O segundo aspecto que define a relação ocorre nas assessorias especializadas oferecidas por agentes públicos para a produção filmica. Em verdade, Hollywood utiliza massivamente assessorias especializadas para construir suas narrativas e, de forma geral, são contratadas privadamente na pré-produção. Conforme Corrigan e White (2012) explicam, durante a pré-produção o produtor ocupa posição de destaque, tendo como obrigação preparar todos os aspectos necessários, como figurinos, cenários, objetos, dentro outros. Para isso, contam com apoio de especialistas temáticos, como historiadores, antropologistas, cientistas, dentre outros e, em alguns casos, especialistas oriundos diretamente de instituições associadas ao Estado. *Red Dawn* fornece um dos casos mais interessantes e polêmicos de assessoria especializada. O enredo foi baseado em relatórios da CIA e da War College sobre fragilidades militares do país e não eram de completo domínio público à época. A explicação para a narrativa, então, se relaciona com a figura de Alexander Haig, Secretário de Estado de Reagan entre 1981-1982.

Membro da diretoria executiva da MGM, Haig teria apadrinhado o filme e se aproximado de Milius, o diretor, para fornecer informações e ideias. O caso detém certa polêmica, pois Haig teve acesso privilegiado aos mais importantes aspectos de segurança nacional e política externa dos EUA e sua participação no filme dava suposta veracidade à narrativa. Buscando distanciar-se, o Pentágono recusou apoiar o filme com empréstimo de material, alegando que a narrativa demonstrava situação muito aquém da verdade (LEOTTA, 2018).

Embora o caso *Red Dawn* seja interessante, as assessorias técnicas se apresentam de forma muito menos polêmica normalmente. Neste mesmo filme, por exemplo, a organização das cenas com soldados era vistória pelo ex-Capitão Dale Dye, que também foi responsável por organizar um treinamento de quatro semanas para os atores com ex-soldados. Ao término do treinamento, Milius fez um pedido formal à Guarda Nacional para que seus atores participassem de um treinamento, o que foi aceito. Em *Firefox*, outro filme com narrativa militarista, também foi possível identificar apoio das forças armadas. Na estória, a personagem de Clint Eastwood deve usar expressões de comando militar em russo, mas o ator não era fluente na língua. Assim, recebeu um treinamento panorâmico do *US's Military's Defense Language Institute*, uma organização das forças armadas norte-americanas focado no ensino de idiomas para militares ativos, reservistas e civis associados ao governo federal.<sup>225</sup>

Enquanto as assessorias especializadas são relativamente comuns, a locação e a logística são aspectos fundamentais e que conectam Hollywood e o poder público de forma inegável. Em nossa filmografia, interessantemente, *Red Dawn* foi o único filme a ser produzido totalmente em locações comerciais e, como mencionado, isto ocorreu apenas devido ao fato de que as forças armadas optaram por se distanciar deste filme especificamente. No cinema hollywoodiano, o chamado realismo cinematográfico é um elemento narrativo fundamental e, normalmente, é buscado por meio de “precisão física, cultural, histórica e geográfica” (CORRIGAN; WHITE, 2014, Cp. 6). Por essa razão, os estúdios passaram a buscar locais propícios para a filmagem, dado que construir todos os cenários elevaria significativamente os custos.<sup>226</sup> É neste contexto que as relações entre Hollywood e governos e entidades locais se tornaram fundamentais pra indústria e quatro grupos principais emergiram nesta investigação, conforme indica a Tabela 3 abaixo

---

<sup>225</sup> Veja mais em <https://www.dliflc.edu/about/> (último acesso 30.07.2020).

<sup>226</sup> Ainda hoje, produções filmicas tendem a ser feitas em locais considerados propícios para a narrativa. Todavia, com os desenvolvimentos tecnológicos e efeitos especiais, é mais fácil produzir o realismo geográfico na pós-produção.



Tabela 3: Relação entre Hollywood e entidades públicas na filmografia selecionada.

Ano	Filme	Instituição	País
1981	For Your Eyes Only	Prefeitura da Cidade de Cortina D'Ampezzo	Itália
		Governo Federal das Bahamas	Bahamas
		Ministério de Turismo das Bahamas	Bahamas
		Escritório Nacional de Turismo da Grécia	Grécia
		Ministério da Cultura da Grécia	Grécia
1982	Firefox	Departamento de Defesa	EUA
		Força Aérea dos EUA	EUA
		Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA	EUA
		Marinha dos EUA	EUA
		Escritório de Filmes de Montana (não creditado)	EUA
1983	Octopussy	Ministério de Informação e Radiofusão	Índia
		Governo da Índia	Índia
		Senate of Berlin	Alemanha
		Força Aérea Real	Reino Unido
		Governo Militar Britânico de Berlim	Reino Unido
		Comissão Estatal de Filmes de Utah	EUA
1985	A View to a Kill	Prefeitura de Höfn	Islândia
		Prefeitura Comunal de Pontresina	Suíça
		Prefeitura de Paris	França
		Prefeitura de São Francisco	EUA
1985	Rambo II	Força Aérea Mexicana	México
1985	Rocky IV	Escritório de Promoção Fílmica da Colúmbia Britânica	Canadá
		Divisão de Filmes do Estado de Nevada	EUA
		Governo Estadual de Nevada	EUA
1985	White Nights	Força Aérea Real	Reino Unido

Fonte: Elaboração própria a partir da filmografia selecionada e de informações do IMDbPro.

É possível notar órgãos públicos municipais, como em *For Your Eyes Only*, que realizou parte de suas gravações na cidade italiana de Cortina D'Ampezzo e *Octopussy*, na cidade de Berlim. O caso mais interessante, ao nosso ver, ocorreu no filme *A View to a Kill* e a prefeitura de São Francisco. A prefeita à época, Dianne Feinstein, era uma grande fã do ator Roger Moore, o intérprete de James Bond e, por essa razão, forneceu as permissões necessárias em tempo recorde. O produtor, Albert Broccoli, se mostrou tão encantado com a recepção da prefeita, que decidiu realizar a estreia internacional na cidade, a primeira vez que um filme da franquia James Bond estreou inicialmente nos EUA. Um segundo grupo é representado por governos e entidades estaduais. O filme *Rocky IV*, o maior sucesso comercial desta lista, contou com apoio do governo estadual da Columbia Britânica, no Canadá, e do estado de Nevada, nos EUA. Em terceiro, temos a presença de governos e entidades nacionais e novamente os filmes da franquia 007 se

destacam, normalmente lidando com dois ou mais governos a cada produção. Todavia, a relação entre Hollywood e forças armadas é a mais profícua e normalmente está relacionada ao uso de locações militares. Por exemplo, *Firefox* realizou filmagens em três diferentes bases aéreas norte-americanas (*Thule Air Base*, *March Air Reserve Base* e *Edwards Air Base*), *Octopussy* em três bases britânicas (*RAF Upper Hayford*, *RAF Lakenheath* e *RAF Northolt*), e *White Nights* e *Rambo II* em uma base área cada, respectivamente britânica (*R.A.F. Machrihanish Air Base*) e mexicana (Base Militar nº 7, Pie de La Cuesta).

Por fim, o último aspecto se dá no empréstimo ou aluguel de equipamentos. Similar à perspectiva anterior, os estúdios hollywoodianos costumam solicitar apoio de agentes públicos no tocante a objetos necessários para a construção de seu realismo cinematográfico. Nos anos 1980, uma estratégia comercial muito efetiva tornou-se padrão, o chamado “posicionamento de produto” (*product placement* em inglês), na qual agências contatam possíveis empresas que possam ter interesse em fornecer produtos para Hollywood e, assim, ter suas marcas dispostas, o que também englobava agentes públicos. A franquia James Bond baseia-se fundamentalmente neste modelo e o usa excessivamente, por exemplo, em cada filme Bond é visto dirigindo um modelo de automóvel novo. No filme *A View to a Kill*, há uma cena de perseguição pela cidade de São Francisco, quando policiais acreditam que Bond havia iniciado um incêndio e o agente foge dos policiais num grande caminhão de bombeiros. Tanto o caminhão, quanto os carros de polícia foram emprestados pela prefeitura da cidade para a realização do filme. Em verdade, esta estratégia é fundamental em termos econômicos. Na pré-produção inicial do filme *Red Dawn*, se havia previsto um orçamento de aproximadamente USD6 milhões, contando que o filme teria acesso a materiais e locais disponibilizados pela forças armadas norte-americanas. Contudo, como já mencionado, o pedido acabou sendo negado e, ao final, o orçamento foi de USD17 milhões, três vezes superior.

## **Conclusões do capítulo**

As relações entre Washington e Hollywood durante o século XX se deram de diversas formas diferentes, cada uma apresentando maior ou menor intensidade. Até os anos 1960, é possível rastrear interferências diretas, especialmente no extinto Código de Produção, que mantinha a autocensura na indústria. Após o seu fim, viu-se um afastamento, mas nunca o fim do pacto identificado por Bayles (2014). Em verdade, Washington manteve (e mantém) apoio contundente a sua indústria, especialmente em aspectos econômicos, mas questões políticas são

observáveis. Na filmografia desta dissertação, foi possível identificar características ideológicas nos filmes que se associavam ao reaganismo, discutido ao longo do capítulo 2, e neste capítulo buscou-se analisar os possíveis motivos disto sob duas óticas alternativas e opostas. Na seção 3.1 discutiu-se o conceito de zeitgeist, a ideia de que determinados períodos históricos teriam seu “espírito”, isto é, traços culturais identificáveis e que, assim, influenciariam as produções culturais. De acordo com esta lente, e normalmente o argumento principal de membros de Hollywood, filmes são epifenômenos ideológicos de seu tempo e espaço. Discutimos o papel do Reaganomics e sua influência sobre Hollywood, bem como o recrudescimento da ideologia conservadora na sociedade, ambos fatores largamente associados ao reaganismo. Na seção 3.2, discutiu-se aspecto oposto, a ideia de que Hollywood age como um agente diplomático comercial dos EUA e, neste sentido, sua produção não estaria apenas restrita a epifenômenos, mas sim seria uma resposta a interesses específicos. Foi possível evidenciar que houve ligação entre a indústria e seu governo e que, de fato, ela se manteve ao longo da Guerra Fria, mas não da mesma forma que havia ocorrido previamente, durante as Guerras Mundiais, o que Shaw (2014), chamou de “acordo tácito”. De forma geral, acreditamos que Hollywood apresente, de fato, um caráter mais comercial do que político e, neste sentido, os fenômenos sociopolíticos de cada período são incorporados, com o objetivo de conquistar o maior público possível. Entretanto, isto não significa que a indústria não faça adaptações para atender interesses políticos específicos. Evidenciamos que todas produções contaram com algum tipo de apoio público, e cinco delas receberam apoio direto de governos norte-americanos, no nível municipal, estadual e/ou federal.

## CONCLUSÃO

Em novembro de 2019, comemoraram-se os 30 anos da queda do Muro de Berlim, evento marcante do século XX, que simbolizou o final da Guerra Fria e o fim de uma era. Durante as comemorações, Mike Pompeo, atual Secretário de Estado dos EUA, viajou à Berlim, onde inaugurou uma estátua de Ronald Reagan na embaixada norte-americana na cidade. A estátua está direcionada para o Portal de Brandenburgo, importante marco turístico, e para o local onde o verdadeiro Reagan relembrou um de seus mais famosos discursos, incitando ao “Sr. Gorbachev, a (derrubar) este muro!” – no caso, o Muro de Berlim. Na visão da atual administração de Donald Trump e de grande parte dos norte-americanos, a relação entre Reagan e o fim do conflito bipolar é inegável. Em verdade, Reagan representa umas das personagens mais controversas da história recente dos EUA, promovendo, ainda hoje, debates acalorados entre defensores e críticos sobre o tema, afetando a produção intelectual.

Parece inegável que o ex-presidente teve influência fundamental nos rumos dos Estados Unidos, mesmo após sua presidência. Credita-se a ele a redução significativa de funções do estado no nível federal, grande crescimento econômico, aumento da desigualdade social, diminuição significativa de programas sociais, fortalecimento militar, aumento exponencial da dívida pública e, acima de todos, a derrota da URSS. Em verdade, atribui-se a ele muito mais do que um simples indivíduo é capaz de alcançar, mesmo para o presidente dos EUA. Conforme discutiu-se ao longo desta dissertação, Reagan foi envolvido num manto de simbolismo que lhe outorga ideias, ações e consequências que, não necessariamente, couberam a ele. Por exemplo, o debate historiográfico corrente sobre sua importância relativa no conflito bipolar se mantém e, muito provavelmente, receberá novos argumentos e posicionamentos, conforme os documentos sigilosos da década de 1980 forem liberados.

Durante sua presidência, e após, Reagan foi diretamente relacionado ao movimento neoconservador do país, que vinha se desenvolvendo desde os anos 1950 e encontrou nele figura receptiva às suas ideias sociais e econômicas. De fato, a relação entre neoconservadorismo e reaganismo é intrínseca, especialmente no que toca à política externa. Todavia, não são iguais. Conforme novas investigações foram produzidas, intelectuais questionaram esta relação, demonstrando que, apesar de próximos, Reagan adotou posições e avançou políticas que iam em sentido contrário aos ideais neoconservadores. Maior exemplo se deu a partir de 1985, quando o presidente se convenceu de que, após sua política de fortalecimento militar e a erosão acentuada nas relações bilaterais, seria hora de avançar agendas mais colaborativas, especialmente em

controle de armas. É neste contexto que ocorreram as cúpulas de Genebra (1985), Reykjavik (1986), Washington (1987) e Moscou (1988), onde as superpotências foram capazes, pela primeira vez, de alcançar um acordo que não apenas limitava, como também diminuía os estoques de armas de ambos os lados. A atuação de Reagan ao longo de seu segundo mandato distancia-se do pensamento neoconservador e, por este motivo, ainda hoje se busca uma caracterização para sua política externa. Há grande diversidade de conceitos empregados, como “neoimperialismo”, “novo wilsoniano”, idealismo democrático”, “imperialismo democrático”, entre outros. A nosso ver, entretanto, os conceitos de jacksonianismo e internacionalismo conservador dialogam excepcionalmente bem com o reaganismo, preenchendo lacunas deixadas pelo paradigma neoconservador.

Apesar das divergências, concluímos que os conceitos apresentam mais similaridades do que diferenças. A principal convergência se dá no papel das ideias e ideologia de Reagan em sua formulação de política externa. Reagan apresentava ideias concretas sobre o conflito bipolar, o papel dos EUA e as relações internacionais de forma geral, e estas influenciaram intensamente a posição do país frente ao mundo ao longo da década de 1980. Ao lidar com o papel das ideias e das ideologias, há grande dificuldade em determinar a primazia de uma sobre a outra, ou mesmo a forma como elas se relacionam entre si e com ações concretas. No entanto, argumentamos que duas ideias reaganistas fundamentais basearam sua política externa ao longo do primeiro mandato, condicionado rumos de ação, tomada de decisão e relações diplomáticas bilaterais com a URSS.

Em primeiro, o anticomunismo é, sem dúvida, o aspecto definidor do reaganismo. Sua retórica agressiva tornou-se marca da personalidade política de Reagan desde os anos 1960, quando adentrou formalmente para o Partido Republicano e rapidamente se tornou conhecido como um importante representante da ala mais conservadora do partido. Os estudiosos do reaganismo identificam, normalmente, dois traços que explicariam seu anticomunismo ferrenho. Primeiramente, sua criação por uma mãe extremamente religiosa lhe teria incutido a ideia do divino como crucial e, neste aspecto, o comunismo seria um sistema social ateu, sem a presença do divino e, conseqüentemente, imoral. Em segundo, o sistema se baseava no comunitário sobre o individual e, durante seus anos em Hollywood, Reagan observou esta ideia ser defendida por membros da indústria, criando situações de violência que lhe marcariam profundamente. Reagan passaria a ver comunistas como traiçoeiros, desleais, desonestos, corruptos e violentos. Pior, o sistema pregava a dominação e a destruição da liberdade, a qual, para Reagan, seria o bem mais precioso que Deus teria dado aos homens; por isso, o comunismo seria ilegítimo, além de imoral.

Assim, Reagan assumiu o manto de *Cold Warrior* e dedicou sua carreira política não somente a maldizer o comunismo, como lutar para revertê-lo. É nesse contexto que sua retórica ganhou bastante destaque, dado o nível extremo de beligerância contra o rival soviético e seu sistema. Ao longo de sua presidência, ficou reconhecido por inflamados discursos anticomunistas e antissoviéticos, como o famoso discurso sobre o “Império do Mal” (1983), mas também houve outros tão importantes quanto, como o discurso na Universidade de Notre Dame (1981), ao Parlamento Britânico em 1982, entre outros. Seus discursos não apenas criticavam o sistema soviético, como incitavam os EUA e seus aliados a reverterem o aumento da influência e poder soviéticos pelo mundo, e a combater o comunismo em todo e qualquer lugar em que pudesse se desenvolver. Não à toa, a retórica reaganista, especialmente durante a presidência, foi vista com grande incômodo pelas lideranças soviéticas, que não viam apenas uma disputa ideológica, mas uma intenção de destruir a URSS. Para além da agressividade inerente, a retórica anticomunista teve outro impacto simbólico: a deslegitimação do sistema foi sentida pelos líderes, que utilizaram canais diplomáticos oficiais para discutir a questão. Interessantemente, os documentos demonstram a percepção dos agentes norte-americanos sobre a importância da retórica na disputa por ideias e, neste sentido, podemos concluir que a retórica se tornou, consciente ou inconscientemente, uma ferramenta nas relações bilaterais.

A segunda ideia fundamental do reaganismo foi a nocividade da política de détente para os EUA. No campo das Relações Internacionais, a política de détente é entendida como uma política de viés realista, isto é, focada nos interesses objetivos e materiais de ambas as potências. Segundo esta visão, a Guerra Fria seria uma disputa material e de poder e, embora houvesse ideologias contrastantes, estas não deveriam ser o foco da relação. É consenso que a détente permitiu avanços importantes, bem como o aumento da cooperação entre as superpotências e, conseqüentemente, a diminuição na rivalidade e nos perigos sempre presentes. Porém, muitos movimentos nos EUA, Reagan incluso, acreditavam que a détente seria unilateral. Os EUA, comprometidos com a paz e a estabilidade internacional, teriam aberto mão de parte de seu poder para dissuadir o rival, enquanto a URSS, por sua vez, teria aproveitado a fragilização para expandir seu poderio bélicos e suas áreas de influência pelo mundo. Ademais, partes dos críticos defendiam que a subjugação de aspectos ideológicos em nome de interesses materiais seria imoral, pois os EUA representavam o modelo ideal, enquanto a URSS promovia um modelo totalitário e desumano. Reagan concordava com ambas as premissas e agiu no sentido de desconstruir a détente e retornar o conflito ideológico ao centro da disputa.

Duas políticas reaganistas específicas tiveram função de destaque na desconstrução da *détente*. A primeira ficou conhecida como fortalecimento militar (*military build-up*), sendo amplamente discutida pela literatura especializada. Para alguns críticos, Reagan, na verdade, nunca teria tido uma política externa, apenas uma versão militarista. Os defensores, por outro lado, veem a estratégia como inteligente, pois teria pressionado a URSS economicamente ao manter uma corrida armamentista. Independente das conclusões, é fato que o militarismo esteve no centro das relações bilaterais e sempre foi visto em contraponto à *détente*, como os documentos indicam correntemente. Em segundo, um aspecto menos citado se deu no conceito de ligação (*linkage*), uma forma de trato diplomático identificado pelos norte-americanos como importante na relação bilateral. Em síntese, o conceito de ligação prescrevia que os EUA não lidariam com os soviéticos em questões isoladas, como, por exemplo, controle de armas. O país seria analisado de acordo com seu “comportamento internacional”, pois suas ações fariam parte de sua atuação geral. Assim, o conceito eliminou a premissa da *détente* de buscar pontos em comum para avançar agendas cooperativas, e trouxe a geopolítica e a ideologia para o centro das relações bilaterais. Interessantemente, os soviéticos se recusaram categoricamente a aceitar o princípio de ligação, considerando-o uma tentativa dos EUA de evitar negociações e deslegitimar seu papel como superpotência.

O primeiro mandato de Reagan foi dominado pelo pensamento anti-*détente* e anticomunista. Os membros da administração demonstravam alto nível de alinhamento ideológico ao presidente, o que permitiu às ideias reaganistas pulverização entre os diferentes níveis burocráticos. Para além das políticas reaganistas em si, o período observou uma diversidade de eventos geopolíticos que apenas exacerbaram a rivalidade, como a crise dos Euromísseis, a invasão de Granada, a derrubada de um avião civil sul-coreano, o exercício naval FleetEx83, o exercício da OTAN Able Archer 83, entre outros. Não inesperadamente, o ano de 1983 foi considerado o segundo mais perigoso em todo o conflito bipolar, atrás apenas da Crise dos Mísseis Cubanos de 1962. As relações bilaterais alcançaram baixa histórica: em novembro de 1983, a URSS retirou sua comitiva das negociações em Genebra, interrompendo o diálogo entre as superpotências pela primeira vez em décadas. A partir de 1984, no entanto, Reagan passou por uma mudança substancial, diminuindo sua retórica agressiva e buscando retomar relações amigáveis com os soviéticos, o que aconteceria apenas em 1985, com a chegada de Mikhail Gorbachev.

Todavia, não seriam apenas políticos, diplomatas, burocratas e militares os representantes de uma visão de mundo reaganista do conflito bipolar. Conforme se discutiu extensamente ao

longo desta dissertação, é consenso que a produção cultural foi elemento importante para a rivalidade, instigando as sociedades a se manterem engajadas na disputa, convencendo os hesitantes e céticos, e, no caso mais específico da cultura popular norte-americana, promovendo valores e crenças tipicamente norte-americanas, popularizando-as como aspirações universais. O cinema hollywoodiano tem sido importante ferramenta do poder norte-americano no sistema internacional, e investigações diversas demonstram como ele foi utilizada, direta ou indiretamente, pelo Estado ou de forma livre, a agir em nome de interesses e personalidades dos EUA. Os anos 1980 não foram diferentes e produções cinematográficas variadas mantiveram a Guerra Fria como sua temática principal. Não apenas, como a década observou um aumento de filmes sobre a temática, fenômeno que vinha diminuindo desde os anos 1970. Assim como Reagan impactou profundamente ambos o cenário político nacional e as relações internacionais do período, também teve grande impacto nas produções culturais de sua época, influenciando a indústria e, conseqüentemente, utilizando-a como meio para promoção do seu simbolismo.

A Era Reagan do Cinema, conforme nomeada por Sklar (2012), consistiu num período em que Hollywood se viu influenciada pelo Reaganismo em dois aspectos principais. Em primeiro, desenvolvimentos econômicos associados à chamada Reaganomics (política econômica de Reagan) modificaram profundamente as estruturas de produção e exibição filmica. O país passou por um crescimento econômico acelerado, transformando dramaticamente a sociedade norte-americana. Num contexto em que a sociedade detinha maior poder de compra e propensão ao consumo de entretenimento, Hollywood observou aumentos enormes em seu faturamento e, pela primeira vez desde os anos 1940, o número de salas de cinema voltou a crescer. Ademais, modificações tecnológicas e nos rumos corporativos dos EUA fizeram com que grandes estúdios de Hollywood se tornassem parte de grandes impérios midiáticos internacionais, processo batizado de diversas formas, como “New New Hollywood”, “sinergia hardware-software”, dentre outros. Em segundo, a produção da época se viu influenciada por traços conservadores, associados ao Reaganismo ou não. Conforme discutido no capítulo 3, ideias militaristas associadas ao reaganismo encontraram grande respaldo na sociedade dos anos 1980, o que ajuda a explicar a produção extensa de filmes militares, em ambos os espectros políticos (liberal e conservador). Ademais, foi durante o primeiro mandato de Reagan que o descontentamento da sociedade norte-americana com relação à URSS alcançou seu ápice, evidenciando a relação de interconexão entre política, produção cultural e sociedade.

A análise de filmes é uma excelente metodologia para compreender esta interconexão, embora não seja facilmente realizada. Em verdade, concordamos com a literatura de cinema



quando expressa que cada filme representa um universo em si mesmo, com possibilidades quase infinitas de análise. Entretanto, para obter clareza e rigor metodológico, esta dissertação focou em duas metodologias mais comumente utilizadas por áreas correlatas às RI: análise de narrativa e análise de conteúdo. Como segundo filtro, partimos das ideias identificadas ao reaganismo, que serviram como lente analítica e trouxeram maior objetividade à investigação. Todavia, sempre manteve-se a premissa conceitual de que existe uma relação dialética entre cinema e política, sendo que elementos políticos são incorporados nos elementos visíveis e invisíveis de toda e qualquer produção cultural.

Em primeiro, o anticomunismo está presente, de uma maneira ou outra, em todos os filmes investigados, pois em todos há personagens soviéticas representadas de forma negativa e caricata. Para discorrer pormenorizadamente sobre o anticomunismo reaganista, analisaram-se dois de seus aspectos fundamentais: a necessidade de defender a liberdade do totalitarismo comunista e a superioridade inerente deste valor sobre as aspirações igualitárias do comunismo. O filme *Red Dawn* (John Milius, 1984) representa extremamente bem o primeiro conceito. Neste enredo ficcional de uma Terceira Guerra Mundial, a liberdade é tomada pela força e somente com a força e sacrifício é possível recuperá-la. O filme tem sido correntemente associado ao Reaganismo, por diversas razões desenvolvidas ao longo do capítulo 2, mas vale ressaltar seu grande teor propagandístico de valores da direita conservadora norte-americana. Já *White Nights* (Taylor Hackford, 1985), por outro lado, não costuma ser normalmente associado ao Reaganismo e mesmo importantes especialistas o consideram uma produção que demonstra o caráter ideologicamente diverso de Hollywood. Concordamos que a indústria norte-americana apresenta, de fato, diversidade de visões em suas produções, mas *White Nights* possui um claro pensamento reaganista, embora menos explícito para leigos: a ideia de que a liberdade é o valor humano primordial. Nesta narrativa, artistas dissidentes, um norte-americano e um soviético, são colocados juntos, criando grandes tensões entre suas respectivas opiniões pessoais. Todavia, ao final, o dissidente soviético é capaz de fazer o norte-americano relembrar da importância da liberdade e que, enquanto estivesse na URSS, seria apenas mais um prisioneiro.

Um segundo traço marcante do pensamento reaganista sobre política externa é o papel da força, representado na expressão “paz armada”. Reagan defendeu assiduamente a ideia de um fortalecimento militar para conter e reverter a influência soviética no mundo, e mesmo fomentar a implosão do sistema comunista, caso fosse possível. Novamente, os estudos culturais trouxeram interessante correlação entre esta visão e as representações cinematográficas por meio do conceito de “corpo forte”, de Susan Jeffords (1993). Segundo a autora, a Era Reagan

promoveu a concepção da força associada ao homem branco, heterossexual e musculoso. Não à toa, os mais bem pagos atores da década foram Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger, representantes máximos (mas não únicos) desse conceito. Neste sentido, duas importantes produções de Guerra Fria tiveram Stallone como estrela, Rambo II e Rocky IV. Diferente de Red Dawn e White Nights, os filmes de Stallone foram enormes sucessos internacionais, não se limitando apenas ao público norte-americano, mas levando determinadas ideias e valores para praticamente todos os países do mundo. Em ambos os filmes, o papel da força nos é apresentado como fundamental para vencer o inimigo soviético (e seus subordinados). Em Rambo II, a personagem é capaz de lidar com as intempéries da natureza, com grande número de soldados vietnamitas (fracos individualmente, mas fortes em grupo) e inimigos soviéticos tão ou mais fortes do que o próprio protagonista. Já em Rocky IV, a ideia da força surge no contexto de uma competição esportiva, em que a malignidade do sistema soviético é representada por seu lutador de boxe, um sociopata robótico que não sente remorso algum no assassinato que comete contra o amigo de Rocky, e também boxeador, Apollo Creed. Nesta narrativa, concluímos que o ideal de força é ainda mais extremo, pois o boxeador soviético é apresentado como um “super homem” e, mesmo assim, é derrotado ao final pelo campeão norte-americano.

Por fim, a nocividade da política de détente também surgiu na produção hollywoodiana, de forma mais pulverizada. Em verdade, existem diversos traços associados à détente, mas focou-se naqueles que tangenciam o pensamento reaganista. Em Firefox (Clint Eastwood, 1982), a narrativa se dá na produção soviética de uma aeronave superior a todas as tecnologias existentes, o que causaria desequilíbrio de forças entre Leste e Oeste. Assim, os EUA enviam um agente militar para roubar o artefato, ou destruí-lo, se fosse necessário. Apesar da ideia de roubar uma tecnologia possa parecer negativa, o filme deixa claro que, no contexto da competição entre as superpotências, os EUA estariam fazendo o que deveriam fazer. Além disso, o país somente se viu nesta posição devido aos “seus muitos anos de fraqueza”. A crítica à détente é bastante explícita e o próprio filme foi baseado em acontecimentos reais da época. A saga de James Bond, o mais famoso espião da cultura popular, também sofreu influências da época, aproximando-se de ideias reaganistas. Por outro lado, sendo uma produção com forte viés europeu, o agente se coloca como “herói da détente”, pois embora trate os soviéticos como rivais, sempre busca manter um nível de cooperação com eles. Tal ideia é confirmada quando no filme A View to a Kill (John Glen, 1985), Bond recebe uma condecoração civil da URSS, tornando-se o primeiro ocidental a receber a honraria (na ficção). Para além disso, todavia, os filmes da franquia nos anos 1980 promovem importante visão reaganista: a URSS é o centro de todo o mal do sistema

internacional. Embora os principais antagonistas não sejam soviéticos, todos são financiados e apoiados pela URSS em algum sentido.

O questionamento final, então, é por que Hollywood incorporaria estas ideias políticas em suas narrativas ficcionais. As respostas podem ser múltiplas. Por exemplo, o diretor de *Red Dawn*, John Milius, é reconhecidamente conservador e suas visões pessoais são próximas ao reaganismo. Não à toa, outras de suas produções seguem ideais conservadores, antes e depois do reaganismo. Em *Rambo II*, Sylvester Stallone, estrela e produtor do filme, tinha a pretensão de promover veteranos da Guerra do Vietnã, os quais ele acreditava serem marginalizados na sociedade. Tal ideia é exatamente a mesma de Reagan, embora não possamos confirmar se o ator foi influenciado pelo reaganismo ou não. Em verdade, traçar as causas das produções culturais se mostra trabalho árduo, com muitas variáveis potenciais. Nesta dissertação, trabalhou-se com dois conceitos possíveis e gerais. O primeiro se dá na ideia de *zeitgeist*, o termo alemão que resume um “espírito do tempo”. Segundo esse conceito, o reaganismo é um fator de influência cultural, e os agentes o incorporariam de forma orgânica, o que se denomina epifenômeno. Este tem sido o argumento central de indivíduos envolvidos na indústria, argumentando que Hollywood incorpora temas políticos, pois eles são de interesse dos diversos públicos. Todavia, não o fazem para atender interesses políticos específicos. Por outro lado, visão dominante na academia é a de que Hollywood promove interesses norte-americanos adaptando-se aos agentes políticos. Neste sentido, um paradigma de grande capacidade analítica se dá no campo da diplomacia cultural, especialmente com a ampliação conceitual a partir dos anos 1990, que passou a entender a diplomacia do tipo “*People to People*” como parte integrante do conceito. Em nossa filmografia, foi possível perceber que, de fato, não parece haver investimentos diretos do governo norte-americano nas produções, mas os diversos filmes contaram com apoio técnico, empréstimo de equipamentos e locações, dentre outros. Assim, a parceria entre Hollywood e Washington não pode ser desconsiderada.

Esta pesquisa teve como objetivo explorar a relação entre política externa e cultura nos anos 1980, a última década de Guerra Fria e momento de grande importância para o sistema internacional. O reaganismo foi, sem dúvida, um dos mais importantes movimentos na história recente dos EUA, impactando a economia, a política, as relações internacionais e a cultura. Com a liberação de novas fontes documentais e o crescimento (pequeno, mas constante) de estudos culturais nas RI, buscamos contribuir para os debates historiográficos sobre o Reaganismo, bem como a História Cultural da Guerra Fria, área que vem recendo importantes contribuições nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, esperamos que esta pesquisa possa incentivar e abrir novos

caminhos de investigação na disciplina, especialmente no Brasil, onde ainda é muito escasso trabalhos com este tipo de objeto de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, M.; ANDERSON, A. **Reagan's Secret War: The Untold Story of His Fight to Save the World from Nuclear Disaster**. 1st. ed. New York: Crown Archetype, 2009.

ARNDT, R. T. **The First Resort of Kings: American Cultural Diplomacy in the Twentieth Century**. 1. ed. Washington: Potomac Books, 2007.

AUMONT, J.; MARIE, M. **A Análise do Filme**. 3. ed. Lisboa: Texto & Grafia, Lda., 2014.

BANDERA, V. A lógica dialética da percepção cinematográfica. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 40, n. 39, p. 178–202, 2013.

BANGE, O. 'Keeping détente alive' Inner-German relations under Helmut Schmidt and Erich Honecker, 1974–1982. In: NUTI, L. (Ed.). **The Crisis of Détente in Europe: From Helsinki to Gorbachev 1975-1985**. 1. ed. [s.l.] Oxfordshire: Routledge, 2008.

BAYLES, M. **Through a Screen Darkly: Popular Culture, Public Diplomacy, and America's Image Abroad**. 1. ed. New Haven: Yale University Press, 2014.

BEINART, P. Think Again: Ronald Reagan. *Foreign Policy*, 2010. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2010/06/07/think-again-ronald-reagan/> (último acesso 02.01.2020).

BOX OFFICE MOJO. Disponível em [https://www.boxofficemojo.com/?ref=bo\\_nb\\_yld\\_mojologo](https://www.boxofficemojo.com/?ref=bo_nb_yld_mojologo) (último acesso em 24.09.2020).

BROWN, M. D. James Bond's Cold War: The geopolitics of ambiguity. Royal Holloway University, *Geopolitics and Security*, 2019. Disponível em <https://rhulgeopolitics.wordpress.com/2019/01/11/james-bonds-cold-war-the-geopolitics-of-ambiguity/> (último acesso em 05.06.2020)

CAMBRIDGE DICTIONARY. *Zeitgeist*. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/zeitgeist> (último acesso em 24.09.2020).

CEPLAIR, L. **Anti-Communism in Twentieth-Century America - A Critical History**. 1st. ed. California, EUA: Praeger, 2011.

COHEN, M. The Best and the Worst Foreign Policy Presidents of the Past Century. *The Atlantic*, 2011. Disponível em <https://www.theatlantic.com/international/archive/2011/07/the-best-and-worst-foreign-policy-presidents-of-the-past-century/242781/> (último acesso 02.01.2020).

COHEN, P. Cowboys Die Hard: Real Men and Businessmen in the Reagan-Era Blockbuster. **Film & History: An Interdisciplinary Journal**, v. 41, n. 1, p. 71–81, 3 jun. 2011.

COHN, D. Combatting Anti-Americanism During the Cold War: Faulkner, the State Department, and Latin America. **The Mississippi Quarterly**, v. 59, n. 3–4, p. 395–414, 2006.

COLEMAN, K. M.; SIGELMAN, L. A Review: The 1985 USIA Central American Surveys. **The Public Opinion Quarterly**, v. 52, n. 4, p. 552–556, 1988.

COLLINS, R. **Transforming America: Politics and Culture During the Reagan Years**. 1. ed. New York: Columbia University Press, 2007.

CORRIGAN, T.; WHITE, P. **The Film Experience: An Introduction**. 3. ed. Boston: Bedford/St. Martin's, 2012.

COYNE, M. **Hollywood Goes to Washington: American Politics on Screen**. 1. ed. London: Reaktion Books, 2008.

CPI Inflation Calculator. Disponível em <https://www.in2013dollars.com/> (último acesso 24.09.2020)

CULL, N. J. **The Cold War and the United States Information Agency: American Propaganda and Public Diplomacy, 1945-1989**. 1. ed. New York: Cambridge University Press, 2008.

DIXON, M. Overview: Militarism as Foreign Policy — Reagan's Second Term. **Contemporary Marxism**, n. 10, p. i–xxiii, 1985.

DORRIEN, G. **Imperial Designs: Neoconservatism and the New Pax Americana**. 1. ed. New York: Routledge, 2004.

DREZNER, D. W. **Theories of International Politics and Zombies**. Revived ed. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

DRURY, S. A. M. Defining National Security as Peace Through Strength: Ronald Reagan's Visionary Rhetoric of Renewal in the 1980 Presidential Campaign. **Argumentation and Advocacy**, v. 51, n. 2, p. 87–102, 1 set. 2014.

DUFFY, M. & SCHERER, M. The Role Model: What Obama Sees in Reagan. *Time Magazine*, 2011. Disponível em <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,2044712-1,00.html> (último acesso: 23.09.2019).

DUJARDIN, V. From Helsinki to the missiles question A minor role for small countries? The case of Belgium (1973–1985). In: NUTI, L. (Ed.). **The Crisis of Détente in Europe: From Helsinki to Gorbachev 1975-1985**. 1. ed. Oxfordshire: Routledge, 2008.

EBERT, R. Review White Nights. Roger Ebert, 1985. Disponível em <https://www.rogerebert.com/reviews/white-nights-1985> (último acesso 05.05.2020).

\_\_\_\_\_. Review Rocky IV. Roger Ebert, 1985. Disponível em <https://www.rogerebert.com/reviews/rocky-iv-1985> (último acesso 05.05.2020).

EHRMAN, J.; FLAMM, M. W. **Debating the Reagan Presidency**. 1. ed. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

FASANARO, L. Eurocommunism An East German perspective. In: NUTI, L. (Ed.). **The Crisis of Détente in Europe: From Helsinki to Gorbachev 1975-1985**. 1. ed. Oxfordshire: Routledge, 2008.

FISCHER, B. A. **The Reagan Reversal: Foreign Policy and the End of the Cold War**. 1. ed. Missouri, EUA: University of Missouri, 2010.

FOX, K. Paramount Revisited: The Resurgence of Vertical Integration in the Motion Picture Industry. **Hofstra Law Review**, v. 21, n. 2, Artigo 6, 1992.

FROMAN, M. B. **The Development of the Idea of Detente: Coming to Terms**. 1. ed. London: Palgrave Macmillan, 1991.

FUKUYAMA, F. **End of History and the Last Man**. 1st. ed. New York: Free Press, 1992.

GADDIS, J. L. **Strategies of Containment: A Critical Appraisal of American National Security Policy during the Cold War**. Revised ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. **The Cold War: A New History**. Reprint ed. London: Penguin Books, 2006.

GALA, M. From INF to SDI How Helsinki reshaped the transatlantic dimension of European security. In: NUTI, L. (Ed.). **The Crisis of Détente in Europe: From Helsinki to Gorbachev 1975-1985**. 1. ed. Oxfordshire: Routledge, 2008.

GARTHOFF, R. **The US Role in Winding Down the Cold War, 1980–90**. 1. ed. Oxfordshire: Routledge, 2004.

GILBOA, E. Searching for a Theory of Public Diplomacy. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 616, n. 1, p. 55–77, mar. 2008.

GOTTFRIED, P. E. **Conservatism in America: Making Sense of the American Right**. 1. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

GROW, M. **U.S. Presidents and Latin American Interventions: Pursuing Regime Change in the Cold War**. Lawrence: University Press of Kansas, 2008.

GSS DATA Explorer. Disponível em <https://gssdataexplorer.norc.org/> (último acesso 24.09.2020).

HAEFELE, M. John F. Kennedy, USIA, and World Public Opinion. **Diplomatic History**, v. 25, n. 1, p. 63–84, 1 jan. 2001.

HALPER, S. Would Ronald Reagan Have Attacked Iraq? **The American Spectator**, 2004.

HAMMER, R.; KELLNER, D. Movies and Battles over Reignite Conservatism. In: PRINCE, S. (Ed.). **American Cinema of the 1980s: Themes and Variations**. 1. ed. New Brunswick: Rutgers University Press, 2007.

HASTEDT, G. **Encyclopedia of American Foreign Policy**. 1. ed. New York: Facts On File, Inc., 2004.

HEUSER, B. The Soviet response to the euromissiles crisis. In: NUTI, L. (Ed.). **The Crisis of Détente in Europe: From Helsinki to Gorbachev 1975-1985**. 1. ed. Oxfordshire Routledge, 2008.

HOPKINS, M. F. CONTINUING DEBATE AND NEW APPROACHES IN COLD WAR HISTORY. **The Historical Journal**, v. 50, n. 4, p. 913–934, dez. 2007.

HUGHES, K. THE ARMY'S PRECISION "SUNDAY PUNCH": THE PERSHING II AND THE INTERMEDIATE-RANGE NUCLEAR FORCES TREATY. *Army History*, v. Fall, n. 73, p. 6–16, 2009.

HUNTER, J. D. **Culture Wars: The Struggle to Define America**. 1. ed. New York: Basic Books, 1991.

INTERNET MOVIE DATABASE (IMDb). Disponível em <https://www.imdb.com/> (último acesso em 24.09.2020).

INTERNET MOVIE DATABASE PRO (IMDbPro). Disponível em <https://pro.imdb.com/signup/index.html> (último acesso em 31.07.2020).

INBODEN, W. Ronald Reagan, Exemplar of Conservative Internationalism? *Orbis*, Special Issue on Conservative Internationalism. v. 62, n. 1, p. 43–55, 2017.

JEFFORDS, S. **Hard Bodies: Hollywood Masculinity in the Reagan Era**. 1. ed. New Brunswick: Rutgers University Press, 1993.

KAPLAN, P. W. 'Let Poland Be Poland'. *The Washington Post*. 1982. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1982/01/28/let-poland-be-poland/flaaf3c2-6c86-4f50-a14e-702b1a7d7dac/> (último acesso em 27.07.2020).

KELLNER, D. Film, politics, and ideology: reflections on Hollywood film in the Age of Reagan. *Velvet Light Trap*, v. Spring, n. 27, p. 9–24, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Cultura da Mídia - Estudos Culturais: identidades e política entre o moderno e o pós-moderno**. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2001.

KENDRICK, J. **Hollywood Bloodshed: Violence in 1980s American Cinema**. 1st ed. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2009.

KISSINGER, H. A. **Diplomacy**. Reprinted ed. New York, NY: Simon & Schuster, 1995.

LEBOW, R. N. **A Cultural Theory of International Relations**. 1st. ed. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2008.

LEE, K. "The Little State Department": Hollywood and the MPAA's Influence on U.S. Trade Relations. *Northwestern Journal of International Law & Business*, v. 28, n. 2, p. 371, 1 jan. 2008.

LEONE, D. How the Crazy Defection of Soviet Pilot Viktor Belenko Inspired Clint Eastwood's Blockbuster Movie *Firefox*. *The National Interest*, 2019. Disponível em <https://nationalinterest.org/blog/buzz/how-crazy-defection-soviet-pilot-viktor-belenko-inspired-clint-eastwood%E2%80%99s-blockbuster> (último acesso: 21.05.2020).

LEOTTA, A. **The Cinema of John Milius**. Lanham: Lexington Books, 2018.

LIPPERT, W. D. Economic diplomacy and East–West trade during the era of détente Strategy or obstacle for the West? In: NUTI, L. (Ed.). **The Crisis of Détente in Europe: From Helsinki to Gorbachev 1975-1985**. 1st ed. Oxfordshire: Routledge, 2008.



LIPTON, E. The 'Red Dawn' Emails: 8 Key Exchanges on the Faltering Response to the Coronavirus. *The New York Times*. 11.04.2020. Acesso em <https://www.nytimes.com/2020/04/11/us/politics/coronavirus-red-dawn-emails-trump.html> (último acesso em 25.06.2020).

MAGUIRE, L. The Destruction of New York City: A Recurrent Nightmare of American Cold War Cinema. *Cold War History*, v. 9, n. 4, p. 513–524, 2009.

MATLOCK JR., J. F. **Ronald Reagan and the End of the Cold War**. 1. ed. New York: AIAA, 2008.

MATVIKO, J. W. (Ed.). **The American President in Popular Culture**. Westport: Greenwood, 2005.

MCCRISKEN, T. **American Exceptionalism and the Legacy of Vietnam: U.S. Foreign Policy Since 1974**. 1st. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

MCDERMOTT, R. Arms Control and the First Reagan Administration: Belief-Systems and Policy Choices. *Journal of Cold War Studies*, v. 4, p. 29–59, 1 out. 2002.

MCGEEHAN, R. Europe and America in the Year of the Missiles. *International Journal*, v. 38, n. 1, p. 147–162, 1982.

MEAD, W. R. **Special Providence: American Foreign Policy and How It Changed the World**. 1st. ed. New York: Alfred A. Knopf, 2001.

MEDHURST, M. J.; DOLAN, T. Writing Speeches for Ronald Reagan: An Interview with Tony Dolan. *Rhetoric and Public Affairs*, v. 1, n. 2, p. 245–256, 1998.

MORRISON, J. Clint Eastwood and Bruce Willis: Enforcers Left and Right. In: EBERWEIN, R. (Ed.). **Acting for America: Movie Stars of the 1980s**. 1. ed. New Jersey: Rutgers University Press, 2010. p. 223–242.

MOTION PICTURES ASSOCIATION OF AMERICA (MPAA). 1998 Economic Review. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj1suHovfrAhXqGrkGHfXDC-MQFjABegQIBRAB&url=http%3A%2F%2Fmarshallinside.usc.edu%2Fmweinstein%2Fteaching%2Ff552%2F552secure%2Fnotes%2F1998%2520mpaa%2520%2520us%2520econ%2520review.pdf&usg=AOvVaw07uX5LeLRfcoYn0YGXpPeh> (último acesso em 02.09.2020).

NAU, H. R. **Conservative Internationalism: Armed Diplomacy under Jefferson, Polk, Truman, and Reagan**. 1st ed. New Jersey: Princeton University Press, 2013.

NEALE, S. **Action-Adventure as Hollywood Genre**. 1. ed. New York: Routledge, 2004.

NETO, R. M. **Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos EUA (1981 - 1989)**. Dissertação, Universidade Federal Fluminense, 2010.

NISBET, R. **Conservatism: Dream and Reality**. 1st. ed. New York: Routledge, 2017.

NJOLSTAD, O. The collapse of superpower détente, 1975–1980. In: LEFFLER, M. P.; WESTAD, O. A. (Eds.). **The Cambridge History of the Cold War**. Reprint ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. v. 3.

NR Staff. The Best Conservative Movies. National Review, 2009. Disponível em <https://www.nationalreview.com/magazine/2009/02/23/best-conservative-movies/> (último acesso em 14.07.2020).

NYE, J. **The Powers to Lead**. 1st ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. **Soft Power: The Means To Success In World Politics**. 1st ed. ed. New York: PublicAffairs, 2004.

OPRIS, P. The Polish crisis and its impact on the Romanian economy in the early 1980s. In: NUTI, L. (Ed.). **The Crisis of Détente in Europe: From Helsinki to Gorbachev 1975-1985**. 1st ed. Oxfordshire: Routledge, 2008.

PACH, C. The Reagan Doctrine: Principle, Pragmatism, and Policy. **Presidential Studies Quarterly**, v. 36, n. 1, p. 75–88, 2006.

PEDERSON, W. D.; ROZELL, M. J.; WILLIAMS, F. J. **George Washington and the Origins of the American Presidency**. 1. ed. Connecticut, EUA: Praeger, 2000.

PETERS, J. J. M. **American Cinema as Cultural Diplomacy: Seeking International Understanding One Film at a Time**. Dissertation—Los Angeles: UCLA, 2015.

PETERSEN, T. T. RONALD REAGAN: LEADERSHIP STYLE AND FOREIGN POLICY. **Transactions of the Historical Society of Ghana**, n. 8, p. 136–166, 2004.

PIFFNER, J. P. The Paradox of President Reagan’s Leadership. **Presidential Studies Quarterly**, v. 43, n. 1, p. 81–100, 2013.

PIRNIA, G. 12 Surprising Facts About Red Dawn. Mentalfloss, 2019. Disponível em <https://www.mentalfloss.com/article/554107/facts-about-red-dawn> (último acesso em: 14.07.2019)

PRINCE, S. (Ed.). **American Cinema of the 1980s: Themes and Variations**. 1st ed. New Brunswick: Rutgers University Press, 2007.

PRINCE, S.; MUSSER, P. OF A. S. F. S. AND T. S. C. **History of the American Cinema: A New Pot of Gold: Hollywood Under the Electric Rainbow, 1980-1989: 10**. 1. ed. New York: Charles Scribner’s Sons, 1999.

REAGAN, R. **An American Life**. Reprinted ed. New York: Threshold Editions, 2011.

\_\_\_\_\_. **The Reagan Diaries**. 1st ed. New York: Harper & Brothers, 2007.

REEVES, J. **Culture and International Relations: Narratives, Natives and Tourists**. 1. ed. Oxfordshire: Routledge, 2004.

RICHMOND, Y. **Cultural Exchange and the Cold War: Raising the Iron Curtain**. 1. ed. University Park: Penn State University Press, 2003.

ROCHA, M. G. DA. **Cinema, ideologia e representação: (neo) conservadorismo, resistências, e belicismo nos Estados Unidos (1980-1990)**. Dissertação, Universidade de São Paulo, 9 set. 2015.

ROSS, S. J. **Hollywood Left and Right: How Movie Stars Shaped American Politics**. Reprint ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ROSSI, S. E. **Reagan, Rambo, and the Red Dawn: The Impact of Reagan's Presidency on Hollywood of the 1980s**. Dissertation, Ohio University, 2007.

SAMUEL, R. Conservative intellectuals and the Reagan–Gorbachev summits. **Cold War History**, v. 12, n. 1, p. 135–157, 1 fev. 2012.

SANTIAGO JUNIOR, F. DAS C. F. Cinema e historiografia: trajetória de um objeto historiográfico (1971-2010). **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 5, n. 8, p. 151–173, 2012.

SANTOMAURO, F. **A United States Information Agency e sua ação no Brasil de 1953 a 1964**. Tese—São Paulo, SP: Programa San Tiago Dantas (UNESP, Unicamp e PUC-SP), 2015.

SAUNDERS, F. S. **The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letters**. 2nd ed. New York: The New Press, 2013.

SCHULZINGER, R. D. Détente in the Nixon–Ford years, 1969–1976. In: **The Cambridge History of the Cold War**. Reprinted ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. v. 2.

SELL, S. K. Industry Strategies for Intellectual Property and Trade: The Quest for TRIPS, and Post-TRIPS Strategies. **Cardozo Journal of International and Comparative Law**, v. 10, p. 79, 2002.

SHAW, T. **Hollywood Cold War**. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltda., 2007.

SHAW, T.; YOUNGBLOOD, D. J. **Cinematic Cold War: The American and Soviet Struggle for Hearts and Minds**. Lawrence: University Press of Kansas, 2014.

SILVA, R. C. **Programados para Matar: Rambo, Reagan e a Emergência da Nova Guerra Fria (1981-1988)**. Dissertação—Maringá, Paraná: Universidade Estadual de Maringá, 2011.

SILVEIRA, M. G. A. DA; ALVES, V. C. A Guerra Fria e o inimigo comunista nas telas de cinema norte-americanas dos anos 1980. **Diálogos**, v. 22, n. 1, p. 60–75, 7 jul. 2018.

SKLAR, R. **Movie-Made America: A Cultural History of American Movies**. Revised ed. ed. New York: Vintage Books, 2012.

SMIT-REUS, C. **International Relations Theory Doesn't Understand Culture**. Foreign Affairs, 2019. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2019/03/21/international-relations-theory-doesnt-understand-culture/> (último acesso em 23.09.2020).

SNOW, N. Rethinking Public Diplomacy. In: SNOW, N.; TAYLOR, P. M. (Eds.). **Routledge Handbook of Public Diplomacy**. 1. ed. New York: Routledge, 2008.

STEDING, W. **Presidential Faith and Foreign Policy: Jimmy Carter the Disciple and Ronald Reagan the Alchemist**. 1st ed. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

TAYLOR, A. **Barry Goldwater: insurgent conservatism as constitutive rhetoric**. *Journal of Political Ideologies*, v. 21, n. 3, p. 242–260, 2016.

TEIXEIRA, C. G. P. **O pensamento neoconservador em política externa nos Estados Unidos**. Dissertação—São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica, Programa San Tiago Dantas, 29 mar. 2007.

THE NUMBERS. Disponível em <https://www.the-numbers.com/> (último acesso em 24.09.2020).

TOTMAN, S.; SCUDDER, G. **How Hollywood Projects Foreign Policy**. 1st ed. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

TROY, G. **Morning in America: How Ronald Reagan Invented the 1980's**. 1st ed. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

UPTON, B. **Hollywood and the End of the Cold War: Signs of Cinematic Change**. 1. ed. Lanham, Maryland; London: Rowman & Littlefield Publishers, 2014.

U. S. Military Spending /Defense Budget 1960-2020. Macrotrends. Disponível em <https://www.macrotrends.net/countries/USA/united-states/military-spending-defense-budget> (último acesso em 24.09.2020).

VAUGHAN, P. G. Zbigniew Brzezinski and the Helsinki Final Act. In: NUTI, L. (Ed.). **The Crisis of Détente in Europe: From Helsinki to Gorbachev 1975-1985**. First ed. Oxfordshire: Routledge, 2008.

VERWEIJ, M. Cultural Theory and the Study of International Relations. **Millennium - Journal of International Studies**, v. 24, n. 1, p. 87–111, 1995.

VILLAREJO, A. **Film Studies: The Basics**. 1. ed. Oxford, Reino Unido: Routledge, 2007.

WALLACE, J. C. A Religious War? The Cold War and Religion. **Journal of Cold War Studies**, v. 15, n. 3, p. 162–180, 6 out. 2013.

WALSH, D. **The Military Balance in the Cold War: US Perceptions and Policy, 1976-85**. 1st. ed. Oxfordshire: Routledge, 2007.

WEBER, C. **International Relations Theory: A Critical Introduction**. 1st. ed. Oxfordshire: Routledge, 2001.

WEINBERG, M. **Movie Nights with the Reagans: A Memoir**. Reprint ed. New York: Simon & Schuster, 2018.

WELDES, J. Going Cultural: Star Trek, State Action, and Popular Culture: **Millennium - Journal of International Studies**, v. 28, n. 1, p. 117–134, 1999.

WESTAD, O. A. The Cold War and the international history of the twentieth century. In: **The Cambridge History of Cold War**. 1st. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. v. I.

WILENTZ, S. **The Age of Reagan: A History, 1974-2008**. Reprinted Ed. New York: Harper Perennial, 2009.

ZANELLA, C. K.; JÚNIOR, E. J. N. (EDS.). **As Relações Internacionais e o Cinema: Espaços e Atores Transnacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2015.

ZANELLA, C. K.; JÚNIOR, E. J. N. (EDS.). **As Relações Internacionais e o Cinema: Estado e Conflitos Internacionais**. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2016.

## FILMOGRAFIA SELECIONADA

A VIEW TO A KILL. Direção de John Glen. Reino Unido: EON Productions, 1985. (131 min).

FIREFOX. Direção de Clint Eastwood. EUA: Major Studio Partners e The Malpaso Company, 1982. (136 min).

FOR YOUR EYES ONLY. Direção de John Glen. Reino Unido: EON Productions, 1981. (127 min).

OCTOPUSSY. Direção de John Glen. Reino Unido: EON Productions, 1983. (131 min).

RAMBO: FIRST BLOOD II. Direção de George P. Cosmatos. EUA: Estúdio Churubusco Azteca S.A., Anabasis N.V., 1985. (96 min).

RED DAWN. Direção de John Millius. EUA: United Artists e Valkyrie Films, 1984. (114 min).

ROCKY IV. Direção de Sylvester Stallone. EUA: United Artists e Chartoff-Winkler Productions, 1985. (91 min).

WHIT NIGHTS. Direção de Taylor Hackford. EUA: Columbia Pictures, New Visions e Delphi IV Productions, 1985. (136 min)